U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

Habitar a Pré-existência

Projecto de intervenção na Casa da Chela

Francisca Santos de Baère Campos Neves

M

2022

U.PORTO

Habitar a Pré-existência. Francisca Campos Neves

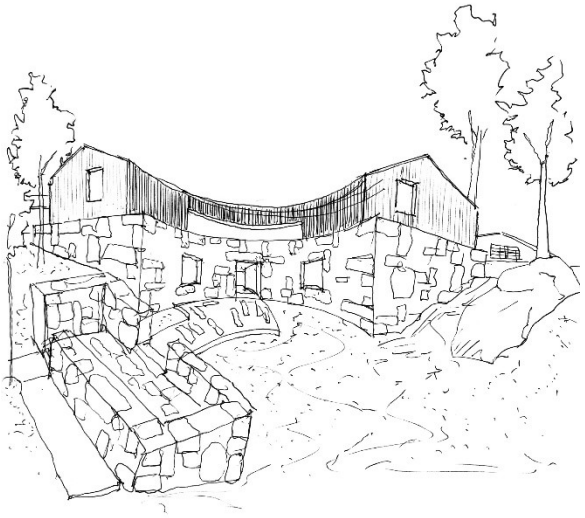
Habitar a Pré-existência
Projecto de intervenção na Casa da Chela
Francisca Santos de Baère Campos Neves

FACULDADE DE ARQUITETURA

M.FAUP **2022**

Habitar a Pré-Existência

Projecto de intervenção na Casa da Chela



Francisca Santos de Baère Campos Neves

Orientador: Professor Doutor João Rodrigo Parreira Coelho

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Mestrado Integrado em Arquitectura

Porto

2021/2022

Nota prévia à leitura:

A presente dissertação foi redigida segundo o antigo acordo ortográfico. Para uma maior uniformidade da escrita e fluidez de leitura de textos, todas as citações transcritas referentes a edições de língua não portuguesa foram traduzidas livremente pela autora. O tratamento dado às imagens apresentadas é da responsabilidade da autora de forma a ajustá-las à apresentação do trabalho. Para um melhor entendimento da dissertação aconselha-se a visualização segundo duas páginas

Aos meus avós, pais e irmãs.

AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer a todos aqueles que fizeram parte desta etapa decisiva que é a conclusão da Dissertação.

Em primeiro lugar agradeço ao Professor Rodrigo Coelho, pela orientação, pela paciência, pelo tempo dedicado em cada conversa, pela constante troca de emails, pelas críticas construtivas, pela disponibilidade ao longo do ano lectivo mas acima de tudo, porque foi o Professor que, durante os cinco anos de curso (no 2º ano), me deu a conhecer o "projecto". Obrigada Professor por ter sempre acreditado em mim, pela aprendizagem transmitida e pela possibilidade de ter sido sua aluna.

Agradeço a todos os Professores que me acompanharam ao longo deste percurso. Percurso onde o "projecto" não vive sem o desenho, a história, a teoria, a construção e a geometria. Agradeço em especial aos Professores Manuel Mendes, Carlos Machado e Daniela Sá.

Agradeço à Câmara Municipal de Paredes de Coura, na pessoa do Vereador Tiago Cunha pela disponibilidade e o rigor profissional com que me presenteou.

Agradeço aos meus Avós por terem sido o pilar deste projecto. Pela oportunidade única, pela confiança em todos os momentos, pelos dias passados na Chela em conversa e pela maravilhosa companhia ao sabor do campo. À Avó pela alegria transmitida, pela capacidade admirável de se lembrar de todos os pormenores, pelas histórias partilhadas, pela convivência e amizade. Ao Avô por me dar a viver os prazeres da vida e o quão devemos agradecer pela mesma. Obrigada pela tua presença e pelo teu carinho.

Agradeço à minha família e em particular às minhas irmãs, Elisa, Sofia e Filipa. Sé há alguém que me compreende, que me atura, que me aconselha, que me ouve, que me dá o braço e com quem partilho o que de bom há na vida, são elas.

Agradeço ao António, que desde o "Tangerina" até à Faculdade de Arquitectura, foi e é o meu apoio incondicional, o meu "encarregado de educação".

Agradeço a todos os meus amigos, por serem o meu barco, o meu remo e a minha vela ao longo desta viagem. Destaco o Vasco, o Gonçalo Espiga, a Isa, o Edgar, a Inês Salgueiro, o Mário, o Gonçalo Rodrigues, o Geny, o Ricardo, o Zé Cerdeira, a Inês Salgado e a Francisca. Obrigada pela amizade e pela entrega.

Aos meus pais, por todos os dias, pelo amor e pelo afecto, por me conhecerem, por serem as primeiras e as últimas pessoas a quem me dirijo, por me deixarem seguir em frente sabendo que estão sempre a meu lado, pelo silêncio e pela força transmitidas, por serem a minha casa e o meu porto.

Mãe, pelo teu carinho, Pai pela tua sensibilidade.

RESUMO

Visitar, observar, desenhar, investigar e voltar ao início, são alguns dos pontos de partida que alicerçam a presente proposta. A presente dissertação "*Habitar a Pré-existência: Projecto de Intervenção na Casa da Chela",* procura primeiramente, estudar a casa consolidada, a *Casa da Chela (séc. XVIII)* e posteriormente, intervir no objecto de estudo, mais concretamente sobre dois volumes em ruína, a *Casa da Eira* e o *Curral.* Simultaneamente, o "*Habitar a pré-existência*" procura entender de que forma a intervenção pode desenhar um novo programa, a *Casa de Férias,* sobre corpos pré-existentes.

Ao longo do texto, um conjunto de temas como a *Arquitectura Popular* e a *Ruína* foram entendidos como fundamentais para me aproximar do lugar, da história e da presente circunstância.

A constante relação entre investigação e projecto, entre leitura e desenho e entre memória e levantamento, resulta numa construção teórica-prática que põe em curso o processo projectual. As diferentes áreas do campo de trabalho, apesar de autónomas, são suscetiveis de serem conciliadas uma vez que concorrem para um mesmo fim, o projecto de reabilitação. Desde o contexto até à materialização da proposta final, os temas que surgem e que consequentemente são estudados acabam por sustentar a reflexão por detrás do processo criativo.

A presente criação e trabalho culminam na apresentação de uma proposta de intervenção, uma *Casa de Férias.*

Palavras-chave: pré-existência, ruína, arquitectura popular, habitação, intervenção, memória, projecto, processo criativo;

ABSTRACT

Visiting, observing, drawing, researching and returning to the beginning are some of the starting points on which this proposal is based. The present dissertation "*Inhabiting a Pre-existence: Intervention Project in Casa da Chela*", seeks first, to study the consolidated house, *Casa da Chela* (18th century) and subsequently, to intervene in the object of study, more specifically on two volumes in ruins, the Casa da Eira and the Curral. Simultaneously, "*Inhabiting a pre-existence"* seeks to understand how the intervention can design a new program, the *Casa de Férias*, on pre-existing bodies.

Throughout the text, a set of themes such as *Popular Architecture* and *Ruin* were understood as fundamental to bring me closer to the site, it's history and the present circumstance.

The incessant relationship between research and project, between reading and drawing , memory and survey, results in a theoretical-practical construction that sets the project process in motion. The different areas of the work field, despite being autonomous, are susceptible to be reconciled since they contribute to the same end, the rehabilitation project. From the context to the materialization of the final proposal, the themes that arise and that are thus studied end up supporting the reflection behind the creative process.

The present creation and work culminate in the presentation of an intervention proposal, a *Casa de Férias.*

Key-words: pre-existence, ruin, popular architecture, housing, intervention, memory, project, creative process;

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS

RESUMO |ABSTRACT

PRÓLOGO

CAPÍTULO I ***ENQUADRAMENTO***, *Uma Vila Portuguesa no Alto Minho* 13
Paredes de Coura

1.1 Paredes de Coura 14

1.2 Objecto de estudo 20

CAPÍTULO II ***APROXIMAÇÃO***, *Casa da Chela* 29

2.1 Planta 30

2.2 Fases de evolução da casa 40

2.3 Casa da Igreja e Casa da Pereira 54

2.4 Perspectiva de intervenção 60

2.5 Da memória à construção de uma identidade 66

CAPÍTULO III ***CIRCUNSTÂNCIA***, *Casa da Eira e Curral* 74

3.1 Lugar 73

3.2 Encomenda 80

3.3 Condicionantes e problemas a equacionar 86

CAPÍTULO IV ***PROJECTO***, *Casa de Férias* 93

4.1 Ideia de projecto 94

4.2 Estratégias de intervenção na pré-existência 100

4.3 Proposta final 108

4.4 Desenhos do projecto 120

EPÍLOGO 134

FONTES BIBLIOGRÁFICAS 136

ÍNDICE DE IMAGENS 139

ANEXO I: ***OBJECTO DE ESTUDO**, Casa da Chela* 2

- I. Documentos complementares 8

- II. Levantamento de fotografias antigas da *Casa da Chela* 9

- III. Registo fotográfico das casas visitadas 14

- IV. Desenhos técnicos 20

ANEXO II: ***PROJECTO,** Casa de* Férias 2

- I. Registo fotográfico 5

- II. Estudos e desenhos do processo 22

- III. Maquete 24

PRÓLOGO

A presente Dissertação tem como tema um projecto de intervenção na *Casa da Chela*, concretamente, em duas estruturas pré-existentes, vernaculares e de apoio à prática agrícola, a *Casa da Eira* e o *Curral*. Situada na Freguesia do Bico em Paredes de Coura, Viana do Castelo, pretende-se com este trabalho pensar de que forma o programa habitacional pode integrar as pré-existências. A fim de promover uma reabilitação, planeia-se assegurar a memória e identidade do lugar ambicionando a compatibilização da sua continuidade - a *Casa de Férias.*

Nos últimos anos, fui presenciando e reunindo um conjunto de intenções projectuais que questionavam determinados espaços e fragilidades do objecto de estudo. Foi com base nestas iniciativas que surgiu a ideia de uma requalificação espacial, fundamentada por uma (re)interpretação das memórias e vivências do lugar. As diferentes problemáticas anunciadas, despertaram em mim, não só o intuito de me aproximar da casa, como (e essencialmente) o de chegar a um propósito projectual.

Consolidada na história desde o séc. XVIII, porém datada do ano de 1823, a *Casa da Chela* apresenta-se como sendo uma *Casa Senhorial*, construída segundo paredes em granito e coberta por um telhado revestido a telha romana. A planta define-se pela forma em "U" e associados à casa, observamos, a Sul, a *Casa da Eira* e o *Curral* e a Oeste, o *Espigueiro*. Acompanhada de um grande terreno privado, a casa principal apresenta ainda a Norte, uma pequena *Capela*. Devem evidenciar-se também as marcas da notável passagem do tempo e algumas intervenções na casa que outrora fora uma simples casa de campo.

Desde o reconhecimento da casa à distinção da obra, o trabalho procura aproximar as particularidades do objecto manifestadas na investigação através da exploração do espaço. Com base na reflexão do conjunto de vivências, entendemos que, como outros espaços consolidados, a pré-existência da *Casa da Chela* tem uma identidade e, em particular, uma história. Neste sentido, não se pretende intervir realçando o novo projecto, mas conservar enaltecendo o corpo existente, de forma a valorizar e evocar a sua individualidade. *"conservar e construir são momentos de um mesmo método na transformação dos edifícios, garante de vida é o respeito pela sua identidade arquitectónica, continuando-a, inovando-a".*[1]

Assente numa pesquisa bibliográfica, iconográfica e cartográfica, apoiar-me-ei também no conhecimento e testemunho dos meus Avós, proprietários da *Casa da Chela* desde 1992, inteirando-me da sua história, origem e cenário de transformações espaciais que sucederam ao longos dos anos.

---

[1]TÁVORA, Fernando, *Fernando Távora:* Percurso = a life long trail, Lisboa, Editor Centro Cultural de Belém, 1993, p.19.

A pertinência de cada capítulo é afirmada pela natural ordem da procura e da relação entre conceitos: o *Enquadramento,* necessário ao entendimento base do trabalho, a *Aproximação,* dedicada à investigação, ao levantamento e à identificação da *Pré-existência*, a *Circunstância* marcada pela constante interação com as pré-existências e por último, o *Projecto*, onde culmina o conhecimento proveniente dos anteriores, alicerçado no desenho e na materialização do lugar.

Esclarecendo a finalidade de cada capítulo, objectiva-se no primeiro subcapítulo do *Enquadramento*, dar a conhecer a *Vila de Paredes de Coura, a*profundando-a no contexto histórico e cultural e, de igual modo, na arquitectura que acompanhou cada fase de evolução. No subcapítulo do *Objecto de estudo,* a sua fundação e a descrição de um primeiro encontro com a *Casa da Chela.*

Procurando responder ao capítulo da *Aproximação,* assinala-se a iniciativa de tentar chegar mais perto do existente, dos conceitos e das linguagens que testemunham uma identidade e um património. Evidenciando os pormenores do objecto enquanto espaço a consolidar, nomeiam-se como subcapítulos: a *Planta*, determinando os espaços que compõem a casa; as *Fases de evolução da casa,* onde se explora a história e o desenvolvimento do edificado ao longo dos anos; a *Casa da Igreja e a Casa da Pereira,* utilizadas como fontes de comparação em prol da elucidação da *Arquitectura Popular* e do consequente objecto de estudo*; a Perspectiva de intervenção,* dedicando-se ao aprofundamento de uma intervenção na própria casa como resposta à sua história; por fim, *A Memória como construção de uma identidade,* procurando responder à importância do lugar enquanto construção de uma nova identidade, o projecto.

Ao longo do processo, entende-se como fundamental, em prol da intervenção de reabilitação e conservação, salvaguardar o estudo realizado. Neste sentido, o capítulo da *Circunstância*, pretende assegurar o estudo da *Casa da Eira* e do *Curral*, documentando, através do *Lugar*, o primeiro subcapítulo, a sua história e caracterização; num segundo subcapítulo, a *Encomenda,* referindo qual a intenção, necessidade e programa; por último, uma análise relativa às *Condicionantes e problemas a equacionar* no sítio.

A criação de um plano de âmbito projectual que tenha como finalidade a *Casa de Férias* para as pré-existências, compreende o quarto capítulo, o *Projecto.* No primeiro subcapítulo, a *Ideia de Projecto,* onde são conjugadas as atitudes e intenções do autor; num segundo, as *Estratégias de intervenção na pré-existência,* onde se enumeram as diferentes propostas e potencialidades ensaiadas ao longo do processo; e por fim, a procura de uma resposta que desde o *Enquadramento* encaminhou o trabalho para uma *Proposta final.*

A Dissertação tem como principal objectivo criar e apresentar uma proposta de intervenção, compatibilizando a história da *Casa da Eira* e do *Curral* com uma reabilitação que sustenta um novo programa, uma *Casa de Férias, g*arantindo-se o respeito pelo lugar, herança e memórias inerentes ao "antigo", conservando-o.

CAPÍTULO I ***ENQUADRAMENTO,***

Uma Vila Portuguesa no Alto Minho –

Paredes de Coura

1.1| Paredes de Coura

" *Além, para sul, no contraforte do pequeno monte da Cotaleira, alveja a vila de Paredes de Coura, muito lavada, muito limpa e... muito remoçada, como que a sorrir-se para o forasteiro que, da Pena, estivesse a fotografar-lhe as suas feições novas*."[2]

A *Vila de Paredes de Coura* conserva desde a Pré-história, vestígios do Paleolítico, construindo desde aí a sua identidade. Durante séculos, as *terras de Coura* foram ocupadas por diferentes povos, castrejos, celtas, godos e romanos. Situada no *Alto Minho*, distrito de *Viana do Castelo,* integra 21 freguesias e "*ocupa uma área de 13.802 hectares"*[3].

Assente no nome "Coura", que deriva de "*cauca*", cidade romana da Galiza, reúnem-se um conjunto de conceitos – *", eu diria que – Coira – vem de – Cora - , palavra de origem céltica, que significa – paz, segurança."*[4]. Da mesma forma, é também fundamental entender a nomeação de "*Paredes*". Existia uma quinta na freguesia de Paredes, "*em volta da qual se foram construindo algumas casas, sendo o lugar, já então conhecido por «Quinta de Paredes», o preferido no tempo do rei «Lavrador» para dar o nome à freguesia, que conserva desde o reinado deste príncipe."*[5].

Assente nos dados históricos, antes da *Carta Foral,* dada pelo rei D. Manuel I, a 13 de Abril de 1515 outorgada em Lisboa, *Paredes de Coura* já pertencia à monarquia Portuguesa – *" devo observar que, tanto numa doação, feita por Theodomiro à Sé de Tuy, como noutra (...) de D. Teresa e seu filho D. Afonso Henriques ao bispo da mesma cidade , em 1125, se diz que a freguesia de Colina (Cunha) pertencia a Coira:"*[6]. Averigua-se, que a freguesia *Cunha,* fez parte de uma doação que comprometia o reino. Foi apenas durante o reinado de D. Sancho I que *"outras freguesias, que sempre pertenceram à «Terra de Coyra», fizeram parte integrante da nossa nacionalidade"* [7]. Em 1875, ", *com a criação da comarca, passou a denominar-se. – Paredes de Coura,*"[8]. Actualmente, a Vila e sede do município correspondem apenas à freguesia de Paredes.

No que diz respeito ao crescimento populacional e edificatório do concelho, constata-se no séc. XVI uma elevada migração para o Brasil, *"fonte de riqueza para muitas destas famílias"*[9]. Regressados no séc. XX à sua terra natal, vimos crescer a comunidade e a arquitectura

[2] CUNHA, Narcizo Cândido Alves da, *Paredes de Coura: no Alto Minho*, Paredes de Coura, C.M., 1979, p.64.
[3] SILVA, M, Fátima M.; SILVA, Carlos, A. M. GH., *Carta Arqueológica de Paredes de Coura*, Paredes de Coura, Câmara Municipal de Paredes de Coura, 2007, p. 28.
[4] CUNHA, Op cit., p.23.
[5] Ibidem, p. 521.
[6] Ibidem, p. 24.
[7] Ibidem, p. 25.
[8] Ibidem, p. 150.
[9] PAREDES DE COURA, Câmara Municipal, *Plano de Paisagem das Terras de Coura: Análise Paisagística,* Paredes de Coura, 2017, p.153.

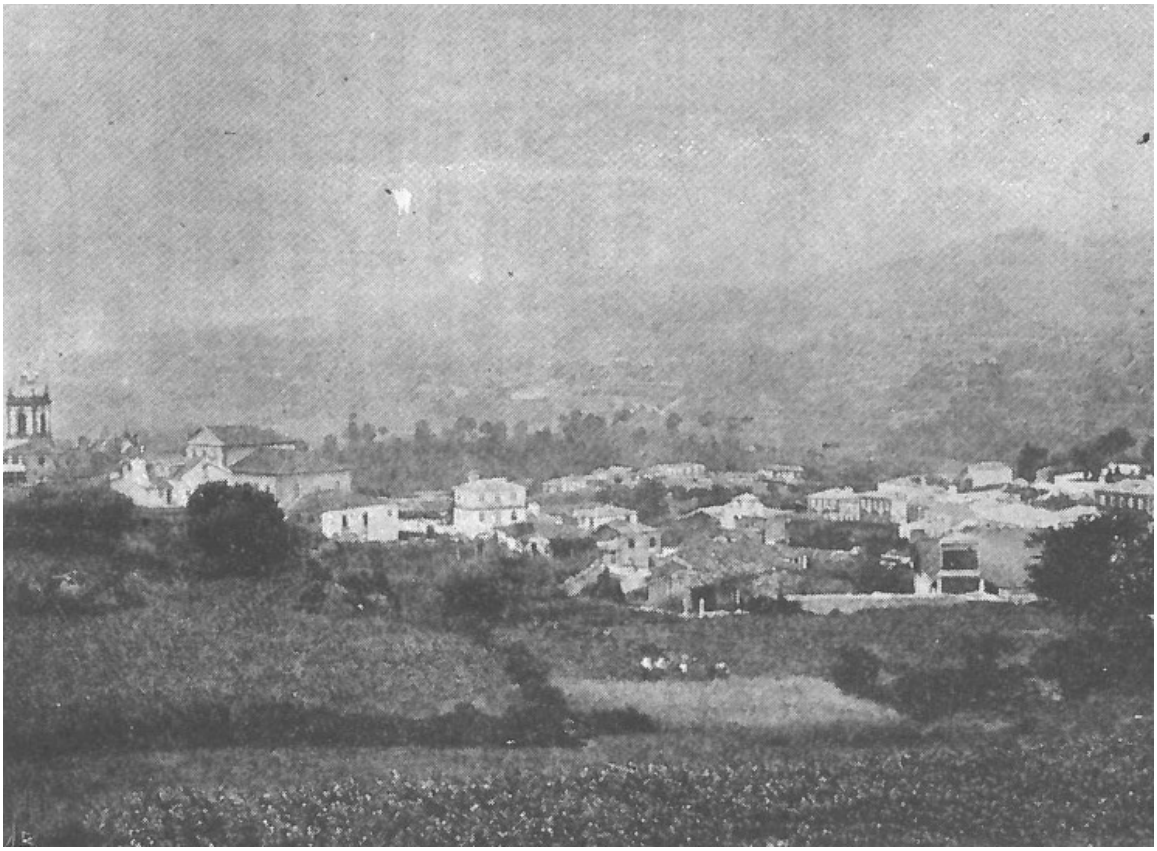


Figura 1. Vista geral da Vila de Paredes de Coura, Paredes séc. XIX.

imperando o domínio senhorial. É de assinalar que em 1900, os censos apontavam para uma população de 13.020 habitantes, deparando-nos actualmente apenas com 9.500 pessoas. Ainda assim, *"depois da idade média, renascença, etc, este sítio foi bafejado por uma cultura nova, que é,(...) a revolução do milho, (...) e se gera uma nova divisão de propriedade, uma nova produção, e se gera um tipo de casa, que se podem chamar casas filhas do milho"*[10]. Foi, porém, o par do reino Miguel Dantas, Presidente da Câmara em 1882, que contribuiu para o crescimento e estrutura do concelho, construindo os novos *Paços do Concelho* e tomando iniciativas que determinavam a economia da vida rural, "*Paredes de Coura, mercê dessa benemérita protecção, tornou-se uma linda povoação, dotada de todos os melhoramentos modernos*»."[11].

O património classificado de *Coura* traçou a sua paisagem, o seu plano urbano e o seu povoamento. Observamos na eminência dos seus montes, fortificações antigas, como é o caso do *Castro do Monte do Crasto* em *Cristelo*, *"podemos aventar a hipótese da existência de uma villa romana, tendo sido este Castro (...) profusamente romanizado"*[12] e o *Monte da Cividade do Cossourado*. "*obedece a duas ou três ordens de trincheiras, adaptadas à forma cónica dos montes, em que assentam*."[13]. Vemos dispostos por todo o território montanhoso, estações dolménicas *e a* Nordeste, pertencendo actualmente a Valença, o complexo do *Castelo de Fraião*, que *"seria o mais importante no centro do Alto Minho"*[14]. Correspondente a esta herança, encontramos também marcos miliários romanos, sendo eles a *Ponte Romana* e sobre ela "*A 4ª via militar romana, de Braga para Astorga*."[15]

De acordo com o património natural, evidencia-se *", a sua situação topográfica, em que os vales, as encostas e as ravinas se alternam com regularidade; os seus numerosos mananciais de água, a sua temperatura, enfim, fazem que eles sejam muito férteis em pastagens e abundantes de matos."*[16]Destaca-se por ser um concelho salubre e rico na produção do milho maiz , "*veio substituir as pastagens permanentes que aí existiam a par com culturas de sequeiro antes da introdução daquele cereal, nos princípios do século XVI"*[17]*, identificando-se Paredes de Coura* como, o "*celeiro do minho".* Montanhosa e recortada pelos seus montes, esta região caracteriza-se por um frio seco mas por um ar puro, onde identificamos longos maciços de arvoredo, *"O rio Coura, de traçado sinuoso,"*[18] e um solo composto por terrenos arcaicos e graníticos. É de salientar

[10] Cf.TÁVORA, Fernando, *Discursos sobre Arquitectura, Arquitecto Fernando Távora,* Auditório da Reitoria da Univesidade do Porto, 17 de Janeiro, 1990.
[11] Ibidem, p. 175
[12] PAREDES DE COURA, Câmara Municipal, Gabinete de Arqueologia e Património, *Cadernos de Arqueologia e Património*, Câmara Municipal de Paredes de Coura, 1992, p. 38.
[13] CUNHA, Narcizo Cândido Alves da, *Paredes de Coura: no Alto Minho*, Paredes de Coura, C.M., 1979, p.133.
[14] COSTA, J. E. Caldas, *Foral da Terra de Coura*, Câmara Municipal de Paredes de Coura, 1987, p.17.
[15] CUNHA, Op cit., p.398.
[16] Ibidem, p.229.
[17] VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, 1ª edição, Lisboa, Dom Quixote, 1992, p.26.
[18] PAREDES DE COURA, Câmara Municipal, Gabinete de Arqueologia e Património, *Op* cit., p. 50.

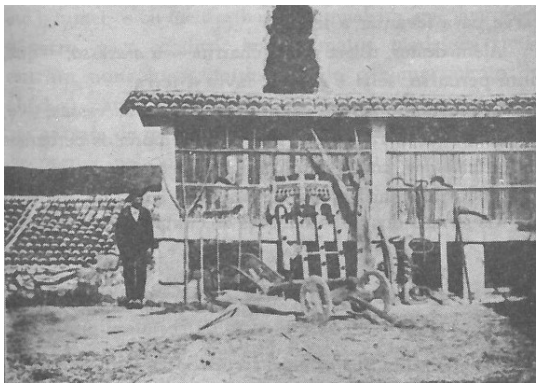


Figura 2. Um c*anastro* (*espigueiro*) e alguns utensílios de lavoura, séc. XIX.

Figura 3. Ponte romana e sobre ela a 4ª via militar, Rubiães.

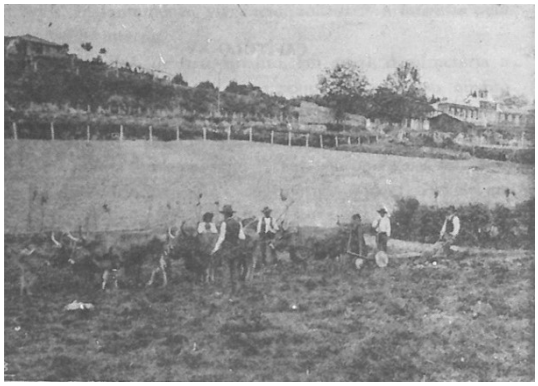


Figura 4. Uma *"lavrada",* séc. XIX.

Figura 5. Castros da Cividade do Cossourado.

Figura 6. Situação topográfica, as *leiras* de Paredes de Coura.

a Serra do Corno de Bico com 889 metros de altitude distinguida pela sua Paisagem Protegida, manifestando-se as *leiras*, os *lameiros*, os *trilhos* e as *levadas* de água cristalina.

Caracterizada pelo povoamento disperso e por *"casas espalhadas no meio das terras de cultura,"*[19] a paisagem construída pelo homem teve importância para a história do concelho. Os monumentos que se evidenciam são a *Igreja Românica de São Pedro de Rubiães* (1295), a *Capela do Espírito Santo*, a *Capela do Ecce- Homo* e a *Capela de Nossa Senhora da Conceição*. Relativamente à arquitectura civil, é de notar o *Sanatório Presidente Carmona*, a *Escola de Formariz,* a *Fábrica de Lacticínios*, o *Hospital da Misericórdia,* os *Paços do Concelho* e a *Cadeia*. Determinante na História e representativa do labor agrícola da comunidade, a *Arquitectura Vernacular*, sendo exemplo a *Eira Comunitária de Porreiras*. Identificam-se ainda entre as *Colónias Agrícolas* classificadas, a de *Chã de Lamas*, *"Em 1956, o aldeamento é desenhado pelo Arquitecto António Trigo no lugar de Chã na Freguesia de Vascões."*[20] e a *Colónia da Chã das Pipas* (não construída).

Foi porém, a "*casa"* que teve maior impacto no desenvolvimento do concelho e consolidação da paisagem. No conjunto, podem ser classificadas como *Solares*, a *Casa do Paço D'antas* construída no séc. XIII, a *Casa do Outeiro* do séc. XVIII e o *Solar de Santa Ana de Seara de Quintão* do séc. XVIII, "*um dos mais belos exemplares desta nova arquitectura do início de Oitocentos."*[21]. Designada de "*Complexo agrícola*" ou "*Casa grande*", encontramos a *Casa Grande de Romarigães*, morada de Bernardino Machado e de Aquilino Ribeiro. Por último, referencia-se a casa tipo, *Casas de Lavoura*, *"um produto do Homem, um facto de cultura, e será no próprio Homem e nas leis da sua criação cultural que se devem procurar a razão de ser e a explicação decisivas da casa que é a sua obra –"*[22].

" É ao nível dos instrumentos de lavoura que Paredes de Coura se manifesta como detentor de um riquíssimo espólio patrimonial, numa perspectiva globalizante, que é urgente estudar, catalogar e enquadrar no sentido da criação de um possível Eco-museu."[23]

Paredes de Coura guarda na sua natureza uma população rural, religiosa, com especial paixão pela música e acima de tudo, com personalidade ordeira e hospitaleira.

---

[19] VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, 1ª edição, Lisboa, Dom Quixote, 1992, p.26.
[20] GUERREIRO, Filipa, *Colónias agrícolas portuguesas construídas pela Junta de Colonização Interna entre 1936 e 1960: a casa, o assentamento, o território*, Dissertação de Doutoramento em Arquitectura, orientada pelo Professor Emérito Sérgio Fernandez, Professora Associada Marta Oliveira e Professora Associada Maria Pinto Oliveira, FAUP, 2015, p. 175.
[21] PAREDES DE COURA, Câmara Municipal, *Plano de Paisagem das Terras de Coura: Análise Paisagística,* Paredes de Coura, 2017, p. 153.
[22] VEIGA DE OLIVEIRA, Op cit.,p.14.
[23] PAREDES DE COURA,Câmara Municipal, Gabinete de Arqueologia e Património*, Cadernos de Arqueologia e Património*, Câmara Municipal de Paredes de Coura, 1993/94, p. 74.

Figura 7. *Eira Comunitária de Porreiras.*

Figura 8. *Colónia Agrícola de Chã de Lamas*, Vascões.

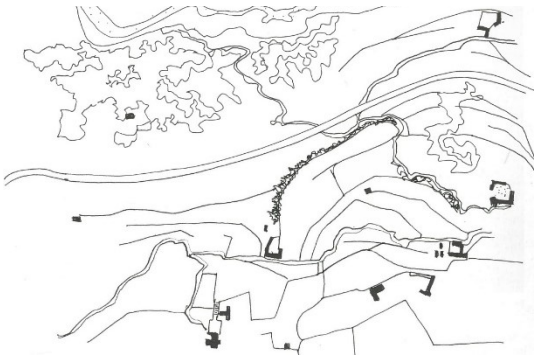


Figura 9. Exemplo de Povoamento disseminado, *Arquitectura Popular em Portugal,* 3ª Edição, Associação dos Arquitectos Portugueses.

1.2 | Objecto de estudo

Introduzir o objecto de estudo será conduzir o discurso para os aspectos mais intrínsecos do lugar.

Começando por abraçar a história do edificado, a C*asa da Chela* localiza-se na freguesia do Bico e teve a sua fundação no séc. XVIII. Consta apenas no edifício o ano de 1823, data de construção da *Capela*. Apesar de não se poder identificar o motivo que levou à sua construção, há relatos na vizinhança, que nela viveu um membro da Inquisição. Segundo Narcizo Cunha, possuía a *Casa da Chela* no séc. XVIII, o Sr. Braz de Antas da Gama, e mais tarde, no início do séc. XIX, a família Guerreiro, destacando-se o General António José Dantas Guerreiro.

"Deixa a Suissa, o estrangeiro, e vem ver o que é teu. Estuda, observa e admira o tens de casa."[24]

Seguindo pela M520 até ao *Caminho do Montinho,* que nos leva até a *Casa da Chela*, entrevemos todo o concelho, *"bastante alta, com grande área, assenta e distende-se esta freguesia pela encosta ocidental da serra do Corno de Bico."*[25] Caracteriza-se pelos seus montados verdes, pela produção de cereais, pelas pedras lavradas sobre a paisagem e pelo povoamento disperso. Uma das particularidades mais curiosas do lugar é sermos acompanhados nos arruamentos e socalcos, pelo passeio da vaca *barrosã* ou *cachena,* e ainda sermos invadidos pelo som que se faz ouvir aquando da passagem do carrinho dos guarda-chuvas.

Subido o estreito *Caminho do Montinho* deparamo-nos com a presença de casas vizinhas que, por se encontrarem tangentes ao caminho, coabitam no dia à dia com as máquinas agrícolas, com o gado e com as conversas dos seus moradores. *"Estas pequenas ruas dão serventia às habitações e aos currais,"*[26]. Avistam-se ao fundo dois portões distinguidos pela sua cor "sangue de boi", o de entrada para a casa principal, e o de serviço, que antecede o antigo curral. *", vêem-se em regra isoladas no meio das suas terras de cultura – (...), as mais das vezes a sua entrada situa-se ao lado, num largo portal de carros, muitas vezes alpendrado e ladeado por dois bancos de pedra"*[27].

[24] CUNHA, Narcizo Cândido Alves da, *Paredes de Coura: no Alto Minho*, Paredes de Coura, C.M., 1979, p.56.
[25] Ibidem, p.378.
[26] MOUTINHO, Mário, *A Arquitectura Popular Portuguesa*, Editorial Estampa, Lisboa, 1979, p.41.
[27] VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, 1ª edição, Lisboa, Dom Quixote, 1992, p.39.

Figura 10. Vista da *Casa da Chela.*

Figura 11. Paisagem da freguesia do *Bico.*

Figura 12. *Caminho do Montinho.*

Figura 13. À esquerda o portão principal da *Casa da Chela* e à direita o portão do Curral.

Figura 14. Portão principal da *Casa da Chela.*

O grande portão antecipa a citação, *"Tem havido nesta freguesia casas importantes, como a da Chela,"*[28]. Feito habitualmente de carro até ao "terreiro" de entrada, somos despertados e acolhidos pela imensidão de árvores centenárias. Conduzidos à nossa esquerda por um muro em granito e à direita direcionados pela saliência de pedras enterradas e árvores diversas, vamo-nos aproximando. À medida que avançamos, vemos nascer, do terreno desnivelado, a implantação da Casa da Chela, *"antecedendo imediatamente o quinteiro; e é deste que parte a escadaria de pedra que ascende ao patamar de entrada ou à varanda,"*[29].

Constituindo uma casa sobradada do séc. XVIII, identifica-se pelas construções antigas e pela articulação de elementos arquitectónicos, como por exemplo, sobre o *terreiro.* Iniciando a entrada na casa deparamo-nos com as escadas de pedra viradas a poente, as quais se apresentam perpendiculares à fachada *"precedidas por um patamar em perron com duas grandes volutas a marcarem o arranque das guardas,"*[30]. Descortinando a paisagem a poente, vemos o *espigueiro*, construído também em pedra e madeira, e a seu lado uma *eira.*

Possuindo 9 hectares de terreno, a *Casa da Chela,* aproveitando-se da inclinação do terreno, constrói-se sobre dois pisos e com uma planta em "U". Ao longo dos anos, o espaço foi sendo construído e reconstruído, segundo as necessidades exigidas pelo homem, determinando novos espaços -*"é nesse tipo de espaços que se concentra e afirma muita da expressão «íntima» e do entendimento profundo do espaço pela comunidade, ou seja, de como esse colectivo «sente» que deve usar o espaço."*[31] Coberta por telha romana, envolvida na atmosfera verde, limitada pelo granito e consolidada no aroma do mundo rural, a casa, as divisões e consequentemente as suas práticas remetem para um organismo, "*a casa é como um organismo animal em que cada membro se relaciona com os outros assim como na casa cada parte deve acordar-se com as outras."*[32]

Subidas as escadas, somos recebidos na ala Norte e na actual sala de estar, espaço que aproxima e acolhe os residentes. No passado, juntamente com a antiga cozinha, este espaço reunía mais dois compartimentos. Percorrendo a sala para Norte chegamos ao largo corredor, que *"situa-se nesta área ao longo de uma das fachadas mais compridas, recoberta pela aba do telhado da casa, (...), apoiada em colunas ou mais usualmente em pilares de pedra encimados por uma espécie de capitel*

[28] CUNHA, Narcizo Cândido Alves da, *Paredes de Coura: no Alto Minho*, Paredes de Coura, C.M., 1979, p.380.
[29] VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, 1ª edição, Lisboa, Dom Quixote, 1992, p.39.
[30] CARITA, Hélder, CARDOSO, Homem – *A Casa Senhorial em Portugal*. Alfragide: Leya, S.A, 2015, p.268.
[31] FERNANDES, José Manuel, *Arquitectura Portuguesa: uma síntese*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006, p.125.
[32] Cf. ALBERTI, Leon Battista, *L'Architectura De Re Aedificatoria,* Milano, Italia, Edicioni II Polifilo, 1996, pp. 64,65, In, D'OREY MANOEL, Bernardo*, Fundamentos da Arquitectura em Raul Lino*, Universidade Lusíada Editora, Lisboa, 2012, p.83.

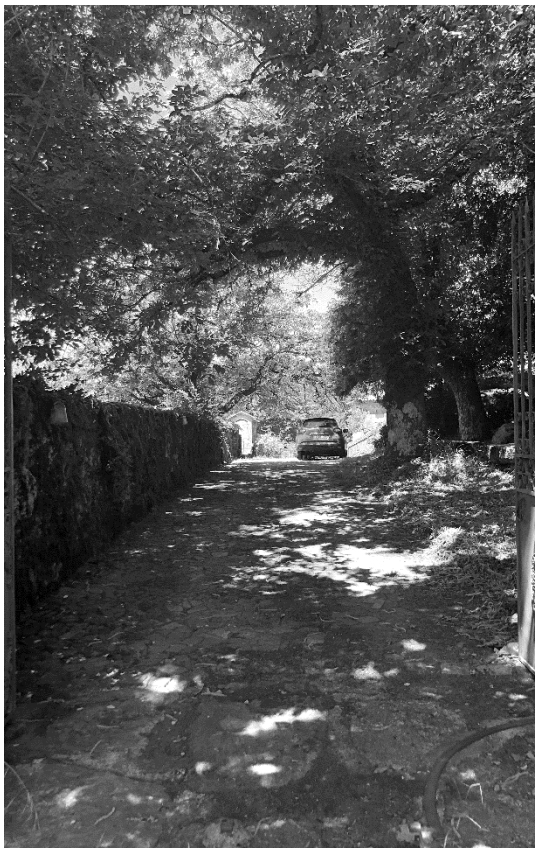


Figura 15. Vista do percurso empedrado até ao *terreiro.*

Figura 16. *Terreiro, espigueiro* e escadas de entrada na *Casa da Chela*.

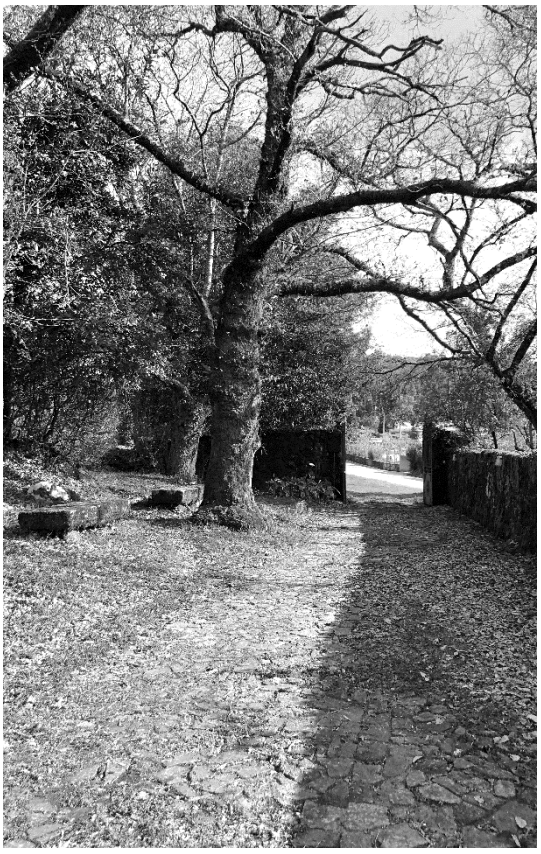


Figura 17. Vista do percurso empedrado até ao portão principal.

Figura 18. *Terreiro, espigueiro* e portão principal ao fundo.

de cantos redondos –"[33]. Debruçando-se sobre o *quinteiro,* esse espaço interior dá acesso a dois quartos com suíte e closet, as antigas salas com *alcovas* -*"muitas vezes têm a forma de alcovas ou cubículos, abrindo para a sala."*[34]; uma porta de acesso à varanda do *quinteiro,* as *varandas alpendradas* do Alto Minho, " *não raro porém existe uma escada interior única ou ao mesmo tempo que a exterior."*[35]*;* um salão, antigo quarto dos proprietários; e por último, a *Capela*.

Descendo as escadas da sala de estar pelo antigo espaço que antecedia o corredor, chegamos ao piso onde se encontravam as *cortes,* constatando um segundo corredor bastante iluminado mais uma vez pelo acesso ao quinteiro. Pontuado delicadamente pela luz dos diferentes postigos, este piso integra um quarto com suíte e closet; um quarto simples, um WC de serviço; a sala de jantar; e por último, a cozinha, o coração da casa,*"é o compartimento essencial de casa, o local onde decorre toda a vida de relação da família, onde se cozinha, se come e se reúnem as pessoas"*[36]. Nela em todos os momentos do dia cultivamos a família e as relações, é o ponto de encontro e o pano de fundo de todas as histórias, preocupações e conversas.

Na ala Sul do corpo da casa, inserem-se os dois anexos habitacionais e as áreas técnicas, as antigas *cavalariças.* O espaço que une a casa mãe a este corpo define-se pelo antigo *sequeiro,* outro compartimento de apoio à prática agrícola e de transição entre espaços exteriores. Composto pelo portão do *quinteiro* e com um pé direito que atinge a altura dos dois pisos, este espaço reúne uma atmosfera complementar a todos os pisos do edificado. É a dependência central da casa e aquela que faz o acesso a todas as outras. Ao longo dos anos, os anexos, um de cor "branca" e outro de cor "amarela", foram sendo decorados e aproveitados, segundo o gosto dos familiares. No fundo, são o resultado e ensaio dos significados representativos da vida que configura a casa mãe.

Passeando pela propriedade e pelos actuais terrenos de pastagem, identificamos o pontuamento e/ou alinhamento de árvores, reconhecemos algumas pedras, sendo a mais visível pela grande área que ocupa, o *penedo.*

Fica na memória, o mistério que é a escura escadaria de acesso à *mina (séc. XVIII),* a refrescante zona do lago, o romântico espaço que compõe o *Jardim das Senhoras*, revestido de camélias e desenhado pela composição labiríntica de buchos, e por fim o *espigueiro* inserido no terreiro de entrada da casa.

A Sul da *Casa da Chela*, avistamos um terreno composto por pinheiros mansos. Adaptados à irregularidade da topografia e adjacentes ao corpo da casa *,* entrevemos a *Casa da Eira* e o *Curral*,

[33] Ibidem, p.35.
[34] Ibidem, p.42.
[35] VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, 1ª edição, Lisboa, Dom Quixote, 1992, p.27.
[36] Ibidem, p.42.

Figura 19. Entrada e sala de estar.

Figura 20. Galeria e/ou corredor do piso 1.

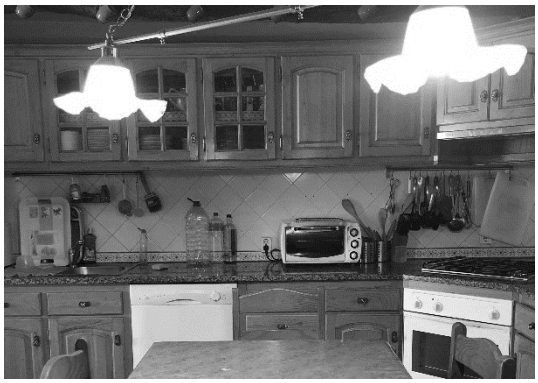


Figura 21. Cozinha, o "coração" da *Casa da Chela.*

Figura 22. Galeria e/ou corredor do piso 0.

Figura 23. *Quinteiro da Casa da Chela.*

Figura 24. *Cavalariças* da *Casa da Chela.*

Figura 25. Fachada Norte e lago da *Casa da Chela*.

Figura 26. *Casa da Eira, Curral e Campos da Lavoura da Eira.*

antigas estruturas de agropecuária semi-enterradas que compõem o limite Norte do presente campo de lavoura, a *Lavoura da Eira.*

A *Casa da Eira*, encontrando-se em ruína, constitui um arrumo e por oposição, também em ruína, o *Curral* entrega-se à total contemplação que é a passagem do tempo e da natureza. *"Testemunha de uma arquitectura mutilada, incompleta, de uma arquitectura ferida, tal como a entendia Alberti."*[37]

Após uma viagem pela *Casa da Chela*, reuniram-se as primeiras impressões do lugar e alguns pormenores relativos à antiga e actual configuração da planta. Tendo em vista a contextualização da casa mãe e o levantamento da planta existente (as estruturas de apoio à prática agrícola) para o projecto da *Casa de Férias*, decidiu realizar-se um levantamento profundo e total da propriedade.

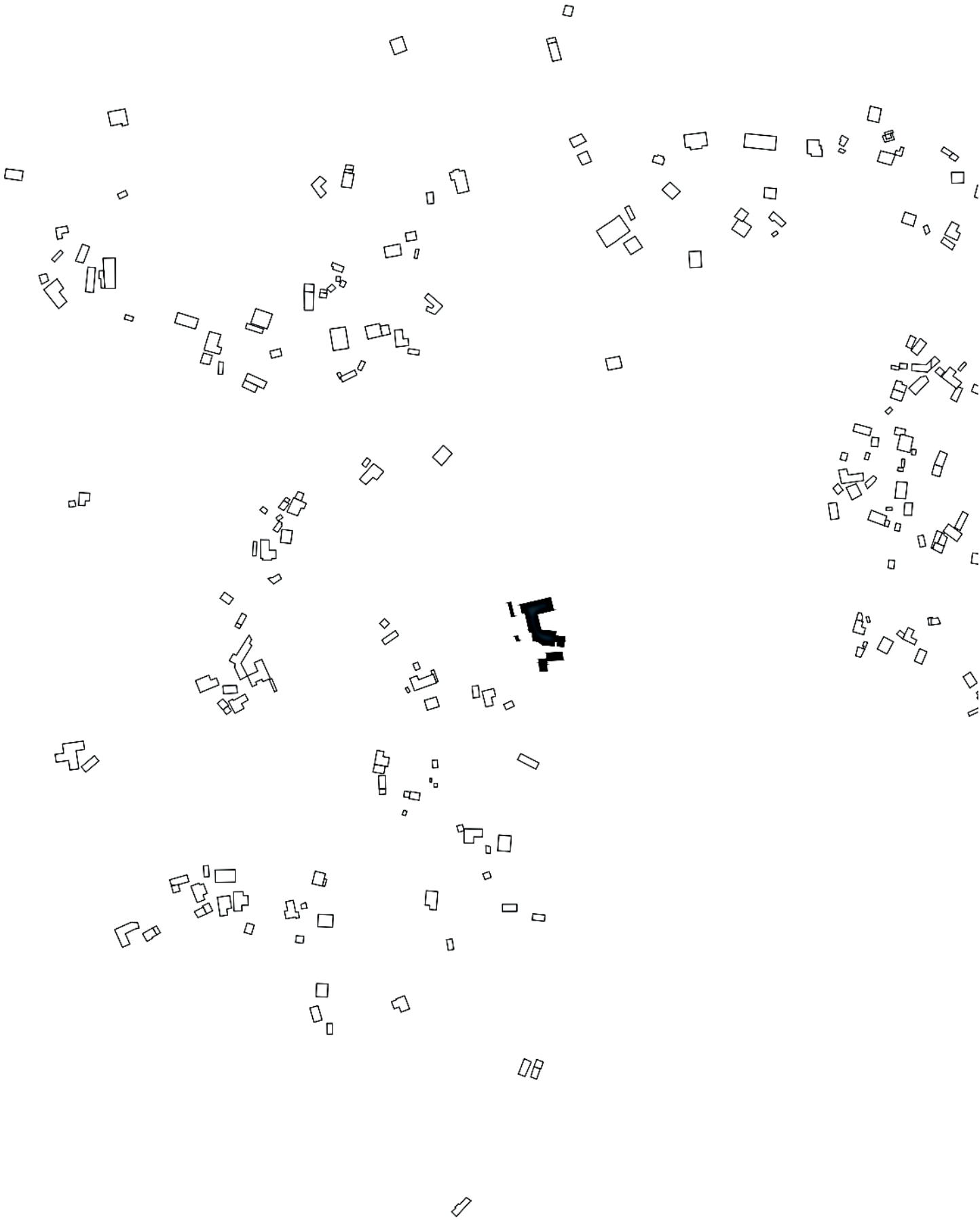
Familiarizada com a planta e após a realização da maquete, surgiram algumas dúvidas quanto à evolução da casa resultantes das constantes intervenções construtivas e da disposição volumétrica de novos espaços que comprometem o desenho da planta. Depois de uma análise que reuniu as questões apontadas, identificou-se uma construção adulterada e uma planta definida pelo somatório de volumes que foram sendo construídos ao longo dos anos atendendo a diferentes necessidades. Perante a possibilidade de recuperar os princípios originais da casa propôs-se, para álem do projecto da *Casa de Férias*, apresentar uma perspectiva de intervenção na casa principal, isto é, uma possível resposta para uma configuração mais coerente da *Casa da Chela.*

Pensar no sítio é pensar no projecto, no contexto e no que o torna diferente de todos os outros. Há uma necessidade de familiarização com o espaço, de observação plena e de uma construção interior no que diz respeito à forma como o espaço se molda. Nesse sentido, o próximo capítulo justifica a razão do levantamento da casa principal, reconhecendo-a como base do projecto e fonte de informação necessária à estrutura em que a intervenção das pré-existências desempenhará a sua forma.

[37] LEON B, Alberti, L'Architettura [De Re Edificatorial], op. cit., Livro X, 1, pág. 868-880, In, ALARCÃO E SILVA, Pedro, *Construir na Ruína, Entre a Reconstituição e a Reabilitação*, Porto, Edições, Afrontamento, 2018, p.26.

Figura 27. Imagem satélite da *Casa da Chela.*

Figura 28. Imagem satélite do *quinteiro* da *Casa da Chela.*



CAPÍTULO II ***APROXIMAÇÃO,***

Casa da Chela

2.1| Planta

"Ao arquitecto de hoje só um "critério de experiência" é licito; um critério que não recuse dado algum do real (...) e busque servi-lo e orientá-lo, humildemente mas com a certeza de não se ter enganado no trajecto."[38]

A medição do espaço real, os desenhos de campo e a integração de todos os passos para a constituição do ante-projecto de arquitectura representam uma premissa mandatória para a reconstituição dos desenhos técnicos, como plantas, cortes e alçados. É necessário referir que ao longo do "levantamento" averiguou-se a constante irregularidade das formas, *"Num campo de intervenção onde o imprevisto era a regra,"*[39]constatando por vezes, a dificuldade na concordância dos desenhos.

"Com um programa de dois andares, ocupando o primeiro piso as dependências nobres, o piso térreo seria, naturalmente, para serviços referidos nos inventários como estrebarias, cavalariças ou simplesmente logeas.(...) tinham ligação directa com o pátio ou terreiro"[40].

De acordo com o desenho actual da planta, procura-se uma descrição que identifique a natureza e a organização dos espaços que a compõem. Apesar do edificado ter sofrido algumas adulterações, a presente aproximação tem como intuito compreender o carácter e essência actual da casa. Como referido anteriormente, a casa responde a um tipo de habitação que vai ao encontro de uma *Casa de Férias* e/ou *Casa de Campo,* que por sua vez estabelece uma *"*segunda habitação", comprometida com condições de conforto necessárias e com o acolhimento sazonal dos seus habitantes.

Alicerçada nas bases que fizeram parte da reconstituição da planta, distinguem-se as plantas do piso térreo e do piso superior (1:50) da *Casa da Chela,* incompletas e desatualizadas, as Cartas Militares (1949 e 1996) do *Concelho de Paredes de Coura,* a planta topográfica fornecida pela *Câmara de Paredes de Coura* e, por fim, o levantamento exaustivo realizado pela autora. A sua recolha permitiu não só a compreensão de todos os aspectos e elementos que constituem o edificado, como também a possibilidade de trabalhar a sobreposição e a comparação das bases.

Relativamente à planta da propriedade, constatamos um terreno irregular, maioritariamente verde de 9 hectares. Localiza-se num alto topográfico, adaptando-se e assumindo-se no terreno

[38]Vítor Figueiredo, "Memória Descritiva", da sua CODA na ESBAP em 1957, in RA, Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Ano I, Nº 0, Outubro 1987, in TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora, com artigos de Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza, Bernardo Ferrão e Eduardo Souto Moura e com Grafismos de Ana Maria Chora*, Lisboa, Blau, 1993, p.19.
[39] TOMÉ, Miguel, *Património e Restauro em Portugal* (1920-1995), Porto: FAUP Publicações, 2002, p.83.
[40] CARITA, Hélder, CARDOSO, Homem – *A Casa Senhorial em Portugal*. Alfragide: Leya, S.A, 2015, p.54.

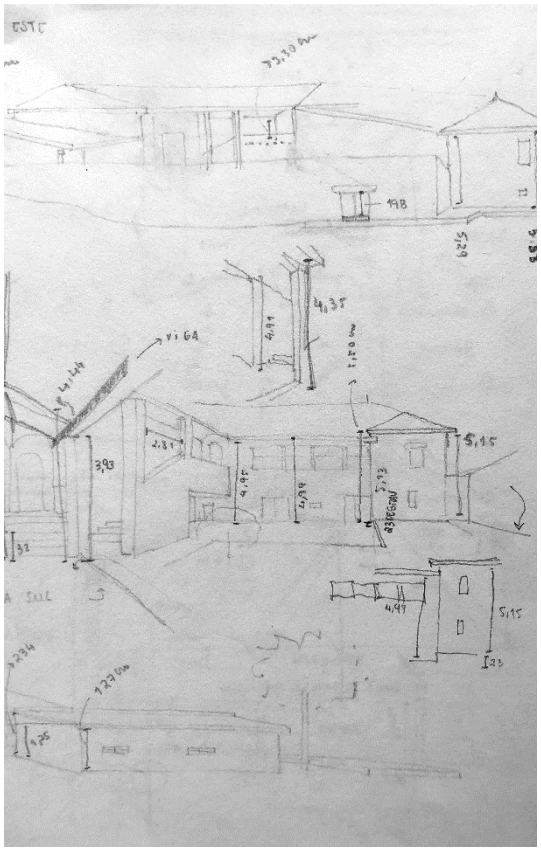


Figura 29. Desenhos de levantamento (alçados).

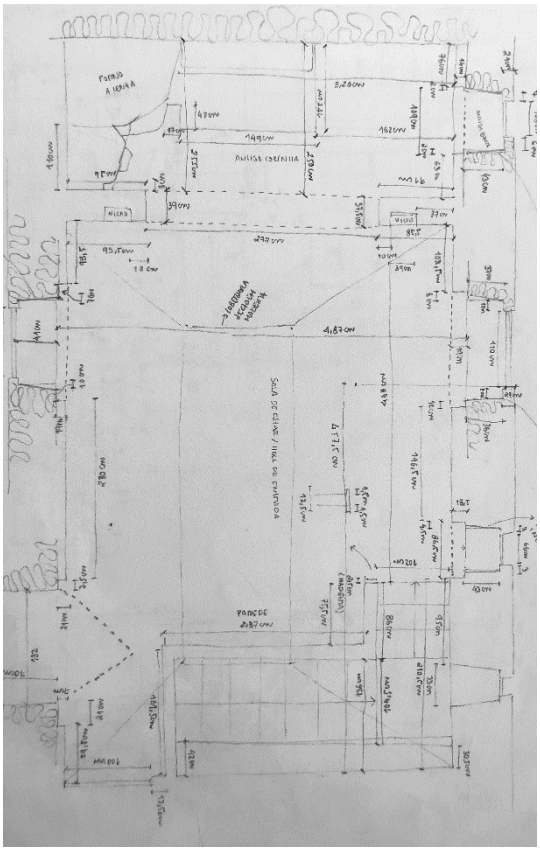


Figura 30. Desenho de levantamento (planta da sala de estar).

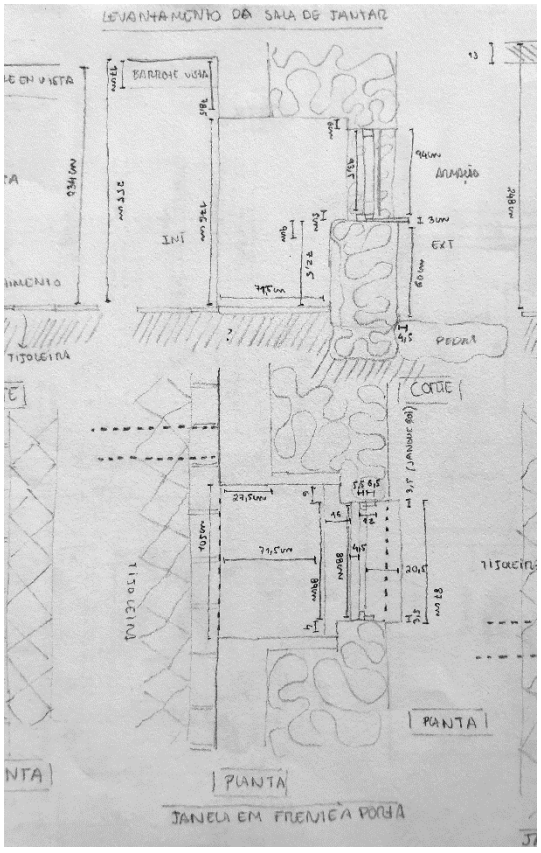


Figura 31. Desenho de levantamento (um caixilho).

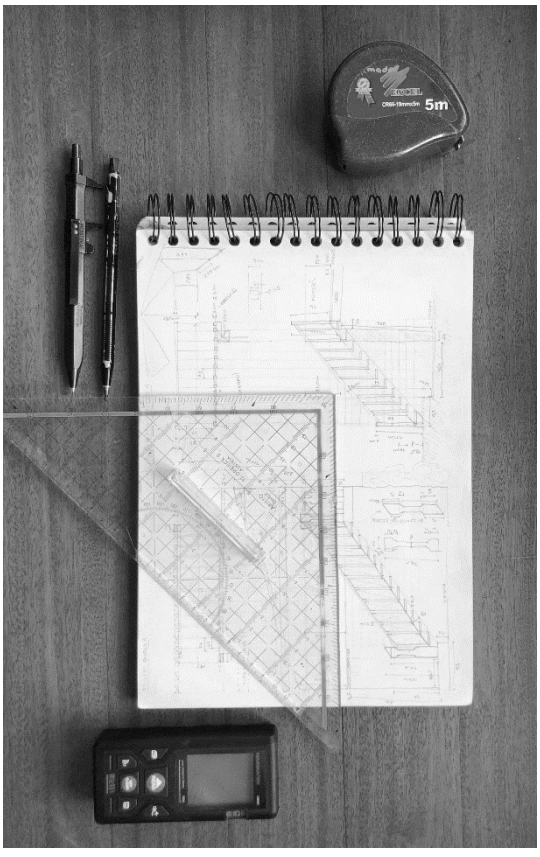


Figura 32. Materiais utilizados no levantamento.

de forma privilegiada. Implantada entre as cotas 546.50 e 550.00, o edifício acompanha a pendente da topografia, apontando para uma diferença de 3.50m desde o extremo Norte da casa ao extremo Sul da fachada do *Curral.* Devido a uma "elevação" de 2,80m de altitude a *Casa da Chela* encontra-se semi-enterrada na sua fachada Sul, assim como a *Casa da Eira* e o *Curral* na fachada Norte. No que toca ao formato e volumetria do edifício, observamos a sua forma em "U" segundo blocos de granito aparelhados à vista, com uma área bruta privativa de 434,629m2, sobre dois pisos e por último, (a contar com o telhado), uma altura aproximada de 6,70m.

Atendendo à composição existente, observam-se dispostas no conjunto, as áreas que determinam a planta pela sua finalidade e função. (Ver Figura 33). Neste sentido, identifica-se primeiro no terreno verde privado o lago, a *mina*, adjacente a um trilho que acompanha os campos e rematando num tanque de abastecimento de água, o *Jardim das Senhoras*, a horta e as duas *eiras*. Em segundo lugar, localizamos o edificado composto por cinco partes: a Norte, o corpo principal da casa; o *sequeiro* na transição a Oeste; os anexos habitacionais e zonas de serviço na ala Sul; o *espigueiro* e o *terreiro* a Oeste da casa e por fim a Sul da mesma, a *Casa da Eira* e o *Curral* "desfasados" da composição. No que diz respeito ao *terreiro* empedrado, este espaço direcciona-nos para o interior da casa e para a zona do *quinteiro*, gerindo a circulação e o estacionamento dos carros.

Esta é uma casa "que se vira para dentro", neste caso para o *quinteiro*, proporcionando percursos internos marcados por diferentes espacialidades e limitado pelas três alas que configuram a sua forma em "U". *"...no Minho Litoral -, casa-pátio, que em alguns casos é fechado (e para o qual se entra por um largo portal rasgado ao lado da fachada que dá para a rua)"*[41]. Ainda assim, é importante notar que ambos os pisos compreendem zonas colectivas e zonas privadas, não havendo uma separação lógica no desenho da planta.

"Na análise da casa popular, de um modo geral, distinguiremos, pelo seu carácter mais acentuado e pela importância das funções, a cozinha, a sala e os quartos."[42].

Partindo para a descrição da planta do piso térreo, fundado pelas antigas *cortes*, distinguem-se: a actual cozinha e a galeria e/ou corredor com acesso directo ao "quinteiro", fazendo este último a transição de pisos através de uma caixa de escadas em "L"; a sala de jantar composta por uma nova lareira, virada a Norte e em comunicação com a zona do lago; dois quartos, um dos quais suíte e uma casa de banho que serve todo o piso. (Ver Figura 37).

[41] VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, 1ª edição, Lisboa, Dom Quixote, 1992, p.20.
[42] Ibidem, p.40.

1.Terreiro
2.Casa da Chela
3.Sequeiro
4.Anexo Habitacional 1
5.Anexo.Habitacional 2
6.Quinteiro
7.Sala de Máquinas
8.Casa da Eira
9.Curral
10.Campo da Lavoura da Eira
11.Espigueiro
12.Eira
13.Mina
14.Jardim das Senhoras
15. Lago

Figura 33. Planta de cobertura e de identificação de espaços da *Casa da Chela.*

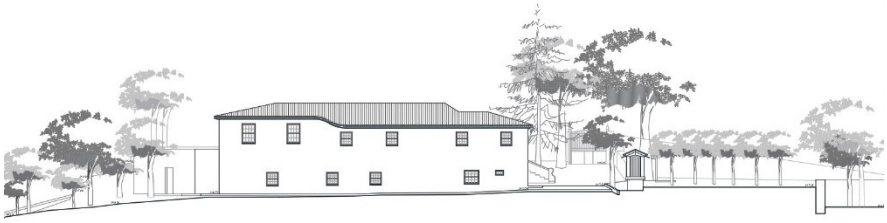


Figura 34. Alçado Norte da *Casa da Chela*.

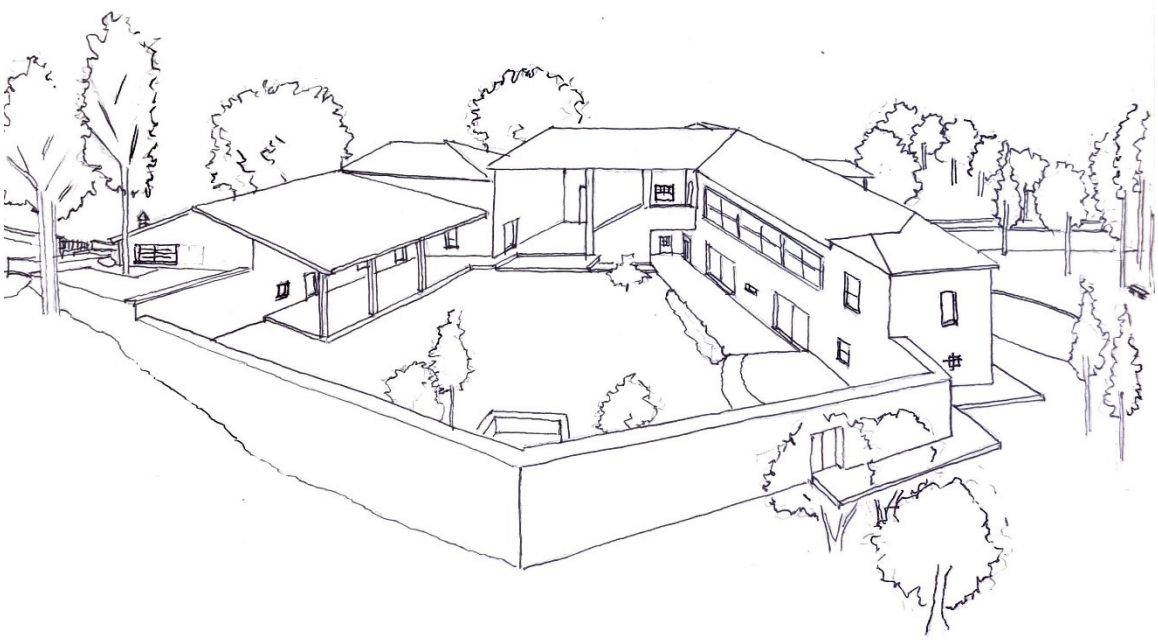


Figura 35. Desenho do *quinteiro.*

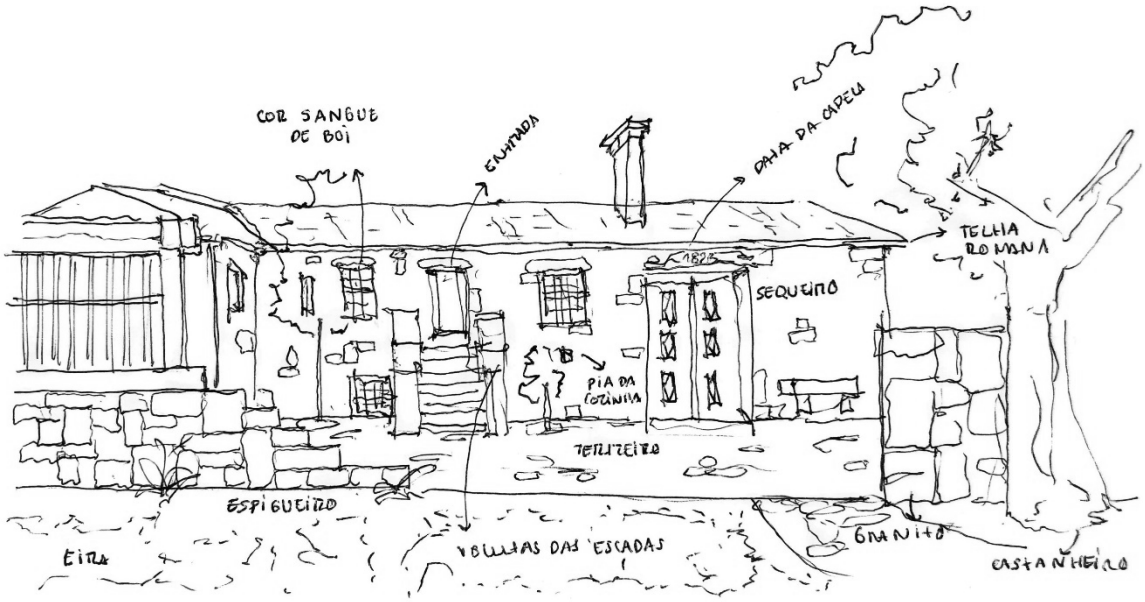


Figura 36. Desenho do *terreiro.*

1.Sequeiro
2.Cozinha
3.Quarto com WC e Closet
4.Corredor
5.Sala de jantar
6.Quarto
7.WC
8.Anexo Habitacional 1
9.Anexo Habitacional 2
10.Lavandaria
11.Sala de Ferramentas
12.Sala de Máquinas
13.Quinteiro
14.Casa da Eira
15. Curral

Figura 37. Planta do piso térreo.

Figura 38. Corte longitudinal a Norte da *Casa da Chela.*

No que toca à planta do piso superior, como mencionado anteriormente, salienta-se a entrada e sala de estar, que no passado integrava três compartimentos: a cozinha antiga a Sul; ao centro o espaço de chegada com acesso à varanda e ao *quinteiro* (acedido pela porta de entrada); e a Norte , o compartimento de ligação ao corredor, às escadas para o piso térreo e à antiga sala de jantar, actual quarto suíte. Quando se comprou a casa, demoliram-se as paredes divisórias dos referidos três espaços, dando abertura a uma sala única, assim como à entrada na *Casa da Chela*. O longo e largo corredor *"...pode ver-se, ao nível do andar sobradado, um corredor muito largo, chegado à fachada virada para o quinteiro, para onde abrem as portas das diferentes divisões, que é iluminado por várias janelas, e ao qual se ascende por uma escada situada num dos seus extremos,"*[43] faz a transição para a *Capela* no extremo Noroeste, o Salão, um outro quarto suíte, a sala de estar e por fim a varanda, com uma escada de acesso ao *quinteiro.* (Ver Figura 39).

Descendo a escada, deparamo-nos com o *quinteiro* e chegamos ao *sequeiro*, o único espaço com pé direito duplo. De seguida, avistamos o pátio central compreendido por um muro com 2,90m de altura. Do lado direito, distinguimos uma galeria exterior assente sobre três novos pilares, intervenção dos Avós da autora. Associado a este espaço, encontramos os dois anexos habitacionais com sala, lareira e um *mezanino* conducente a um quarto e um WC. Ainda compreendido na galeria, encontra-se a lavandaria, a sala de ferramentas e a sala de máquinas.

No que diz respeito aos volumes que se encontram desfasados do conjunto da casa principal, situam-se adjacentes à ala Sul, as duas dependências de apoio à prática agrícola. Por fim, sinalizamos também o *espigueiro*, com 11 metros de comprimento e 1,45 metros de largura, distinto pela sua expressão formal, pelo seu cariz vernacular e acompanhado de uma *eira* que desenha a sua implantação.

Analisada a planta e o edifício no geral, acabaram por surgir algumas questões quanto à sua fundação e designação. Assim, em determinado "tempo" e segundo necessidades específicas é possível concluir a presença de algumas intervenções na composição. Nesse sentido, são estudadas e apresentadas no próximo subcapítulo as plantas que dizem respeito à evolução de cada uma das épocas, justificando e identificando a sua materialização.

[43] Ibidem, p.36.

1.Cozinha
2.Entrada/sala de estar
3.Quarto com WC e Closet
4.Salão
5.Capela
6.Corredor
7.Varanda
8.Quarto com WC do Anexo Habitacional 1
9.Quarto com WC do Anexo Habitacional 2

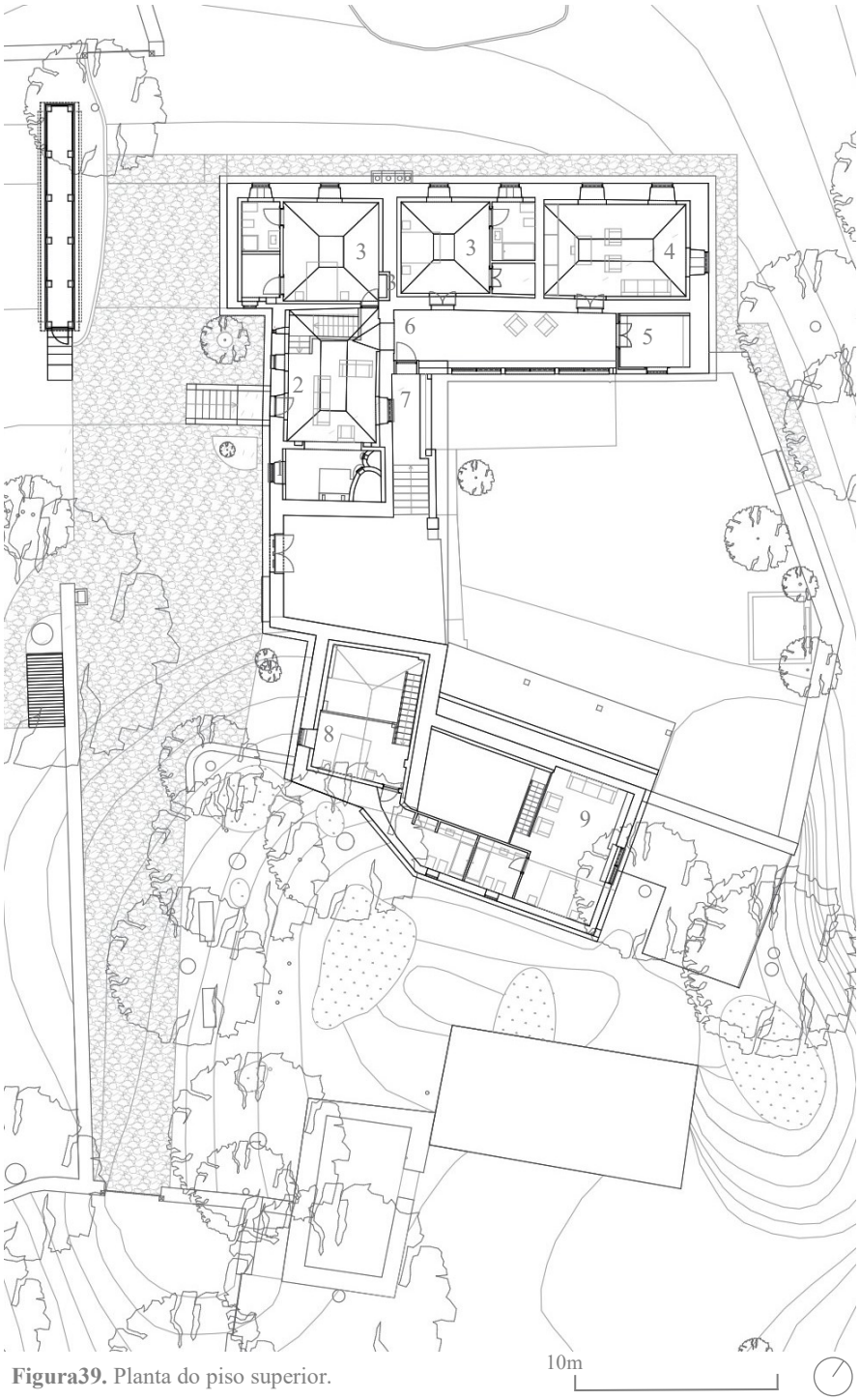


Figura39. Planta do piso superior.

Figura 40. Alçado Oeste da *Casa da Chela.*

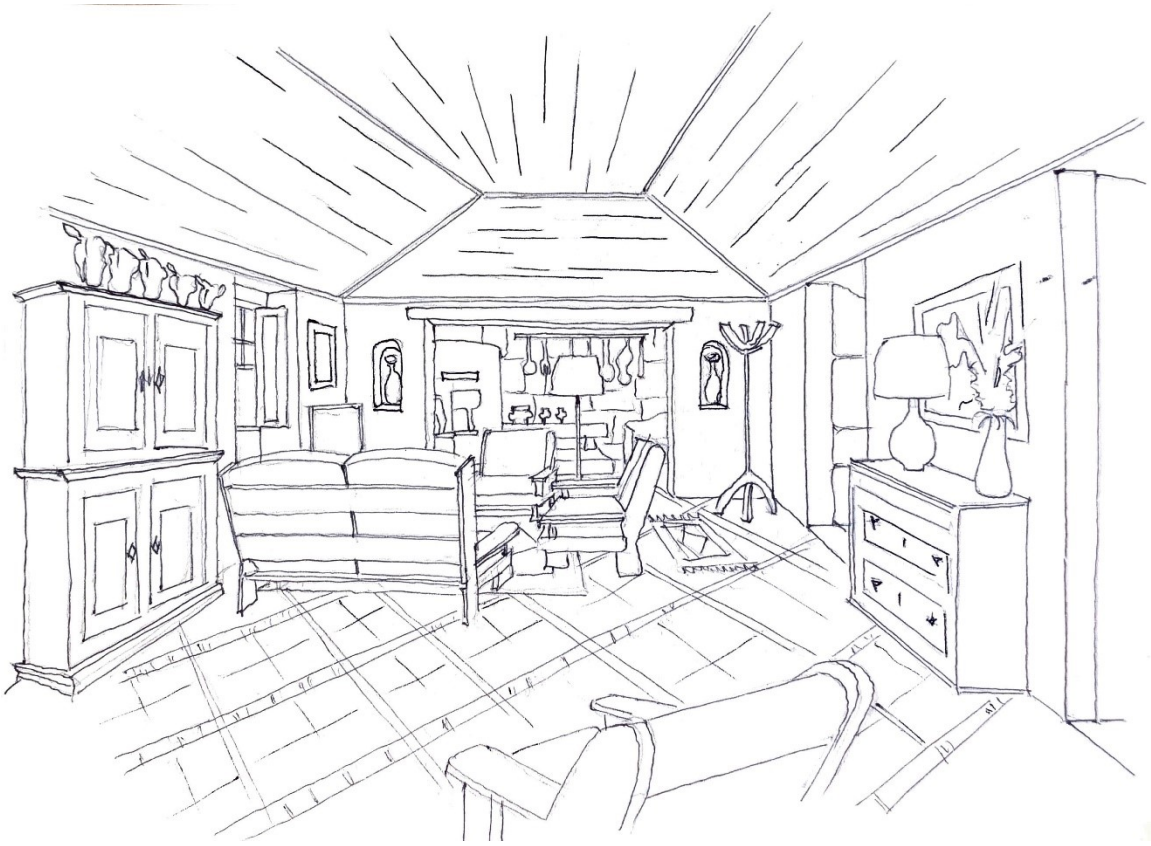


Figura 41. Desenho da actual sala de estar, entrada da casa e antiga cozinha.

Figura 42. Corte transversal de Oeste para Este da *Casa da Chela.*

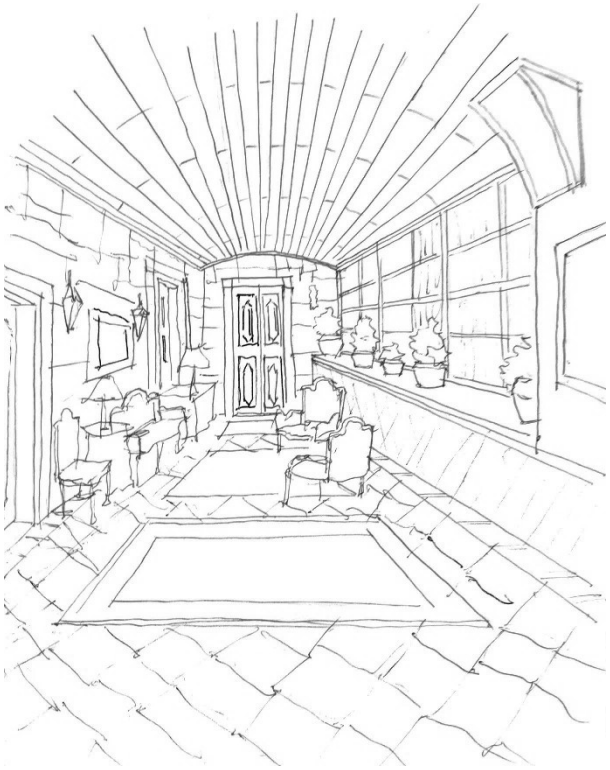


Figura 43. Desenho do corredor do piso superior.

Figura 44. Desenho do Anexo Habitacional 1.

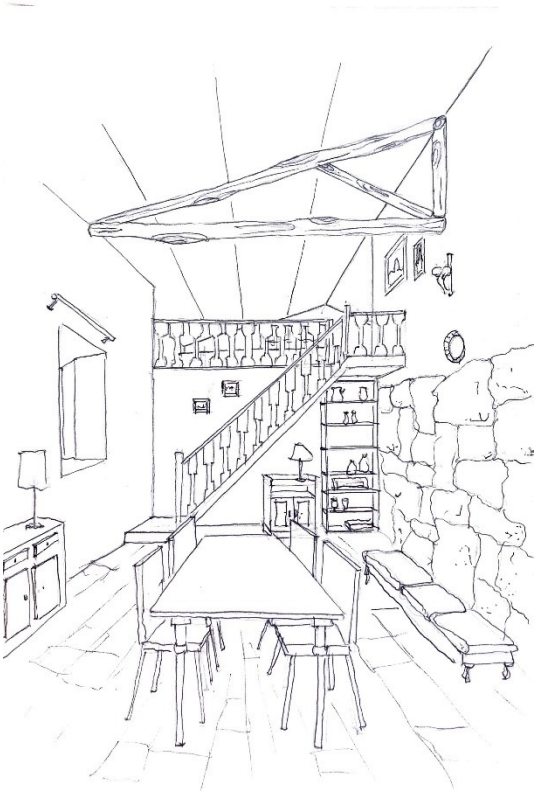


Figura 45. Desenho do Anexo Habitacional 2.

2.2 | Fases de evolução da casa

"Os diferentes tipos de edificações que ocorrem no território courense, fruto da prolongada evolução da sociedade rural minhota, resultam das necessidades e das condicionantes naturais que, ao longo do tempo, foram determinando os diversos tipos de ocupação do povoamento."[44]

Ao longo dos anos, o edificado foi-se adaptando a certas tipologias e às correspondentes práticas que definiam cada tempo, considerando-se um produto imediato do homem e da sua relação com o meio circundante[45]. Nesse sentido, a sua arquitectura definiu um percurso composto por diferentes fases, podendo a casa ter tido mais do que uma designação.

Aproximando-nos ao desenho da casa, salientam-se dois modelos: a *Casa de Lavoura* (ver Figura 48), correspondendo a uma simples arquitectura de produção e a *Casa Senhorial* e/ou *Solar* (ver Figura 60). Os anteriores modelos remetem para uma Arquitectura que se difunde pelo território, impossibilitando uma identificação clara das tipologias e dos materiais construtivos [46]. É muitas vezes definida pela modificação erudita dos espaços de lavoura e pelo crescimento do complexo agrícola. No que concerne à terra do Bico, reconhecida pelos seus *senhores, lavradores* e *casas agrícolas, "muito cedo nos habituamos a conhecer as casas senhoriais como as da Chela, de Vidão, e da Quintã."*[47]. Contextualizadas algumas das premissas históricas e tipológicas, pode constatar-se que a *Casa da Chela* apesar de intitulada *Casa Senhorial,* compreende ao longo da história, três fases de evolução.

Iniciada no séc. XVIII, identificamos num primeiro momento, a *Casa de Lavoura* - *"a casa popular mostra esses dois pisos, com nítida distinção funcional entre si – o térreo para recolha de gados, alfaias e produtos da lavoura, e o andar sobradado para a habitação das pessoas -,"*[48]. Como já referido, não se sabe o motivo da edificação, apenas que aí nasceu um membro da *Inquisição*.

Baseando-nos na evolução da construção, esta caracteriza-se por ser uma casa em granito, com paredes de aproximadamente 80 cm de espessura, com armação em madeira e um telhado em telha romana, cuja organização interior é desenhada e definida pela cozinha.

---

44 Câmara Municipal de Paredes de Coura, *Plano de Paisagem das Terras de Coura: Análise Paisagística,* Paredes de Coura, 2017, p.146.

45 *"pode considerar-se um produto imediato das relações do Homem com o meio natural que o rodeia;", in,* VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, 1ª edição, Lisboa, Dom Quixote, 1992, p.13.

46 *"trata-se duma Arquitectura que se distribui por todo o território e que não é possível classificar por tipos de edifícios, por materiais de construção, por zonas geográficas (...). Arquitectura tão fluente como rica de pequenos cambiantes.",* in*,* TÁVORA, Fernando; PIMENTEL, Rui; MENÉRES, António, *Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª Edição Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa, Volume I, 1988, p.13.

47 FERNANDES, Diamantino, *Freguesia de S. João de Bico – Festas em Honra da Senhora do Rosário/1996,* Paredes de Coura, Comissão de Festas de Bico, 1996, p.27.

48 VEIGA DE OLIVEIRA, Op cit., p.21.

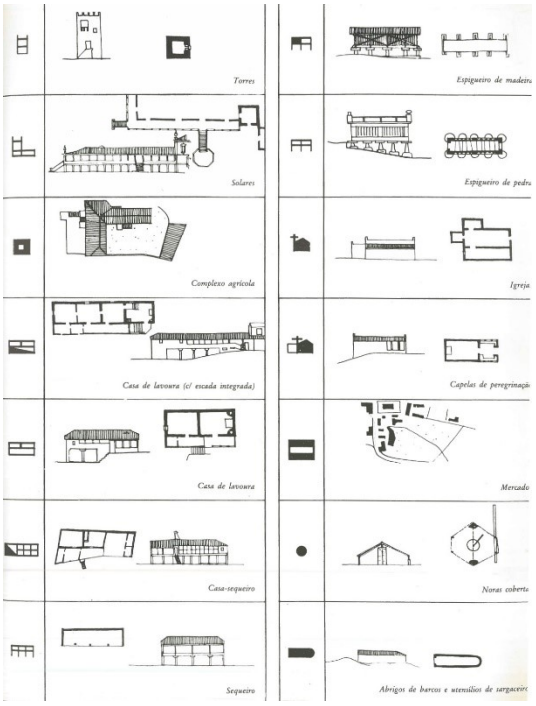


Figura 46. Tipologias do Alto Minho - *Arquitectura Popular em Portugal,* 3ª Edição, Associação de Arquitectos Portugueses.

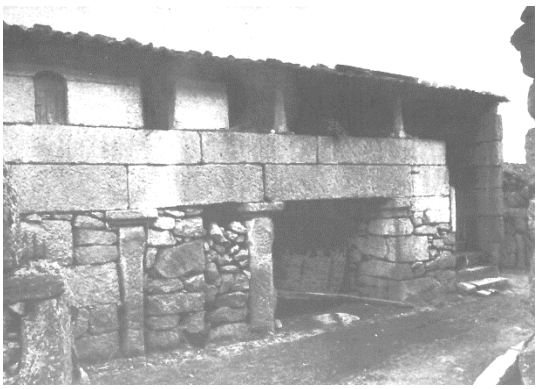


Figura 47. *Casa de lavoura - Arquitectura Popular em Portugal,* 3ª Edição, Associação de Arquitectos Portugueses.

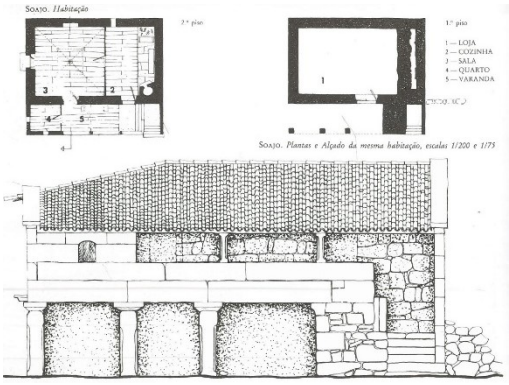


Figura 48. Plantas e alçado de uma *casa de lavoura - Arquitectura Popular em Portugal,* 3ª Edição, Associação de Arquitectos Portugueses.

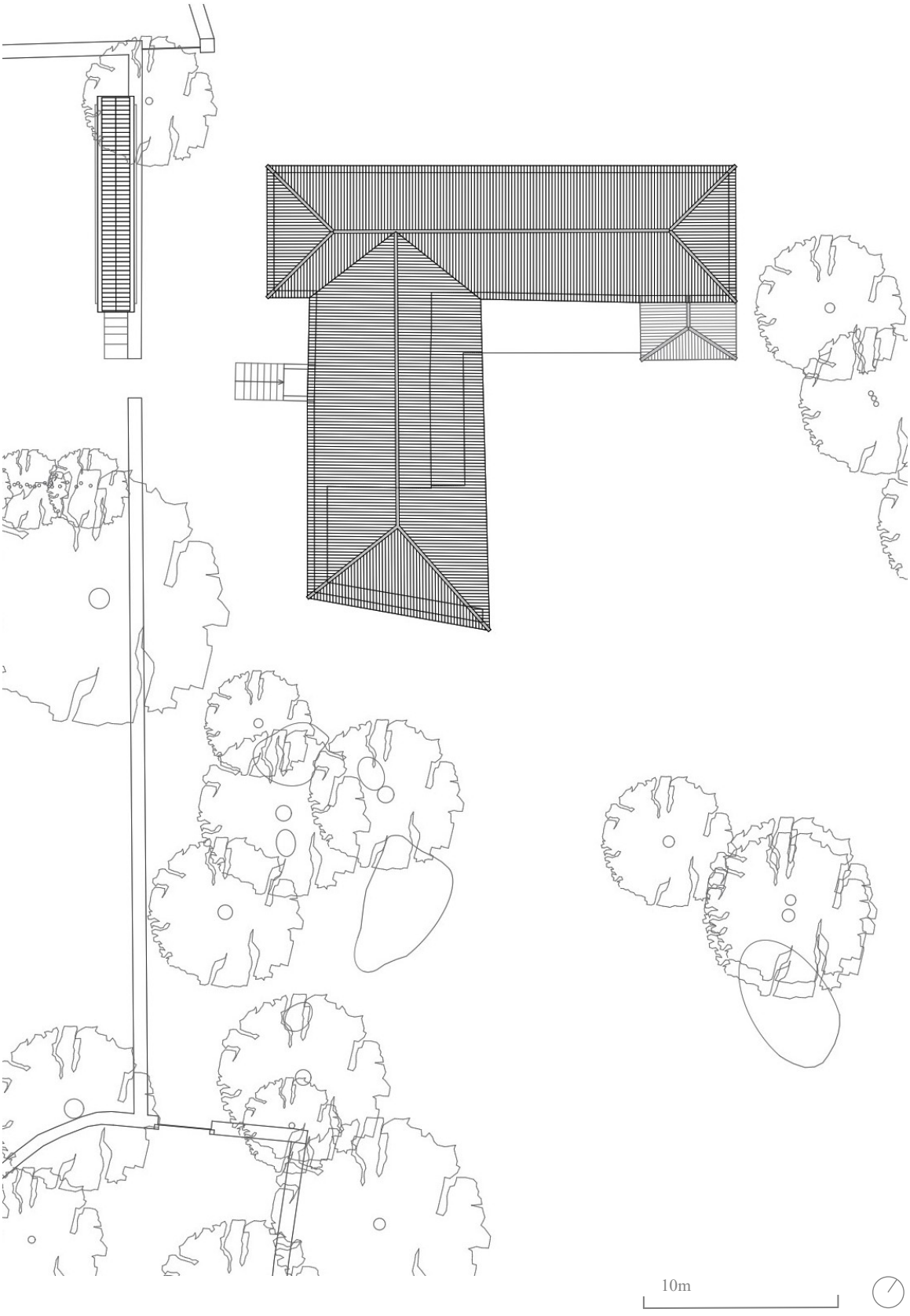


Figura 49. Planta da *casa de lavoura.*

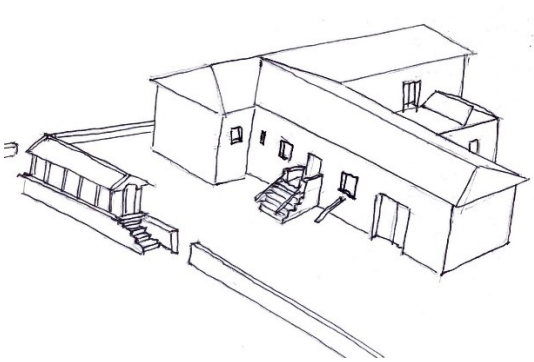


Figura 50. Desenho axonométrico da *casa de lavoura* da *Casa da Chela (Alçado Sudoeste).*

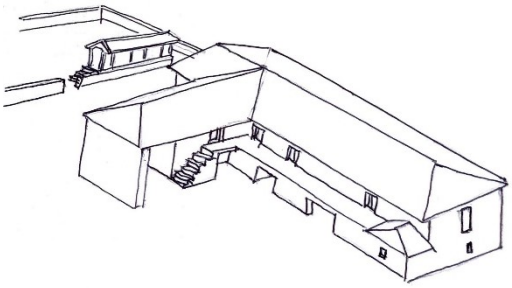


Figura 51. Desenho axonométrico da *casa de lavoura* da *Casa da Chela (Alçado Sudeste).*

Figura 52. *Terreiro* e entrada da *Casa da Chela – Freguesia de S. João de Bico – Festas em honra da Senhora do Rosário/1996,* Fernandes Diamantino.

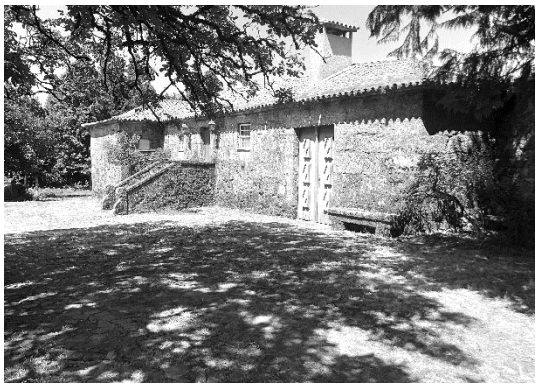


Figura 53. Fotografia actual do *terreiro* da *Casa da Chela.*

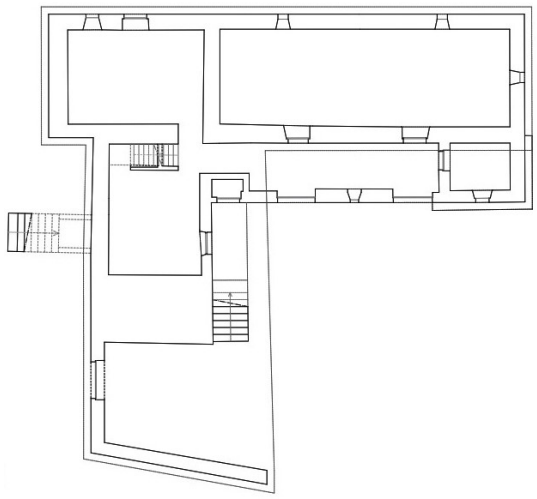


Figura 54. Planta do piso térreo da *casa de lavoura.*

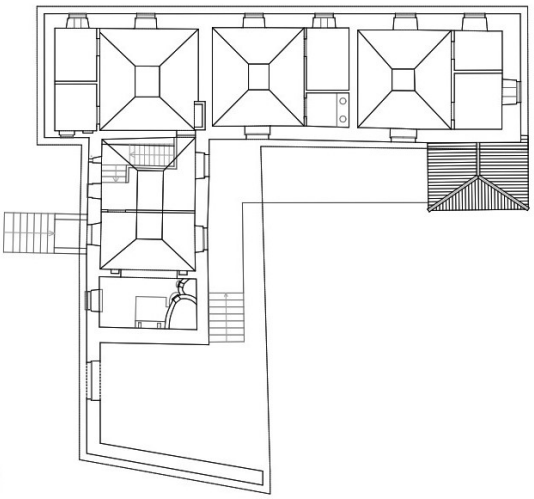


Figura 55. Planta do piso superior da *casa de lavoura*.

A cozinha possuía dois fornos a lenha, com tamanhos diferentes, uma lareira [49], uma pia lajeada e relevante pelo formato da pedra que direccionava a água para um canal exterior e destinado ao regadio dos campos.

A casa é constituída por dois pisos, cada um com uma função específica. O piso superior atribuído ao Homem, construído em madeira segundo barrotes, e o piso inferior em terra, destinado ao gado, ao redil, aos arrumos e possíveis *sequeiros.* Salienta-se a sua planta em "L", a varanda exterior coberta por colunas, o quarto dos proprietários, o *sequeiro*, o *espigueiro* e a *eira* adjacente, a "*comua"* no piso superior*,* as janelas em guilhotina e os postigos, seguido de portadas e pontuais *namoradeiras*, o corrimão das escadas de entrada segundo troncos de madeira, e por fim, o *terreiro* de entrada em terra batida.

Nos séculos XVIII e XIX, o modelo de *Casa Senhorial* tende a destacar-se pela gradual evolução dos espaços, tendo em conta a crescente produção agrícola, e embora a composição aumente, a organização mantém-se igual. No caso específico da *Casa da Chela,* constata-se um mesmo tipo de crescimento*.* Como já assinalado, o esquema da casa mantém-se igual, porém acrescenta-se a inauguração e instituição oficial da *Capela* no piso superior, consagrada pelo Bispo e incorporada em 1823 à anterior organização como é indicado em duas das suas fachadas, nas "*pedras de ara"*. Devido à diferença de alturas e ao tratamento do granito é possível afirmar que a presente intervenção se deu posteriormente à data de fundação da casa. Diferentes tratamentos de pedra eram *"utilizados na construção das suas paredes, correspondendo a diferentes fases de construção."*[50]

Composta por alguns dos elementos mais eruditos e próprios da tipologia do *Paço*, encontramos por um lado *"um corpo de escadas exteriores, de acesso ao andar nobre, com peitoril de pedra"*[51]. Por outro, o tratamento dado às *cavalariças* com os típicos bebedouros num único piso*,* à *Casa da Eira* e ao *Curral,* ao segundo *espigueiro,* ao fecho do terreno privado segundo um muro que dá lugar ao *quinteiro,* assim como, ao fecho da varanda e sua tranformação para um corredor interior iluminado*,* são indicadores do crescimento agrícola da propriedade. Sucessivamente enfatiza-se o tratamento interior, os tectos em masseira, o detalhe naturalista e religioso introduzido na *Capela* e o cuidado dos relevos manifestados nos espaços comuns, as vigas expostas no piso térreo e nas *cavalariças*, o armário de pedra construído na sala de jantar e o soalho em "*madeira da acácia*" no piso nobre/superior. Sabe-se que na presente fase de evolução, viveram as famílias Antas da Gama e mais tarde Dantas Guerreiro.

---

[49] *"é igualmente vulgar a lareira elevar-se do chão uns 20 a 25 cm,",* in, VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, 1ª edição, Lisboa, Dom Quixote, 1992, p.114.
[50] TEIXEIRA, Manuel C.; *Arquitecturas do Granito Arquitectura Popular*, Município Arcos de Valdevez, Arcos de Valdevez, 2013, p.64.
[51] CARITA, Hélder, CARDOSO, Homem – *A Casa Senhorial em Portugal*. Alfragide: Leya, S.A, 2015, p.45.

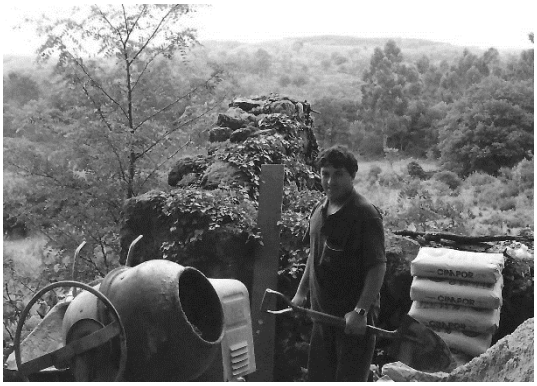


Figura 56. Vista da pedra que sustinha o antigo telhado da *Casa da Eira* da *casa senhorial.*

Figura 57. Antiga cozinha da *Casa da Chela.*

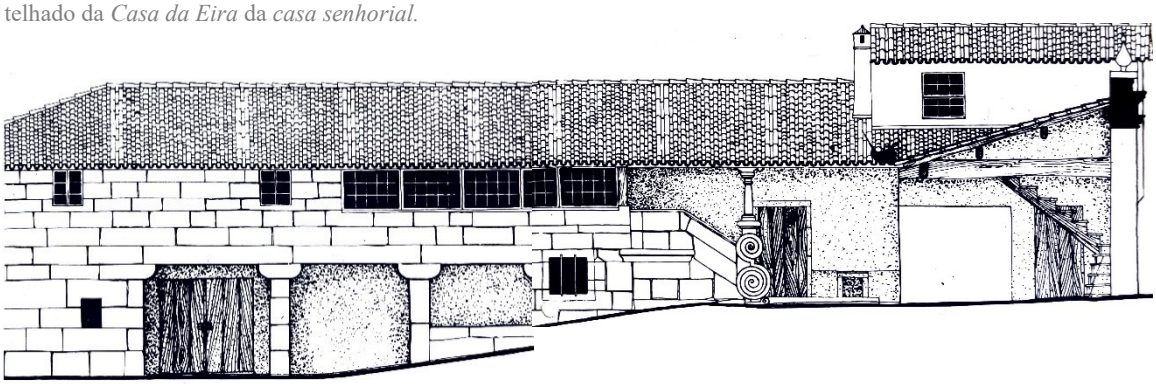


Figura 58. Alçado de uma *casa senhorial - Arquitectura Popular em Portugal,* 3ª Edição, Associação de Arquitectos Portugueses.

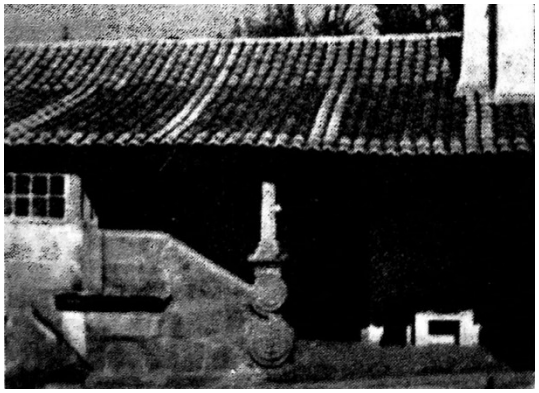


Figura 59. Varanda de um *Solar - Arquitectura Popular em Portugal,* 3ª Edição, Associação de Arquitectos Portugueses.

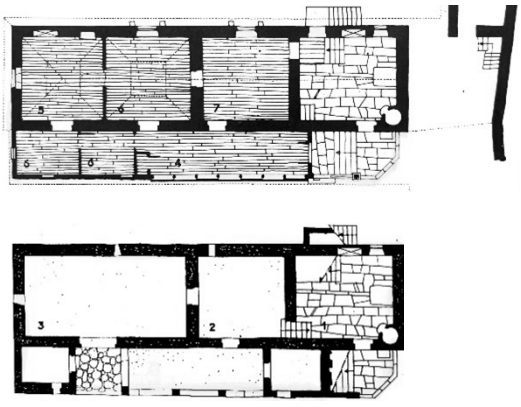


Figura 60. Plantas de uma *casa senhorial - Arquitectura Popular em Portugal,* 3ª Edição, Associação de Arquitectos Portugueses.

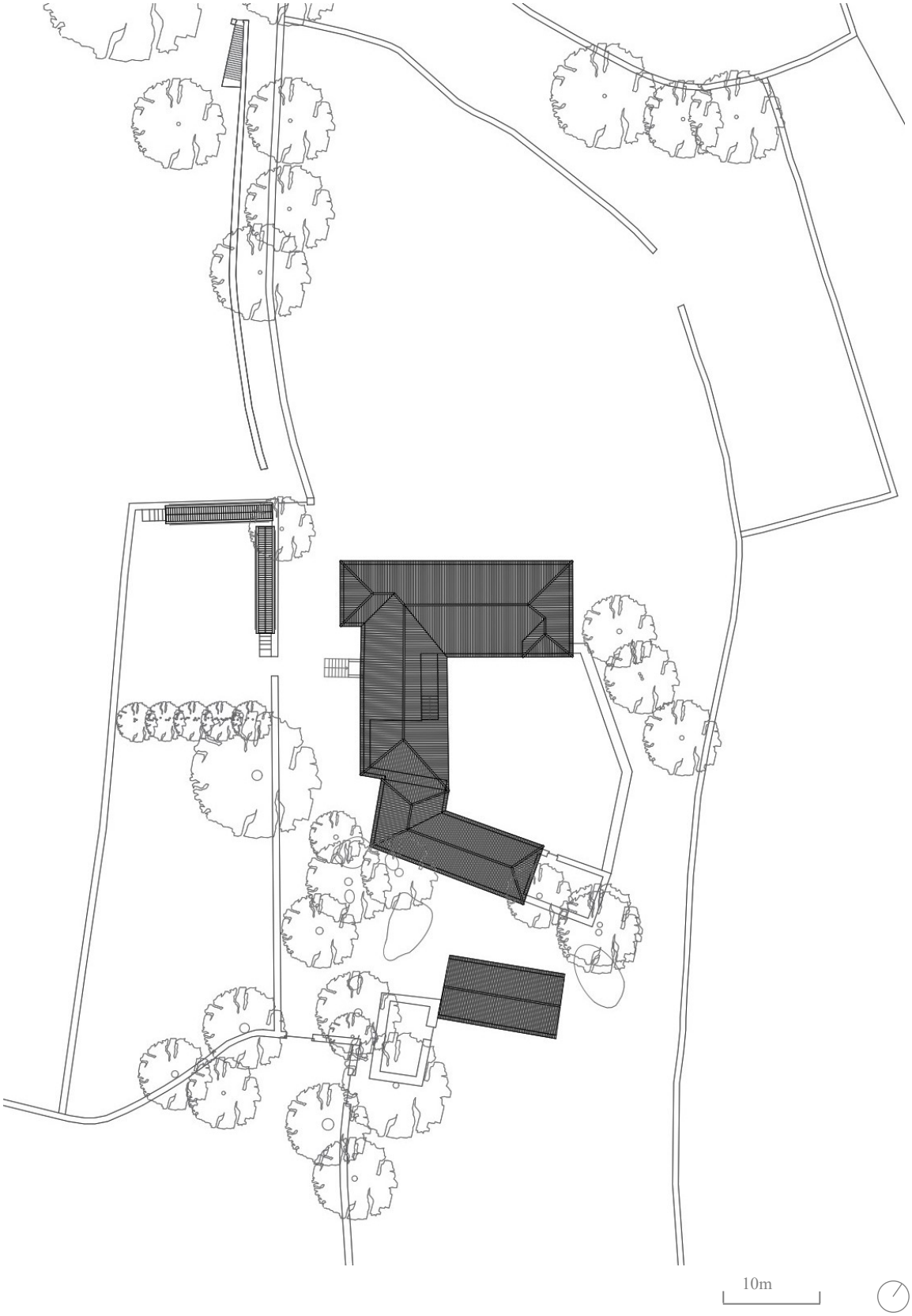


Figura 61. Planta da *casa senhorial*.

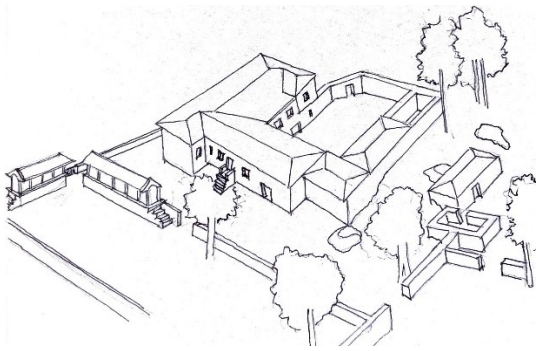


Figura 62. Desenho axonométrico da *casa senhorial* da *Casa da Chela.*

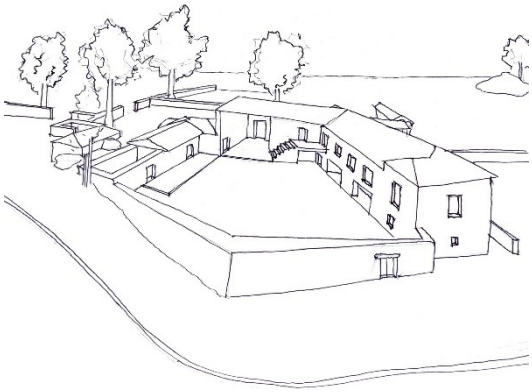


Figura 63. Desenho axonométrico da *casa senhorial* da *Casa da Chela.*

Figura 64. *Terreiro* e fachada Norte da *casa senhorial* da *Casa da Chela - Freguesia de S. João de Bico – Festas em honra da Senhora do Rosário/1996.*

Figura 65. Fotografia actual da fachada Norte da *Casa da Chela.*

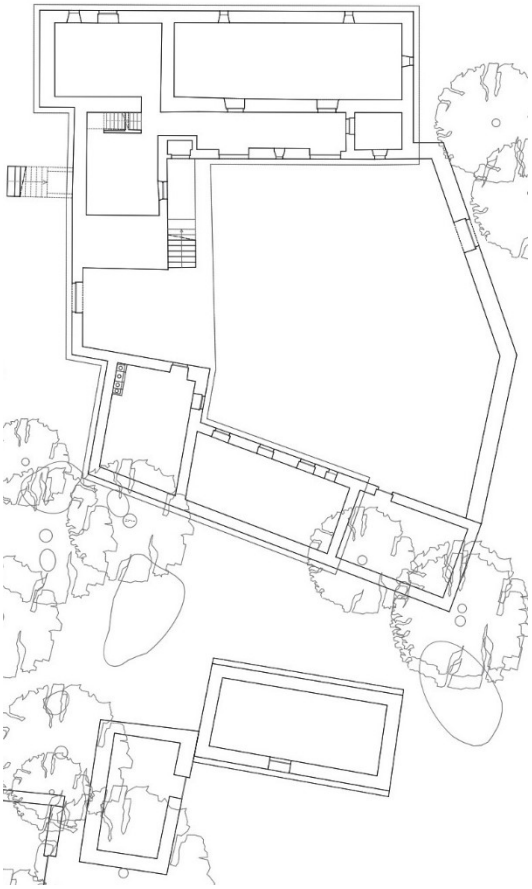


Figura 66. Planta do piso térreo da *casa senhorial.*

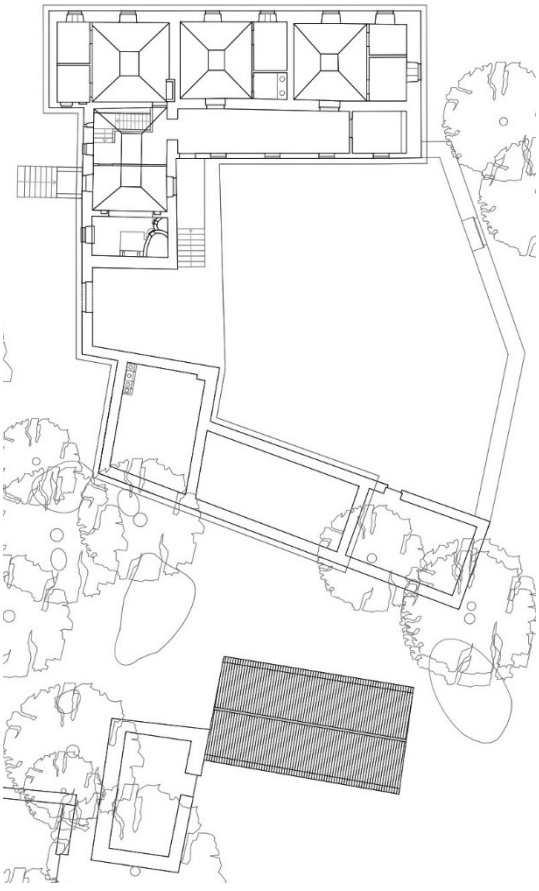


Figura 67. Planta do piso superior da *casa senhorial.*

Contudo, a *Casa da Chela*, apesar de se caracterizar pela sua planta em "U", uma *"solução ensaiada nos finais do século XVII,"*[52] a sua história, implantação e programa não correspondem à referida solução, notável pelo corpo central virado para o *terreiro* e pelas duas alas adjacentes.

No séc. XX depois do general Dantas Guerreiro deixar a propriedade a seis dos seus herdeiros, duas irmãs dessa mesma herança, em acordo com os restantes, venderam a antiga *Casa Senhorial* a um casal de *Paredes de Coura*. Depois de alguns anos como proprietários da casa, por intermédio de uma antiquária amiga da família dos actuais proprietários, o casal vendeu a casa aos Avós da autora.

Assente nas consecutivas alterações e após as intervenções dos actuais proprietários na estrutura da casa, a composição original afastou-se da sua configuração inicial, assim como, do modelo de uma *Casa Senhorial.* Actualmente entendida como *Casa de Campo/Casa de Férias*, a terceira e última fase de evolução, conclui um processo de requalificação do espaço, no qual os proprietários tentaram preservar grande parte das tradições e simbolismos. Nesse sentido, retiraram-se muitas das construções que se encontravam danificadas, compatibilizando a sua conservação com as condições e necessidades actuais. Depois de uma leitura e compreensão dos espaços existentes, foram demolidos pequenos compartimentos cujo uso já não se justificava. Do mesmo modo, foram reconstruídos outros para melhor aproveitamento das áreas interiores. No que toca a grandes tranformações pode destacar-se a laje de madeira que identificava a casa como sobradada, que foi substituída por uma laje com vigotas e o piso térreo que levou seixo, betonilha, tela asfáltica, cimento e por fim ladrilhos. As abandonadas *cavalariças* foram transformadas em dois anexos habitacionais cada um dos quais com um *mezanino*, aumentando assim o espaço, qualificando uma zona comum com lareira no piso térreo e no piso superior um espaço privativo com wc. Por fim, projectaram o telhado criando uma galeria exterior coberta, construindo-se também um novo interior definindo uma nova fachada a sul da composição com apenas 38 cm de espessura. Foram integradas uma lavandaria, uma sala de ferramentas e no espaço a "céu aberto" destinado aos cavalos, uma sala técnica com novos sistemas de água e aquecimento. A estrutura de madeira do telhado foi reconstruída, assumindo mais uma vez a telha romana (32 mil novas telhas). Uma nova cozinha no piso térreo e um murete da varanda exterior foram também construídos. Nas divisões comuns introduziram a tijoleira, enquanto nas privativas se introduziu a "*madeira de sucupira"*.

[52] Ibidem, p.267.

Figura 68. Actual *quinteiro* ou pátio interior da *Casa da Chela.*

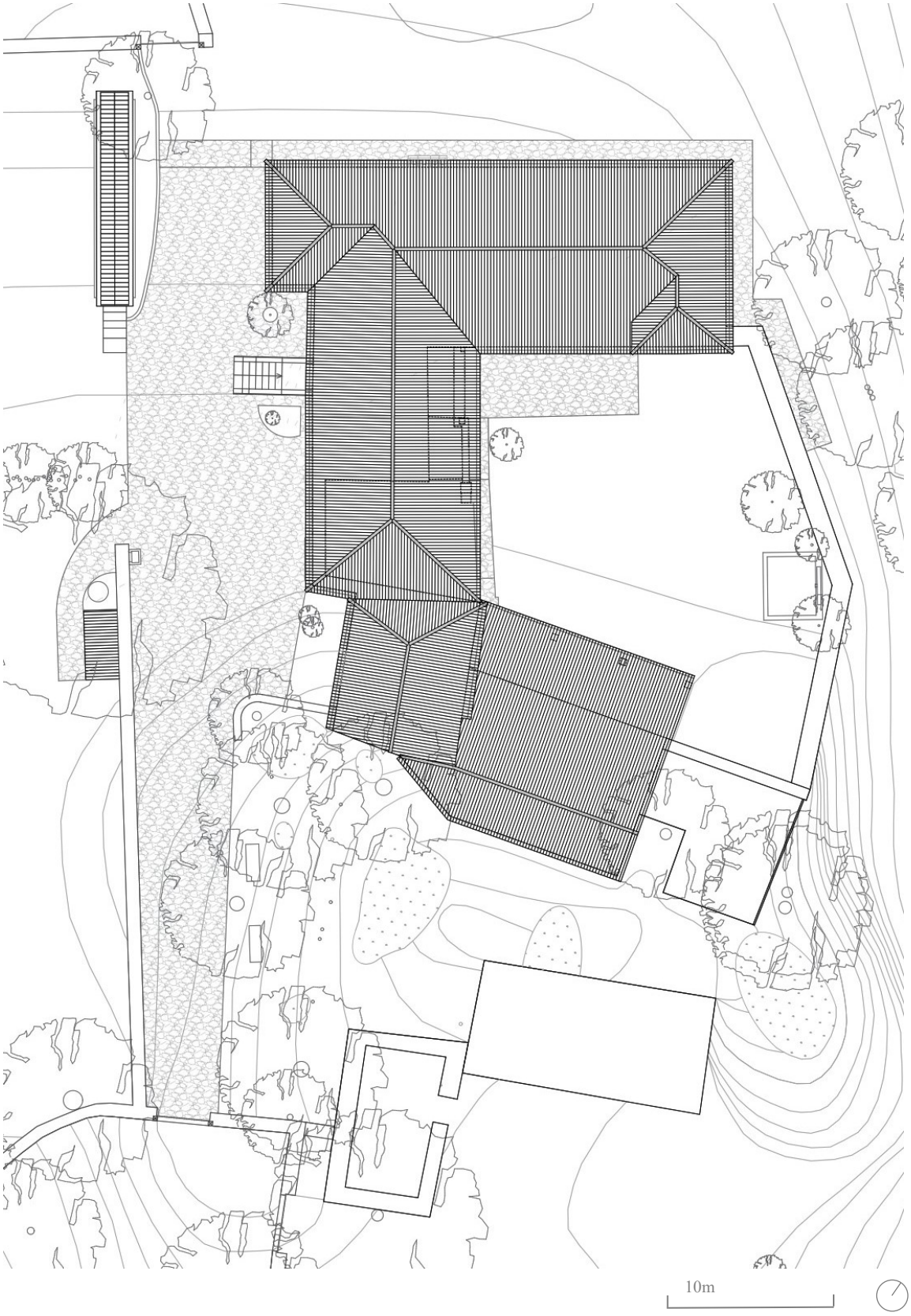


Figura 69. Planta da actual *casa de férias*, a *Casa da Chela.*

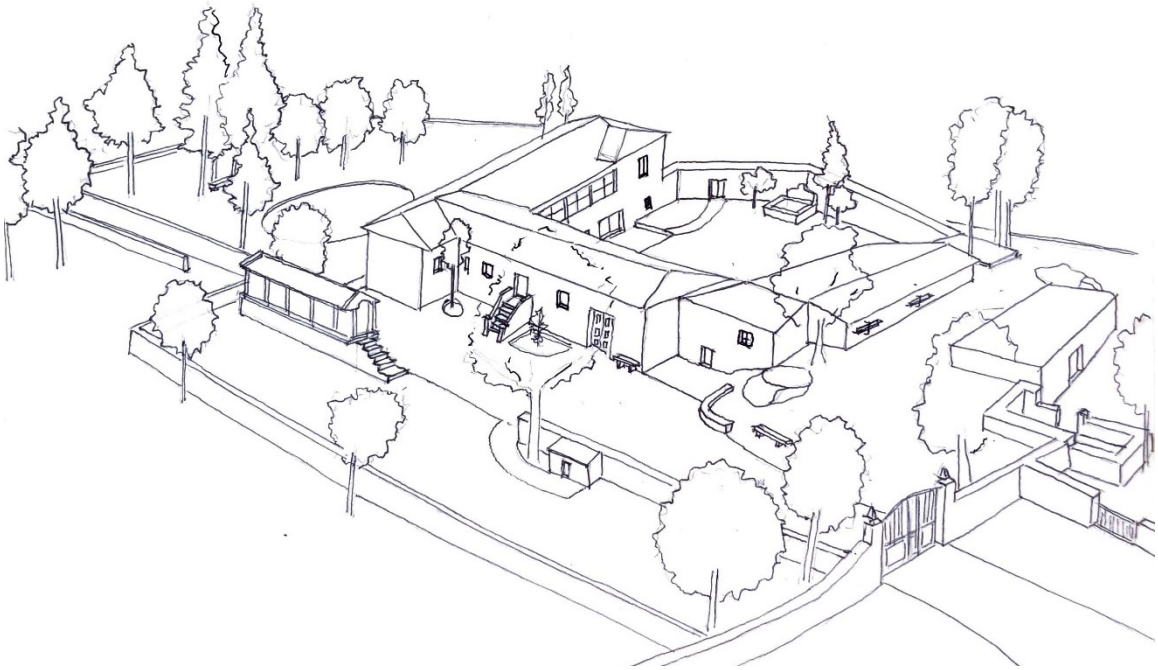


Figura 70. Desenho axonométrico da actual casa de férias e/ou de campo, a *Casa da Chela.*

Figura 71. Interior de um dos Anexos Habitacionais (2).

Figura 72. Vista da galeria exterior, dos actuais Anexos Habitacionais, Lavandaria, Sala de Ferramentas e Sala de Máquinas.

Nas paredes primitivas, atendendo ao isolamento e à comodidade interior, foi incorporada uma nova camada constituída por: tijolo de 7 cm, 4 cm de poliestireno extrudido, novamente tijolo de 7 cm, chapisco e cal resultando aproximadamente em 1m de espessura. De acordo com os proprietários, foram inseridos e preservados no piso das *cortes* os barrotes que sustentavam o antigo piso, por forma a *"manter o original e replicar o anterior"*[53]. No que toca ao tratamento do tecto, este foi restaurado, replicando a madeira em masseira: "*os tectos estavam muito danificados e nós refizemos dentro do estilo"*[54]*,* mantendo os relevos que justificavam o desenho existente. Na zona da antiga cozinha, demoliram-se os tabiques divisórios e foi usada a tijoleira no tecto, refazendo a antiga chaminé. Na galeria superior, foi adicionado um pormenor de azulejos, com intenção de dinamizar e iluminar o presente piso, enquanto que no tecto da *Capela,* podemos ainda ver peças originais do detalhe em madeira, bem como parte do restauro realizado pelos proprietários.

Relativamente à caixilharia e respectiva carpintaria, permanecem as janelas em guilhotina, contudo nos postigos do piso térreo abriram-se novas janelas, usando nuns o sistema oscilante e noutros o batente. No caso das aberturas do *quinteiro*, antiga entrada do gado, construíram-se duas grandes portas. Desde o início, foi usada a cor *"sangue de boi",* elemento característico de todas as janelas e portas da casa e preservada mais uma vez pela sua relação harmoniosa, quando contrastada com o granito acinzentado e rochoso e com a telha romana. Por fim*,* foi colocado um novo portão principal e o antigo *terreiro* da casa foi regularizado e coberto por uma superfície empedrada, acabando por estabilizar os acessos e facilitar as circulações.

De acordo com a designação actual da *Casa da Chela,* pode concluir-se que a articulação de novos corpos e a transformação dos existentes ao longo dos séculos, contribuiu para a alteração de qualquer herança histórica que lhe podia ter sido concedida. Ainda assim, apesar de apresentar uma composição híbrida, é possível reconhecer a autenticidade da maior parte dos elementos arquitectónicos*. "...há, pois, que considerar, para lá dos factores naturais (...) os factores humanos que presidem à elaboração e evolução de qualquer elemento ou instituição cultural."*[55]. Perante o conjunto de relações e correspondências espacio-temporais que puseram em causa a matriz da casa, esta ergue-se no mesmo sítio, no mesmo contexto, subsistindo das vivências das famílias que aí se instalaram. Consolidando todos os pontos que a simbolizam, denomina-se como sendo uma antiga *Casa Senhorial,* actualmente *Casa de Campo e/ou Casa de Férias,* que desde o séc. XVIII manifesta a *Arquitectura Popular* e que atende a tradições assentes na zona do *Alto Minho.*

[53] Entrevista/Conversa com os proprietários no dia 22 de Outubro de 2021 às 16:00h na Casa da Chela.
[54] Entrevista/Conversa com os proprietários no dia 22 de Outubro de 2021 às 16:00h na Casa da Chela.
[55] VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, 1ª edição, Lisboa, Dom Quixote, 1992, p.15.

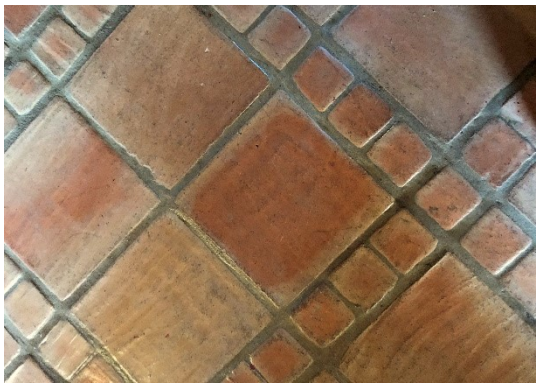


Figura 73. Tijoleira introduzida como revestimento final.

Figura 74. Tijoleira, granito existente (estrutura existente) e *madeira de sucupira.*

Figura 75. Barrotes preservados apoiados nas paredes existentes.

Figura 76. Tecto em masseira.

Figura 77. Tecto da *Capela* em restauro.

Figura 78. Pormenor de azulejos.

Figura 79. Segunda camada da tinta "*sangue de boi",* por baixo a primeira camada.

Figura 80. Telha romana.

2.3 | Casa da Igreja e Casa da Pereira

"Tem havido nesta freguesia casas importantes, como a da Chela, da Igreja, da Pereira, etc., tendo pertencido as primeiras a Braz de Antas da Gama,"[56]

Com o objectivo de clarificar a história e origem da *Casa da Chela* assim como apreender a Arquitectura existente, a investigação deu lugar à exploração de casas da mesma época. Juntamente com o presente objecto de estudo, a *Casa da Igreja* e a *Casa da Pereira* (séc. XVIII) partilham uma mesma linguagem arquitectónica. Desde o exterior em granito aparelhado, à existência de um forno a lenha na antiga cozinha, as casas destacam-se pela estrutura em madeira, pela envolvente agrícola, pela particularidade de possuírem um dos pisos semi-enterrado e pela adaptação à sinuosidade do terreno.*"...de um modo geral, as casas do período do séc. XVII/XVIII, são sempre contra o terreno, ou no sentido horizontal, ou no sentido transversal."*[57]

Apesar de não seguirem uma planta apurada pela história, e de não se orientarem segundo um determinado eixo cardial, as presentes *Casas Agrícolas* adquirem uma posição de reconhecimento dentro da história da *Arquitectura Popular* - *"Verifica-se que é nas casas rurais mais escondidas e afastadas dos centros urbanos onde se encontra ainda o verdadeiro estilo português, caracterizado (...) por uma notável harmonia de proporções."*[58].

Os sistemas construtivos e a linguagem arquitectónica que compõem uma *Casa Agrícola*, são primordialmente: a estrutura de paredes em pedra, material conseguido pela abundância de rochas graníticas em *Paredes de Coura,* acabando também por compor as soleiras e padieiras de portas e janelas; a estrutura das lajes segundo vigas de madeira; o soalho como revestimento final; as janelas e portas em madeira, e por último, o telhado de duas ou mais águas, em telha romana, suportado também por uma armação em madeira.

"A casa sobradada, além de ser do tipo urbano normal, mostra, nos níveis rurais, as mais das vezes e nos casos mais expressivos, o térreo para gado e arrumações, o andar para habitação das pessoas. Ela é fundamentalmente a casa campesina nortenha característica, de Entre-Douro-e-Minho,"[59].

[56] CUNHA, Narcizo Cândido Alves da, *Paredes de Coura: no Alto Minho*, Paredes de Coura, C.M., 1979, p.380.
[57] Cf.TÁVORA, Fernando, *Discursos sobre Arquitectura, Arquitecto Fernando Távora,* Auditório da Reitoria da Universidade do Porto, 17 de Janeiro, 1990.
[58] TEIXEIRA, Manuel C.; *Arquitecturas do Granito Arquitectura Popular*, Município Arcos de Valdevez, Arcos de Valdevez, 2013, p.7.
[59] VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, 1ª edição, Lisboa, Dom Quixote, 1992, p.18.

Figura 81. *Casa da Igreja* ao fundo e *Igreja de São João de Bico* à esquerda.

Figura 82. *Caminho das Pereiras* e *Casa da Pereira.*

Figura 83. Terreno da *Casa da Igreja.*

Figura 84. *Casa da Pereira.*

Habitualmente, o terreno para implantação da casa é escolhido conforme as suas características e potencialidades. Acompanhando o seu desnível, pretende-se que o piso seja semi-enterrado, por forma a proporcionar um espaço de abrigo aos animais. De igual modo, o contexto agrícola, representa também uma característica primordial, uma vez que dá trabalho, sustento e fundamento a todos os factores do espaço.

Realizaram-se algumas comparações possibilitando uma leitura referente às diferenças e às semelhanças entre os edificados. No que toca ao desenho das plantas e à consequente implantação, constataram-se algumas parecenças no que diz respeito à aproximação de uma planta em "L". Nesse sentido, e recordando o modo como se fixam os povoados no *Alto Minho*, as presentes três casas localizam-se também afastadas do centro.

Perante a estratificação e evolução distinta de cada casa, é possível afirmar que a relação entre as mesmas, apesar de partirem de uma mesma base, de responderem a necessidades do mesmo âmbito e de partilharem um mesmo contexto, a sua configuração vai-se construindo individualmente com o decorrer dos anos. Desta forma, a casa que mais semelhanças partilha com a *Casa da Chela* é a *Casa da Igreja,* pertencendo também à freguesia do Bico. Ambas se fundam numa planta em "L" criando um canto, de alguma forma privado, configurando um espaço virado para o interior. Assumindo esse formato, encontramos no interior, um alçado[60] definido pela abertura de uma varanda e rematado pelo encontro de umas escadas. Tal como na *Casa da Chela*, actual e tendencialmente o espaço da varanda é transformado numa galeria, de modo a configurar mais uma divisão interior. Ainda no conjunto, evidenciamos a presença de alguns campos de cultivo, de um *espigueiro* e de alguns volumes desfasados e reconhecidos como apoio à prática agrícola. Em conformidade, o interior foi também intervencionado, introduzindo uma laje em vigotas com revestimento em tijoleira e os caixilhos em guilhotina foram substituídos por outros fora da matriz inicial.

Comparativamente à *Casa da Pereira,* apesar desta apresentar uma planta também em "L", apercebemo-nos facilmente que o desenho inicial parte apenas de um rectângulo, onde mais tarde surge um novo volume, idealizando a planta pretendida. Ao contrário da *Casa da Igreja* e da *Casa da Chela,* esta propriedade não dispõe de grande terreno de cultivo, nem de um *espigueiro,* mas sim de um *sequeiro* onde se encontra o portão principal de entrada.

60 *"Apresentam a fileira de janelas corridas numa fachada lisa; o telhado, com beiral, é de quatro e três águas"[60].* Ibidem, p.19.

Figura 85. Imagem satélite da *Casa da Igreja* e à direita a Igreja *São João Baptista de Bico*.

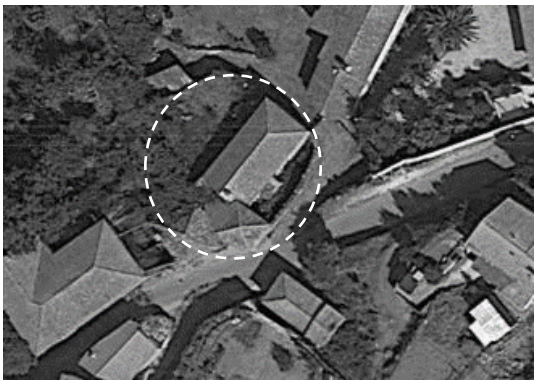


Figura 86. Imagem satélite da *Casa da Pereira*.

Figura 87. Antiga varanda da *Casa da Chela.*

Figura 88. Recanto ou pátio interior da *Casa da Igreja.*

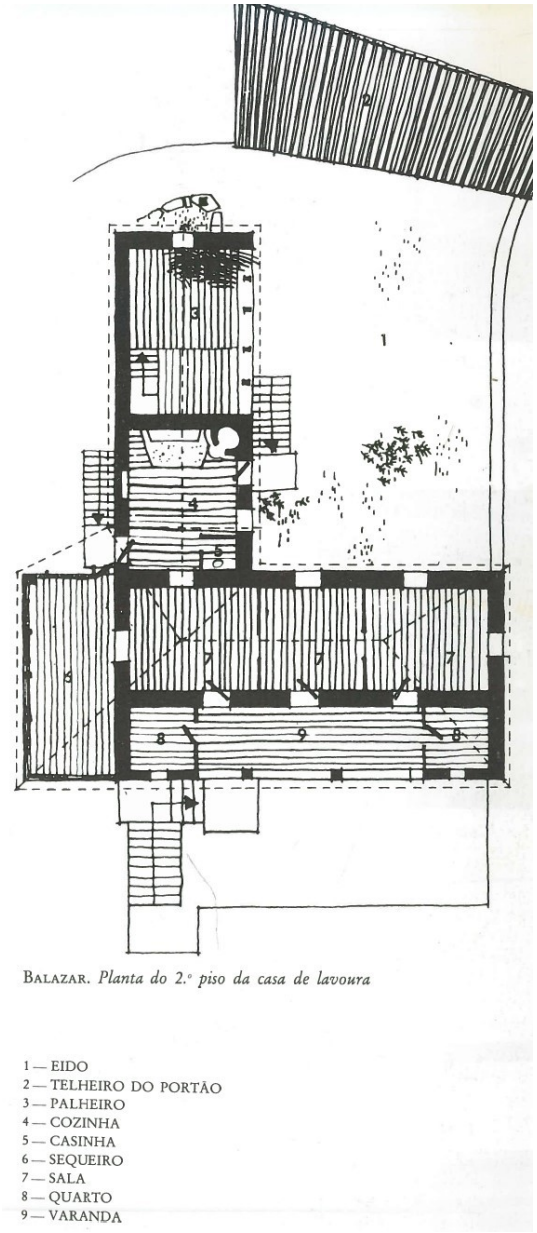


Figura 89. Exemplo de uma planta do piso superior de uma *casa de lavoura - - Arquitectura Popular em Portugal,* 3ª Edição, Associação de Arquitectos

Pode afirmar-se que estamos perante um conjunto de habitações sobradadas que partilham semelhanças no que diz respeito à organização interior. Estas distinguem-se mais uma vez pelos dois pisos e pela disposição funcional entre os mesmos, nomeadamente a cozinha, a sala ou as salas com as alcovas e a *comua* no piso superior, sendo que no piso térreo se encontram as *cortes*, os arrumos e possivelmente um *sequeiro*.

Deve referir-se que nestas duas *Casas Agrícolas* não se construiu uma *Capela* (não receberam o culto religioso), um *quinteiro*, nem *cavalariças* depreendendo-se consequentemente que a propriedade não cresceu suficientemente ao ponto de se comparar com a *Casa da Chela.* Relativamente ao *quinteiro,* o objecto de estudo destaca-se por ser o único que se desenvolve em torno de um pátio interior. Ainda assim é necessário salientar dois pequenos pormenores relativos à construção: o telhado deste tipo de casas devia ser revestido em telha romana e o sistemas de janelas devia ser em guilhotina. Mesmo que a *Casa da Chela* utilize estes dois pormenores, a *Casa da Igreja* e a *Casa da Pereira* não só não possuem janelas em guilhotina, como optam pela telha marselha. Quanto ao tratamento interior das três casas, podemos encontrar o tecto em masseira, a tijoleira como revestimento final, o remate das namoradeiras e das portadas e os postigos no piso térreo possibilitando o arejamento das *cortes.*

Em suma, conclui-se que apesar dos três casos citados apresentarem algumas diferenças, principalmente no que diz respeito aos acabamentos e ainda à forma como a casa se vai consolidando ao longo dos anos, fundam-se numa mesma época arquitectónica, seguem a mesma planta base e partem dos mesmos princípios construtivos.

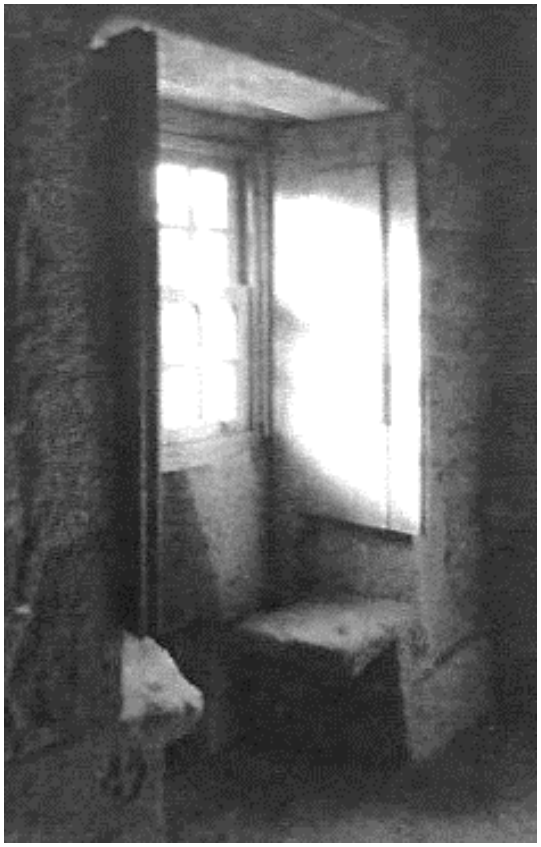


Figura 90. Janelas em guilhotina com portadas e namoradeiras - *Arquitecturas do Granito Arquitectura Popular,* Manuel C. Teixeira.

Figura 91. Janelas em guilhotina com portadas e *namoradeiras* da *Casa da Chela*.

Figura 92. Vista interior da *Casa da Pereira,* cozinha com forno antigo.

Figura 93. Novo caixilho da *Casa da Igreja.*

Figura 94. As *cortes* no piso térreo da *Casa da Pereira* com novas vigotas à vista.

Figura 95. Armação em madeira do telhado da *Casa da Chela,* estrutura da masseira à vista.

2.4 | Perspectiva de intervenção

"- uma procura das oportunidades que se podem pôr ultimamente ao serviço do novo programa e da nova encomenda. Um vaguear pelas ruínas, não por nostalgia do que se perdeu, mas com o prazer de se aproximar e intervir"[61].

Na aproximação com a história e evolução da *Casa da Chela* manifestaram-se algumas dúvidas relativamente ao estado actual do edificado. De forma a responder às consecutivas intervenções que se sinalizaram ao longo da sua descrição, propõe-se neste subcapítulo apresentar uma possível perspectiva de intervenção que reconheça a condição existente.

Ao invés de estagnar numa composição híbrida, adulterada e desligada dos alicerces que a fundaram, a presente intervenção justifica-se pela necessidade de conservar e salvaguardar a pré-existência. Após a materialização de uma maquete 1:200 da propriedade, constatou-se uma planta determinada pelo somatório de espaços e dependências, incorporados ao longo das fases de evolução da casa, concluindo-se uma estratificação temporal. Focados na ambígua relação provocada pelo aparecimento destes volumes, a ala Sul e/ou as antigas cavalariças é a que se encontra mais comprometida e desligada do conjunto. Visando a sua reabilitação, colocam-se duas questões: "Como pode a intervenção ir ao encontro da pré-existência?" e "Qual o potencial espaço para uma intervenção?".

Detectados os pontos que desconsideram o núcleo original, documentaram-se quatro perspectivas de intervenção. A primeira sugere uma requalificação geral da construção da casa, recuperando os sistemas construtivos tradicionais. A segunda, procura reabilitar o espaço dos anexos habitacionais segundo uma reorganização da disposição interior. A terceira pretende unificar todo o complexo, explorando uma ligação mais directa entre a *Casa da Chela* e a proposta da *Casa de Férias*. A requalificação do desenho da cobertura uniformizando as formas e a clareza dos espaços que fragmentam a actual planta, recordando a configuração volumétrica da ala Sul e dos limites das antigas *cavalariças* constitui a quarta e última proposta.

Depois de estudar os motivos que originaram esta intervenção, de questionar a melhor estratégia e de colocar em discussão as possíveis intervenções, para além das problemáticas enunciadas procurou-se dar resposta às exigências actuais e necessidades dos Avós da autora.

[61] DAL CO, Francesco; GRAÇA MOURA, Nuno, *Souto Moura Memória Projectos Obras*, Casa da Arquitectura, Matosinhos, 2019, p.27.

Figura 96. Desenho axonométrico da intervenção perspectivada.

Consciente da impossibilidade de apurar todos os aspectos, chegou-se à conclusão que a presente acção surge como algo que não se impõe, surge como uma oportunidade de representar uma aproximação ao passado na esperança de dissimular as discordâncias reveladas - *"Passado e presente fundem-se e o tempo encarregar-se-á de camuflar as diferenças, (...)"*[62]. Com isto pretende-se reconhecer duas visões: uma que apela à permanência das formas compostas pelas fases de evolução da casa e outra, que segundo a presente proposta de intervenção, visa a recuperação das características originais proporcionando um diálogo mais coerente da casa. Por este meio pretende-se dar resposta a possíveis críticas após uma observação atenta do objecto de estudo.

Reunindo os pontos de cada proposta de intervenção, a acção final pretende criar uma união entre as quatro possibilidades de reabilitação enunciadas, sintetizando a intervenção numa única solução. Desta forma, considerou-se o corpo da ala Sul como o espaço potencial a intervir, configurando simultaneamente a sua ligação ao projecto da *Casa de Férias* e recuperando algumas das composições que definiam os volumes da casa inicial.

Para dar conhecimento sobre como definir espacialmente a presente intervenção, começa-se por clarificar que a requalificação geral da construção da casa (os antigos sistemas construtivos), apesar de determinante, pode ser entendida, nos dias de hoje, como uma acção algo invasiva e descabida. Neste sentido, e focando-nos apenas na ala Sul, antigas *cavalariças* e zona onde se evidencia a segmentação dos espaços, pretende-se numa primeira fase, a fusão da sua volumetria com o corpo inicial da casa materializando um desenho uniforme e mais claro em torno do *quinteiro*. Tendo em vista uma composição e uma planta mais coerente da Casa da *Chela,* a reconstrução deste espaço baseia-se numa aproximação ao que seria a antiga volumetria e antigos "limites" do telhado das *cavalariças.* Através da regularização dos "telhados", procura-se uma unidade de conjunto e não uma hierarquia de espaços e dependências. Ainda assim, o novo desenho da ala Sul procura manter e conservar o espaço existente da galeria, construído pelos actuais proprietários, presente na proposta de intervenção. Por forma a garantir ambos os espaços, a volumetria das antigas *cavalariças* e a galeria empedrada existente, idealizou-se um desenho claro pontuando apenas o "esqueleto" do espaço existente. Deste modo, vemos afirmados quatro pilares, três existentes e um novo, e seis vigas, que a partir do novo telhado se projectam até aos mesmos. Finalizando a composição, a nova estrutura possibilita ainda a dualidade de espaços: podendo ser um espaço coberto ou um espaço aberto definido apenas pela presença de seis vigas e quatro pilares. Determinadas pela inclinação do telhado, as vigas projectadas permitem desta forma um sistema de cobertura funcionando como um "toldo" sobre a galeria. (Ver Figura 100).

[62] TOMÉ, Miguel, *Património e Restauro em Portugal* (1920-1995), Porto: FAUP Publicações, 2002, p.236.

Figura 97. Planta de cobertura actual da *Casa da Chela*.

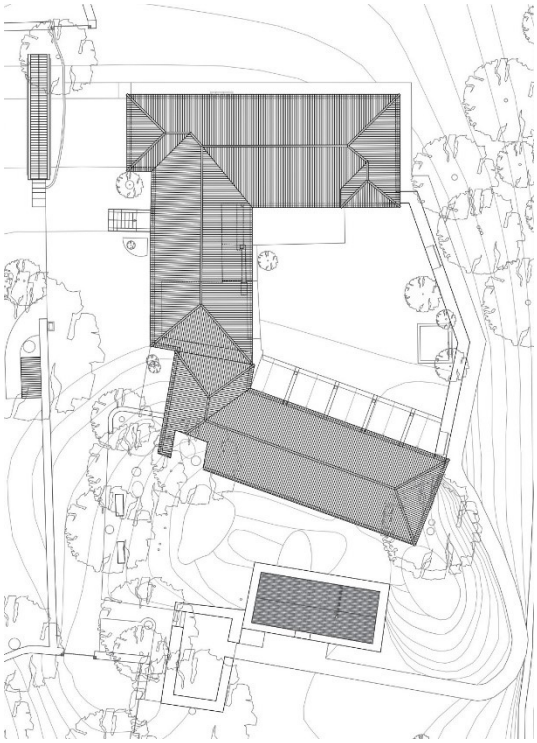


Figura 98. Planta de cobertura da perspectiva de intervenção na *Casa da Chela.*

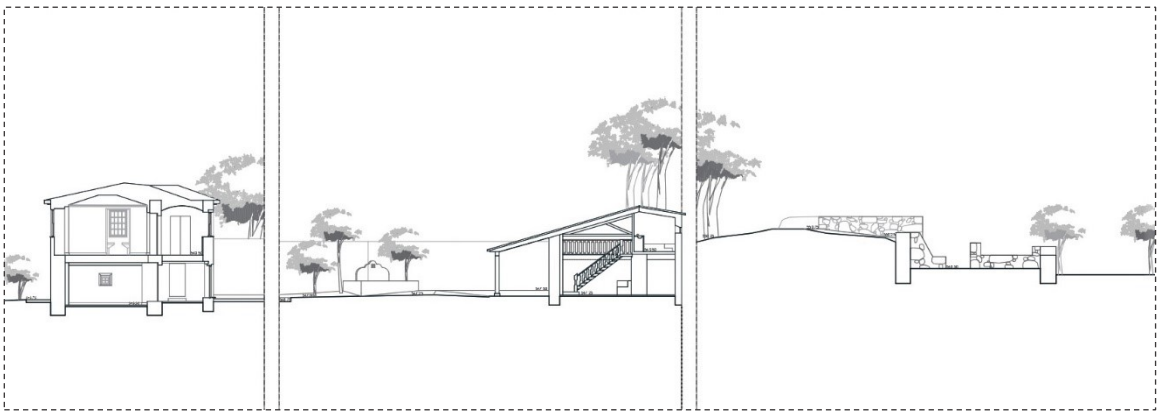


Figura 99. Corte transversal actual a passar pela ala Sul, *Casa da Chela*.

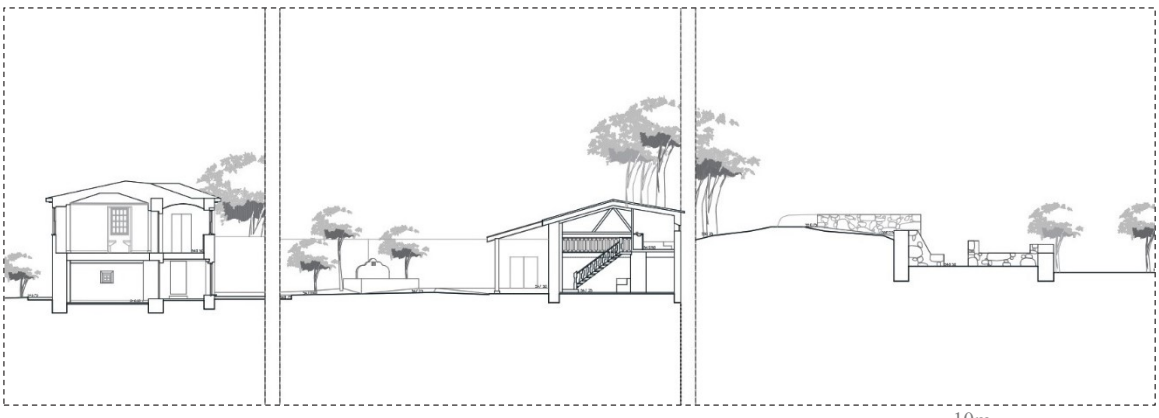


Figura 100. Corte transversal da proposta de intervenção a passar pela ala Sul, *Casa da Chela*.

Numa segunda fase, para assegurar a ligação do núcleo original ao projecto da *Casa de Férias,* projecta-se um percurso com início no pátio central e fim no empedramento do novo projecto. A nova passagem é garantida pela abertura de uma porta no muro existente do *quinteiro*, promovendo a continuação da galeria exterior pelo "caminho" empedrado, que tem como principal cúmplice a sinuosidade da topografia.

Por último, redefinir o programa dessa ala, procurando uma aproximação ao programa da *Casa de Férias*, tornando-o mais claro, directo e vinculado às circulações e espaços da *Casa da Chela*, é possivel determinar a intervenção na ala Sul como charneira no projecto e entre os dois momentos de reabilitação.

Segundo esta perspectiva principia-se a convivência dos espaços da casa e a tentativa de uma proximidade à autenticidade que no passado a fundou. Ainda assim, reconhece-se que a reformulação dos espaços, do "somatório" pode ir de encontro à cronologia e à história da casa. Deste modo, a ideia funda-se também na conservação da identidade destes espaços, como por exemplo, as *cavalariças*.

A proposta que se finaliza e perspectiva, proporcionou, antes de mais, uma maior relação entre a casa e a autora, assim como entre as estruturas vernaculares "adjacentes ao corpo principal" e a *Casa da Chela*. É de salientar a congruência e a reciprocidade entre a *Casa da Chela* e entre a *Casa da Eira* e o *Curral* na realização desta perspectiva de intervenção. Deduzindo-se a importância que têm desde o século XVIII, conclui-se a constante necessidade de proteger as pré-existências, o conhecimento e a razão que espelham, pois, enquanto arquitectos, procura-se ressalvar o que no passado foi tomado por garantido.

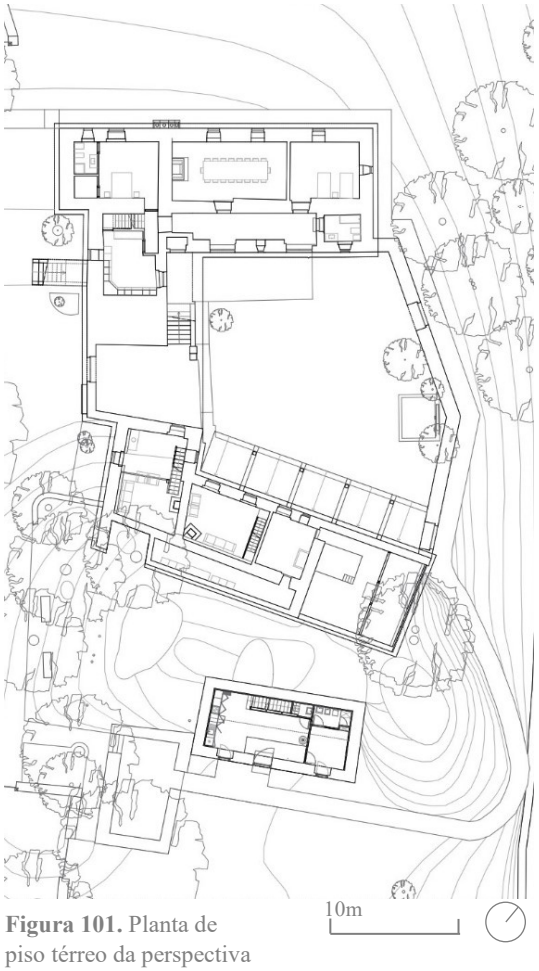


Figura 101. Planta de piso térreo da perspectiva de intervenção na *Casa da Chela*.

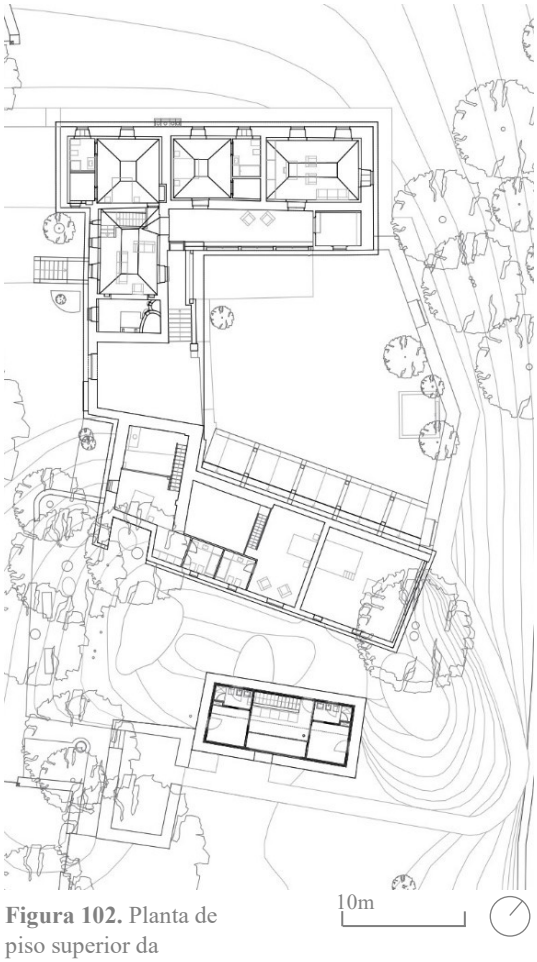


Figura 102. Planta de piso superior da perspectiva de intervenção na *Casa da Chela.*

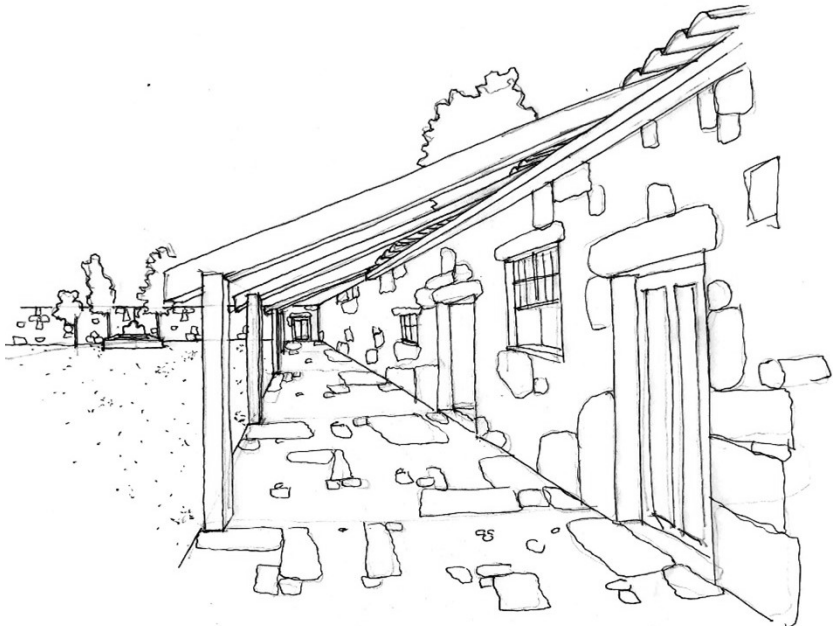


Figura 103. Desenho do espaço da galeria segundo a proposta de intervenção.

2.5 | Da memória à construção de uma identidade

"Só no invisível, que a visão esconde, aparece o ser da casa."[63]

O processo de levantamento da *Casa da Chela,* que conduziu à compreensão do plano topográfico existente e da análise dos diferentes sistemas construtivos e materiais, visa também, reunir o conjunto de "significados" que materializam a singularidade de todos os aspectos visíveis e invisíveis da casa. *"Existem, estão presentes, lêem-se e constituem o cenário que conforma e qualifica o espaço onde vivemos a nossa contemporaneidade, onde o princípio e o fim e o intervalo se cristalizam numa síntese intemporal."*[64] Após o processo de recolha e a proposta de intervenção, cria-se um debate sobre que matérias priorizar em prol da "construção de uma identidade" para o projecto das estruturas vernaculares. Adquirida a planta base através da conjugação dos desenhos realizados pela autora e do levantamento de medições rigorosas e exaustivas do sítio, consolida-se o actual desenho do edificado. Dada a "relação" da autora construída com o lugar, o presente subcapítulo pretende revelar as primeiras intenções e decisões do processo de criação arquitectónica necessário à proposta para a *Casa de Ferias* na *Casa da Eira* e *Curral. "(legitimada pela vontade de reencontro com a memória e de recuperação didáctica do passado enquanto território de conhecimento)."*[65]

O processo de procura foi determinante para a construção de uma relação e de uma tomada de consciência perante o que priorizar e aquilo a que dar significado. Caracteriza-se por um vínculo proporcionado pela aproximação física, sensorial, temporal, histórica e, em certa medida, pessoal*, "Esta capacidade de medir e de sentir o tempo possibilita o aparecimento da capacidade sentimental."*[66]

Por meio da *"*memória" experienciada, pretende-se uma (re)interpretação do lugar dando a conhecer, para além do trabalho prático que é o levantamento, a informação existente nos documentos escritos e ou/livros da *Casa da Chela* mas, principalmente, o testemunho que é o "lugar" e os Avós da autora, *"foi a consideração da História como instrumento operativo para a construção do presente, (...) fazendo cada edifício um corpo vivo, um organismo com alma e linguagem próprias."* [67] Nesse sentido, mais do que a construção e a composição arquitectónica "levantada", entende-se como importante referir que a intenção é sobretudo evocar a memória vivida pelas personagens, os Avós, pois são estas que constroem a identidade do espaço

---

[63] D'OREY MANOEL, Bernardo*, Fundamentos da Arquitectura em Raul Lino*, Universidade Lusíada Editora, Lisboa, 2012, p.83.
[64] COSTA, Alexandre Alves, *Introdução ao estudo da história da arquitectura portuguesa*, Porto, Faup Publicações, 2007, p.134.
[65] TOMÉ, Miguel, *Património e Restauro em Portugal* (1920-1995), Porto: FAUP Publicações, 2002, p.77.
[66] D'OREY MANOEL, Op cit., p.34.
[67] TÁVORA, Fernando, *Teoria Geral da Organização do Espaço–Lição das constantes,* Porto, Faup Publicações, 1993, p. X.

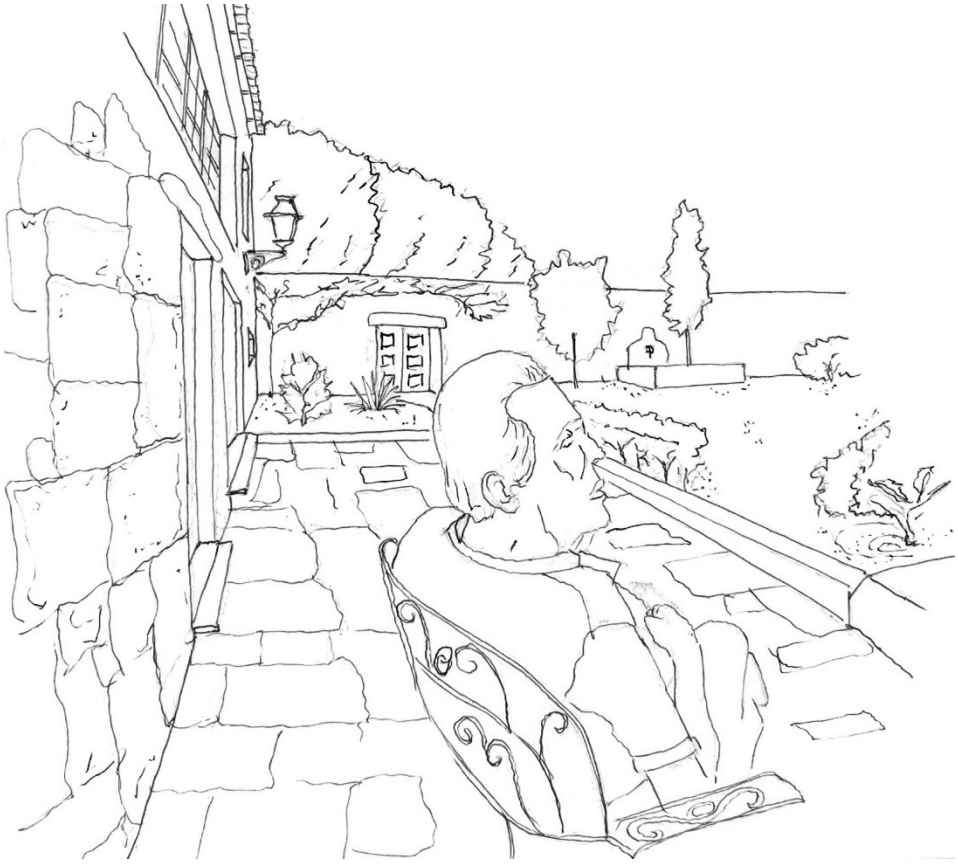


Figura 104. Desenho do Avô da autora sentado na *eira* do *quinteiro.*

Figura 105. Grupo de pessoas do *Bico* a tocar e cantar no *sequeiro* da *Casa da Chela.*

- *"A memória é uma imanência do universo, na medida em que a natureza é a casa que o homem habita."*[68]

Ao longo do processo, constatou-se que não seria o levantamento da *Casa da Chela* que iria responder às perguntas que se colocaríam durante a realização do projecto da *Casa de Férias.* De forma mais complexa, o levantamento acabou por não representar apenas a base para os conhecimentos construtivos, mas especialmente a base que uniu e aproximou todos os intervenientes. Esta base interliga-se por meio da história, do contexto, das vivências e do homem, criando um todo. Nesse sentido, é por meio de relações, vínculos e laços que a constante construção do lugar é a resposta para os conhecimentos necessários à materialização do projecto. Podemos afirmar, que não é a tipologia habitacional estudada que vai promover as soluções projectuais para as duas estruturas agrícolas vernaculares existentes, mas sim o universo que compreende todos os níveis da aproximação ao sítio.

Representa uma necessidade para o projecto entender e explorar a informação proveniente das vivências espaciais, na dinâmica existente e na apropriação do Homem ao longo dos anos. A "recordação" acaba por unificar momentos, testemunhando e solidificando vestígios de uma herança crescente e construtora de uma "personalidade". Assim afirmava Fernando Távora, aquando do processo projectual da sua casa, a Casa da Covilhã, *"cruzamos as nossas vidas: (...) o seu desenho aí está escrevendo e recordando a história do nosso romance."* [69] A passagem do tempo, os fragmentos de história vivida, a percepção de um interior e exterior do edificado e a envolvente definida pela paisagem e natureza, materializam uma memória própria do sítio e marcante para a narrativa que se forma a cada dia. Há o cuidado de acompanhar o crescimento destes espaços, marcados pela vida que lhes foi atribuída.

Como refere Bernardo D´orey Manoel, acerca da arquitectura de Raul Lino, *"E o próprio homem ainda é fragmento dessa mesma natureza em que aparece a possibilidade do sentido do todo."*[70]

O cenário que dá palco aos momentos de "construção de uma identidade", caracteriza-se assim pela enumeração de alguns aspectos consolidados aquando de um breve passeio pela *Casa da Chela.* Em conversa com os Avós…

- O que significa chela?- perguntou a Francisca.
- Chela é o feminino de céu.- respondeu a Avó serenamente.
- Quando viemos para cá, as pessoas diziam " Chanla"!- acrescentou o Avô.

[68] D'OREY MANOEL, Bernardo, *Fundamentos da Arquitectura em Raul Lino*, Universidade Lusíada Editora, Lisboa, 2012, p.25.
[69] TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora, com artigos de Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza, Bernardo Ferrão e Eduardo Souto Moura e com Grafismos de Ana Maria Chora*, Lisboa, Blau, 1993, pág.130.
[70] D'OREY MANOEL, Op cit., p.79.

Figura 106. *Casa do Marco* de Raul Lino - *Fundamentos da Arquitectura em Raul Lino*, Bernardo D'Orey Manoel.

Figura 107. *Casa da Covilhã* de Fernando Távora.

Por forma a compreender a identidade que promove esta "construção" , é necessário entender qual a "base" onde assenta a "ideia do lugar". Referente a "lugar" e às construções que dão corpo à composição, *"afirmava-se o valor da arquitectura vernácula como fundamento da identidade cultural de um povo, como suporte de formas de habitar e como fonte de conhecimento:"*[71].

Partindo do depuramento das características visuais e formais, pretende-se demarcar qual a essência consonante que individualiza o lugar. *"É na arte que descobrimos que a verdadeira identidade são as coisas que permanecem em si mesmo com o sentido que adquirem no mundo humano."*[72] São as "coisas" que necessitam de uma (re)interpretação material, necessitam de uma leitura assente na memória e nos traços mais intrínsecos do lugar. Salienta-se o granito, a atmosfera arborizada, a paisagem, a cor *"sangue de boi",* o *espigueiro*, as janelas em guilhotina, os *postigos* e por fim, o aroma a campo envolvendo e corporizando cada participante.

Contudo, reconhece-se a possibilidade de interpretações errónias aquando da materialização destas "coisas". Constatar que a intenção para a nova "construção" não é a sua concretização ou recriação, mas sim uma reconstrução desta essência baseada no balanço entre as condicionantes que são o tempo, o lugar e o homem. Pretende-se que se reconstrua em si mesma, sendo o Homem acolhido e acomodado segundo as disposições do espaço [73].

A réplica de códigos compositivos identifica-se como excessiva e desmedida quando relacionada com o lugar, com o tempo e sobretudo com a história das estruturas de apoio agrícola. Estaríamos de alguma forma a copiar antigas estratégias, ao invés de dar continuidade ao existente na concretização do actual projecto de intervenção (*Casa de Férias*). Neste sentido, a atitude pretendida não é a de mimetizar, mas a de oferecer primazia à relação do Homem com a paisagem.

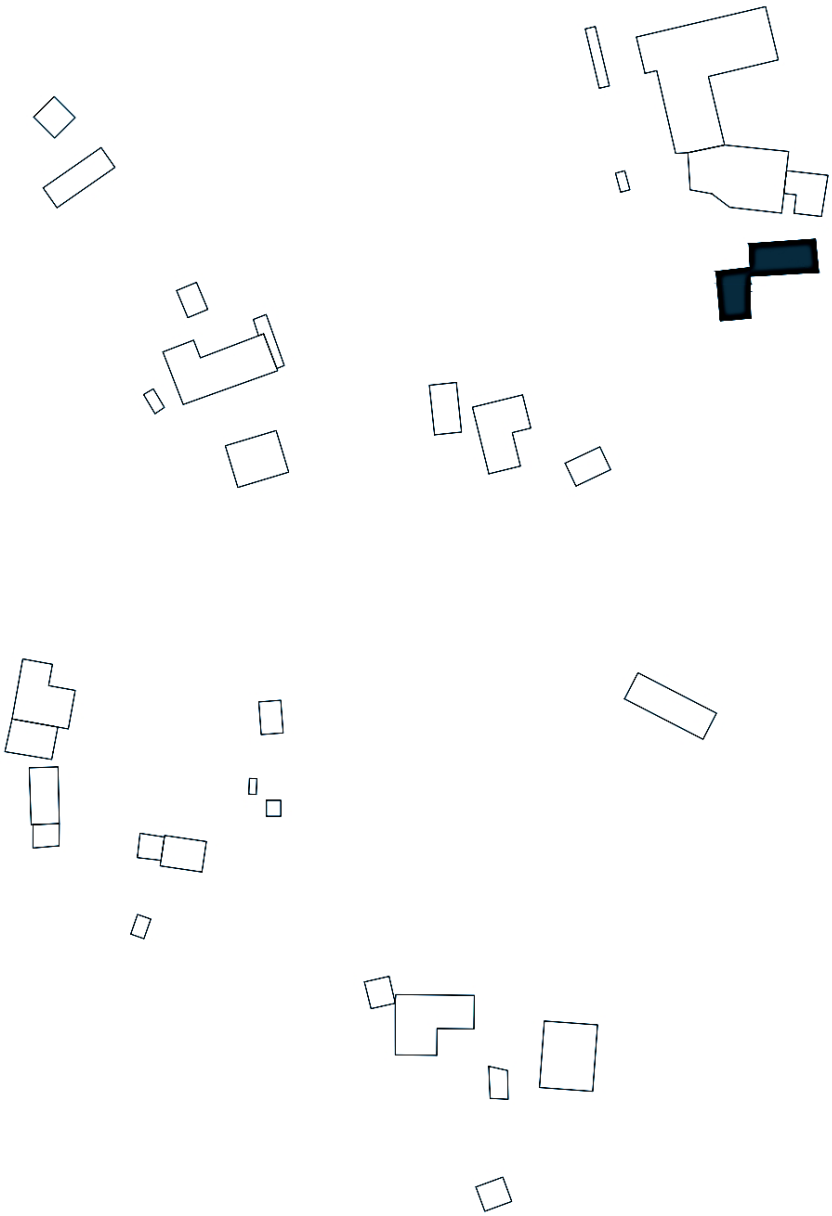
---

[71] TOMÉ, Miguel, *Património e Restauro em Portugal* (1920-1995), Porto: FAUP Publicações, 2002, p.156.

[72] D'OREY MANOEL, Bernardo, *Fundamentos da Arquitectura em Raul Lino*, Universidade Lusíada Editora, Lisboa, 2012, p.80.

[73] Ibidem, p. 33, *"a casa constrói com o seu interior e o seu exterior uma totalidade na qual a vida decorre. Nós somos, vivemos a nossa vida, na obra construída. (...) Somos, na relação com o espaço, seja ele cheio ou vazio, geridos pelas suas disposições"*.

Figura 108. Desenho de um momento em família na cozinha da *Casa da Chela.*



CAPÍTULO III ***CIRCUNSTÂNCIA,***

Casa da Eira e Curral

3.1| Lugar

Atravessando o portão da *Casa da Chela,* avistamos do nosso lado direito um primeiro terreno. Esguio, plano e verde é constituído por uma *eira* que durante muitos anos esteve entregue à lavoura, denominando-se *Campo da Lavoura da Eira.* A Norte, acompanhado de duas pré-existências vernaculares, encontramos dispostos o *Curral* e adjacente a ele um volume ligeiramente maior, a *Casa da Eira*.

Adjacentes ao conjunto da *Casa da Chela,* adaptados à topografia e marcados pela "revolução agrícola" das *Casas Senhoriais*, a *Casa da Eira*, o *Curral* e o *Espigueiro (*não se encontrando este, junto dos dois primeiros), apesar de desenvolverem funções distintas, trabalhavam em conjunto e eram dependentes entre eles. Nos dias de hoje, "*subentendendo-se um laço de pertença cultural e físico a um contexto,"*[74] são considerados exemplos de *Arquitectura Vernacular* e entendidos como testemunhos de usos e de formas tradicionais.

As três construções, e como induz o termo "*vernacular"*, face a um conjunto de condições que se impuseram, tiveram origem na reacção do homem com o meio rural *"a casa rural, é (...) um verdadeiro instrumento agrícola que é preciso adaptar às necessidades de exploração da terra,"*[75] e na necessidade de salvaguardar a produção e o gado. Promotores das actividades e práticas comerciais, estas dependências eram responsáveis pelo tratamento e armazenamento da produção agrícola. Encontrando-se intrinsecamente ligados à cultura, ao estilo de vida das pessoas e por serem a expressão cultural e o reflexo do trabalho das comunidades, são maioritariamente, hoje, reconhecidos pela hierarquia social que simbolizam enquanto *Arquitectura Popular*. Contudo, deixaram de ser definidos apenas como formas simples de abrigo com funções próprias, mas acompanhando o desenvolvimento do *Homem* ganharam resiliência e reconhecimento arquitectónico.

"Embora o universo rural de que essa arquitectura era expressão tenha desaparecido, é possível adaptar essas estruturas herdadas do passado aos padrões de vida contemporâneos e dotá-las dos níveis de conforto hoje exigíveis."[76]

Por forma a interpretar as circunstâncias do lugar, a *eira* confinante com os dois corpos acaba por ser o espaço que melhor o define. Apresentando-se como composição base no conjunto pré-existente, era no passado o espaço que determinava as práticas e funções de apoio à condição agrícola.

---

[74] DOMINGUES, Álvaro. *Vida no Campo*. Dafne Editora, Porto, 2011, p.197.

[75] VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, 1ª edição, Lisboa, Dom Quixote, 1992, p.13.

[76] TEIXEIRA, Manuel C.; *Arquitecturas do Granito Arquitectura Popular*, Município Arcos de Valdevez, Arcos de Valdevez, 2013, p.122.

Figura 109. O "lugar", vista da *Casa da Eira* de quem está dentro do *Curral*.

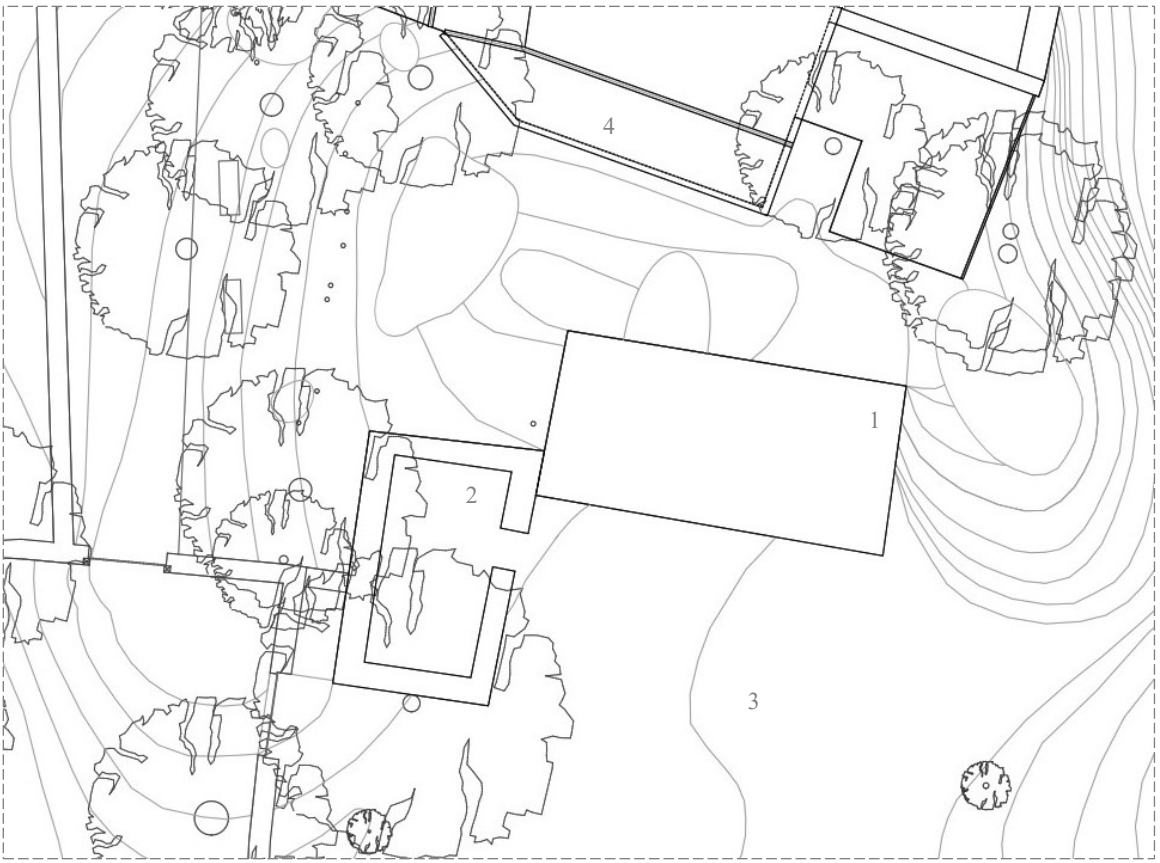


Figura 110. Planta do lugar com a identificação das zonas: 1. *Casa da Eira*, 2. *Curral*, 3. *Campo da Lavoura da Eira* e 4. Anexos Habitacionais.

Infelizmente, *"a perda da função provoca um sentido de destruição pelo esvaziamento do carácter social e cultural do objecto."*[77]

É necessário explicar que a *Casa da Chela* compreende mais do que uma *eira.* Normalmente o campo da *eira* estaria associado a um campo de cultivo, a um *espigueiro* e por vezes compreendia um espaço com arrumos de apoio à produção, a *Casa da Eira*. Neste caso, a primeira *eira* encontra-se na *Lavoura da Eira* e a outra situa-se ao lado do *terreiro* e consequentemente do *espigueiro*.

Partindo para a compreensão de aspectos como a função, a implantação e a caracterização, o espaço da *eira* é determinante. Identifica-se como um *"terreno liso e duro ou lajeado onde se debulham e secam os cereais e legumes"*[78]. Composto por terra, sendo plano e podendo ter diferentes tamanhos, é frequente encontrar *espigueiros* em torno das *eiras*, facilitando o transporte dos cereais depois de malhados e mais tarde naqueles armazenados.

Julga-se importante salientar, que as dependências vernaculares não se identificam como "património" nem como "monumento". Porém, segundo Jorge Alarcão *"Património (patrimoine, heritage) é, como dizem os dicionários "herança"; o que os pais deixam aos filhos (...), o que uma geração recebe da(s) precedente(s). Mas a herança é também 'recurso'."*[79] Assim, as presentes dependências afirmam-se pela herança e pela história que evocam em cada tempo.

Choay constata que, *"o termo "património" passou a ter o desmedido poder semântico de acumular as acepções linguística, literária (oral e escrita), plástica, arquitectural, urbana, territorial..., quer sejam tomadas à escala local, nacional ou mundial."*[80] Deste modo, reconhecidas pelo valor histórico e de antiguidade, podemos através da sua construção supor um património construído e atribuir valores do passado, conferindo através da memória, identidade.

Atendendo às pré-existências, o *espigueiro*, onde se guardavam as espigas [81], apresenta uma forma rectangular, comprida e está orientado segundo Norte-Sul. Localizado num dos lados da *eira*, é construído em granito, coberto por um telhado de duas águas e intercalado com uma estrutura que se afirma pelo ripado de madeira. *"São de uma indesmentível elegância, qualidade estética e rigor construtivo."*[82]

---

77 TOMÉ, Miguel, *Património e Restauro em Portugal* (1920-1995), Porto: FAUP Publicações, 2002, p.71.

78 Dicionário da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora,2006.

79 ALARCÃO, Jorge, "Para Quê Conservar e Como apresentar os vestígios do Passado", Al-Madan, Almada, II série, nº7, 1998, pág.54, in, ALARCÃO E SILVA, Pedro, *Construir na Ruína, Entre a Reconstituição e a Reabilitação*, Porto, Edições, Afrontamento, 2018, p.17.

80 CHOAY, Françoise, *Património e Mundialização*, 2ª edição, Lisboa: Editora Licorne/ CHAIA, 2005, p.17.

81 MOUTINHO, Mário, *A Arquitectura Popular Portuguesa*, Editorial Estampa, Lisboa, 1979, p.42, "*onde são guardadas as espigas de milho".*

82 DOMINGUES, Álvaro. *Vida no Campo*. Dafne Editora, Porto, 2011, p.230

Figura 111. *O espigueiro* e à esquerda a *eira,* actualmente relvada.

Figura 112. Antiga parede de pedra que dava estrutura ao telhado da *Casa da Eira.*

Figura 113. *Campo da Lavoura da Eira, Casa da Chela.*

Partindo para a caracterização das duas pré-existências, começamos por identificar o *Curral*, "*distinguido entre degradação fisica e degradação funcional,"*[83]. Devido à existência de um segundo portão na *Casa da Chela,* consegue-se entender o motivo da implantação do mesmo. Destinava-se ao confinamento de animais e à criação de gado, justificando-se a sua localização pela entrada facilitada e directa dos animais na propriedade. Podendo ser construído em madeira, em pau-a-pique ou em pedra, a actual estrutura é em pedra, com paredes que rondam os 0.90cm e sem cobertura. Ocupando uma área de 53m2 e um perímetro de 30m, verifica-se o seu formato rectangular e irregular, com apenas uma entrada voltada a Este. O *Curral,* apresenta-se em ruína como fragmento *"portador de uma memória viva, guardiã das nossas identidades pessoal e social,"*[84].

A *Casa da Eira* é construída também em pedra, contudo não se sabe exatamente se a cobertura seria em telha, se em colmo, quantas águas teria ou se porventura seria descoberta. Depois da intervenção dos proprietários nesta ruína, foi construída uma cobertura segundo vigotas com 22cm de espessura. Abrangendo uma área de 74m2 com paredes que rondam os 0.90cm, possui apenas uma abertura virada a Sul. Julga-se estar aí implantada, pois compreendia uma zona de arrumos, e perante a presença da casa principal, acabava por assumir uma posição secundária e discreta. Relativamente à comunicação com as rotinas da *Casa da Chela*, o empedramento existente na entrada da propriedade e os dois bancos de pedra dispostos segundo esse alinhamento, são os que fazem a conexão com as pré-existências. Devido à configuração semi-enterrada da *Casa da Eira*, ambas as estruturas encontram-se "desfasadas" do conjunto, porém implantam-se no terreno, adaptando-se e fazendo parte dele e da paisagem. Relativamente ao interior, identifica-se numa das paredes, uma saliência da pedra, com continuação no exterior - "*a casa emergida da rocha,*"[85].

Percorrendo o *Campo da Lavoura da Eira* no sentido Norte-Sul, constatamos do nosso lado direito, o limite da propriedade, o *Caminho do Montinho* e do lado esquerdo, no limite nascente, um campo vizinho. Actualmente, ao invés do cultivo, o terreno dispõe de um conjunto de pinheiros mansos plantados e alinhados pelos proprietários.

O "lugar" é determinado pela construção dos "tempos", e, como tal, a sua individualidade vive das necessidades que vão sendo atribuídas ao longo dos anos. Por forma a não perder carácter e origem, representa um dever preservar o que nele há de mais significativo: os valores históricos, a paisagem, a arquitectura, a cultura. *"A noção de lugar substitui a de espaço; a de paisagem cultural substitui a de território."*[86]

---

[83] TOMÉ, Miguel, *Património e Restauro em Portugal* (1920-1995), Porto: FAUP Publicações, 2002, p.71.
[84] CHOAY, Françoise, *Património e Mundialização*, 2ª edição, Lisboa: Editrora Licorne/ CHAIA, 2005, pág.31.
[85] Associação dos Arquitectos Portugueses*, Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª Edição, Volume I, Lisboa 1988, p.17.
[86] TOMÉ, Miguel, Op cit., p.153.

Figura 114. Entrada no *Curral.*

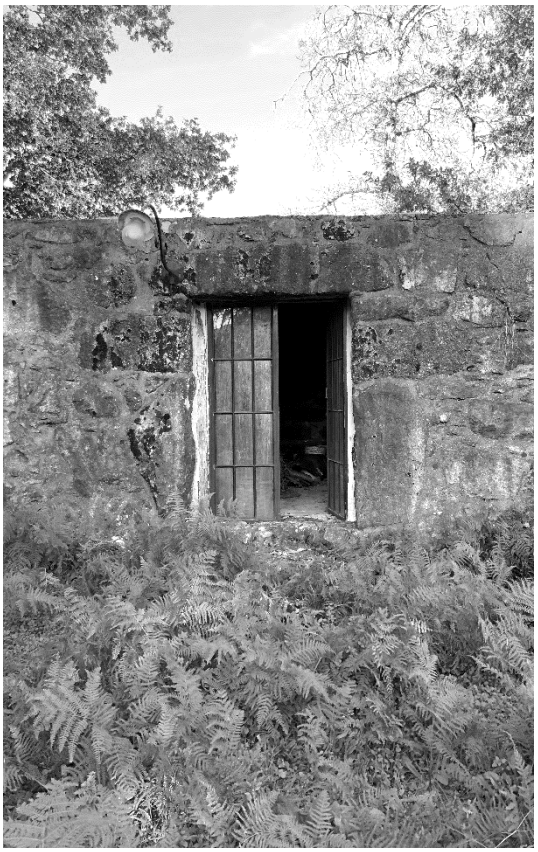


Figura 115. Entrada na *Casa da Eira.*

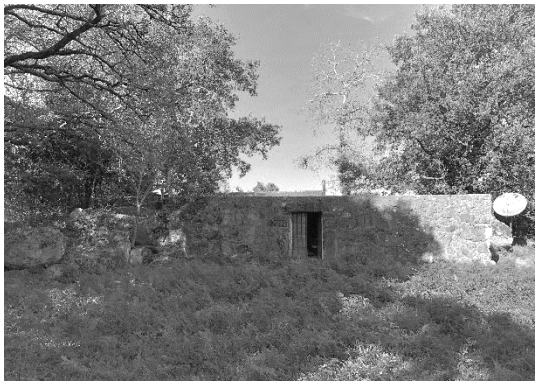


Figura 116. Alçado Sul da *Casa da Eira.*

Figura 117. Pedra saliente dentro da *Casa da Eira.*

3.2 | Encomenda

"Arquitecto é aquele que "pela força da razão e do poder do seu espírito, saberá responder às exigências da necessidade, da comodidade ou utilidade e do prazer estético."[87]

Por forma a assinalar os pedidos para o projecto de intervenção na *Casa da Eira* e no *Curral*, o presente subcapítulo sublinha o constante diálogo com o cliente, valorizando em todas as etapas, a relação e a proximidade com o "lugar". Objectiva uma aproximação e a melhor interpretação dos aspectos que espelham e traduzem o presente caso de estudo. Atendendo a todos os pedidos e ao sítio como principal circunstância, pretende-se esclarecer quais as intenções de projecto e qual o programa previamente definido pelo proprietário. Em diálogo, procurou-se entender se a presente acção iria partir apenas da pré-existência, ou se havia a possibilidade de introduzir novas estruturas na *Casa da Chela.*

Assim, partimos de uma encomenda concreta expressa nos seguintes moldes,

Francisca

Em relação à casa da eira, que foi descoberta quando se limpou da imensa arborização centenária. Só existiam as paredes, feitas de pedra grossíssima. Actualmente, aproveitando a zona demarcada pelas pedras far-se-ia nascer uma nova casa de acordo com os hábitos actuais.

Antes de uma grande área que seria a logia da casa renascida, há uma dependência que seria pra lenha ou arrumos. Em frente à casa uma galeria de vidro sustentada por pilares de pedra. Dentro uma sala, e um quarto com banho privativo. Em cima 2 quartos com 2 banhos.

Porto, 17 de Dezembro de 2021

Berta Maria Baère de Faria Campos Neves

José Serra da Silva Campos Neves

[87] CHOAY, Françoise; *A Regra e o Modelo, Sobre a Teoria de Arquitectura e do Urbanismo*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2007, p,37, In, D'OREY MANOEL, Bernardo*, Fundamentos da Arquitectura em Raul Lino*, Universidade Lusíada Editora, Lisboa, 2012, p.81.

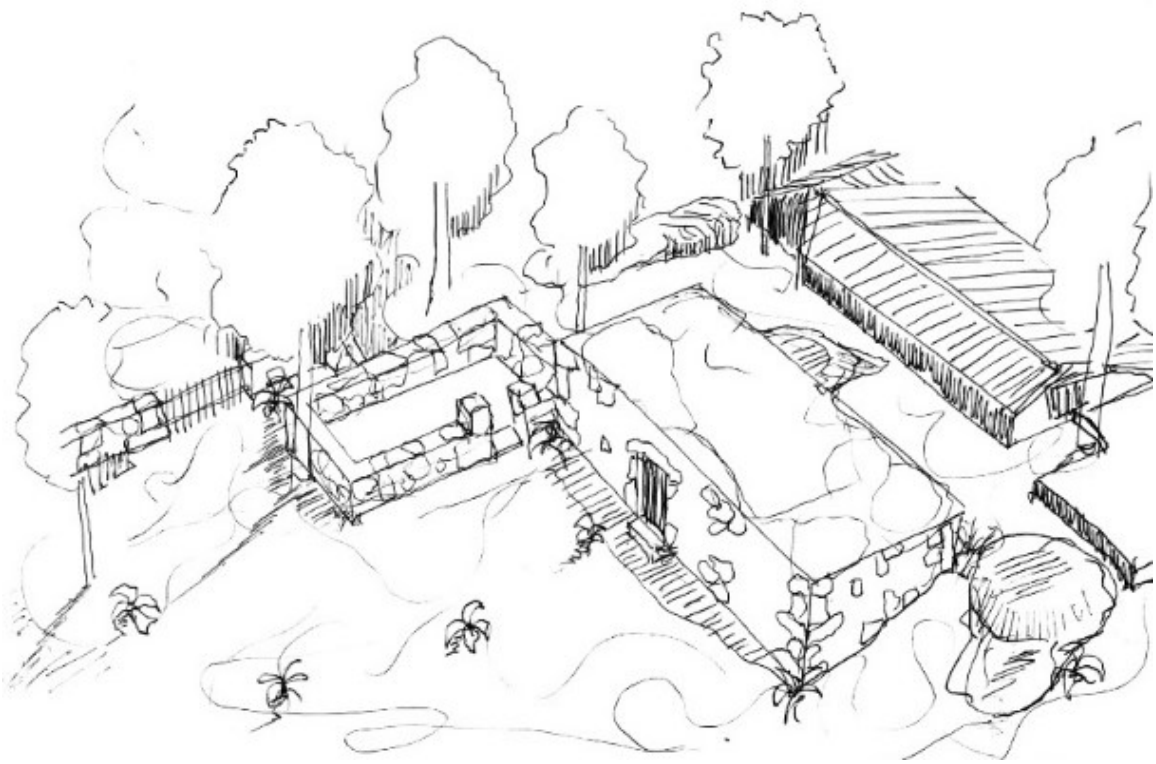


Figura 118. Desenho de uma vista aérea do "lugar", *Casa da Eira* e *Curral.*

Figura 119. Desenho do "lugar", *Casa da Eira* e *Curral.*

"O primeiro passo para a intervenção seria então a definição de uma função que requalificasse e reactivasse as suas características arquitectónicas, sem provocar uma ocupação lesiva."[88]

Com base no pedido formal e enquanto projecto de arquitectura, identifica-se uma encomenda clara e directa, ainda assim a estudar e considerar. Evidencia-se previamente a necessidade de incorporar nos volumes pré-existentes um espaço habitacional, uma *Casa de Férias*. Pretende-se uma solução que se aproxime do cariz familiar bem como dos seus costumes e vivências, pondo em prática as exigências de conforto e acessibilidade de um espaço de lazer.

"com um programa de maior simplicidade ao mesmo tempo que se procura, como objectivo primeiro, a integração na natureza, valorizando o sentido de sítio, genius locci."[89]

A arquitecta Ana Tostões dá a conhecer algumas das noções que presidem sobre a concepção de uma *Casa de Férias.* Tendencialmente localizadas num sítio rural ou fora do centro da cidade, a presente tipologia identifica-se como sendo uma residência particular e frequentada temporariamente. No fundo, um refúgio que permite ao habitante novas experiências, sensações e tempos de lazer, libertando-se das obrigações e movimentos citadinos.

Marcada pela rotura com a vida quotidiana e afirmada pela aproximação à Natureza, a nova *Casa de Férias* procura satisfazer as necessidades actuais conjugando a construção existente com princípios construtivos mais simples.

Determinada a experienciar novas espacialidades, a ensaiar outras formas de agrupamento e organizações internas, ambiciona-se responder a uma solução que comprometa as estruturas vernaculares, caracterizadas pelas tradições locais e pela *Arquitectura Popular*, com um tipo de habitação vinculado à "vida moderna". Da mesma forma, observamos na *Casa de Ofir,* obra do arquitecto Fernando Távora, uma *"arquitectura que se faz em contexto nortenho e com preocupações de sentido regional, ligadas aos valores vernáculos numa atitude dialogante baseada numa posição racionalista e simultaneamente crítica, num desejo de reconciliar a tradição com a modernidade, acusando uma sensibilidade aos valores das tradições locais"*[90]. Preocupada com os valores vernáculos, com uma atitude assente na razão e apoiada na consequente reflexão, aspira-se uma arquitectura que se aproxime do Fernando Távora. Pretende-se uma composição que se individualize pela relação consonante entre tempos e pela validade das características locais, cimentando-se no lugar uma identidade transversal a todas as memórias.

[88] TOMÉ, Miguel, *Património e Restauro em Portugal* (1920-1995), Porto: FAUP Publicações, 2002, p.72.
[89] TOSTÕES, Ana, *Os Verdes Anos da Arquitectura Portuguesa dos Anos 50,* Faup Publicações, Porto, 1997, p.66.
[90] Ibidem, p.68.

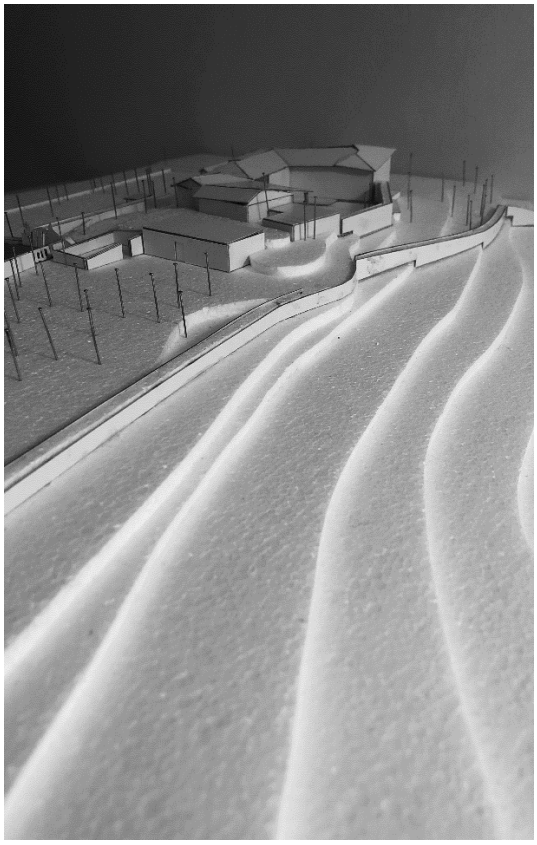


Figura 120. Maquete 1:200, da Propriedade da *Casa da Chela.*

Ao longo do diálogo com o cliente, um conjunto de propostas e possibilidades espaciais foram discutidas e exploradas de forma distinta, sendo dada, no entanto, total liberdade para intervir. Atendendo ao programa intencionado e condicionado pelos proprietários, referiu-se que a cozinha teria de ser grande, materializando um espaço de convívio, assim como, o espaço de trabalho da Avó; o espaço exterior, fosse projectado sobre o terreno e/ou a paisagem; no piso térreo existisse um quarto com wc, facilitando a circulação dos Avós; todos os quartos fossem suíte e por fim a *Casa da Eira* aumentasse um piso, se possível.

"*Realizar, com o mínimo de meios, a casa essencial, explorando as potencialidades do sítio*."[91]

É de salientar um dos pedidos fulcrais para a concretização da casa, "*uma Casa de Férias para a família com a capacidade de albergar outras pessoas e com isso adquirir algum lucro*". Associado à tipologia Habitacional Unifamiliar, foi referido que o espaço respondesse ainda a outra competência: um espaço que se conjugasse com o Turismo de Habitação. Relembrando a idade dos proprietários, foi mencionada a acessibilidade, a facilidade na deslocação entre espaços e a praticabilidade dos mesmos.

Face à necessidade de relacionar a nova extensão da *Casa da Chela* com o presente pedido, invoca-se o contexto rural, a beleza natural e o próprio lugar como estímulo à recepção desses viajantes que procuram como destino uma ruralidade sazonal. Deste modo, potencializa-se a abertura de mais oportunidades para projectar.

[91] TOSTÕES, Ana, *Os Verdes Anos da Arquitectura Portuguesa dos Anos 50,* Faup Publicações, Porto, 1997, p.66.

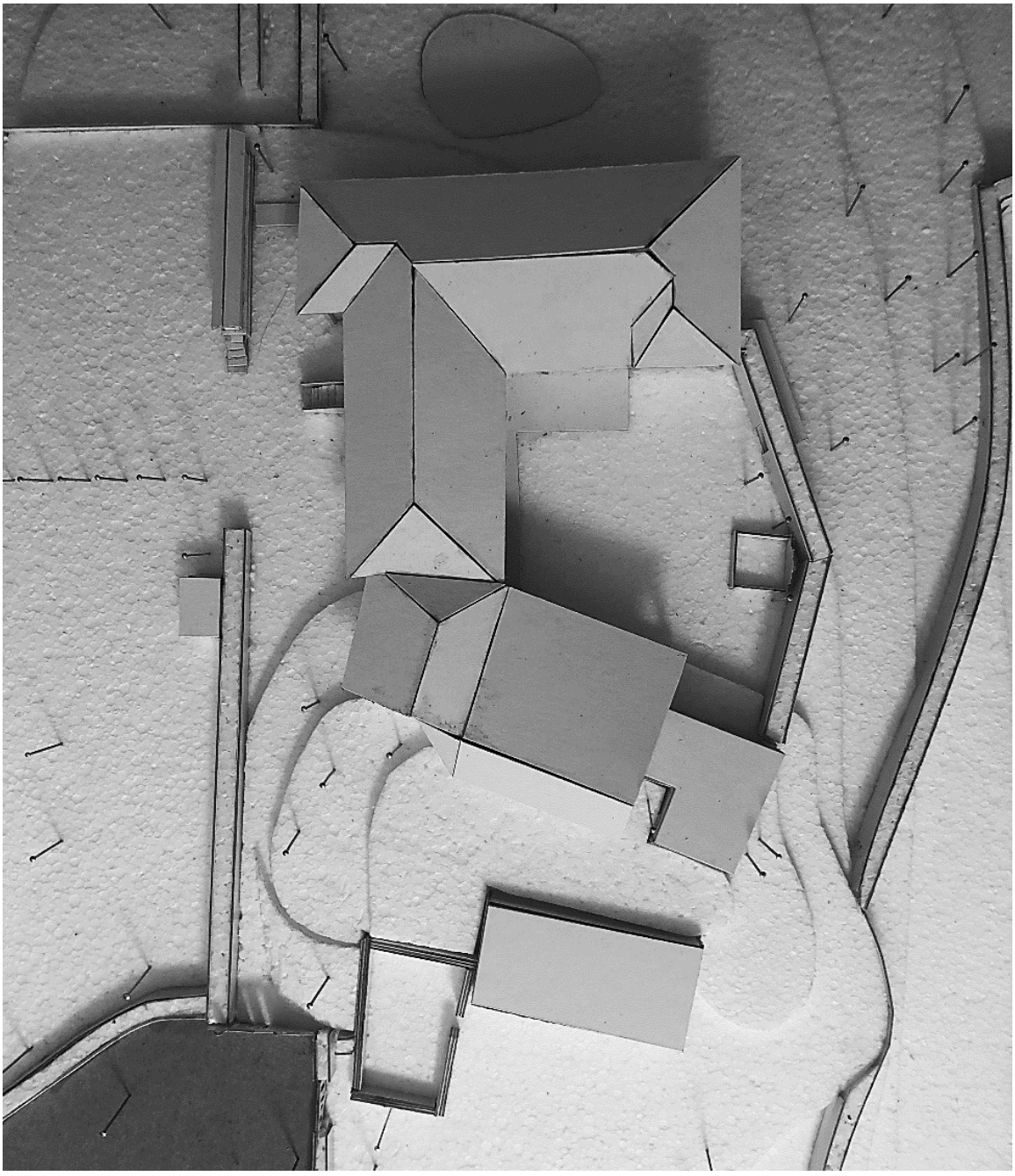


Figura 121. Maquete 1:200, a *Casa da Chela* vista de cima.

3.3| Condicionantes e problemas a equacionar

Para um melhor entendimento do conjunto, a *Casa da Chela* e as duas construções vernaculares foram previamente alvo de um levantamento exaustivo, o que proporcionou uma maior relação com a sua origem. Ambicionando a compreensão das "formas", e possibilitando ao máximo uma aproximação fundamentada ao lugar, reconhecem-se para a presente fase projectual as condicionantes e os problemas.

Ao longo do processo, deparamo-nos com uma série de condicionantes que naturalmente problematizam a nossa ideia. Este encontro, origina um momento de reflexão que deve inicialmente entender e estudar as premissas do lugar, estruturando-as. Nomeiam-se: as estruturas pré-existentes, no passado dependências de agropecuária, a *Casa da Eira* e o *Curral,* o contexto "campo" do Alto Minho, a *Vila de Paredes de Coura* , a propriedade privada, isto é, a *Casa da Chela,* e por fim o *Campo da Lavoura da Eira,* terreno agrícola a intervir. A história e fundação são o ponto de partida, transitando de seguida para uma análise mais focada, o estudo da circunstância espacial. Destacam-se como condicionantes a topografia, os fenómenos naturais, os acessos e a ruína.

Atentando na topografia, apercebemo-nos da forma particular como estão dispostas as duas pré-existências. Constatamos que o presente *Campo de Lavoura da Eira* dá continuidade às *leiras* vizinhas, que acompanhadas por muros, descem de nível fundindo-se com a paisagem. Os corpos evidenciam-se por estarem semi-enterrados segundo uma porção de terra que os envolve a Norte, fazendo frente com o corpo Sul da casa principal. Após observar a composição, a principal particularidade é a natural elevação do terreno entre a *Casa da Eira* e a *Casa da Chela*. A saliência do solo entre as duas representa a característica fundamental da topografia sendo estruturante para a definição do lugar. Com o objectivo de preservar a singularidade das características naturais, a tentativa de escavação e alteração do terreno terá de surgir em prol do projecto e em concordância com o lugar, se necessária.

No que diz respeito aos fenómenos naturais deverá considerar-se a disposição perante os Eixos Cardinais verificando a exposição solar e as questões climáticas. Percorrendo o terreno, deparamo-nos também com a dispersão de alguns castanheiros centenários e azevinhos, o alinhamento de pinheiros mansos, assim como três grandes pedras graníticas salientes na superfície em torno dos corpos. O levantamento realizado e a proximidade com o lugar reforçou a valorização dos fenómenos como elementos de pertença e de identidade a proteger.

Figura 122. O “lugar”, vista nascente de quem está dentro do *Curral.*

Assente nos conceitos de herança, identidade, cultura e história, a ruína destaca-se na acção de intervenção primordialmente pela sua condição. Segundo o esclarecimento de Choay, *"Um edifício não se torna «histórico» senão na condição de ser entendido como pertencendo simultaneamente a dois mundos, um presente e imediatamente dado, o outro passado e inapropriável."*[92] A reflexão sobre um edifício com valor patrimonial, põe imediatamente em causa a sua passagem pelos "tempos", os "dois mundos". Nesse sentido, entendendo-se que, ao pertencer a "dois mundos", o passado e o presente, a ruína vive sob a condição de um valor que prioriza a constante passagem pela História. Assente nesta dualidade, colocam-se duas questões "Qual a atitude perante a ruína?" e "Como irá a arquitectura compatibilizar a história com o actual projecto?". Segundo Souto de Moura, "*Há duas maneiras de vêr a ruína: Pode ser usada, e pode-se fazer uma História da Arquitectura com História das Ruínas"*[93]*,* isto é, pode usar-se o *Curral* e a *Casa da Eira* para uma intervenção desligada da história e da sua condição, ou, juntamente com o passado e a história procurar uma solução que dê primazia à continuação da sua identidade, a "História das Ruínas".

Relativamente aos acessos, julga-se importante enfatizar o lugar pela individualidade que se verifica ao percorrê-lo, apelando-se ao tratamento cuidado dos mesmos aquando do projecto. Refletindo sobre o modo como se podem afirmar os acessos existentes, sabe-se que cada volume tem uma entrada, formando-se ao longo do tempo diferentes trajectos. Distinguem-se assim três acessos até à *Casa da Eira* e até ao *Curral:* orientados a Nascente e sobre o empedrado por onde passam os carros, avistamos uma abertura na arborização que descortina a *Casa da Eira* e o *Curral,* o primeiro acesso; o acesso segundo, pelo portão secundário de serviço que antecede o *Curral*; e por fim, o acesso a Norte do conjunto, formado segundo a sinuosidade do terreno do *Jardim das Senhoras,* com porta directa para o *quinteiro.*
Assegurando o portão principal da casa como único acesso à propriedade, e consequentemente, a qualquer uma das casas, não só foi preservada a identidade e memória da "entrada" no lugar, como também se conferiu à actual passagem, a valorização de ser seguida de um novo edificado.

De igual modo, fizeram também parte do processo, os *problemas,* os pressupostos iniciais de projecto e a "convivência" de programas distintos. O primeiro problema acaba por recordar o subcapítulo *Da memória à construção de uma identidade*, onde se conclui que não é através do uso de códigos compositivos existentes da *Casa da Chela* que o projecto terá a sua resposta. Ainda assim, a leitura que se faz dos edifícios pré-existentes, tendo em conta a sua história, podia preferencialmente, dar razão a uma solução que se aproximasse dos princípios de uma *Casa de Lavoura.*

[92] CHOAY, Françoise, *Alegoria do Património*, 2ª edição, Lisboa. Edições 70, 1999. Licorne/ CHAIA, 2010, p.162.
[93] TRIGUEIROS, Luiz, *Eduardo Souto Moura*, Editora BLAU, Lisboa, 1994, p.29.

Figura 123. Portão principal da *Casa da Chela* à esquerda e vista da *Casa da Eira* à direita.

Figura 124. Dentro da propriedade, à esquerda o caminho para *Casa da Eira* e à direita o portão principal.

Figura 125. Á esquerda os Anexos Habitacionais, em frente, a *Casa da Eira* e à direita o *Curral.*

Figura 126. Alçado Nascente do *Curral.*

Figura 127. Em cima da cobertura da *Casa da Eira* com vista Nascente da freguesia do *Bico.*

Figura 128. Em cima da cobertura da *Casa da Eira* a olhar para o *Curral* a Poente.

Figura 129. Em cima da cobertura da *Casa da Eira,* a olhar para o empedrado e o início dos Anexos Habitacionais.

Figura 130. Em cima da cobertura da Sala das Máquinas da ala Sul, a olhar para a *Casa da Eira.*

Contudo, apesar dos dois programas se aproximarem no tempo, a *Casa de Lavoura e a Casa da Eira*, ao associá-los, estaríamos de igual modo a repetir estratégias tal como quando se falou na possibilidade de usar a *Casa da Chela* como base construtiva para o actual projecto. Detalhes como o alpendre, as escadas em granito, as namoradeiras, a pedra, entre outros, são elementos que definem um tempo, um lugar e uma necessidade. Ao invés de replicar esse tempo, a ideia de projecto parte de uma base que objectiva este tempo, este lugar e a presente necessidade.

O segundo problema, a "convivência" de programas, o programa de cariz agrícola da *Casa da Eira* confrontado com o programa habitacional da *Casa de Férias*, identificando-se assim a pretensão de se propor um novo programa em dependências agrícolas, configurando-lhes uma nova vida. Inteirando-me do pedido dos clientes, fez-se mais uma vez presente a discrepância entre programas. À partida, o novo programa desencadeia um "conflito de naturezas", visto que não corresponde à finalidade da construção original, assim como pode apresentar determinados significados que comprometem a leitura do conjunto. Nesse sentido, a primeira premissa é estudar de que forma a "casa" poder-se-há incorporar numa antiga dependência agrícola. Colocando-se uma pergunta fulcral para a concretização da ideia do projecto: *"*Como introduzir numa pré-existência agro-pecuária um programa habitacional?". Esta questão, dá lugar a uma tomada de decisões que põe em discussão a história, a natureza dos edifícios, o programa, o lugar, entre outros. Aparentemente, se o actual projecto fosse a sua intervenção na *Casa da Chela*, não estaríamos a por em causa a sua natureza. Ainda assim, não se pretende converter, sobrepor, nem replicar sobre o existente conceitos arquitectónicos da *Casa da Chela,* pretende-se sim promover a coexistência de naturezas, determinada pela definição de um novo programa.

Posto isto, é possivel afirmar que a *Casa da Eira e o Curral*, apesar de obedecerem a dependências agrícolas, podem promover abrigo e vivência. A articulação da *Casa de Férias* terá como objectivo final confluir espaços de naturezas distintas, reconhecendo a origem de cada um. Embora não se "misturem", são espaços que se "tocam", coexistindo e coabitando cada um o seu tempo, lugar e necessidade.

Figura 131. À esquerda o portão principal da *Casa da Chela* e à direita o portão do *Curral* com vista para o *Curral* e para a *Casa da Eira.*

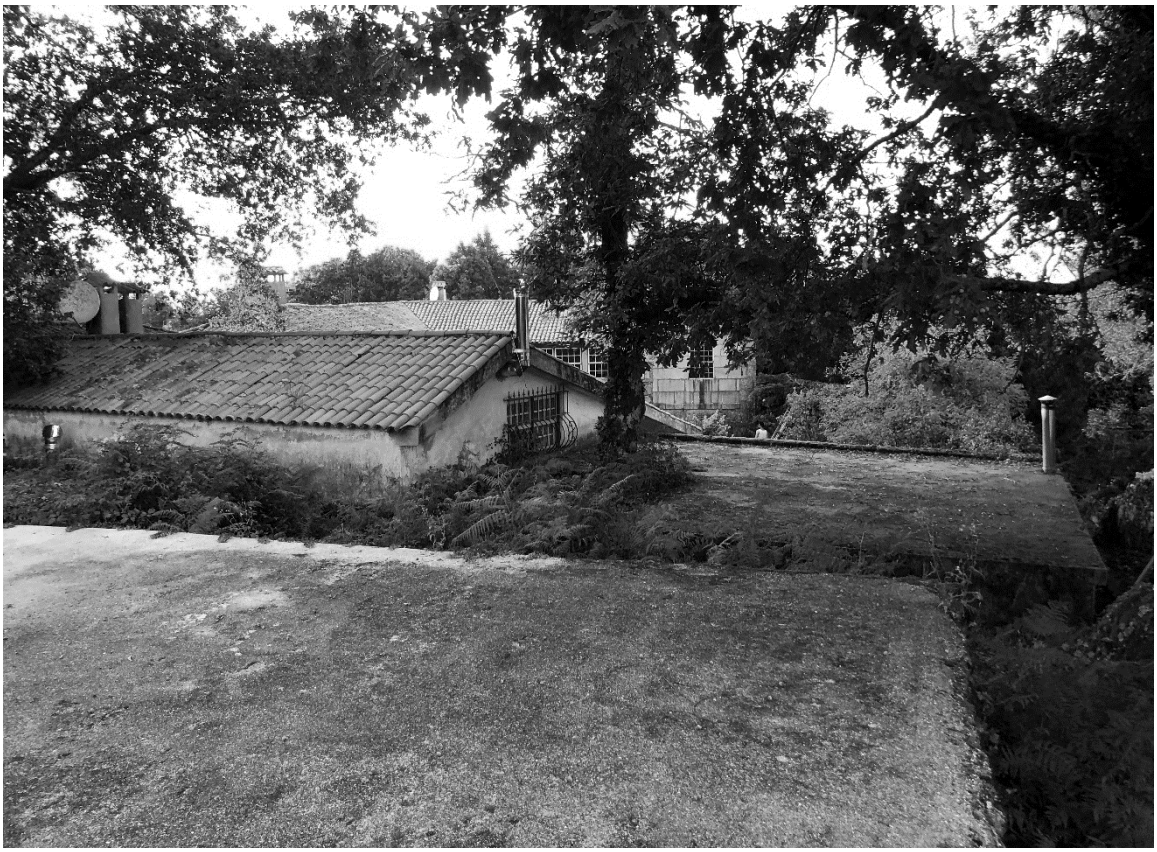
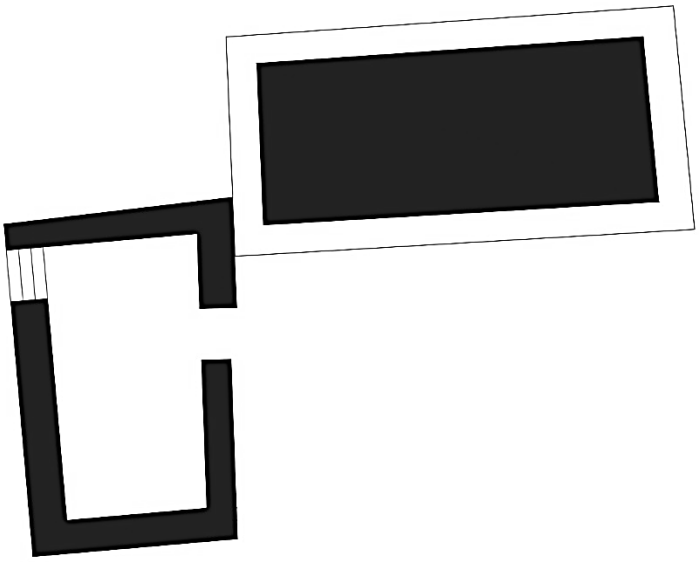


Figura 132. Em cima da cobertura da *Casa da Eira* a olhar para a *Casa da Chela.*



CAPÍTULO IV ***PROJECTO,***

Casa de Férias

4.1| Ideia de Projecto

"A preexistência é transformada em ruína. (...), as preexistências têm a função de intermediar o projecto com o sítio."[94]

Primeiro manifestou-se uma atitude de aceitação do lugar, marcada pelas decisões que discutem o que manter, e em segundo uma intenção de projectar, afirmada pelas potencialidades de projecto. *"É uma identidade que depende de nós, do autor, mas é a união entre uma coisa que nasce e um autor que existe."*[95] Assente em princípios de concepção de forma e em estratégias de exploração do espaço, objectiva-se, acima de todos os aspectos, a valorização da pré-existência reconfigurando uma nova função. Objectiva-se *"a intervenção física no existente, como condição de valorização da obra arquitectónica, liga-se ora à procura de manutenção da resposta funcional, ora à vontade criativa motivadas por critérios não utilitários"*[96], consolidando a sua renascença.

Tendo presente o programa solicitado, salienta-se a operacionalização de duas vertentes habitacionais, a Habitação Unifamiliar e o Turismo de Habitação.

Atentando na circunstância "lugar", recorre-se a dois arquitectos auxiliares, Fernando Távora e Eduardo Souto de Moura, para fundamentar a *Ideia de projecto*. Relativamente ao primeiro, salienta-se o seu *"interesse igualmente enorme pela arquitectura popular."*[97]e a relação intrínseca de projectos ligados à condição do pré-existente. Com base no seu processo, serão proporcionados exemplos de intervenção pertinentes relativos ao seu posicionamento perante a História e as pré-existências.

Quanto ao segundo arquitecto, sublinha-se *"o fascínio pela ruína, onde a natureza e a história se encontram, onde a verdade da forma se revela na passagem do tempo"*[98]. Revela na sua obra um conjunto de estratégias reconhecidas pela intenção perante a ruína, a relação com a pré-existência, com a transformação e com a metamorfose. A actual circunstância projectual leva-nos a Souto de Moura.

---

[94] DAL CO, Francesco; GRAÇA MOURA, Nuno, *Souto Moura Memória Projectos Obras*, Casa da Arquitectura, Matosinhos, 2019.p.63.

[95] Fernando Távora, "*Fernando Távora, pensieri sull' architecttura, raccolti da Giovanni Leoni con Antonio Esposito*", (texto redigido com base num encontro no escritório de Fernando Távora, em 27 de Novembro de 1999), in Casabella, nº678, Milano, Elemond, Maio, 2000, p.17, In, RODRIGUES, José Miguel. *O mundo ordenado e acessível das formas da arquitectura: tradição clássica e movimento moderno na arquitectura portuguesa: dois exemplos*. Porto: Edições Afrontamento, 2013, p.301.

[96] TOMÉ, Miguel, *Património e Restauro em Portugal* (1920-1995), Porto: FAUP Publicações, 2002, p.15.

[97] Fernando Távora, entrevistado por Bernardo Pinto de Almeida, in Boletim da Universidade do Porto, nº19/20, ano 3, 3/4, Outubro/Novembro, 1993, p.47, in, RODRIGUES, José Miguel. *O mundo ordenado e acessível das formas da arquitectura: tradição clássica e movimento moderno na arquitectura portuguesa: dois exemplos*. Porto: Edições Afrontamento, 2013, p.278.

[98] CAMPOS, André; GUEDES DE OLIVEIRA, Pedro, *Eduardo Souto de Moura Concursos 1979-2010*, Faup Publicações, Porto, 2011, p.43.

Figura 133. O *Curral* em ruína, visto de cima da cobertura da *Casa da Eira.*

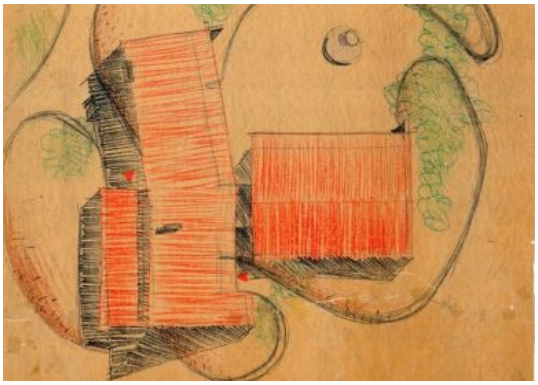


Figura 134. Desenho da *Casa de Ofir,* Fernando Távora.

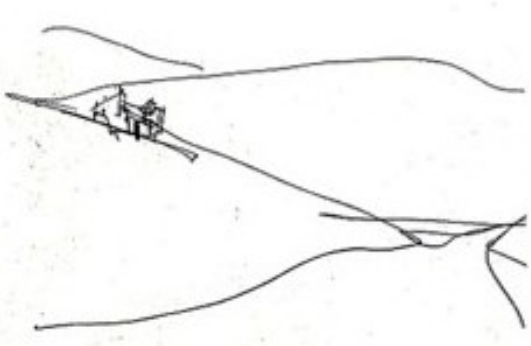


Figura 135. Esquisso da *Casa do Gerês*, Eduardo Souto de Moura.

Idealiza-se por fim a concretização da ideia de projecto, assegurada em cinco temas: pré-existência, topografia, acessos, linguagem e projecto. Como na obra da *Casa do Gerês* de Souto de Moura, procura-se a melhor forma de incorporar a "*casa*" e, consequentemente, conjugar as necessidades e exigências domésticas compatibilizando a nova construção com princípios vernaculares e de natureza agropecuária." *Daí que a inserção dos elementos (...) não corresponde a nenhuma oposição ou confrontação entre o antigo e o novo, mas ao desvelar de uma continuidade que vive da evidente adequação entre os restos de uma antiga construção agrícola"*[99]. Ocupar a pré-existência, significa incorporar no "interior" dos corpos intervenientes uma nova estrutura, certificando que a sua inserção, respeita e coaduna ambas as espeficidades, a de *casa (de Férias)* a idealizar e a de *Casa da Eira* e *Curral* a preservar.
Considera-se também a particularidade da elevação da *topografia,* servindo-se dela para orientar a ideia de projecto. Segundo Souto de Moura, *"Uma leitura abstracta das formas do passado que se prolonga na consideração da topografia enquanto material do projecto,"*[100].

Atendendo ao *acesso,* é importante valorizar o percurso e destacar o momento que descortina a *entrada*. O projecto que aqui se desenvolve procura fazer a transposição do exterior "campo", para o interior "casa*",* desencadeando um vínculo entre lados sensorial e temporal. Objectiva-se uma relação harmoniosa entre naturezas distintas, promovendo o íntimo do lugar, a *Natureza,* e o íntimo da privacidade, o *Homem.*

A conjugação do desenho, da volumetria e da textura definem-se como premissas basilares para a ideia de projecto (ver Figura 138, *Cabana Vermelha* de *Handegard).* Para Fernando Távora é necessário "*... uma profunda razão em todas as suas partes, uma íntima e constante força que unifica e prende entre si as formas, fazendo de cada edifício um corpo vivo, um organismo com alma e linguagens próprias."*[101] No actual projecto, pretende-se uma construção que "prende entre si as formas", contemplando a uniformização com a envolvente e a relação com a história.

Pretende-se um desenho claro de proporções e volumetrias que se afirme como um todo e que não se fragmente. Ambiciona-se uma volumetria assente na simplicidade da forma e da materialidade, uma construção que se interliga com a paisagem, transparecendo no volume exterior um vínculo com o interior. Nesse sentido, é feita uma alusão à forma do "*espigueiro".* Esta estrutura é entendida como a configuração que espelha a ideia de projecto -*"Era bom para guardar o milho e agora é bom para pensar,"*[102].

---

[99] CAMPOS, André; GUEDES DE OLIVEIRA, Pedro, *Eduardo Souto de Moura Concursos 1979-2010*, Faup Publicações, Porto, 2011, p.40.
[100] Ibidem, p.39.
[101] TÁVORA, Fernando, *O Problema da Casa Portuguesa*, Lisboa, Cadernos de Arquitectura, 1947, p.8.
[102] DOMINGUES, Álvaro. *Vida no Campo*. Dafne Editora, Porto, 2011, p.210.

Figura 136. Interior da *Casa em Pardelhas,* Fernando Távora.

Figura 137. O *espigueiro* da *Casa da Chela* à escala 1:200.

Figura 138. *Cabana vermelha* em cima de blocos de granito, *Handegard.*

Figura 139. "Memorial", *espigueiro* em decomposição - *Vida no Campo,* Álvaro Domingues.

A reflexão existente sobre a "convivência" de programas equipara-se em alguma medida à conjugação formal, isto é, a alusão ao "*espigueiro"*. Da mesma forma que entre "programas" de naturezas distintas, assistimos a uma relação entre "tempos", também a estrutura à qual se alude, evoca essa dualidade, sendo o *espigueiro* uma dependência agrícola, formato que se afirma no projecto por si só - *"a continuidade das formas e dos espaços (...) o bom assentamento, não como mimetismo daquilo que existe, natural ou construído, mas como equilíbrio entre o natural e o artificial,"*[103]

O desenho pretendido é tangencial a todos os aspectos do projecto a definir: a proporção harmoniosa das formas; a clareza e o rigor aquando da comparação com o existente, inteirando-se dele; a ligação interior/exterior através do desenho cuidado de janelas, que realçam as fachadas por meio de um pontuamento alicerçado na disposição interior; a comunicação interior fluída e directa; a simplicidade do fecho da cobertura, afirmada pelo impacto coerente aquando do conjunto; uma construção simples em madeira que se funde com o que a rodeia; a materialidade despojada mas presente na envolvente; a cor e o revestimento em consonância com o existente. Por forma a sustentar uma composição que funcione como um corpo vivo, evidencia-se o princípio da "continuidade" das formas, preservando antes de mais as paredes de pedra existentes e as duas aberturas (as entradas) em cada um dos volumes. Note-se que a volumetria e o conjunto da *Casa Dupont* de Álvaro Siza Vieira, serviu também como referência. (Figura 140).

"aqueles que nasceram para aumentar ao passado algo de presente e algumas possibilidades de futuro, para aqueles para quem viver é criar alguma coisa de novo,"[104].

No que toca às potencialidades de projecto, procura-se operacionalizar uma composição actual, que se enraize no pré-existente e no lugar. Simultaneamente, pretende-se configurar um programa organizador que aspira à unidade dos dois corpos, que viabilize o diálogo com a história e atenue o possível impacto com a paisagem verde.

Em síntese, ao corpo existente não se lhe retirará nada, apenas será contemplado um novo corpo com o objectivo final de considerar os valores do passado, consolidando-os e equilibrando o conjunto. Ao longo do "encontro" com o espaço idealizado, constatou-se que a premisa elementar para a unidade de projecto, o encontro da *Casa da Eira* com a *Casa de Férias*, é promover o compromisso entre as mesmas.

---

[103] CAMPOS, André; GUEDES DE OLIVEIRA, Pedro, *Eduardo Souto de Moura Concursos 1979-2010*, Faup Publicações, Porto, 2011, p.42.

[104] TÁVORA, Fernando, *O Problema da Casa Portuguesa,* Manuel João Leal Cadernos de Arquitectura, Lisboa, 1947, p.12.

Figura 140. O Avô da autora dentro do *espigueiro* da *Casa da Chela.*

Figura 141. *Casa Dupont,* Álvaro Siza Vieira.

Figura 142. Interior da *Casa de Ofir,* Fernando Távora.

4.2| Estratégias de intervenção na pré-existência

Introduzida a *Ideia de projecto,* transitamos para a apresentação de quatro propostas projectuais decorrentes do processo evolutivo. Na sua essência, perseguem o problema e têm como finalidade obter um conhecimento transversal a todos os factores do lugar. Por forma a orientar este percurso, foram nomeados seis casos práticos catalisadores da obra dos arquitectos anteriormente referenciados.

Desde ínicio, Fernando Távora constrói uma relação muito própria com a arquitectura e com a História. Aproximando-se da *Arquitectura Popular*, desenvolve projectos *" identificados com atenção arqueológica"*[105]. Através do respeito pelas formas e da confiança nos sistemas construtivos, repensa a "arquitectura", não esquecendo a arquitectura local. Qualifica uma sensibilidade contextual e aos poucos, uma ruralidade assumida. Ainda assim, quando confrontado com Souto de Moura, falta-lhe *"o desejo do diálogo com a história icónica do edifício, com a estratificação dos «diversos presentes» identificados com atenção arqueológica, os quais Távora por vezes hipostasia,"*[106]. Auxiliando-me no seu raciocínio, recorro a três das suas obras ligadas à prática da reabilitação, a *Casa em Pardelhas (1994-99),* a *Casa da Quinta da* Cavada *(1989-90)* e a *Casa da Covilhã (1973-76)*.

Por outro lado, Eduardo Souto de Moura aproxima-se do presente projecto, considerando as diferentes abordagens desenvolvidas em *ruínas*. Através de uma contemplação distanciada dos valores da História, anuncia na sua obra, uma reflexão na permanência das formas encontrando uma essência perdida no tempo. O arquitecto não refaz o espaço como ele era, nem o contraria, apenas segue o assentamento das formas e a continuidade das paredes. Encontra um equilíbrio entre natural e artificial, porém, quando comparado a Fernando Távora, *"falta deliberadamente o projecto histórico e, por conseguinte, a intenção metodológica. A ocasião domina o projecto"*[107]. A *Casa do Gerês (1980-82),* a *Casa em Moledo (1991-98)* e a *Casa em Baião (1990-93)*, são os exemplos escolhidos para ilustrar a discussão.

Numa primeira aproximação à planta e à configuração do terreno, colocam-se duas questões: definir uma *volumetria* harmoniosa que não comprometa a *Casa da Chela e* o seu contexto, e, de seguida, considerando a encomenda e a hierarquia dos novos espaços, potencializar uma organização que defina o *programa*. Ao estudar a disposição dos volumes e, considerando a topografia como principal premissa, definiram-se duas estratégias: usufruir dos dois corpos

105 DAL CO, Francesco; GRAÇA MOURA, Nuno, *Souto Moura Memória Projectos Obras*, Casa da Arquitectura, Matosinhos, 2019, p.27
106 Ibidem, p.27.
107 Ibidem, p.27.

Figura 143. *Casa em Pardelhas,* Fernando Távora.

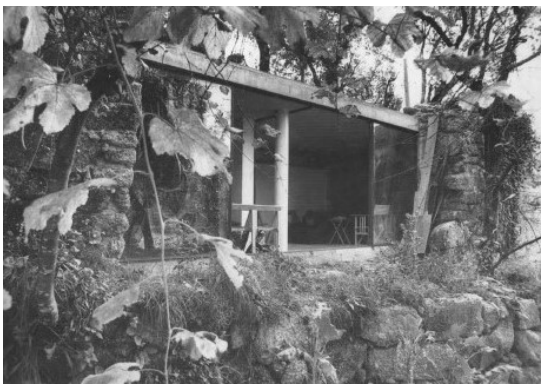


Figura 144. *Casa do Gerês,* Eduardo Souto de Moura.

Figura 145. *Casa da Covilhã,* Fernando Távora.

Figura 146. *Casa em Moledo,* Eduardo Souto de Moura.

Figura 147. *Casa da Quinta da Cavada*, Fernando Távora.

Figura 148. *Casa em Baião*, Eduardo Souto de Moura.

desenhando o projecto num só piso abrangendo o piso térreo das duas pré-existências, ou, manter um dos corpos em ruína, o *Curral*, e dar lugar a um novo piso na *Casa da Eira*.

A primeira proposta baseia-se na materialização de ambos os corpos existentes segundo volumes de madeira que consolidam as paredes existentes. Esta solução potencializa o conjunto na medida em que os mesmos são colocados em diálogo, assim como com a topografia e com a *Casa da Chela*. Assumindo volumes interiores, exteriorizamos uma nova camada dentro dos limites do passado. Comparativamente com a *Casa da Covilhã*, podemos estabelecer alguns paralelismos salientando, em alçado, o remate do piso tipo sobre as paredes de pedra, a sua planta rectangular, e uma organização interior segundo um eixo central, *"será a inserção dialéctica dos desenhos efectuados em contextos de continuidade arquitectónica, entendidos como temporalmente extensos"*[108]. No que toca ao acesso, propunha-se usar o "recanto" do *Curral.* Depois da demolição do muro que o determina, abre-se a necessária passagem com vista a promover um percurso enigmático e de descoberta, até à entrada empedrada do novo projecto (a antiga *Eira*).

Ao evoluir para a segunda proposta, questiona-se de que forma as volumetrias desenhadas inicialmente podiam consolidar o existente de forma mais discreta. A solução marcada pela projecção de uma cobertura ajardinada, foi a mais explorada, ambicionando o prolongamento da topografia existente. Ainda que sem uma cobertura ajardinada, a *Casa em Moledo*, *"desenvolve-se horizontalmente, num só piso, tipo que o arquitecto mais vezes adoptou nas suas primeiras obras."*[109]. Tal como em Moledo, assegura-se a morfologia do terreno e, neste caso, preserva-se o estado inicial dos volumes.

Ao sugerir uma planta térrea, a conexão dos volumes exige uma ligação interior para a consolidação do projecto. A configuração formada pelo "toque de paredes" das pré-existências, possibilita essa continuação de espaço criando um "recanto" e um elo central no desenho do piso térreo. Apesar de ser a ideia mais directa e que potencializa novas espacialidades, seria também, a que comprometia mais a morfologia do terreno, tendo em conta a necessária escavação.

Ao longo do processo de procura, foram ensaiadas algumas organizações interiores, clarificando o *programa*. Como afirma Souto de Moura, *"A organização interna dos espaços é errática e trabalhei à volta da ideia principal de "uns olhos que olham sobre a paisagem".*[110] Segundo o arquitecto, a reflexão sobre como distribuir os espaços pode "enganar" uma vez que as relações que se estabelecem com o exterior não são as que mais se coadunam com o lugar, foca-se na paisagem e na procura da intimidade certa.

---

[108] TÁVORA, Fernando, *Fernando Távora:* Percurso = a life long trail, Lisboa, Editor Centro Cultural de Belém, 1993, p.18.

[109] SILVA, Helena Sofia, *Souto de Moura*, Arquitectos Portugueses, Vila do Conde, 2011, p.41.

[110] NUFRIO, Anna, *Eduardo Souto Moura Conversa com estudantes,* Editorial Gustavo Gili, SL, trad. Dorieta Maissa, Barcelona, 2008, p.60.

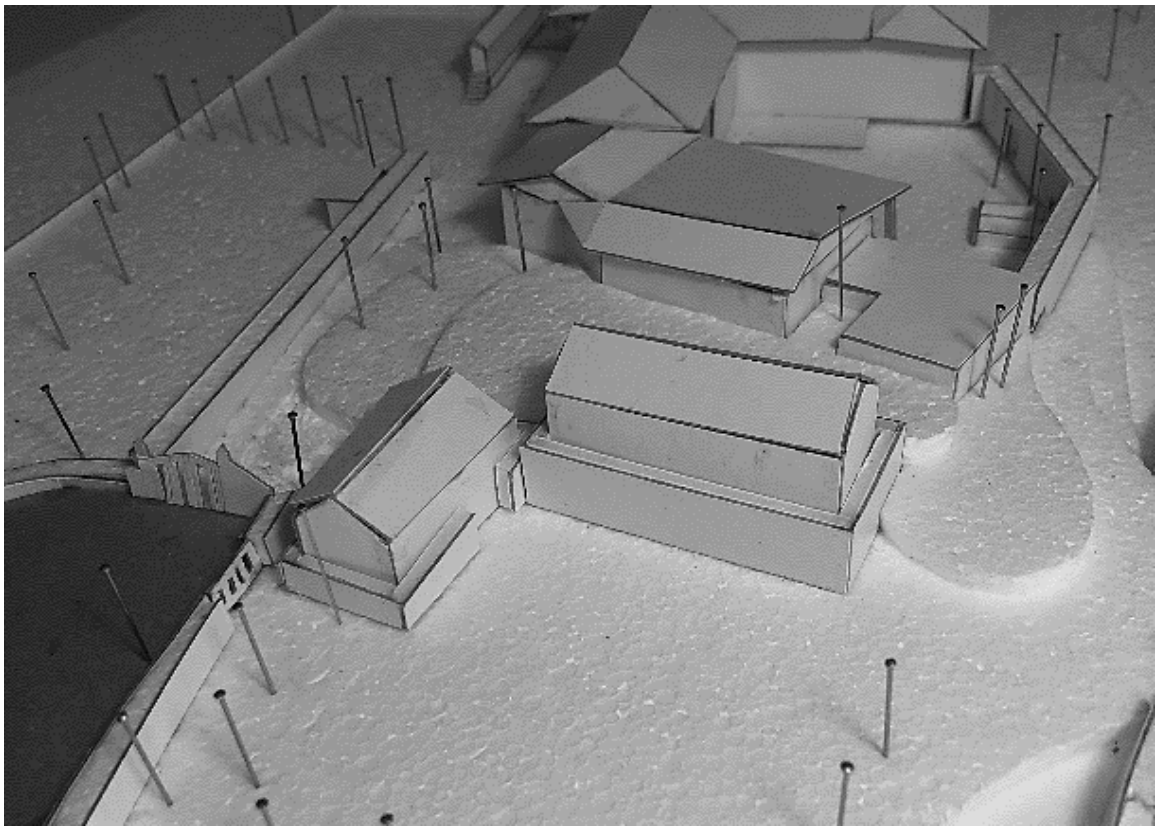


Figura 149. Primeira proposta de intervenção do processo projectual.

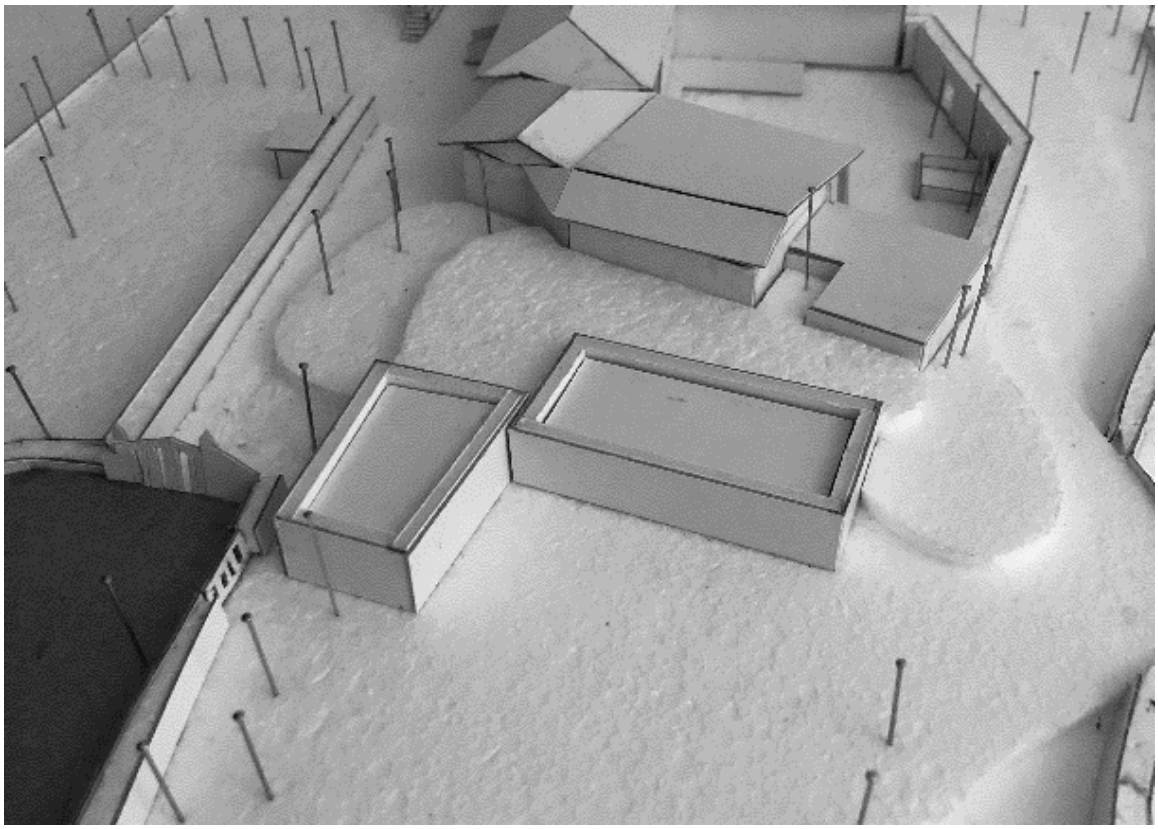


Figura 150. Segunda proposta de intervenção do processo projectual.

Associado ao "recanto" do *Curral*, surgiu a ideia de se projectar a "entrada" da casa. Ainda que a escavação fizesse parte da solução, a entrada seria sustentada pela regularização de um pátio empedrado. No projecto da *Casa em Pardelhas,* Fernando Távora depara-se com uma situação semelhante -*"é uma autêntica sala ao ar livre. Por ele se tem acesso a tudo e para ela todas as portas."*[111] Definindo um percurso até ao interior, o arquitecto repensa como é que a sua trajectória pode interligar espacialmente os diferentes espaços, recebendo-nos num pátio central e num novo hall exterior intrínseco ao corpo da casa.

Apoiando-me na proposta anterior, surgiu a ideia de articular os corpos pré-existentes através de um terceiro elemento. Inspira-se no formato de um "*espigueiro",* propondo-se usar para esse efeito uma volumetria comprida. Por forma a dar sentido às paredes existentes, a nova volumetria estende-se sobre a cobertura ajardinada. Num dos topos desta volumetria é incorporada a "entrada", recordando a fachada de uma casa assim como o topo de um "*espigueiro"*. Procura-se um equilíbrio entre "tempos" e "lugares" marcado pela forma exterior, o agrícola e rural, e pela linguagem interior, a casa e a privacidade.

A possibilidade de fazer uma alusão à "casa", equiparando a sua forma à de um espigueiro, desencadeou a exploração de espaços de forma mais profunda. Seguindo esta reflexão, a *Casa de Férias* incorporar-se-ia na *Casa da Eira* segundo dois pisos, definindo e completando a forma de uma "casa". Por sua vez, o *Curral* seria o inverso, um espaço aberto e uma ante-câmara de transição entre espaços. Da mesma forma, na *Casa em Baião*, Souto de Moura propõe *"Consolidar a ruína como jardim fechado e fazer ao lado a base do projecto."*[112] Pensando na planta e no *programa*, assumem-se preferencialmente duas zonas, o privado e o colectivo, sendo exemplo a *Casa do Gerês*. O arquitecto ao reconverter o antigo celeiro numa Casa de Férias, baseia-se no equilíbrio das formas que compõem o espaço, consolidando o sítio, programa o interior *"resposta adequada porque deduzida ou construída a partir da necessidade que está na sua origem."*[113] Divide o espaço em duas zonas, a de dia e a de noite, estabelecendo uma clara distinção entre o que é colectivo e privado. Ainda assim, julga-se importante referir a implantação das escadas, subjugando-se estas à actual composição acabando por ser o elemento organizador da planta. A *Casa da Quinta da Cavada* é reconhecida pelo *"conjunto de peças arquitectónicas que ao longo dos séculos foram nascendo das necessidades determinadas pelo tempo e pelo lugar e hoje se apresentam como um edifício único,"*[114] da mesma forma que no actual projecto, as constantes intervenções tiveram que se subjugar às circunstâncias e necessidades anteriores.

---

111 BARROSO, Fernando, *Entrevista a Fernando Barroso*, Lisboa, 7 de Julho 2010.
112 TRIGUEIROS, Luiz, *Eduardo Souto Moura*, Editora BLAU, Lisboa, 1994, p.150.
113 CAMPOS, André; GUEDES DE OLIVEIRA, Pedro, *Eduardo Souto de Moura Concursos 1979-2010*, Faup Publicações, Porto, 2011, p.42.
114 TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora, com artigos de Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza, Bernardo Ferrão e Eduardo Souto Moura e com Grafismos de Ana Maria Chora*, Lisboa, Blau, 1993, p.130.

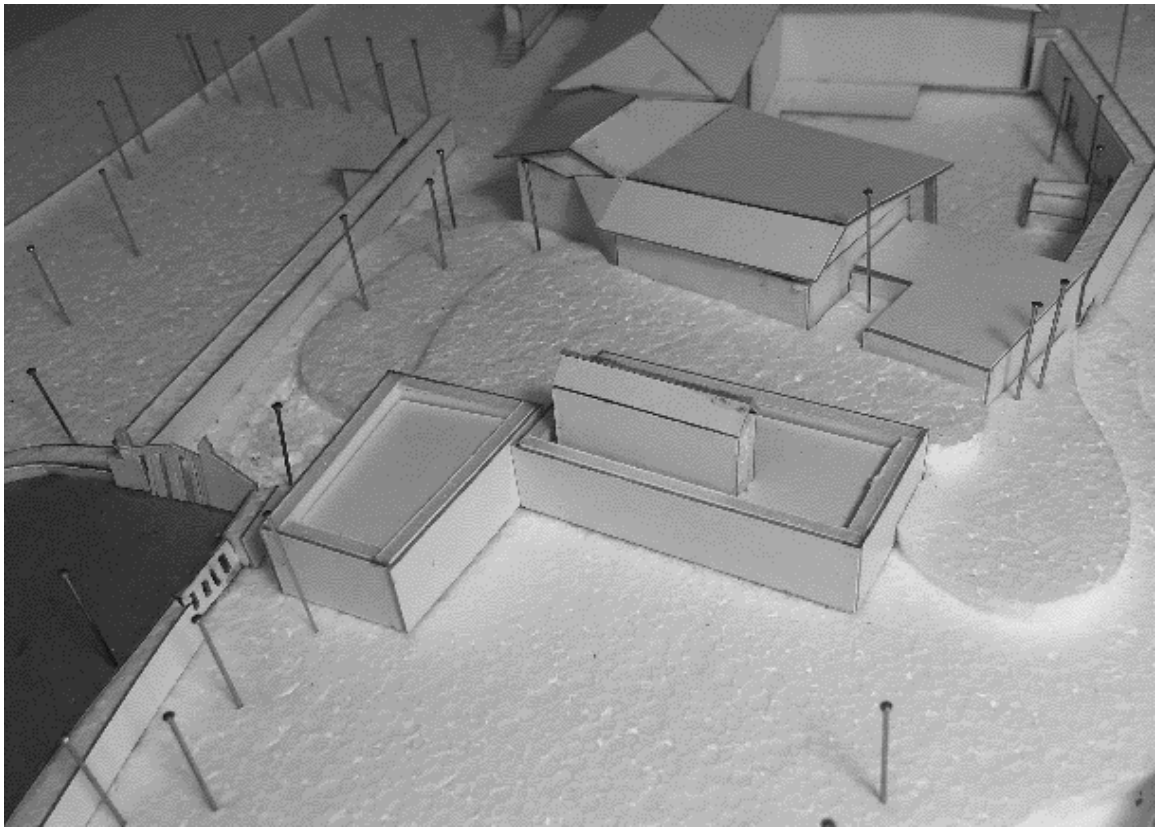


Figura 151. Terceira proposta de intervenção do processo projectual.

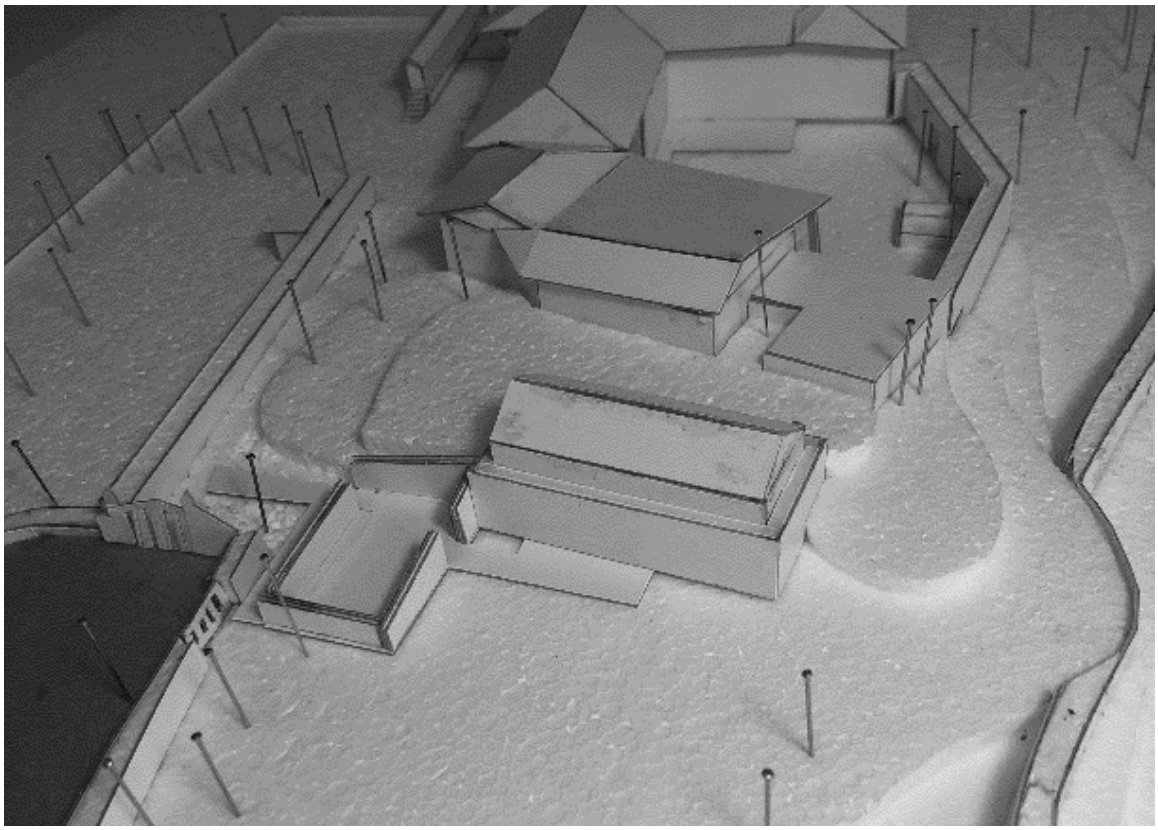


Figura 152. Quarta proposta de intervenção do processo projectual.

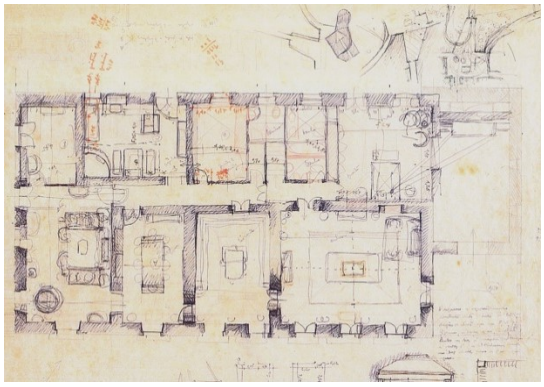


Figura 153. Planta da *Casa da Covilhã,* Fernando Távora.

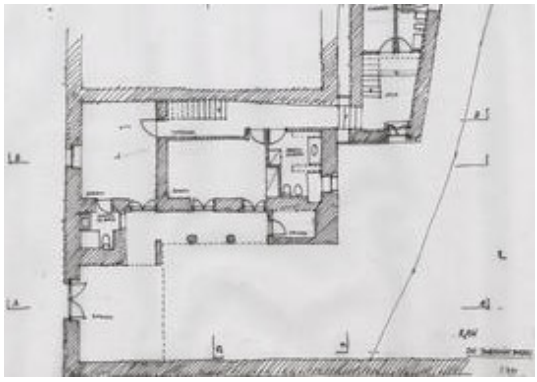


Figura 155. Planta do piso térreo da *Casa em Pardelhas,* Fernando Távora.

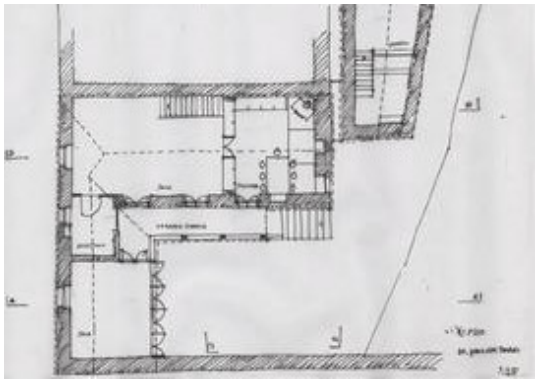


Figura 156. Planta do piso superior da *Casa em Pardelhas,* Fernando Távora.

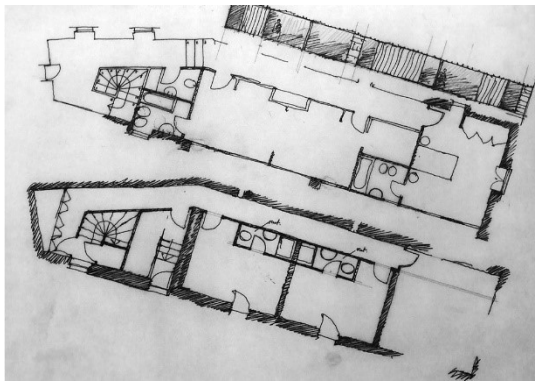


Figura 158. Plantas da *Casa da Quinta da Cavada,* Fernando Távora.

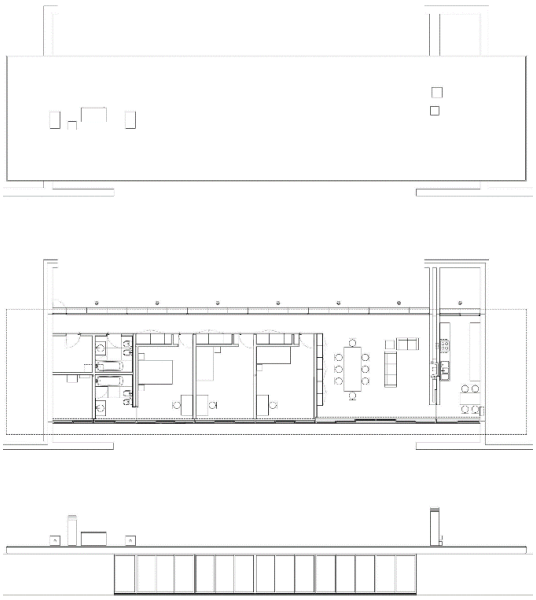


Figura 154. Planta da *Casa em Moledo*, Eduardo Souto de Moura.

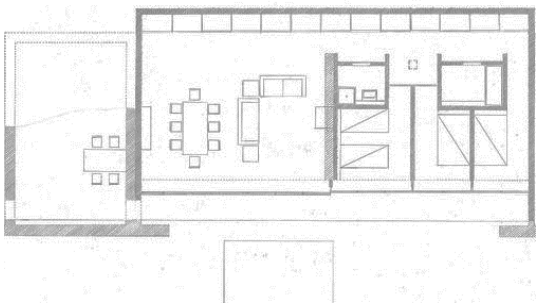


Figura 157. Planta da *Casa em Baião,* Eduardo Souto de Moura.

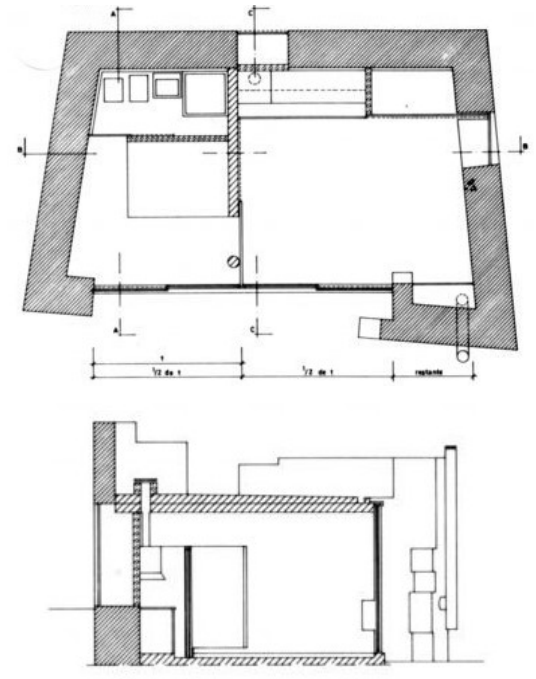


Figura 159. Planta e corte da *Casa do Gerês*, Eduardo Souto de Moura.

4.3| Proposta final

"Qualificar a sua transformação será sem dúvida, qualificar a arquitectura introduzindo meios de projecto que sejam oportunos para os seus problemas e que sejam capazes de agregar valores formais certos para o lugar."[115]

A proposta final assenta em dois temas: o tema da ruína (o *Curral*) e o da reabilitação do edifício antigo (a *Casa da Eira* - antiga ruína*)*.

Quando se considera intervir em edifícios antigos, ressalta a controvérsia da sua possível destruição e/ou desaparecimento. Atendendo ao valor histórico e à condição natural do existente, a presente acção baseia-se na sua valorização enquanto nova construção e conservação da *ruína*. A *Casa da Eira* será "ocupada", estabelecendo uma relação antagónica pela incompletude e vazio do *Curral.* Nesse sentido, entregue ao tempo e à história, o projecto visa um vínculo contrastante entre o "construído", onde se "toca" e o "reconstruído", onde se conserva o estado da *ruína* ambicionando a sua "intocabilidade". Evidencia-se o respeito pelo objecto e o lugar, constatando-se uma aceitação perante a circunstância natural, emancipando a sua continuidade e testemunho de vida, *"a criação contínua de modo constante e ininterrupta,"*[116].

Face à circunstância existente, é idealizada uma morfologia para a composição projectual, sendo ela, o alçado de uma casa onde se destaca o desenho de uma fachada recortada por duas águas. "*Evocam arquitecturas que as precederam. Nessa dimensão trans-histórica está grande parte do seu sentido."*[117] . Apesar de fazer menção à forma de uma "casa", o projecto inspira-se ainda, na volumetria longitudinal de um "espigueiro" - *"a permanente alusão, subentendida, a uma figuração ausente, irrecuperável,"*[118]. Simultaneamente, vemos asseguradas na presente configuração o contexto agrícola, marcado pela síntese da referida construção vernacular e a noção de "casa", através da sua forma mais sintética. Citando Ignasi Solà-Morales, *"O projecto é o resultado de dois interlocutores. A palavra do edifício e as palavras da história da arquitectura, o acervo inacabável oferecido pelo tesouro da linguagem arquitectónica."*[119].

---

115 Tradução original. "*Cualificar su transformación será sin duda cualificar arquitectura introduciendo médios de proyecto que sean oportunos para sus problemas y que sean capaces de añadir valores formales ciertos al lugar*." CAPITEL, Antón, Metamorfosis de monumentos y teorias de la restauración, Madrid, Alianza Editorial, 2009, p.60.

116Tradução original. "*la creación continúa de modo constante e ininterrompido*," Ibidem, p.54.

117DAL CO, Francesco; GRAÇA MOURA, Nuno, *Souto Moura Memória Projectos Obras*, Casa da Arquitectura, Matosinhos, 2019, p.52.

118 CAMPOS, André; GUEDES DE OLIVEIRA, Pedro, *Eduardo Souto de Moura Concursos 1979-2010*, Faup Publicações, Porto, 2011, p.39.

119 SOLÀ-MORALES, Ignasi, "Imitación essencial, La arquitectura de José Ignacio Linazasoro", in José Igancio Linazasoro, Evocando La Ruína. Sombras y Texturas, Centro Cultural el Lavapiés, Madrid, Madrid, A. G. Grupo, S. A., 2004, p.10, In, ALARCÃO E SILVA, Pedro, *Construir na Ruína, Entre a Reconstituição e a Reabilitação*, Porto, Edições, Afrontamento, 2018, p.25.

Figura 160. Maquete 1:50.

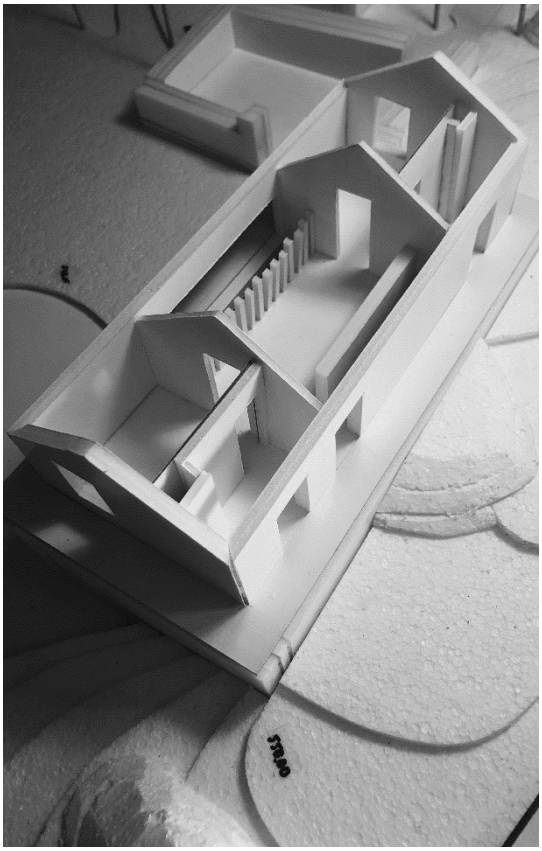


Figura 161. Interior do piso superior da maquete 1:50.

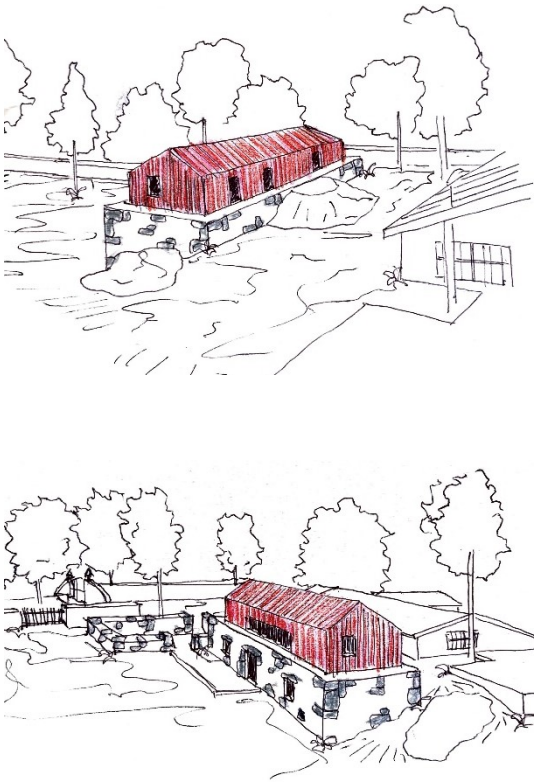


Figura 162. Desenhos do projecto final.

Assim como nos séculos anteriores, as construções eram sustentadas por blocos de pedra, hoje, a morfologia formal idealizada assenta também numa base de pedra, as paredes de granito existentes. A clareza com que a nova estrutura se implanta potencia o desvanecimento dos próprios volumes, consolidando-os como base. Apropriando-se da topografia, adquire-se um princípio de invisibilidade, compatibilizando-se no conjunto a vertente habitacional. Ruskin afirma que *"a valorização: (...) não deve dissimular,"*[120] desta forma garante-se a construção de uma "casa" que não se impõe no espaço agrícola, mas que o considera e valoriza.

Considerando o piso, em granito aparelhado, e o desenho do ripado de madeira (pintados com tinta "sangue-de-boi"), é dada continuidade ao existente, equilibrando uma estrutura de madeira com a arquitectura vernacular. Ambiciona-se o contraste entre tempos, materialidades e entre a paisagem e o novo corpo. A intervenção no alçado do piso térreo aproxima-se de uma morfologia assente no sistema em guilhotina, transparecendo as padieiras e ombreiras.

No que diz respeito à *ruína,* manifesta-se essencialmente o princípio da memória. Dando uso ao valor da rememoração, o *Curral* "*aspira de forma retumbante às forças naturais são já irremediáveis e do ponto de vista do valor histórico também não devem ser eliminadas"*[121]. A intenção perante a ruína é preservá-la, *"a ruína ganha, neste contexto, um sentido particular enquanto artefacto (...) redução das obras aos seus princípios formais,"*[122]. Deixar o *Curral* entregue ao tempo, a um sentimento de perda e a um *"estado intermédio entre arquitectura e natureza"*[123], permitiu manter a identidade do lugar. Funcionando como ante-câmara, o seu "vazio" antecede a "entrada" na *Casa de Férias*, conseguindo unidade entre os dois corpos, maior fusão com a topografia e relação com o passado das pré-existências - "*São caixas de ressonância que nos devolvem os ecos da longa permanência das formas no tempo."*[124] Sobre o "cheio" da *Casa da Eira e* o "vazio" do *Curral*, assegura-se uma composição de contrastes passado/presente, história/natureza, pré-existência/projecto. Potencializando as características do lugar segundo um propósito espacial, o projecto proporciona uma atmosfera equilibrada, retendo na forma a sua simplicidade. Tal como na *Casa do Gerês, "Os elementos novos são reduções – simplificações"*[125]. A nova composição acaba por se definir como harmoniosa vinculando-se ao passado e ao presente.

120 CHOAY, Françoise, *Alegoria do Património*, 2ª edição, Lisboa. Edições 70, 1999. Licorne/ CHAIA, 2010, p.227.
121 Tradução original, "*aspira de modo rotundo a fuerzas naturales son ya irremediables y desde el punto de vista del valor histórico tampoco debem ser eliminados",* Ibidem, p.58.
122 Ibidem, p.40.
123 CAMPOS, André; GUEDES DE OLIVEIRA, Pedro, *Eduardo Souto de Moura Concursos 1979-2010*, Faup Publicações, Porto, 2011, p.41.
124 DAL CO, Op cit., p.53.
125 Ibidem, p.49.

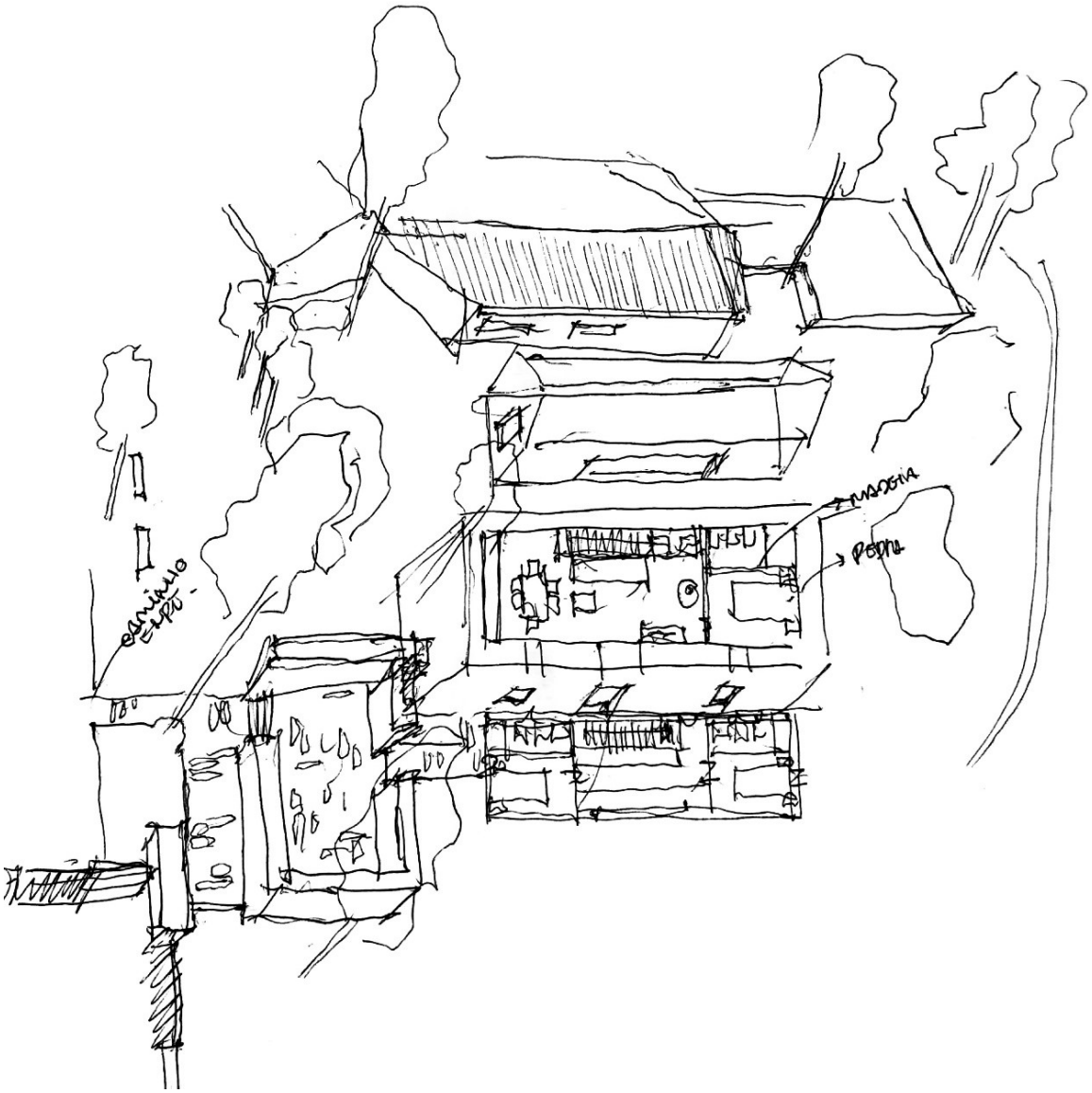


Figura 163. Desenho do projecto final.

Ambiciona-se no interior a fluidez e harmonia dos espaços. É de salientar a pertinência no tratamento da altura, segundo o uso de um *mezanino*, a clara evidência das duas águas no desenho interior da casa, a dinâmica interactiva entre pisos, o desenho dos alçados contrastando as épocas e a alusão a um alpendre através de um grande rasgo no alçado superior. Todos estes aspectos resultam na transparência do sítio, da natureza envolvente e criam uma transição entre mundos - *"Creio que não existe arquitectura sem natureza."*[126]

O *programa* prioriza acima da sua organização a *Encomenda* e as exigências do lugar. Operacionalizando as duas, a *Casa de Férias* procura assentar numa lógica que sirva a sua "função", isto é, um espaço que ponha em prática a vida de moradores sazonais. Atravessando o portão da *Casa da Chela*, avistamos à nossa direita um cenário arborizado que delicadamente dissimula a nova *Casa de Férias*. Envolvida pelas formas que compõem essa atmosfera, somos conduzidos por um percurso empedrado que se funde com a superfície verde. Depois da necessária escavação, são niveladas as cotas altimétricas do terreno e facilitados os acessos e a livre circulação ao longo dos espaços. Distingue-se ao fundo, uma volumetria avermelhada definida pelo corte de duas águas. Conduzidos até à nova passagem a poente do *Curral,* somos encaminhados a descer quatro degraus, marcados pela sobrevalorização e distinção entre o "dentro" e o "fora" do lugar. A linha do horizonte e o nosso campo de visão são condicionados pelo acolhimento de quatro paredes existentes que evocam um primeiro encontro com o passado abstracto*,* fazendo-nos*"aproveitar a ruína como estádio de contemplação"*[127]. É-nos proporcionado um momento de introspecção, elevando o lugar ao esplendor da sua história - "*promove-se a chamada "experiência de passagem", em que se processa" uma saída da ordem reconhecível das coisas (...) e uma "entrada" numa espécie de falha ou cesura temporal e espacial, por vezes inesperada e insólita, muitas vezes estranha".*[128] Passado o *Curral*, somos recebidos na plataforma que dá lugar à nova *eira,* espaço de entrada na *Casa de Férias* e a transição entre todos os intervenientes.

Com o objectivo de consolidar a *Perspectiva de intervenção na Casa da Chela,* e juntamente ligar o presente projecto, observamos a Norte da *Casa de Férias* um possível acesso. Dessa forma e como materialização das intervenções compunha-se um caminho empedrado intercalado com murados - *"o regresso aos sistemas antigos, aos muros portantes em pedra da arquitectura monolítica tradicional,"*[129] desenhado pela sinuosidade dos taludes, com início no portão do *quinteiro* e fim na *eira* do projecto.

---

126 NUFRIO, Anna, *Eduardo Souto Moura Conversa com estudantes,* Editorial Gustavo Gili, SL, trad. Dorieta Maissa, Barcelona, 2008, p.74.
127 TRIGUEIROS, Luiz, *Eduardo Souto Moura,* Editora BLAU, Lisboa, 1994, p.29.
128 PEREIRA, Paulo, "*Lugares de passagem e o resgate do tempo",* Património/Estudos, 1, op. cit., pág.6, In, ALARCÃO E SILVA, Pedro, *Construir na Ruína, Entre a Reconstituição e a Reabilitação*, Porto, Edições, Afrontamento, 2018, p. 40.
129 CAMPOS, André; GUEDES DE OLIVEIRA, Pedro, *Eduardo Souto de Moura Concursos 1979-2010*, Faup Publicações, Porto, 2011, p.38.

Figura 164. Espaço deixado em ruína na *Casa de Baião,* Souto de Moura.

Figura 165. O *Curral* da *Casa da Chela* em ruína.

Figura 166. Varanda alpendrada da *Casa da Quinta da Cavada,* Fernando Távora.

Figura 167. Cozinha da *Casa da Quinta da Cavada*, Fernando Távora.

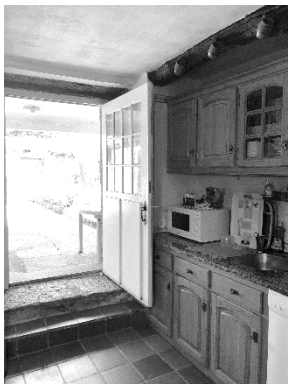


Figura 168. Porta da cozinha da *Casa da Chela.*

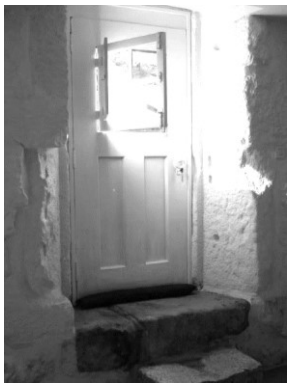


Figura 169. Porta da cozinha da *Casa em Pardelhas.*

Ao entrar na *Casa de Férias* pela porta existente, materializa-se na "entrada" a concepção "casa" acolhida pelo passado, testemunhando dois tempos, dois lugares e duas necessidades. A sua valorização, vem "*auxiliar preciosamente a identificação da tipologia construtiva do edifício"*[130]. Sobre dois pisos, o espaço encontra-se imediatamente interligado por um *mezanino,* traduzindo o constante diálogo e a idealização de uma planta só. Considerando a área reduzida da planta rectangular, a disposição das áreas colectivas teve que se subjugar à localização das escadas. A Nascente, o quarto suíte com janela virada a Sul; ao centro a escada de tiro, a sala de estar e a entrada; a Poente o corpo da cozinha e adjacente a esta a sala de jantar, também com uma janela a Sul; e por último, um WC de serviço incorporado por debaixo das escadas. Respondendo às funções de cada espaço e à relação com o próximo, o carácter colectivo do piso térreo apela à praticabilidade das tarefas domésticas e à sua acessibilidade. Indo ao encontro dos pedidos referidos na *Encomenda*, é desenhada uma cozinha grande, necessária ao espaço de "trabalho" da Avó e, atendendo aos pedidos do Avô, são configurados espaços de lazer, com a finalidade de usufruir da paisagem, do campo e da luz. (Ver Figura 170 de *Projecto em Felgueiras*, de José Martins).

A planta superior assume um desenho simétrico, repartindo-se em três espaços. Idealiza-se a volumetria interna que se assemelha à forma de um "*espigueiro*" - *"a sua representação fotografada como atalaia que olha o vale, os campos e a montanha, o duplo enquadramento da foto"*[131]. Nos extremos assentam os quartos suíte, assumindo os topos uma janela funcionando como uma moldura na paisagem. Relativamente ao espaço central e à transição entre os quartos, identifica-se uma sala de repouso, valorizada pela particularidade da inclinação das águas que confere "refúgio", pelo *mezanino*, que estimula o diálogo entre todos os espaços, pela escada de tiro, que aos poucos se familiariza com a noção de acolhimento da cobertura, e por fim, por um banco corrido, que acompanhado pelo rasgo da fachada, cria uma interacção com a paisagem. A união de todos os aspectos elencados, remete-nos para um "alpendre" ou até para uma "varanda alpendrada", dentro de casa. A moldura desse rasgo, faz com que sejamos absorvidos pela paisagem e pelo "lugar", invadindo o seu interior, e, consequentemente, permitindo a manifestação da dimensão do exterior. Como refere o Professor Carlos Machado acerca da *Casa do Gerês*, *"Um encontro entre interior e exterior, que resulta do programa e do lugar, (...) dualidade por vezes desconfortável,"*[132]. O pensamento por detrás dos alçados foi fundamental para a consolidação de cada interior e, de igual modo, para a leitura da composição exterior.

"Os problemas que se colocam na intervenção sobre objectos arquitectónicos ultrapassam o determinismo funcionalista ou técnico e reportam-se à forma como se actua sobre a estrutura e à

130 Ibidem, p.76.
131 DOMINGUES, Álvaro. *Vida no Campo*. Dafne Editora, Porto, 2011, p.211.
132 DAL CO, Francesco; GRAÇA MOURA, Nuno, *Souto Moura Memória Projectos Obras*, Casa da Arquitectura, Matosinhos, 2019, p.51.

Figura 170. Interior do *Projecto em Felgueiras,* José Martins.

Figura 171. Quarto da *Casa da Quinta da Cavada,* Fernando Távora.

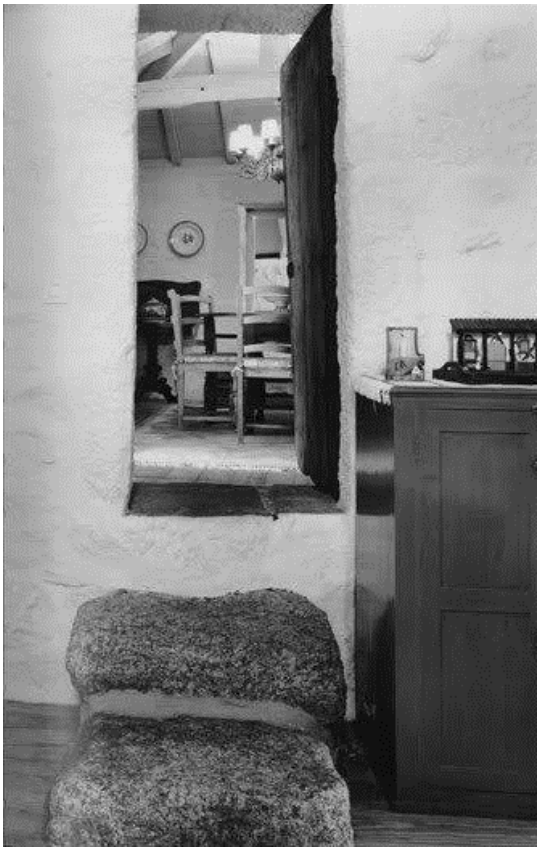


Figura 172. Interior da *Casa da Quinta da Cavada,* Fernando Távora.

resposta construtiva que resolve o confronto com a matéria existente."[133] Por forma a estabelecer uma solução construtiva que vá ao encontro destes objectos arquitectónicos, equaciona-se o respeito pelo objecto, pois já ele faz *"parte do próprio projecto de reabilitação."*[134], pelos sistemas construtivos existentes, sabendo que *"esse destino deve, antes de tudo, ter em conta o estado material do edifício"*[135], e objectiva-se uma estratégia compositiva que tenha em mente a sua reversibilidade, durabilidade e transformação - *"a reversibilidade tem de ser encarada, não como um objectivo em si mesma, mas como uma meta,"*[136]. Ainda assim, não foi objectivo do trabalho chegar a um nível de aprofundamento pormenorizado da dimensão construtiva.

Na certeza de atribuir expressão e vivência à ruína, é realizada: uma escavação a poente, permitindo uma nova entrada e a transparência das paredes "enterradas"; e aplicado de forma menos invasiva, um empedramento no percurso até ao mesmo e no interior fundindo-se este com o terreno. Ainda assim, por forma a aproximar a presente configuração das paredes ao seu estado inicial e a um espaço mais claro em prol do projecto, propõe-se a regularização das mesmas configurando uma altura mais plana aquando do econtro das pedras existentes. Pretende-se revitalizar a constante entrega ao tempo, *"procurando uma concordância formal e construtiva; desenhos que transportam a ruína para o presente, que lhe dão marca da contemporaneidade."*[137], aproximando-nos de todos os "tempos".

Relativo ao conceito de conservação, Miguel Tomé apresenta-nos duas visões, "*uma que atribuía o valor histórico à integridade formal do objecto relativamente à época que o determinou e de que ele era representante físico (...); outra que elegia como primordial o sentido de autenticidade material que derivava da continuidade temporal do monumento"*[138]. Apesar das pré-existências não poderem ser considerados monumentos, é possível fazer um paralelismo baseado na sua herança e antiguidade. Da mesma forma que é atribuído o valor histórico à integridade dos objectos, pretende-se no projecto, a autenticidade material e construtiva dos diferentes "tempos".

Por oposição, na *Casa da Eira* evidencia-se um processo mais complexo, apesar de desejar o menor impacto possível, *"pelo menos há que ficar ainda um traço claro da forma original, da antiga obra humana, do que foi anteriormente,"*[139]. Tendo em conta a intervenção dos Avós, uma cobertura segundo vigotas, é possivel concluir que o presente sistema não corresponde à matriz

133 TOMÉ, Miguel, *Património e Restauro em Portugal* (1920-1995), Porto: FAUP Publicações, 2002, p.233.
134 APPLETON, João, *Reabilitação de edifícios antigos – Patologias e técnicas de intervenção*, Amadora, Editora Orion, 2ªedição, 2003, p.158.
135 CHOAY, Françoise, *Alegoria do Património*, 2ª edição, Lisboa. Edições 70, 1999. Licorne/ CHAIA, 2010, p.233.
136 APPLETON, Op cit.,p.159.
137 ALARCÃO E SILVA, Pedro, *Construir na Ruína, Entre a Reconstituição e a Reabilitação*, Porto, Edições, Afrontamento, 2018, p.28.
138 TOMÉ, Op cit., p.130.
139 Tradução original. "*por lo menos há de quedar aún una huella clara de la forma original, de la antigua obra humana, de lo que fue anteriormente",* RIEGL, Alois, *El Culto Moderno a los Monumentos: Caracteres y Origen*, (trad. Ana Pérez López), Madrid: Visor, 1987, p.53.

Figura 173. Jardim empedrado da *Casa da Quinta em Santo Tirso,* José Carlos Nunes de Oliveira.

Figura 174. *Casa no Castanheiro*, João Mendes Ribeiro.

Figura 175. *Cabanas no Rio,* Francisco e Manuel Aires Mateus.

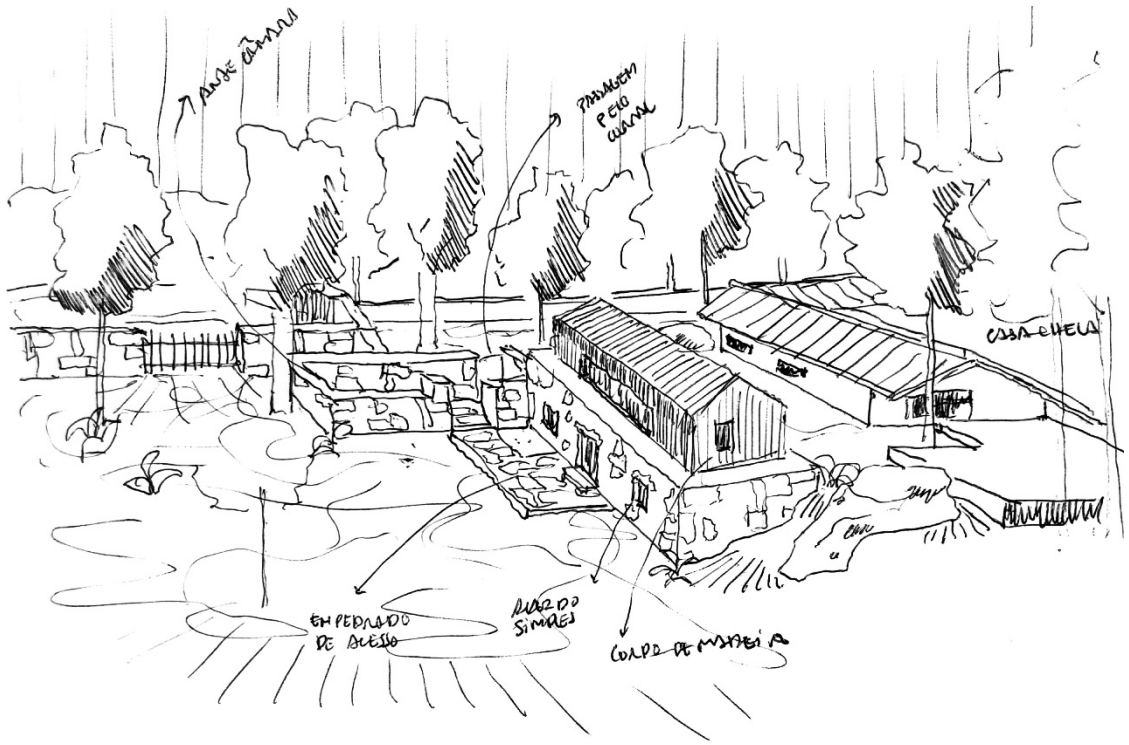


Figura 176. Desenho do projecto final.

da *Casa da Eira.* Em prol do projecto decidiu-se a sua anulação e/ou demolição. Como refere Ruskin, *"toda a intervenção implica uma mudança."*[140]. A fundação da nova laje e consequentemente a definição da "altura" necessária, foram aspectos que tiveram a sua resposta na construção, podendo o projecto *"definir-se pela negativa e por escavação,"*[141]. Tal como nas casas de Moledo e Baião, a intervenção teve início na retirada de inertes, possibilitando o ganho de altura interior e a reformulação da nova laje. Ainda assim, às fundações existentes, ditas *"directas"*[142], foram equacionados novos sistemas técnicos e de isolamento.

De acordo com o plano estrutural, será dada continuidade aos sistemas construtivos tradicionais. Tendo como base as paredes existentes *"o edifício caracterizava-se pela sobreposição de elementos construtivos estrutural e cronologicamente díspares,"*[143] acrescentando apenas, uma estrutura segundo vigamentos de madeira, *"predomina, como solução estrutural, a asna de madeira"* [144], assim como o revestimento em soalho, *"a madeira constitui o principal material na execução dos pavimentos,"*[145]. Por fim, recorre-se a uma *"pesquisa de bibliografia técnica da época, que permita identificar e redescobrir as técnicas de corte e ligação das peças de madeira, redesenhando as antigas caixilharias."*[146] Apesar de apresentar pouca durabilidade, a madeira é flexível e facilmente desmontável. (Ver Figuras 174 e 175). Segundo pilares de madeira, é definida uma estrutura que até à cobertura se prolonga edificando as duas águas e sustentando o forro exterior - *"é de boa regra assegurar a protecção dos topos embebidos nas alvenarias, garantir a existência de um "berço" para o apoio da asna,"*[147]. Para não perder área, associado aos pilares encontra-se uma camada de parede mais reduzida: o isolamento térmico, aplanando as irregularidades do granito, e de seguida, o revestimento segundo placas de madeira. Relativamente à durabilidade da construção subentendida na cobertura, destaca-se uma tela de impermeabilização e o isolamento térmico. No que diz respeito ao tratamento dado ao espaço sob a cobertura evidencia-se um forro em madeira e sob o tecto do piso térreo, um tecto falso rebocado.

Por fim, a pré-existência materializa-se conferindo forma e dando continuidade ao existente. Assente nesta fundação, edifica-se até à cobertura a completude do edifício segundo uma nova pele.

---

140 "*Outra época podia dar-lhe outra alma, mas seria um novo edifício."* John Ruskin, *Las siete lámparas de la Arquitectura*, op. cit., p.182, In, ALARCÃO E SILVA, Pedro, *Construir na Ruína, Entre a Reconstituição e a Reabilitação*, Porto, Edições, Afrontamento, 2018, p.50.
141 DAL CO, Francesco; GRAÇA MOURA, Nuno, *Souto Moura Memória Projectos Obras*, Casa da Arquitectura, Matosinhos, 2019, p.31.
142 APPLETON, João*, Reabilitação de edifícios antigos – Patologias e técnicas de intervenção*, Amadora, Editora Orion, 2ªedição, 2003, p.10.
143 TOMÉ, Miguel, *Património e Restauro em Portugal* (1920-1995), Porto: FAUP Publicações, 2002, p.74.
144 Ibidem, p.12.
145 Ibidem, p.11.
146 Ibidem, p.75.
147 Ibidem, p.43.

Figura 177. Madeira para o revestimento final exterior, pintada com tinta "*sangue de*

Figura 178. Placas de madeira de 30cm de largura, pintadas de branco para colocar no interior da casa.

Figura 179. Madeira (pinho escuro), revestimento final dos pisos.

Figura 180. Pedra (granito), material existente.

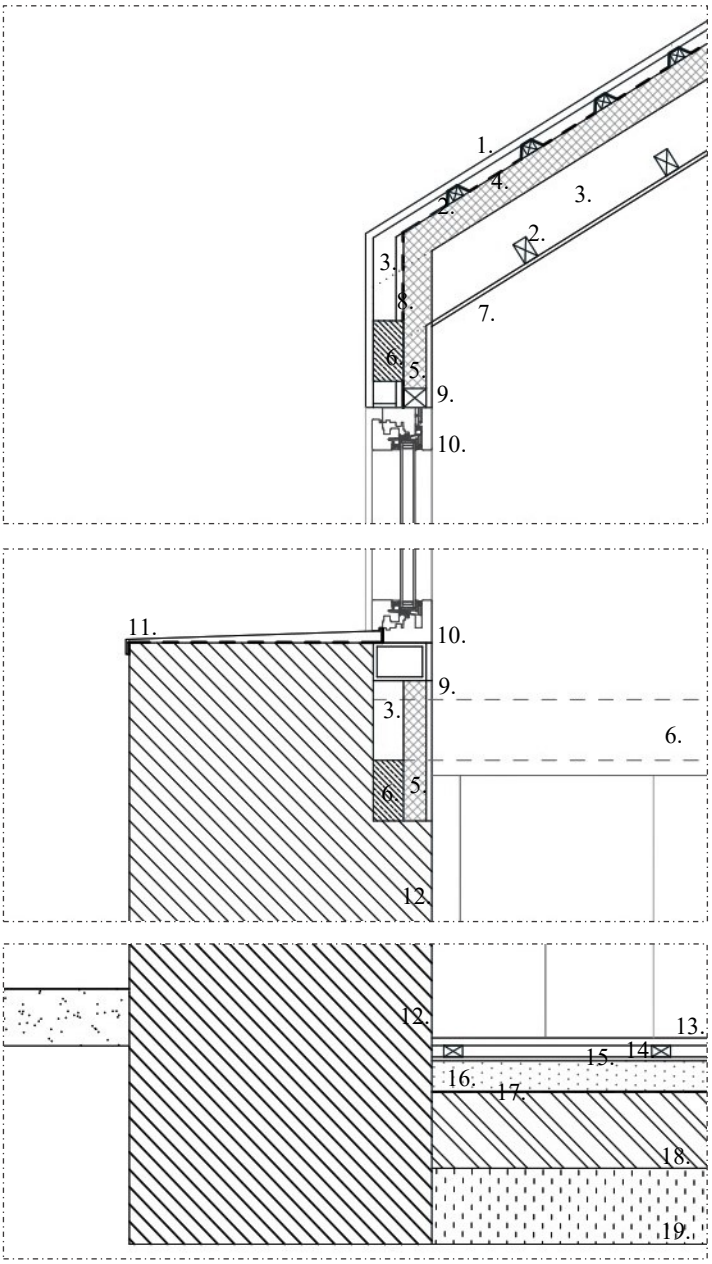


Figura 181. Desenho do sistema construtivo usado na *Casa de Férias.*

1.Forro exterior em madeira (pintada com tinta "sangue de boi");
2. Barrotes;
3. Caixa de ar;
4.Tela de impermeabilização;
5. Isolamento térmico;
6.Viga em madeira;
7. Forro interior em madeira (pinho escuro);
8. Sistema OSB;
9. Placas de madeira interiores (pintadas de branco);
10. Caixilho de madeira mais peça metálica;
11. Rufo mais impermeabilização;
12. Granito existente à vista;
13. Soalho;
14. Tacos;
15. Regularização;
16. Enchimento (betão leve);
17. Impermeabilização;

4.4 | Desenhos do projecto

Intervenção Plantas

I.01 – Planta de cobertura da Casa de Férias Escala 1:100

I.02 – Planta do piso térreo da Casa de Férias Escala 1:50

I.03 – Planta do piso superior da Casa de Férias Escala 1:50

Intervenção Alçados (juntamente com a Proposta de intervenção na Casa da Chela)

I.04 – Alçado Norte da Casa de Férias Escala 1:100

I.05 – Alçado Sul da Casa de Férias Escala 1:100

I.06 – Alçado Este da Casa de Férias Escala 1:100

I.07 – Alçado Oeste da Casa de Férias Escala 1:100

Intervenção Cortes (juntamente com a Proposta de intervenção na Casa da Chela)

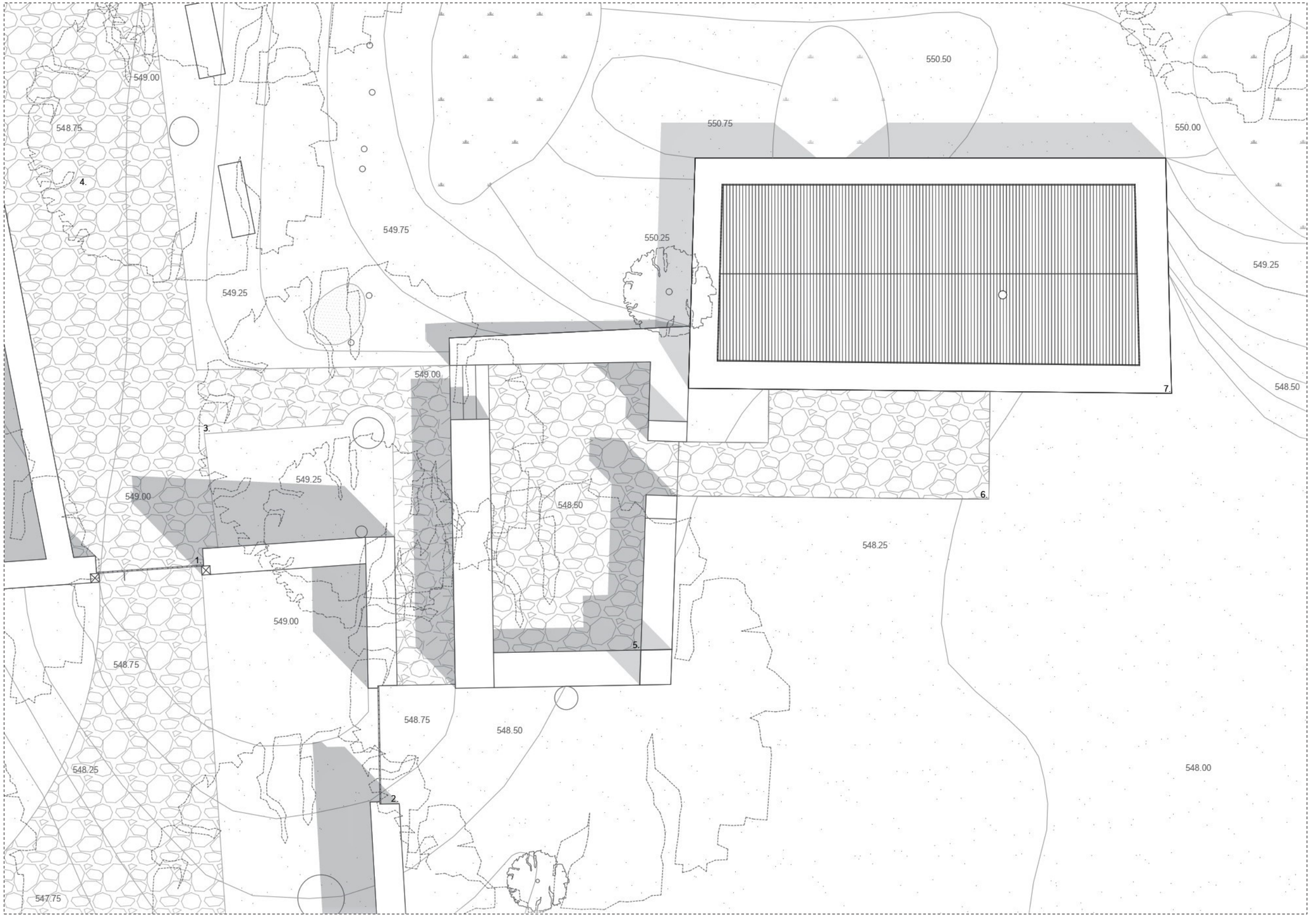
I.08 – Corte HH' Longitudinal Casa de Férias Oeste - Este Escala 1:100

I.09 - Corte II' Longitudinal Casa de Férias Este - Oeste Escala 1:100

I.10 – Corte JJ' Transversal Casa de Férias Sul - Norte Escala 1:100

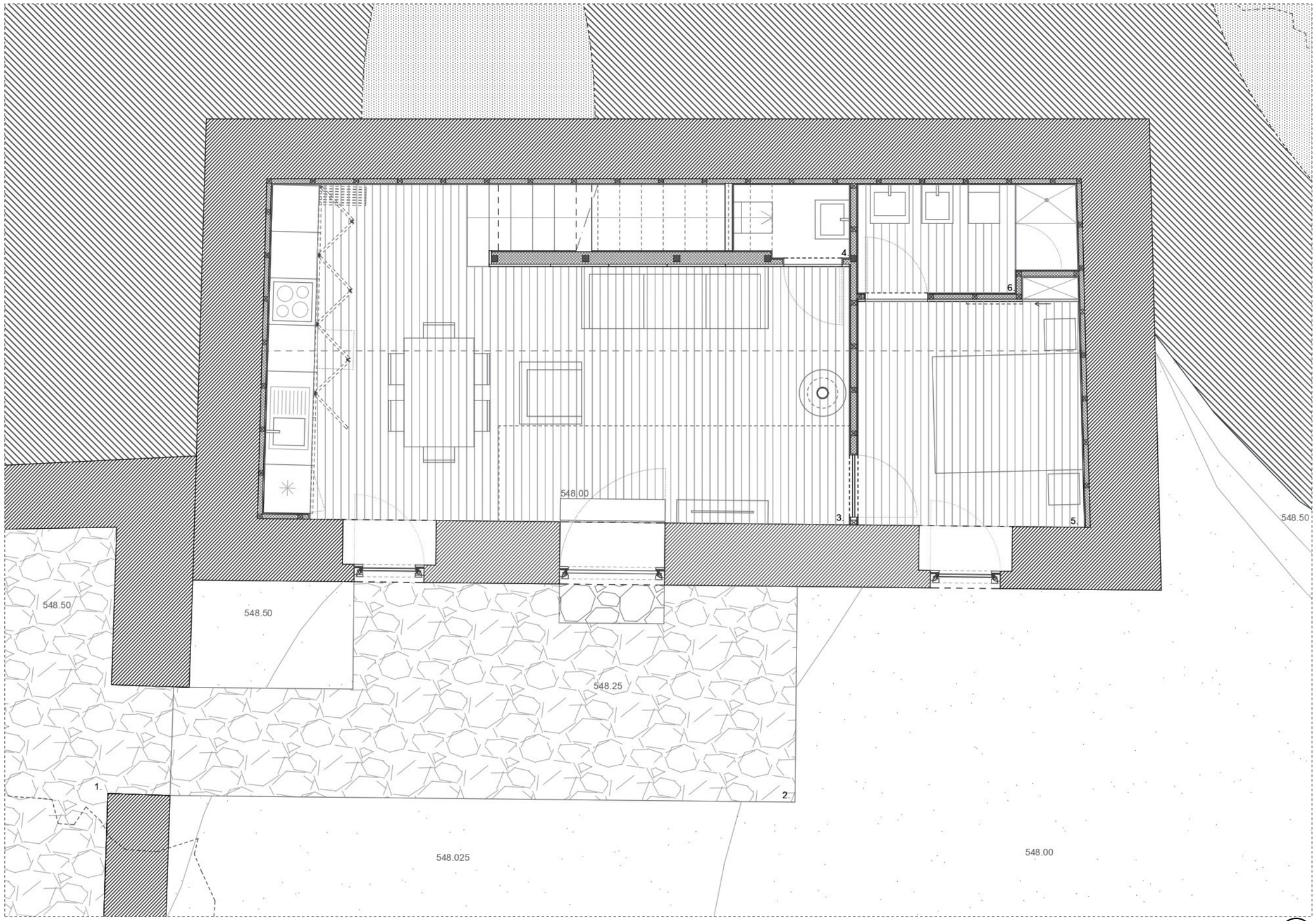
I.11 – Corte LL' Transversal Casa de Férias Norte - Sul Escala 1:100

I.12 – Corte MM' Longitudinal Ruína Norte - Sul Escala 1:100



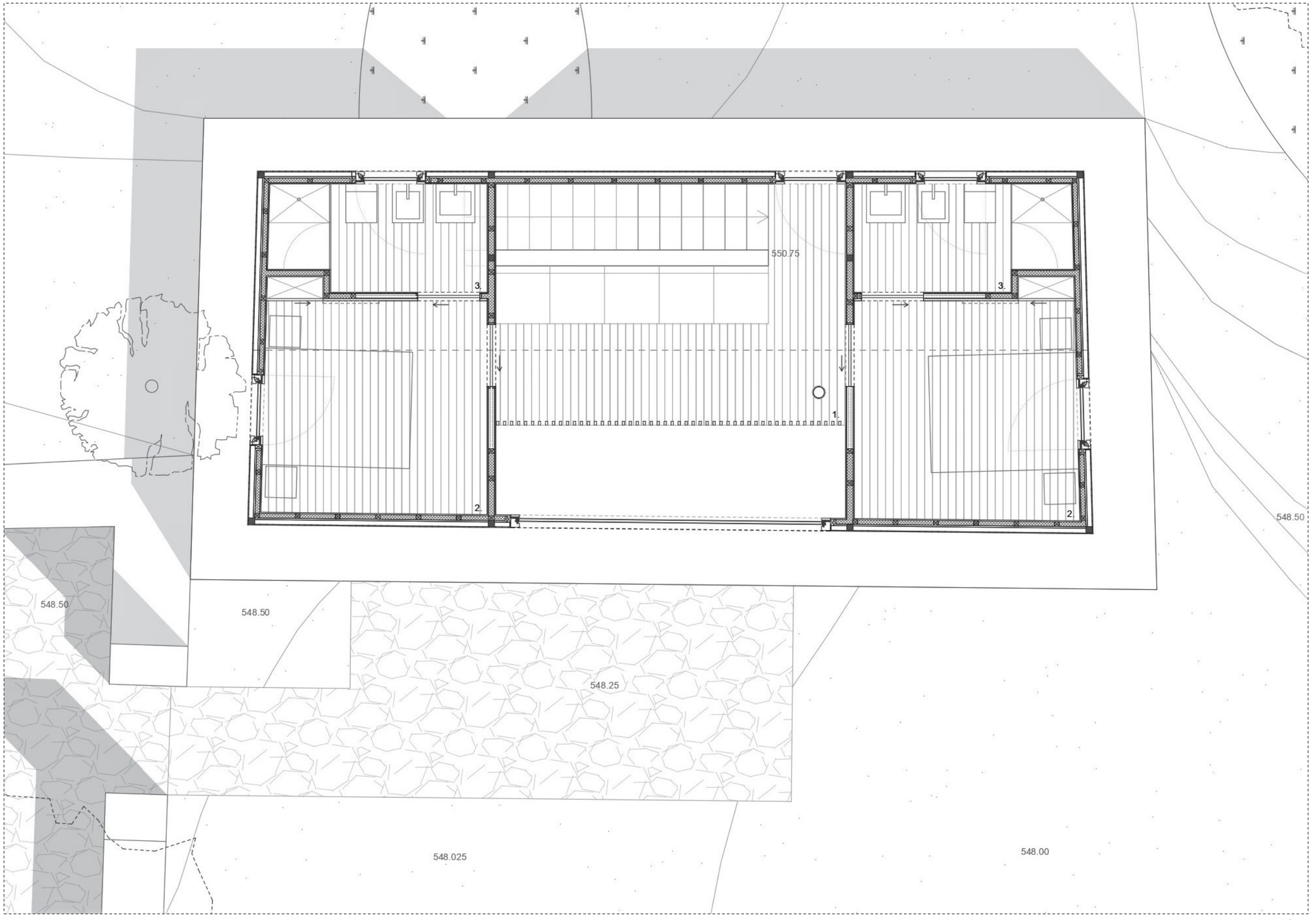
I.01 – Planta de cobertura da Casa de Férias | Escala 1:100

1.Portão principal | 2.Portão do curral (secundário) | 3. Caminho empedrado até à Casa de Férias | 4.Caminho empedrado até à Casa principal | 5. Curral | 6. Eira | 7. Casa de Férias



I.02 – Planta do piso térreo da Casa de Férias | Escala 1:50

1.Curral (antecâmara) | 2.Eira | 3. Sala de estar, sala de jantar e cozinha | 4.Wc de serviço | 5. Quarto suíte | 6. Wc suíte



I.03 – Planta do piso superior da Casa de Férias | Escala 1:50

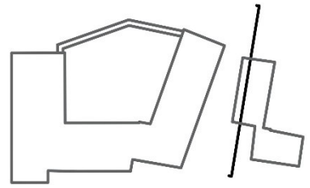
1.Espaço de repouso e/ou ”Alpendre” interior | 2.Quarto suíte | 3. Wc suíte

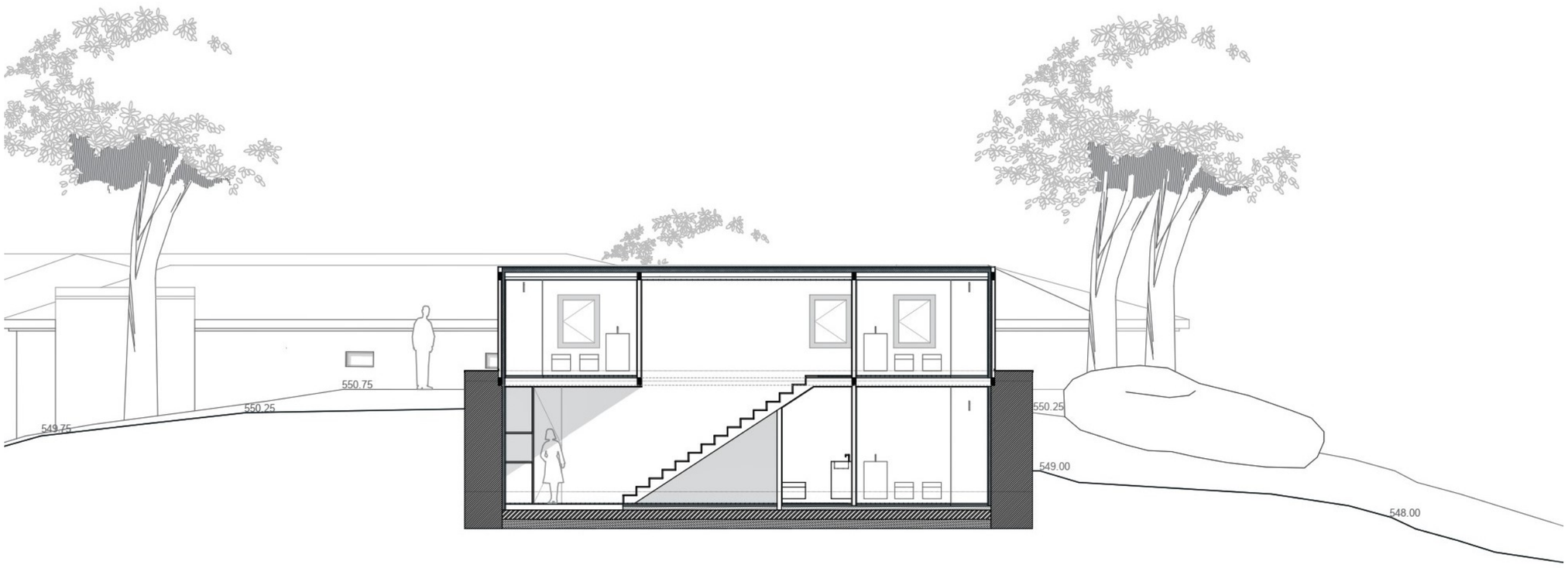
I.04 – Alçado Norte da Casa de Férias | Escala 1:100

I.05 – Alçado Sul da Casa de Férias | Escala 1:100

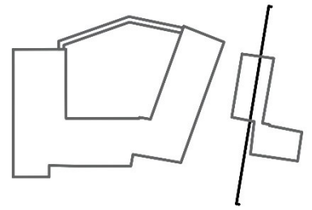
I.06 – Alçado Este da Casa de Férias | Escala 1:100

I.07 – Alçado Oeste da Casa de Férias | Escala 1:100

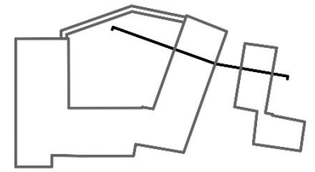


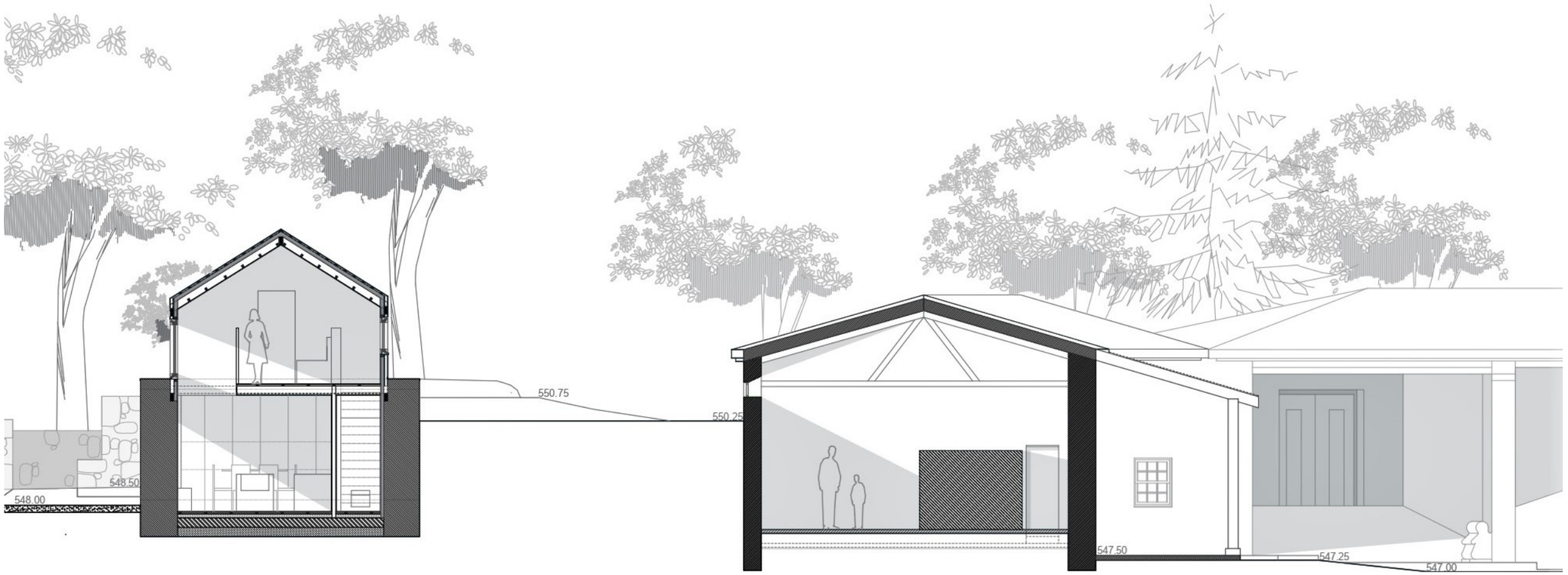


I.08 – Corte HH' Longitudinal Casa de Férias Oeste – Este | Escala 1:100

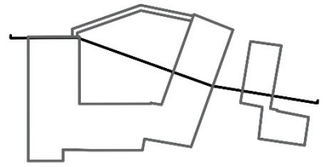


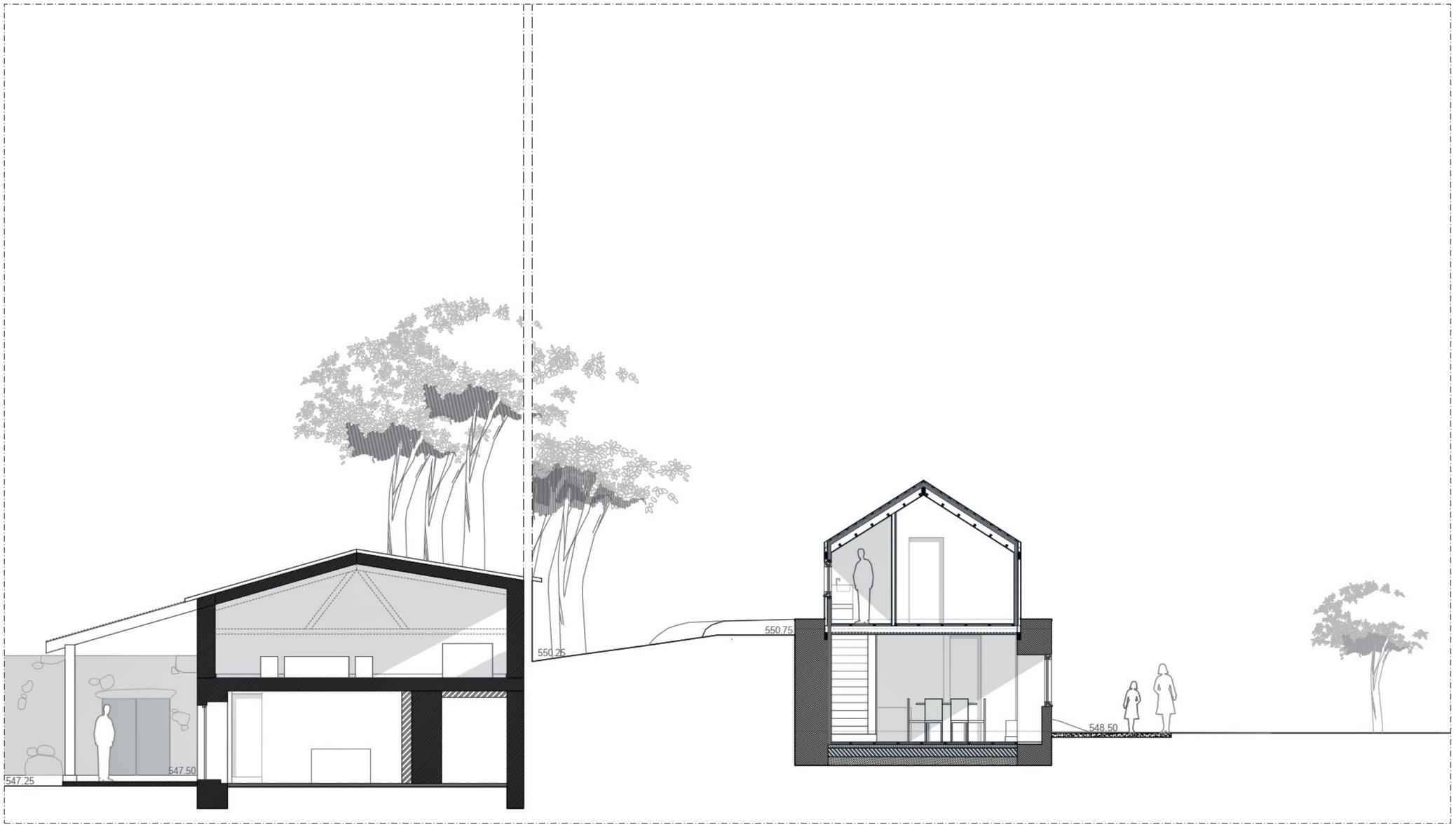
I.09 - Corte II' Longitudinal Casa de Férias Este – Oeste | Escala 1:100



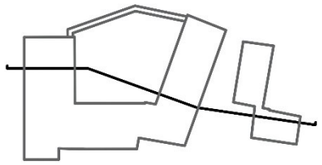


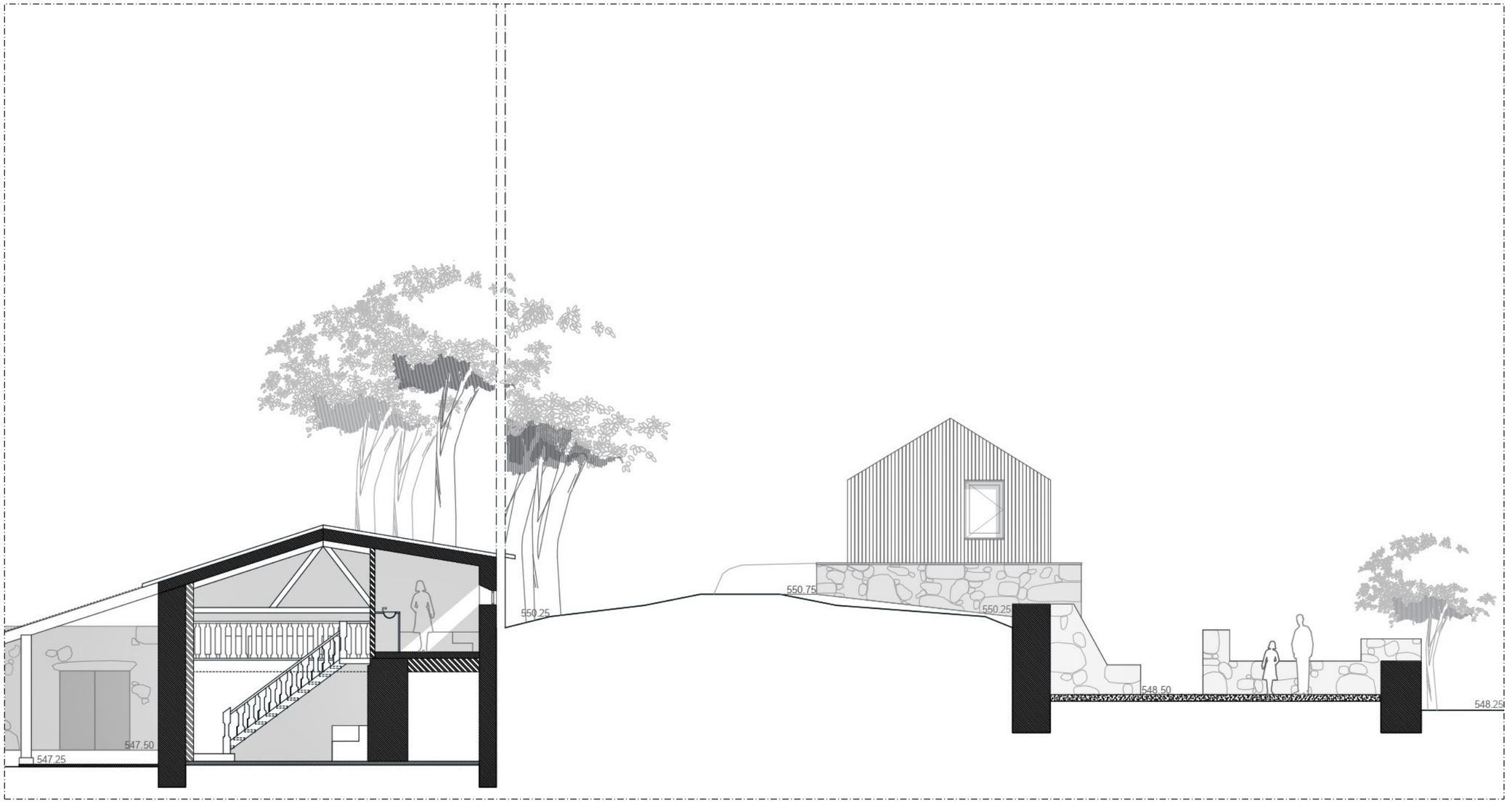
I.10 – Corte JJ' Transversal Casa de Férias Sul – Norte | Escala 1:100





I.11 – Corte LL' Transversal Casa de Férias Norte – Sul | Escala 1:100





I.12 – Corte MM' Longitudinal Ruína Norte - Sul | Escala 1:100

EPÍLOGO

“ Estudo correntes, redemoinhos, procuro enseadas antes de (ar)riscar. Posso ser visto só, passeando no convés. Mas toda a tripulação e todos os aparelhos estão lá, o capitão e o fantasma. Não me atrevo a por a mão no leme, olhando apenas a estrela polar. E não aponto um caminho claro. Os caminhos não são claros.”[148]

A presente viagem revelou ser a procura constante de uma organização do espaço das ideias. Amparada pelo lugar e abraçada pela família, a oportunidade de pôr em prática a aprendizagem adquirida até ao momento, possibilitou a exteriorização de um conjunto de inquietações e dúvidas conduzidas pela natural ordem do projecto. Mais do que uma solução arquitectónica, o processo conceptual ambicionou desde início, uma optimização das ideias e dos conceitos que fundamentam e fixam a prática da arquitectura. Percorrer este caminho permitiu um aprofundamento mais objectivo, concreto, coerente, consistente, coeso de toda a aprendizagem, uma reflexão teórica direccionada e a construção de um alicerce a cumprir no percurso pós académico. Apesar do presente estudo especificar temas ligados a uma intervenção numa casa do séc. XVIII, a prática de projectar assegura-se como ferramenta a salvaguardar no futuro. Deste modo, evidencia-se a oportunidade de trabalhar e de me lançar num projecto de reabilitaçao, cuja base distingue a história como principal premissa. Juntamente com o projecto, a investigação aprofundada, associada à aproximação à história da “casa”, foi significativa para o processo de superação.

O processo criativo deu primazia ao lugar, apelando à estabilidade, à razão de cada espaço e à perenidade das formas. O tema da *Arquitectura Popular* foi entendido como principal pressuposto para por o projecto em discussão. Ambicionando a intemporalidade do espaço e da *Pré-existência,* procurou evidenciar-se as linhas do passado compatibilizando-as com o novo programa. Apesar de incorporado num mundo rural, guarda na sua privacidade o que se pode chamar de “casa”. A relação de dicotomias e realidades promove a convivência entre os aspectos do passado, do presente e do futuro. Comprometidos numa só expressão formal, o projecto ganha um propósito aquando de uma intervenção que tem em conta a sua base, o fundamento e o que pretende transmitir, a comunicação. A coerência conceptual encontrada, resulta na transformação de um espaço, a pré-existência, que funciona como um organismo. Reconhece-se na proposta final os aspectos mais visíveis e invisíveis do projecto.

“A tradição é base, a proporção fundamento e o sentimento meio de comunicação.”[149]

148 SIZA, Álvaro, *01 Textos*, Carlos Campos (ed), Porto: Civilização Editora, 2009, p.28.
149 D’OREY MANOEL, Bernardo*, Fundamentos da Arquitectura em Raul Lino*, Universidade Lusíada Editora, Lisboa, 2012, p.75.

O projecto para a *Casa de Férias* exigiu uma forma de pensar, de dizer e de fazer. Com isto, pretende-se dizer que a possibilidade de estudar e desenvolver um trabalho junto dos que me são mais próximos, exigiu, enquanto estudante em arquitectura, não só o compromisso projectual, a palavra e a relação, mas também a responsabilidade futura, descortinando aos poucos a obrigação do Arquitecto/a. O desenvolvimento do trabalho num sítio familiar, proporcionou uma nova visão e uma observação influenciada pelo olhar de quem observa, analisa, compõe, decompõe, critica e constrói. O espaço arquitectónico desenhado, procurou estudar a circunstância e o cenário existente compondo e formando uma nova realidade. Esta nova dimensão despertou na autora uma aproximação mais profunda e um vínculo permanente ao lugar e à casa.

"Tornando real o desejo firme de perdurar."[150]

De facto, o projecto que se apresenta não corresponde a uma solução definitiva, propõe-se sim a uma hipótese a concretizar se os proprietários assim entenderem. Para além disso, há total liberdade para mais tarde rever o projecto, considerando novas vias, equacionando outros caminhos e compatibilizando uma reflexão mais apurada e distanciada. Mais importante que a sua concretização, foi o percurso, foram as dificuldades encontradas, as estratégias utilizadas e o tempo dedicado, traduzindo-se tudo numa forma de saber fazer. Nesta perspectiva, a capacidade de criar e formar através do próprio pensamento. A metodologia construída define-se como um conhecimento experienciado pela autora. Fica a experiência, a acção pensante e a incessante procura pelo espaço, tempo e devaneio idealizado.

Identificando-se como determinante para a finalização do percurso académico, prevalece o desafio futuro aquando do confronto com o conhecimento adquirido. Pode dizer-se que a presente dissertação manifestou-se como condensadora de meios auxiliares para os projectos posteriores.

Revela-se por fim, um trajecto assinalado por altos e baixos, ressaltando a certeza de que ao longo das diferentes fases procurei, hesitei, senti, projectei, questionei, construí e enriqueci.

A composição deste trabalho demonstrou ser o último e o primeiro de uma carreira a abraçar.

[150] CAMPO BAEZA, Alberto, *A Ideia Construída, Pensar Arquitectura*, Casal de Cambra, Editora Caleidoscópio, 2ªedição, Novembro de 2008, p.29.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

Livros

ALARCÃO E SILVA, Pedro, *Construir na Ruína, Entre a Reconstituição e a Reabilitação*, Porto, Edições, Afrontamento, 2018.

APPLETON, João*, Reabilitação de edifícios antigos – Patologias e técnicas de intervenção*, Amadora, Editora Orion, 2ªedição, 2003.

Associação dos Arquitectos Portugueses*, Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª Edição, Volume I, Lisboa 1988.

CAMPO BAEZA, Alberto, *A Ideia Construída, Pensar Arquitectura*, Casal de Cambra, Editora Caleidoscópio, 2ªedição, Novembro de 2009.

CAMPOS, André; GUEDES DE OLIVEIRA, Pedro, *Eduardo Souto de Moura Concursos 1979-2010*, Faup Publicações, Porto, 2011.

CAPITEL, Antón, *Metamorfosis de monumentos y teorias de la restauración,* Madrid, Alianza Editorial, 2009.

CARITA, Hélder, CARDOSO, Homem – *A Casa Senhorial em Portugal*. Alfragide: Leya, S.A, 2015.

CHOAY, Françoise, *Alegoria do Património*, 2ª edição, Lisboa. Edições 70, 1999. Licorne/ CHAIA, 2010.

CHOAY, Françoise, *Património e Mundialização*, 2ª edição, Lisboa: Editora Licorne/ CHAIA, 2005.

COSTA, Alexandre Alves, *Introdução ao estudo da história da arquitectura portuguesa*, Porto, Faup Publicações, 2007.

COSTA, J. E. Caldas, *Foral da Terra de Coura*, Câmara Municipal de Paredes de Coura, 1987.

CUNHA, Narcizo Cândido Alves da, *Paredes de Coura: no Alto Minho*, Paredes de Coura, C.M., 1979.

DAL CO, Francesco; GRAÇA MOURA, Nuno, *Souto Moura Memória Projectos Obras*, Casa da Arquitectura, Matosinhos, 2019.

DOMIMGUES, Álvaro. *Vida no Campo*. Dafne Editora, Porto, 2011.

D'OREY MANOEL, Bernardo*, Fundamentos da Arquitectura em Raul Lino*, Universidade Lusíada Editora, Lisboa, 2012.

FERNANDES, Diamantino, *Freguesia de S. João de Bico – Festas em Honra da Senhora do Rosário/1996,* Paredes de Coura, Comissão de Festas de Bico, 1996.

FERNANDES, José Manuel, *Arquitectura Portuguesa: uma síntese*, Porto, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 3 Edição, 2006.

GUELL, Xavier, Souto de Moura, Editorial Gustavo Gili, SL., Barcelona, 1990.

GUERREIRO, Filipa, *Colónias agrícolas portuguesas construídas pela Junta de Colonização Interna entre 1936 e 1960: a casa, o assentamento, o território*, Dissertação de Doutoramento em Arquitectura, orientada pelo Professor Emérito Sérgio Fernandez, Professora Associada Marta Oliveira e Professora Associada Maria Pinto Oliveira, FAUP, 2015.

MOUTINHO, Mário, *A Arquitectura Popular Portuguesa*, Editorial Estampa, Lisboa, 1979.

NUFRIO, Anna, *Eduardo Souto Moura Conversa com estudantes,* Editorial Gustavo Gili, SL, trad. Dorieta Maissa, Barcelona, 2008.

PAREDES DE COURA, Câmara Municipal, Gabinete de Arqueologia e Património, *Cadernos de Arqueologia e Património*, Câmara Municipal de Paredes de Coura, 1992.

PAREDES DE COURA, Câmara Municipal, *Plano de Paisagem das Terras de Coura: Análise Paisagística,* Paredes de Coura, 2017, pág.153.

RIEGL, Alois, *El Culto Moderno a los Monumentos: Caracteres y Origen*, (trad. Ana Pérez López), Madrid: Visor, 1987.

RODRIGUES, José Miguel. *O mundo ordenado e acessível das formas da arquitectura: tradição clássica e movimento moderno na arquitectura portuguesa: dois exemplos*. Porto: Edições Afrontamento, 2013.

SILVA, Helena Sofia, *Souto de Moura*, Arquitectos Portugueses, Vila do Conde, 2011.

SILVA, M, Fátima M.; SILVA, Carlos, A. M. GH., *Carta Arqueológica de Paredes de Coura*, Paredes de Coura, Câmara Municipal de Paredes de Coura, 2007.

SIZA, Álvaro, *01 Textos*, Carlos Campos (ed), Porto: Civilização Editora, 2009.

TÁVORA, Fernando, *Fernando Távora:* Percurso = a life long trail, Lisboa, Editor Centro Cultural de Belém, 1993.

TÁVORA, Fernando, *O Problema da Casa Portuguesa,* Manuel João Leal Cadernos de Arquitectura, Lisboa, 1947.

TÁVORA, Fernando, *Teoria Geral da Organização do Espaço – Lição das constantes,* Porto, Faup Publicações, 1993.

TEIXEIRA, Manuel C.; *Arquitecturas do Granito Arquitectura Popular*, Município Arcos de Valdevez, Arcos de Valdevez, 2013.

TOMÉ, Miguel, Património e Restauro em Portugal (1920-1995), Porto: FAUP Publicações, 2002.

TOSTÕES, Ana, *Os Verdes Anos da Arquitectura Portuguesa dos Anos 50,* Faup Publicações, Porto, 1997.

TRIGUEIROS, Luiz, *Eduardo Souto Moura,* Editora BLAU, Lisboa, 1994.

TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora, com artigos de Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza, Bernardo Ferrão e Eduardo Souto Moura e com Grafismos de Ana Maria Chora*, Lisboa, Blau, 1993.

VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, 1ª edição, Lisboa, Dom Quixote, 1992.

Dicionários

Dicionário da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora,2006.

Revistas e Publicações

Vítor Figueiredo, "Memória Descritiva", da sua CODA na ESBAP em 1957, in RA, Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Ano I, Nº 0, Outubro 1987, in TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora, com artigos de Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza, Bernardo Ferrão e Eduardo Souto Moura e com Grafismos de Ana Maria Chora*, Lisboa, Blau, 1993.

FERNANDES, Diamantino, *Freguesia de S. João de Bico – Festas em honra da Senhora do Rosário/1996*, Engenho Gráfico – Póvoa de Lanhoso, Comissão de Festas de Bico – 1996.

Periódicos

El Croquis 124: Eduardo Souto De Moura 1995/2005, La Naturalidade De Las Cosas. Madrid, Espanha: El Croquis Editorial, 2005.

El Croquis 186: Aires Mateus 2011/2016, En el corazón del tiempo. Madrid, Espanha: El Croquis Editorial, 2013.

TC Cuadernos 138-139: Eduardo Souto de Moura 2014/2019, Tomo II. Equipamientos y Proyectos Urbanos. Madrid, Editora Gustavo Gili, 2019.

TC Cuadernos 145: Aires Mateus 2003/2020, Aires Mateus Arquitectura. Madrid, Editora Gustavo Gili, 2020.

TC Cuadernos 102-103: João Álvaro Rocha 2002/2012, Habitar I. Madrid, Editora Gustavo Gili, 2012.

TC Prospectiva 4: NOARQ 2012/2021, NOARQ Arquitectura.Madrid, General de Ediciones de Arquitectura, 2021.

Websites

Município de Paredes de Coura. https://www.paredesdecoura.pt/balcao-unico/ordenamento-do-territorio/plano-de-paisagem/

GOV Monumentos. http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx

Conferências/Palestras

Cf.TÁVORA, Fernando, *Discursos Sobre Arquitectura, Arquitecto Fernando Távora,* Auditório Da Reitoria Da Univesidade Do Porto, 17 De Janeiro, 1990.

Entrevistas

BARROSO, Fernando, *Entrevista A Fernando Barroso*, Lisboa, 7 De Julho 2010.

ÍNDICE DE IMAGENS

Fig. 1. Vista geral da Vila de Paredes de Coura, Paredes séc. XIX. Fonte: CUNHA, Narcizo Cândido Alves da, *Paredes de Coura: no Alto Minho*, Paredes de Coura, C.M., 1979, pág.19.

Fig. 2. Um c*anastro* (*espigueiro*) e alguns utensílios de lavoura, séc. XIX. Fonte: CUNHA, Narcizo Cândido Alves da, *Paredes de Coura: no Alto Minho*, Paredes de Coura, C.M., 1979, pág. 225.

Fig. 3. Ponte romana e sobre ela a 4ª via militar, Rubiães. Fonte: https://www.google.com/search?q=paredes+de+coura+sec+xix+ponte+romana&tbm=isch&ved=2ahUKEwjZqZ3B8bD0AhUP8BoKHXUJDccQ2-cCegQIABAA&oq=paredes+de+coura+sec+xix+ponte+romana&gs_lcp=CgNpbWcQAzoHCCMQ7wMQJ1D9BFiNFGDsFWgAcAB4AIABlwGIAYUKkgEEMTIuMpgBAKABAaoBC2d3cy13aXotaW1nwAEB&sclient=img&ei=zyCeYZmGI4_ga_WStLgM&bih=829&biw=1730&hl=pt-PT#imgrc=XcFwbWD96BekRM&imgdii=qQ81stCgBppLhM

Fig. 4. Uma "*lavrada*", séc. XIX. Fonte: CUNHA, Narcizo Cândido Alves da, *Paredes de Coura: no Alto Minho*, Paredes de Coura, C.M., 1979, pág 210.

Fig. 5. Castros da Cividade do Cossourado. Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SitePageContents.aspx?id=08a335ea-db85-4fdd-862b-fe6e623e44a8

Fig. 6. Situação topográfica, as *leiras* de Paredes de Coura. Fonte: https://borealis.pt/produto/varandas-coura/

Fig. 7. *Eira Comunitária de Porreiras.* Fonte: https://www.aldeiasdeportugal.pt/aldeia/porreiras/

Fig. 8. *Colónia Agrícola de Chã de Lamas*, Vascões. Fonte: https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/e-uma-fatia-de-pizza-nao-e-a-ultima-colonia-agricola-do-estado-novo-e-hoje-um-cartao-de-visita-em-paredes-de-coura

Fig. 9. Exemplo de Povoamento disseminado, *Arquitectura Popular em Portugal,* 3ª Edição, Associação dos Arquitectos Portugueses. Fonte: Associação dos Arquitectos Portugueses*, Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª Edição, Volume I, Lisboa 1988, pág. 45.

Fig. 10. Vista da *Casa da Chela*. Fonte: Fotografia do ano de 1992, Arquivo dos proprietários.

Fig. 11. Paisagem da freguesia do *Bico*. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 12. *Caminho do Montinho*. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 13. À esquerda o portão principal da *Casa da Chela* e à direita o portão do Curral. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 14. Portão principal da *Casa da Chela.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 15. Vista do percurso empedrado até ao *terreiro.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 16. *Terreiro, espigueiro* e escadas de entrada na *Casa da Chela*. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 17. Vista do percurso empedrado até ao portão principal. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 18. *Terreiro, espigueiro* e portão principal ao fundo. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 19. Entrada e sala de estar. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 20. Galeria e/ou corredor do piso 1. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 21. Cozinha, o "coração" da *Casa da Chela.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 22. Galeria e/ou corredor do piso 0. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 23. *Quinteiro da Casa da Chela.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 24. *Cavalariças* da *Casa da Chela.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 25. Fachada Norte e lago da *Casa da Chela*. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 26. *Casa da Eira, Curral e Campos da Lavoura da Eira.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 27. Imagem satélite da *Casa da Chela.* Fonte: Fotografia da década de 90, Arquivo dos proprietários.

Fig. 28. Imagem satélite do *quinteiro* da *Casa da Chela.* Fonte: Fotografia da década de 90, Arquivo dos proprietários.

Fig. 29. Desenhos de levantamento (alçados). Fonte: Desenho da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 30. Desenho de levantamento (planta da sala de estar). Fonte: Desenho da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 31. Desenho de levantamento (um caixilho). Fonte: Desenho da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 32. Materiais utilizados no levantamento. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 33. Planta de cobertura e de identificação de espaços da *Casa da Chela.* Fonte: Desenho gráfico da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 34. Alçado Norte da *Casa da Chela*. Fonte: Desenho gráfico da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 35. Desenho do *quinteiro.* Fonte: Desenho da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 36. Desenho do *terreiro.* Fonte: Desenho da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 37. Planta do piso térreo. Fonte: Desenho gráfico da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 38. Corte longitudinal a Norte da *Casa da Chela.* Fonte: Desenho gráfico da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 39. Planta do piso superior. Fonte: Desenho gráfico da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 40. Alçado Oeste da *Casa da Chela.* Fonte: Desenho gráfico da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 41. Desenho da actual sala de estar, entrada da casa e antiga cozinha. Fonte: Desenho da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 42. Corte transversal de Oeste para Este da *Casa da Chela.* Fonte: Desenho gráfico da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 43. Desenho do corredor do piso superior. Fonte: Desenho da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 44. Desenho do Anexo Habitacional 1. Fonte: Desenho da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 45. Desenho do Anexo Habitacional 2. Fonte: Desenho da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 46. Tipologias do Alto Minho - *Arquitectura Popular em Portugal,* 3ª Edição*,* Associação de Arquitectos Portugueses. Fonte: Associação dos Arquitectos Portugueses*, Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª Edição, Volume I, Lisboa 1988, pág. 119.

Fig. 47. *Casa de lavoura - Arquitectura Popular em Portugal,* 3ª Edição, Associação de Arquitectos Portugueses. Fonte: Associação dos Arquitectos Portugueses*, Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª Edição, Volume I, Lisboa 1988, pág.80.

Fig. 48. Plantas e alçado de uma *casa de lavoura - Arquitectura Popular em Portugal,* 3ª Edição*,* Associação de Arquitectos Portugueses. Fonte: Associação dos Arquitectos Portugueses*, Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª Edição, Volume I, Lisboa 1988, pág. 80.

Fig. 49. Planta da *casa de lavoura.* Fonte: Desenho gráfico da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 50. Desenho axonométrico da *casa de lavoura* da *Casa da Chela (Alçado Sudoeste).* Fonte: Desenho da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 51. Desenho axonométrico da *casa de lavoura* da *Casa da Chela (Alçado Sudeste).* Fonte: Desenho da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 52. *Terreiro* e entrada da *Casa da Chela – Freguesia de S. João de Bico – Festas em honra da Senhora do Rosário/1996,* Fernandes Diamantino.

Fig. 53. Fotografia actual do *terreiro* da *Casa da Chela.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 54. Planta do piso térreo *da casa de lavoura.* Fonte: Desenho gráfico da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 55. Planta do piso superior *da casa de lavoura*. Fonte: Desenho gráfico da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 56. Vista da pedra que sustinha o antigo telhado da *Casa da Eira* da *casa senhorial.* Fonte: Fotografia da década de 90, Arquivo dos proprietários.

Fig. 57. Antiga cozinha da *Casa da Chela.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 58. Alçado de uma *casa senhorial* - *Arquitectura Popular em Portugal,* 3ª Edição, Associação de Arquitectos Portugueses. Fonte: Associação dos Arquitectos Portugueses*, Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª Edição, Volume I, Lisboa 1988, pág. 54.

Fig. 59. Varanda de um *Solar* - *Arquitectura Popular em Portugal,* 3ª Edição*,* Associação de Arquitectos Portugueses. Fonte: Associação dos Arquitectos Portugueses*, Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª Edição, Volume I, Lisboa 1988, pág. 55.

Fig. 60. Plantas de uma *casa senhorial* - *Arquitectura Popular em Portugal,* 3ª Edição, Associação de Arquitectos Portugueses. Fonte: Associação dos Arquitectos Portugueses*, Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª Edição, Volume I, Lisboa 1988, pág. 55.

Fig. 61. Planta da *casa senhorial*. Fonte: Desenho gráfico da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 62. Desenho axonométrico da *casa senhorial* da *Casa da Chela.* Fonte: Desenho da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 63. Desenho axonométrico da *casa senhorial* da *Casa da Chela.* Fonte: Desenho da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 64. *Terreiro* e fachada Norte da *casa senhorial* da *Casa da Chela* - *Revista Freguesia São João de Bico.*

Fig. 65. Fotografia actual da fachada Norte da *Casa da Chela.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 66. Planta do piso térreo da *casa senhorial.* Fonte: Desenho gráfico da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 67. Planta do piso superior da *casa senhorial.* Fonte: Desenho gráfico da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 68. Actual *quinteiro* ou pátio interior da *Casa da Chela.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 69. Planta da actual *casa de férias*, a *Casa da Chela.* Fonte: Desenho gráfico da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 70. Desenho axonométrico da actual casa de férias e/ou de campo, a *Casa da Chela.* Fonte: Desenho da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 71. Interior de um dos Anexos Habitacionais (2). Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 72. Vista da galeria exterior, dos actuais Anexos Habitacionais, Lavandaria, Sala de Ferramentas e Sala de Máquinas. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 73. Tijoleira introduzida como revestimento final. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 74. Tijoleira, granito existente (estrutura existente) e *madeira de sucupira.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 75. Barrotes preservados apoiados nas paredes existentes. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 76. Tecto em masseira. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 77. Tecto da *Capela* em restauro. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 78. Pormenor de azulejos. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 79. Segunda camada da tinta "*sangue de boi",* por baixo a primeira camada. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 80. Telha romana. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 81. *Casa da Igreja* ao fundo e *Igreja de São João de Bico* à esquerda. Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=Te0OPC3JJWo

Fig. 82. *Caminho das Pereiras* e *Casa da Pereira.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 83. Terreno da *Casa da Igreja.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 84. *Casa da Pereira.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 85. Imagem satélite da *Casa da Igreja* e à direita a Igreja *São João Baptista de Bico*. Fonte: https://earth.google.com/web/@41.89112874,8.52324757,545.42407899a,163.40230726d,35y,23.94051155h,0t,0r

Fig.86. Imagem satélite da *Casa da Pereira*. Fonte: https://earth.google.com/web/@41.89112874,8.52324757,545.42407899a,163.40230726d,35y,23.94051155h,0t,0r

Fig. 87. Antiga varanda da *Casa da Chela.* Fonte: Fotografia da década de 90, Arquivo dos proprietários.

Fig. 88. Recanto ou pátio interior da *Casa da Igreja.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 89. Exemplo de uma planta do piso superior de uma *casa de lavoura - - Arquitectura Popular em Portugal,* 3ª Edição, Associação de Arquitectos. Fonte: Associação dos Arquitectos Portugueses*, Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª Edição, Volume I, Lisboa 1988, pág. 49.

Fig. 90. Janelas em guilhotina com portadas e namoradeiras - *Arquitecturas do Granito Arquitectura Popular,* Manuel C. Teixeira. Fonte: TEIXEIRA, Manuel C.; *Arquitecturas do Granito Arquitectura Popular*, Município Arcos de Valdevez, Arcos de Valdevez, 2013, pág.79.

Fig. 91. Janelas em guilhotina com portadas e *namoradeiras* da *Casa da Chela*. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 92. Vista interior da *Casa da Pereira,* cozinha com forno antigo. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 93. Novo caixilho da *Casa da Igreja.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 94. As *cortes* no piso térreo da *Casa da Pereira* com novas vigotas à vista. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 95. Armação em madeira do telhado da *Casa da Chela,* estrutura da masseira à vista. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 96. Desenho axonométrico da intervenção perspectivada. Fonte: Desenho da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 97. Planta de cobertura actual da *Casa da Chela*. Fonte: Desenho gráfico da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 98. Planta de cobertura da perspectiva de intervenção na *Casa da Chela.* Fonte: Desenho gráfico da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 99. Corte transversal actual a passar pela ala Sul, *Casa da Chela.* Fonte: Desenho gráfico da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 100. Corte transversal da proposta de intervenção a passar pela ala Sul, *Casa da Chela.* Fonte: Desenho gráfico da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 101. Planta de piso térreo da perspectiva de intervenção na *Casa da Chela*. Fonte: Desenho gráfico da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 102. Planta de piso superior da perspectiva de intervenção na *Casa da Chela.* Fonte: Desenho gráfico da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 103. Desenho do espaço da galeria segundo a proposta de intervenção. Fonte: Desenho da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 104. Desenho do Avô da autora sentado na *eira* do *quinteiro.* Fonte: Desenho da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 105. Grupo de pessoas do *Bico* a tocar e cantar no *sequeiro* da *Casa da Chela.* Fonte: Fotografia da década de 90, Arquivo dos proprietários.

Fig. 106. *Casa do Marco* de Raul Lino - *Fundamentos da Arquitectura em Raul Lino*, Bernardo D'Orey Manoel. Fonte: D'OREY MANOEL, Bernardo*, Fundamentos da Arquitectura em Raul Lino*, Universidade Lusíada Editora, Lisboa, 2012, pág. 75.

Fig. 107. *Casa da Covilhã* de Fernando Távora. Fonte: https://www.cm-guimaraes.pt/investir/noticia/abertura-do-procedimento-de-classificacao-da-casa-e-quinta-da-covilha-em-fermentoes

Fig. 108. Desenho de um momento em família na cozinha da *Casa da Chela.* Fonte: Desenho da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 109. O "lugar", vista da *Casa da Eira* de quem está dentro do *Curral*. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 110. Planta do lugar com a identificação das zonas: 1. *Casa da Eira*, 2. *Curral*, 3. *Campo da Lavoura da Eira* e 4. Anexos Habitacionais. Fonte: Desenho gráfico da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 111. *O espigueiro* e à esquerda a *eira*, actualmente relvada. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 112. Antiga parede de pedra que dava estrutura ao telhado da *Casa da Eira.* Fonte: Fotografia da década de 90, Arquivo dos proprietários.

Fig. 113. *Campo da Lavoura da Eira, Casa da Chela.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 114. Entrada no *Curral.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 115. Entrada na *Casa da Eira.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 116. Alçado Sul da *Casa da Eira.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 117. Pedra saliente dentro da *Casa da Eira.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 118. Desenho de uma vista aérea do "lugar", *Casa da Eira* e *Curral.* Fonte: Desenho da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 119. Desenho do "lugar", *Casa da Eira* e *Curral.* Fonte: Desenho da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 120. Maquete 1:200, da Propriedade da *Casa da Chela.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 121. Maquete 1:200, a *Casa da Chela* vista de cima. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 122. O "lugar", vista nascente de quem está dentro do *Curral.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 123. Portão principal da *Casa da Chela* à esquerda e vista da *Casa da Eira* à direita. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 124. Dentro da propriedade, à esquerda o caminho para *Casa da Eira* e à direita o portão principal. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 125. Á esquerda os Anexos Habitacionais, em frente, a *Casa da Eira* e à direita o *Curral.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 126. Alçado Nascente do *Curral.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 127. Em cima da cobertura da *Casa da Eira* com vista Nascente da freguesia do *Bico.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 128. Em cima da cobertura da *Casa da Eira* a olhar para o *Curral* a Poente. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 129. Em cima da cobertura da *Casa da Eira,* a olhar para o empedrado e o início dos Anexos Habitacionais. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 130. Em cima da cobertura da Sala das Máquinas da ala Sul, a olhar para a *Casa da Eira.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 131. À esquerda o portão principal da *Casa da Chela* e à direita o portão do *Curral* com vista para o *Curral* e para a *Casa da Eira.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 132. Em cima da cobertura da *Casa da Eira* a olhar para a *Casa da Chela.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 133. O *Curral* em ruína, visto de cima da cobertura da *Casa da Eira.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 134. Desenho da *Casa de Ofir,* Fernando Távora. Fonte: https://arquitecturayempresa.es/noticia/clasicos-basicos-casa-en-ofir-de-fernando-tavora-1957

Fig. 135. Esquisso da *Casa do Gerês*, Eduardo Souto de Moura. Fonte:

https://deborahpk.wordpress.com/2011/11/09/casa-natureza56/

Fig. 136. Interior da *Casa em Pardelhas,* Fernando Távora. Fonte: PDF Casa em Pardelhas o Desenho Eclético de Fernando Távora na Arquitectura Popular.

Fig. 137. O *espigueiro* da *Casa da Chela* à escala 1:200. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 138. *Cabana Vermelha* em cima de blocos de granito, *Handegard.* Fonte: https://www.dezeen.com/2022/02/18/handegard-arkitektur-bathhouse-red-cabin-norway/

Fig. 139. "Memorial", *espigueiro* em decomposição - *Vida no Campo,* Álvaro Domingues. Fonte: DOMIMGUES, Álvaro. *Vida no Campo*. Dafne Editora, Porto, 2011, pág. 210.

Fig. 140. O Avô da autora dentro do *espigueiro* da *Casa da Chela.* Fonte: Fotografia da década de 90, Arquivo dos proprietários.

Fig. 141. *Casa Dupont,* Álvaro Siza Vieira. Fonte: https://arquitecturaviva.com/works/casa-van-middelem-dupont-6

Fig. 142. Interior da *Casa de Ofir,* Fernando Távora. Fonte:

https://www.pinterest.pt/pin/767934173943478827/?nic_v3=1acvJ54VS

Fig. 143. *Casa em Pardelhas,* Fernando Távora. Fonte: https://elarafritzenwalden.tumblr.com/post/632797161764077568

Fig. 144. *Casa do Gerês,* Eduardo Souto de Moura. Fonte: https://elarafritzenwalden.tumblr.com/post/72925176319/restoration-project-for-a-ruin-ger%C3%AAs-portugal

Fig. 145. *Casa da Covilhã,* Fernando Távora. Fonte: https://www.geni.com/people/Arq-%C2%BA-Fernando-T%C3%A1vora/6000000025945112600

Fig. 146. *Casa em Moledo,* Eduardo Souto de Moura. Fonte: https://www.subtilitas.site/post/171635173069/eduardo-souto-de-moura-house-in-moledo-1998

Fig. 147. *Casa da Quinta da Cavada*, Fernando Távora. Fonte: https://revisitavora.wordpress.com/casa-de-ferias-em-briteiros-1989-1990/

Fig. 148. *Casa em Baião*, Eduardo Souto de Moura. Fonte: https://www.pinterest.pt/pin/725712927428936931/

Fig. 149. Primeira proposta de intervenção do processo projectual. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 150. Segunda proposta de intervenção do processo projectual. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 151. Terceira proposta de intervenção do processo projectual. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 152. Quarta proposta de intervenção do processo projectual. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 153. Planta da *Casa da Covilhã,* Fernando Távora. Fonte: https://fims.up.pt/index.php?cat=19&subcat=43

Fig. 154. Planta da *Casa em Moledo*, Eduardo Souto de Moura. Fonte: https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_6/09_Ronaldo%20de%20Azambuja%20Str%C3%B6her.pdf

Fig. 155. Planta do piso térreo da *Casa em Pardelhas,* Fernando Távora. Fonte: https://fims.up.pt/index.php?cat=19&subcat=43

Fig. 156. Planta do piso superior da *Casa em Pardelhas,* Fernando Távora. Fonte: https://fims.up.pt/index.php?cat=19&subcat=43

Fig. 157. Planta da *Casa em Baião,* Eduardo Souto de Moura. Fonte: https://www.pinterest.pt/pin/557953841318654283/

Fig. 158. Plantas da *Casa da Quinta da Cavada,* Fernando Távora. Fonte: https://elarafritzenwalden.tumblr.com/post/632706580289339392

Fig. 159. Planta e corte da *Casa do Gerês*, Eduardo Souto de Moura. Fonte: https://www.tccuadernos.com/blog/la-casa-en-el-limite-parte-ii-eduardo-souto-de-moura/

Fig. 160. Maquete 1:50. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 161. Interior do piso superior da maquete 1:50. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 162. Desenhos do projecto final. Fonte: Desenho da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 163. Desenho do projecto final. Fonte: Desenho da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 164. Espaço deixado em ruína na *Casa de Baião,* Souto de Moura. Fonte: https://ofhouses.com/post/150787770104/351-eduardo-souto-de-moura-house-in-bai%C3%A3o

Fig. 165. O *Curral* da *Casa da Chela* em ruína. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 166. Varanda alpendrada da *Casa da Quinta da Cavada,* Fernando Távora. Fonte: https://plusretreats.com/st_rental/quinta-da-cavada/

Fig. 167. Cozinha da *Casa da Quinta da Cavada*, Fernando Távora. Fonte: https://plusretreats.com/st_rental/quinta-da-cavada/

Fig. 168. Porta da cozinha da *Casa da Chela.* Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 169. Porta da cozinha da *Casa em Pardelhas.* Fonte: Fonte: PDF Casa em Pardelhas o Desenho Eclético de Fernando Távora na Arquitectura Popular.

Fig. 170. Interior do *Projecto em Felgueiras,* José Martins. Fonte: https://www.m-ao.pt/projects/zebros/

Fig. 171. Quarto da *Casa da Quinta da Cavada,* Fernando Távora. Fonte: https://plusretreats.com/st_rental/quinta-da-cavada/

Fig. 172. Interior da *Casa da Quinta da Cavada,* Fernando Távora. Fonte: https://plusretreats.com/st_rental/quinta-da-cavada/

Fig. 173. Jardim empedrado da *Casa da Quinta em Santo Tirso,* José Carlos Nunes de Oliveira.

Fig. 174. *Casa no Castanheiro*, João Mendes Ribeiro. Fonte: https://thecollection.pt/casa-no-castanheiro/

Fig.175. *Cabanas no Rio,* Francisco e Manuel Aires Mateus. Fonte: https://www.silentliving.pt/houses/cabanas-no-rio/

Fig. 176. Desenho do projecto final. Fonte: Desenho da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 177. Madeira para o revestimento final exterior, pintada com tinta "*sangue de boi".* Fonte: *https://pt.dreamstime.com/photos-images/textura-de-madeira-na-cor-vermelha.html*

Fig. 178. Placas de madeira de 30cm de largura, pintadas de branco para colocar no interior da casa. Fonte: https://pt.dreamstime.com/foto-de-stock-textura-de-madeira-pintada-branco-image87114612

Fig. 179. Madeira (pinho escuro), revestimento final dos pisos. Fonte: https://pt.dreamstime.com/photos-images/madeira-pinho-escuro.html

Fig. 180. Pedra (granito), material existente. Fonte: Fotografia da autora (2022), Arquivo da autora.

Fig. 181. Desenho do sistema construtivo usado na *Casa de Férias.* Fonte: Desenho gráfico da autora (2022), Arquivo da autora.

VOLUME PRINCIPAL

Habitar a Pré-existência

Projecto de intervenção na *Casa da Chela*

Habitar a Pré-Existência

Projecto de intervenção na Casa da Chela

Anexos

Francisca Santos de Baère Campos Neves

Orientador: Professor Doutor João Rodrigo Parreira Coelho

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Mestrado Integrado em Arquitectura

Porto

2021/2022

ANEXO I: ***OBJECTO DE ESTUDO,*** *Casa da Chela*

Documentos complementares, Levantamento de fotografias antigas da Casa da Chela, Registo fotográfico das casas visitadas e Desenhos técnicos.

ÍNDICE

I.Documentos complementares

1. - Planta do piso térreo e do piso 1 (escala 1.50) da *Casa da Chela,* 1990.

II.Levantamento de fotografias antigas da *Casa da Chela*

1. - Fotografias de quando os actuais proprietários compraram a propriedade, 1990;
2. - Fotografias da obra para a sala das máquinas, construção de uma laje em vigotas;

III.Registo fotográfico das casas visitadas

1. - Fotografias da *Casa da Igreja*, 26 de Março de 2022;
2. - Fotografias da *Casa e Quinta de Vermoim*, 26 de Março de 2022;
3. - Fotografias da *Casa da Pereira* 29 de Julho de 2022;

IV.Desenhos técnicos

1. da *Casa da Chela,*
2. das Fases de Evolução da *Casa da Chela,*
3. da Perspectiva de Intervenção na *Casa da Chela*
4. do Reconhecimento de árvores da *Casa da Chela*

Índice dos Desenhos técnicos
Casa da Chela

Contexto

A.01 - Planta de Localização Escala 1:15.000

A.02 – Planta do terreno da Casa da Chela Escala 1:2000

Existente Plantas

E.01 – Planta de cobertura Casa da Chela Escala 1:200

E.02 – Planta do piso térreo da Casa da Chela Escala 1:200

E.03 – Planta do piso superior da Casa da Chela Escala 1:200

Existente Alçados

E.04 - Alçado Norte da Casa da Chela Escala 1:200

E.05 – Alçado Sul da Casa da Chela Escala 1:200

E.06 – Alçado Este da Casa da Chela Escala 1:200

E.07 – Alçado Oeste da Casa da Chela Escala 1:200

Existente Cortes

E.08 – Corte AA’ Longitudinal Norte – Sul Escala 1:200

E.09 – Corte BB’ Longitudinal Este - Oeste Escala 1:200

E.10 – Corte CC’ Longitudinal Oeste – Este Escala 1:200

E.11 – Corte DD’ Transversal Oeste – Este Escala 1:200

E.12 – Corte EE’ Transversal Norte – Sul Escala 1:200

E.13 – Corte FF’ Transversal Norte – Sul 2 Escala 1:200

E.14 – Corte GG’ Transversal Sul – Norte Escala 1:200

Fases de Evolução da Casa da Chela

F.01 – Planta de cobertura da Casa de Lavoura Escala 1:200

F.02 – Planta do piso térreo da Casa de Lavoura Escala 1:200

F.03 – Planta do piso superior da Casa de Lavoura Escala 1:200

F.04 – Planta de cobertura da Casa Senhorial Escala 1:500

F.05 – Planta do piso térreo da Casa Senhorial Escala 1:200

F.06 – Planta do piso superior da Casa Senhorial Escala 1:200

Proposta de intervenção na Casa da Chela

P.01 – Planta de cobertura da Proposta de intervenção na Casa da Chela Escala 1:200

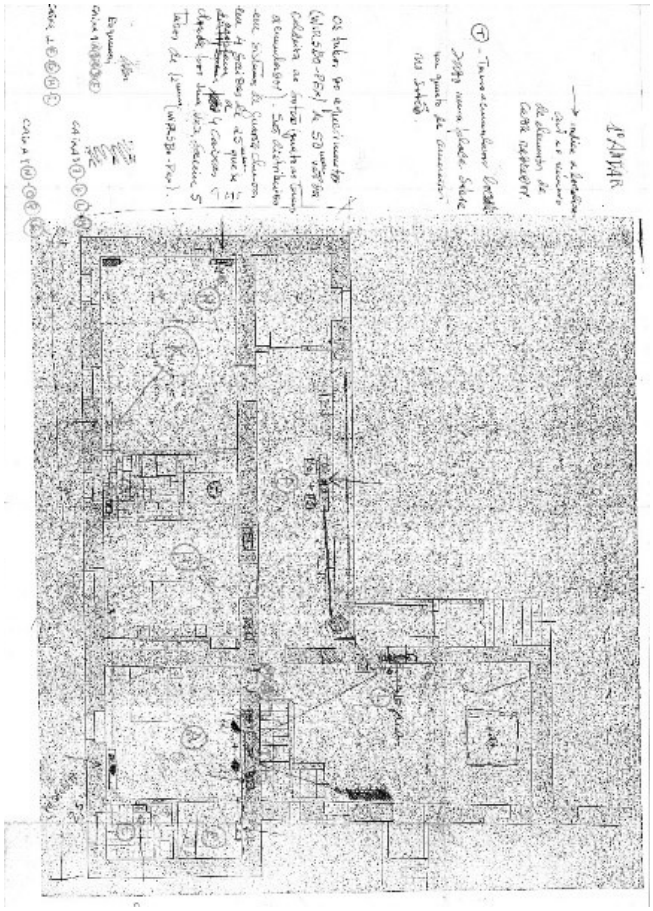
P.02 – Planta do piso térreo da Proposta de intervenção na Casa da Chela Escala 1:200

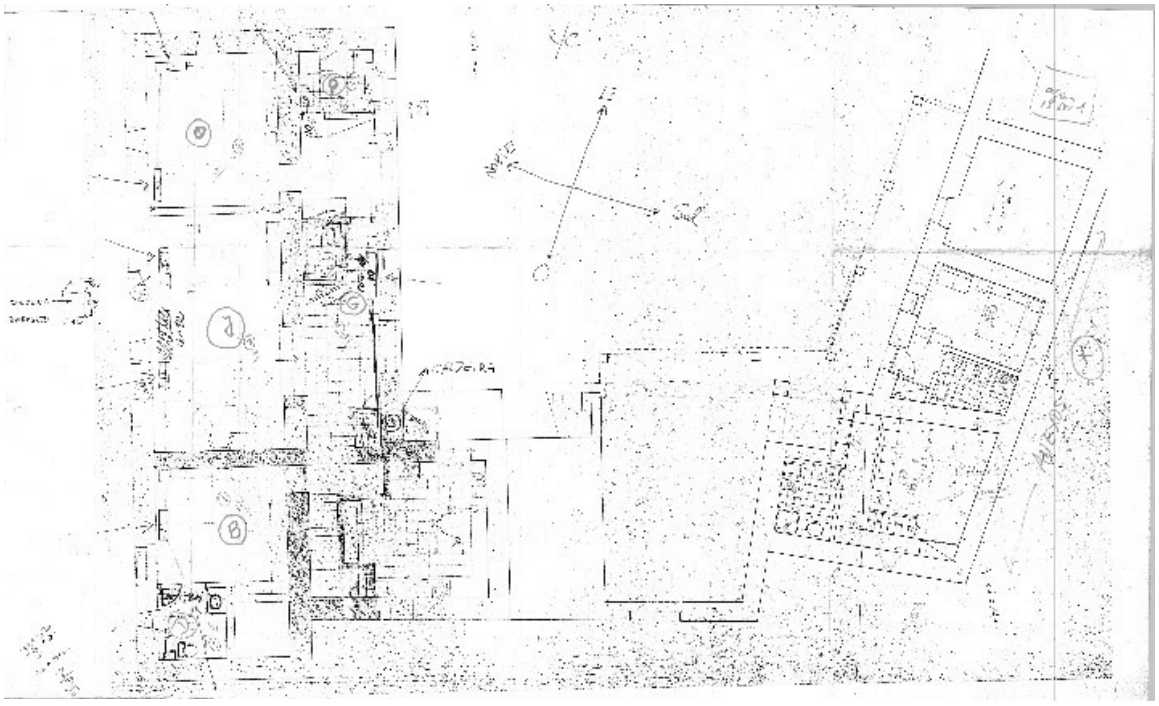
P.03 – Planta do piso superior da Proposta de intervenção na Casa da Chela Escala 1:200

Reconhecimento de árvores

N. 01 - Levantamento e reconhecimento de árvores na área seleccionada | Escala 1:500

I.Documentos complementares





Planta do piso térreo e do piso 1 da Casa da Chela (escala 1:50), 1990;

II.Levantamento de fotografias antigas da Casa da Chela

Registo Fotográfico da Casa da Chela quando os actuais proprietários compraram a propriedade, escadas de entrada;

Registo Fotográfico da Casa da Chela quando os actuais proprietários compraram a propriedade, escadas de entrada;

Registo Fotográfico da Casa da Chela quando os actuais proprietários compraram a propriedade, fachada Norte;

Registo Fotográfico da Casa da Chela quando os actuais proprietários compraram a propriedade, portão do sequeiro;

Registo Fotográfico da Casa da Chela quando os actuais proprietários compraram a propriedade, fachada Sul dentro do quinteiro, Capela à direita;

Registo Fotográfico da Casa da Chela quando os actuais proprietários compraram a propriedade, muro do espigueiro e espigueiro;

Registo fotográfico da obra para a sala das máquinas, construção de uma laje em vigotas;

Registo fotográfico da obra para a sala das máquinas, construção de uma laje em vigotas;

Registo fotográfico da obra para a sala das máquinas, construção de uma laje em vigotas;

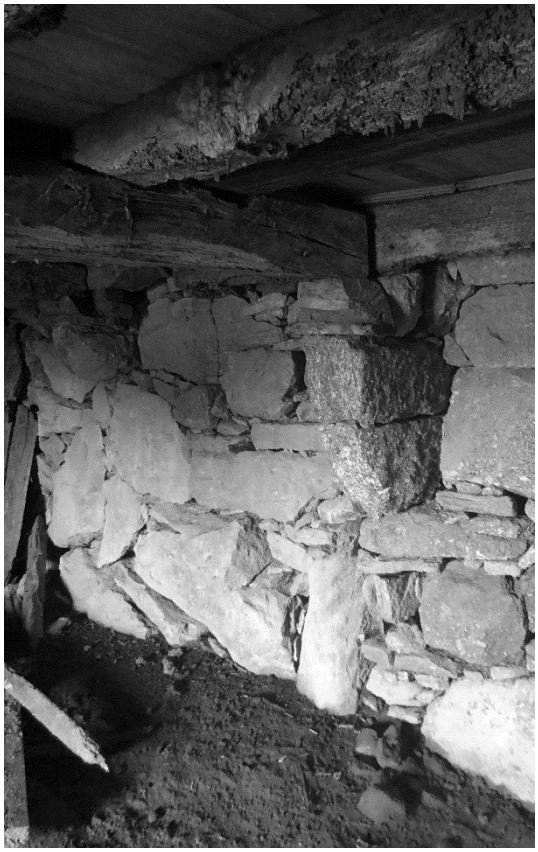
Registo fotográfico da obra para a sala das máquinas, construção de uma laje em vigotas;

III.Registo fotográfico das casas visitadas

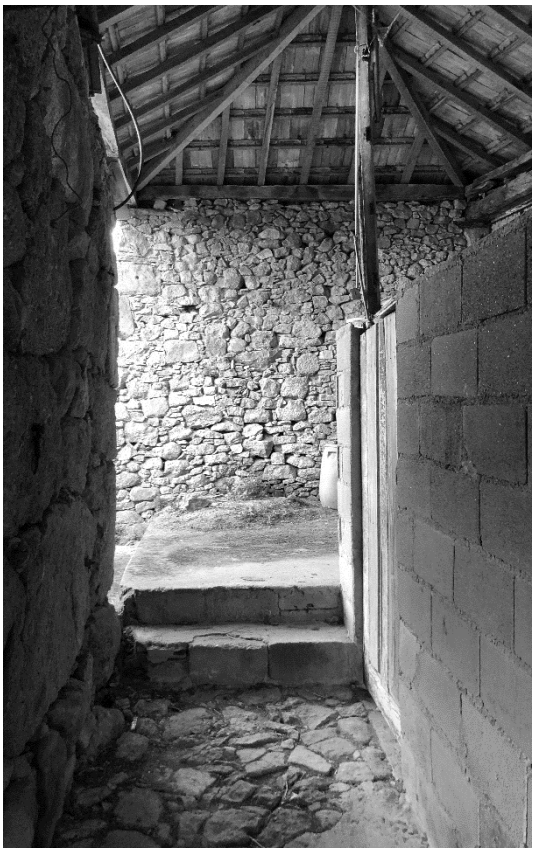
Registo Fotográfico da Casa da Igreja, 26 de Março de 2022;

Registo Fotográfico da Casa da Igreja, 26 de Março de 2022;

Registo Fotográfico da Casa e Quinta de Vermoim, 26 de Março de 2022;



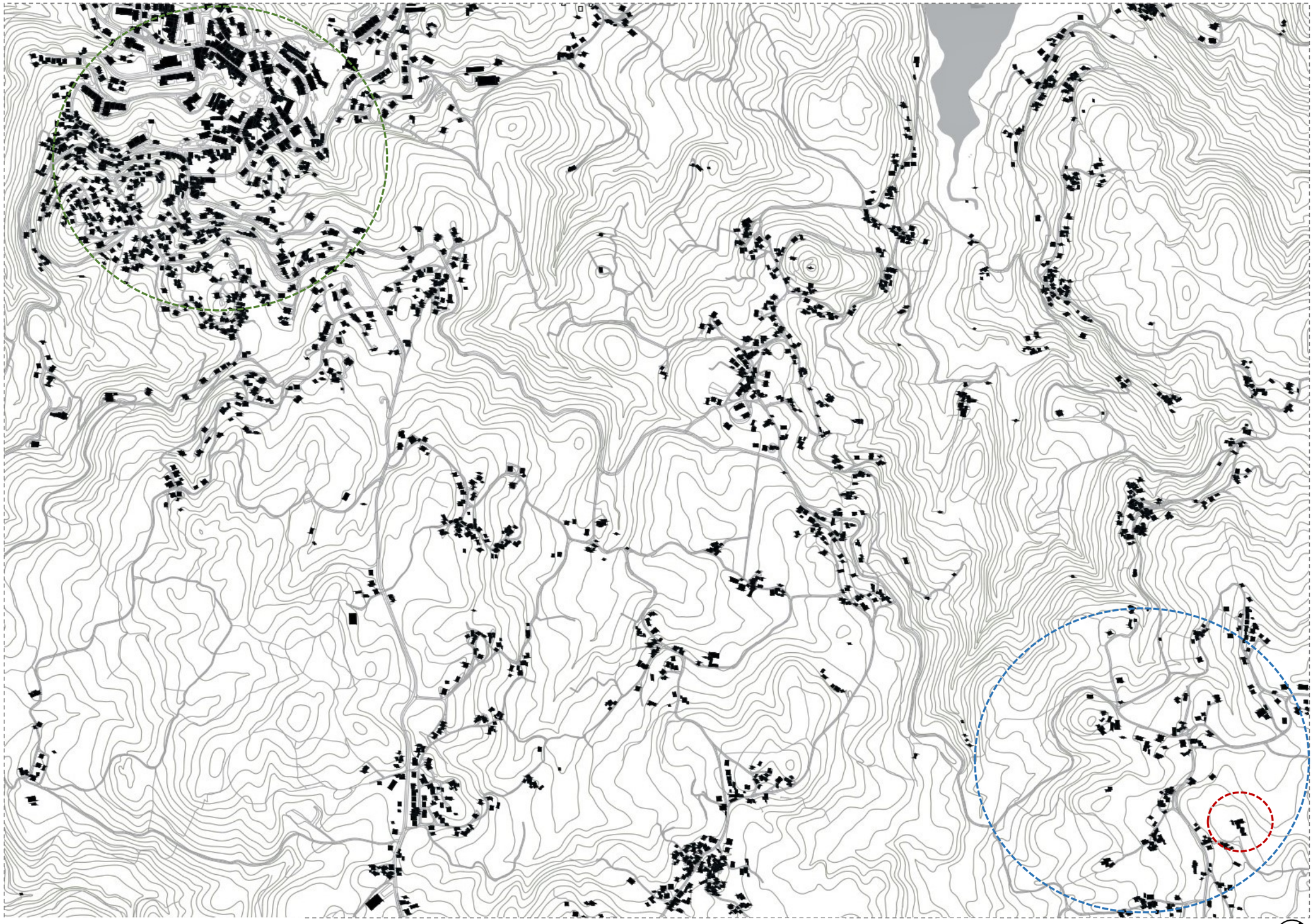
Registo Fotográfico da Casa e Quinta de Vermoim, 26 de Março de 2022;



Registo Fotográfico da Casa da Pereira, 29 de Julho de 2022;

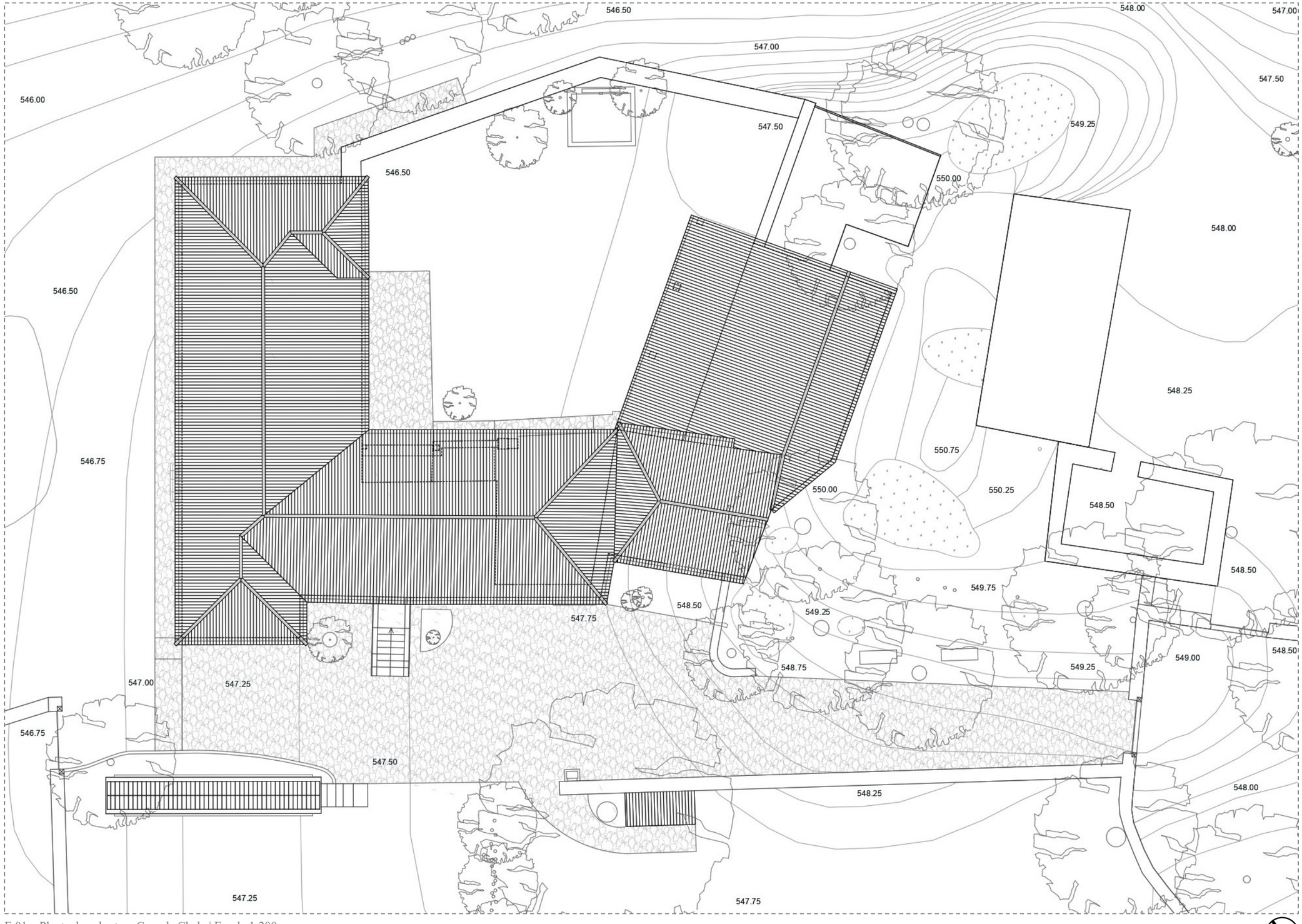
IV. Desenhos técnicos

1. da *Casa da Chela*
2. das Fases de Evolução da *Casa da Chela*
3. da Proposta de intervenção na *Casa da Chela*
4. do Reconhecimento de árvores da *Casa da Chela*

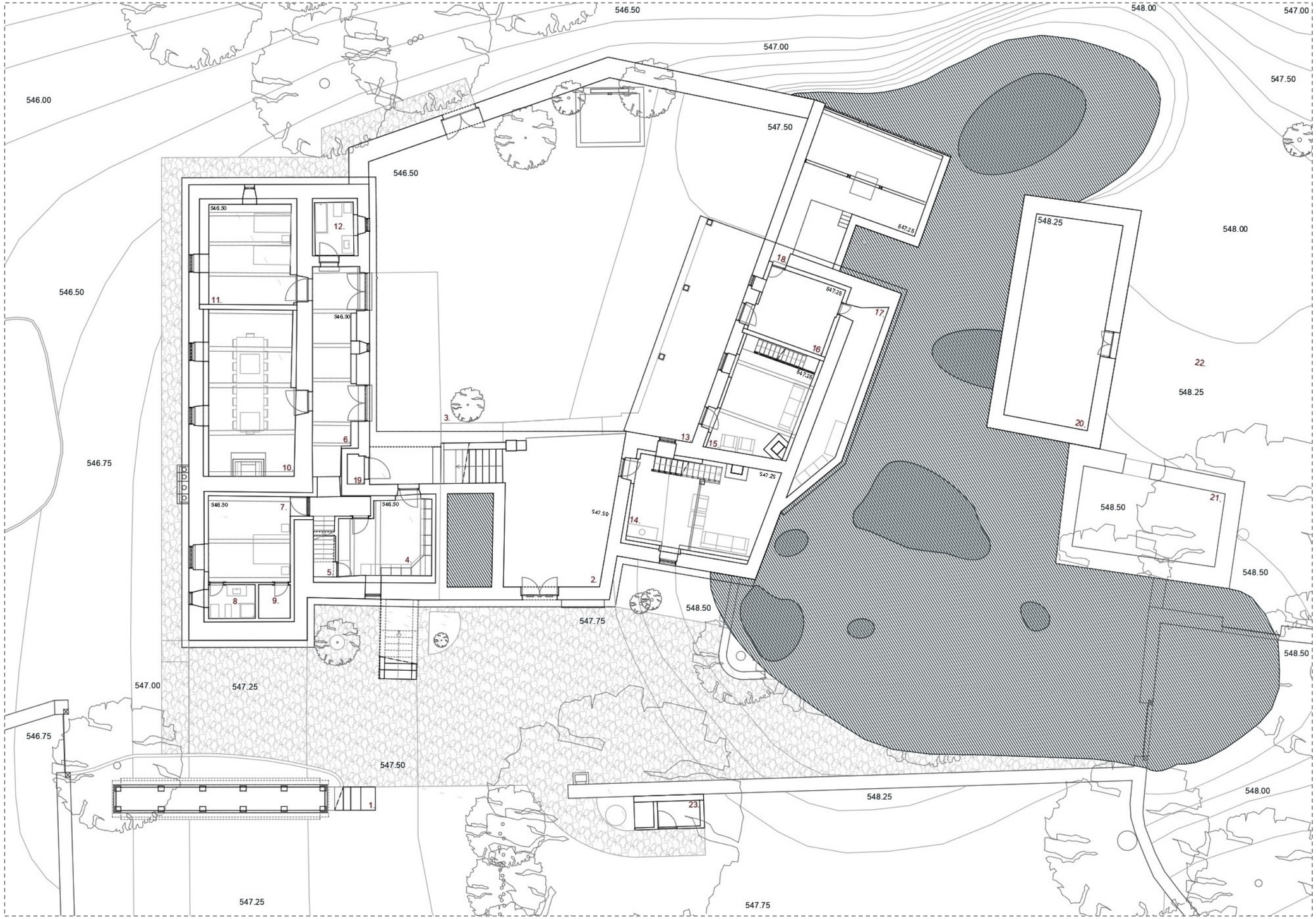


A.01 - Planta de Localização | Escala 1:15.000

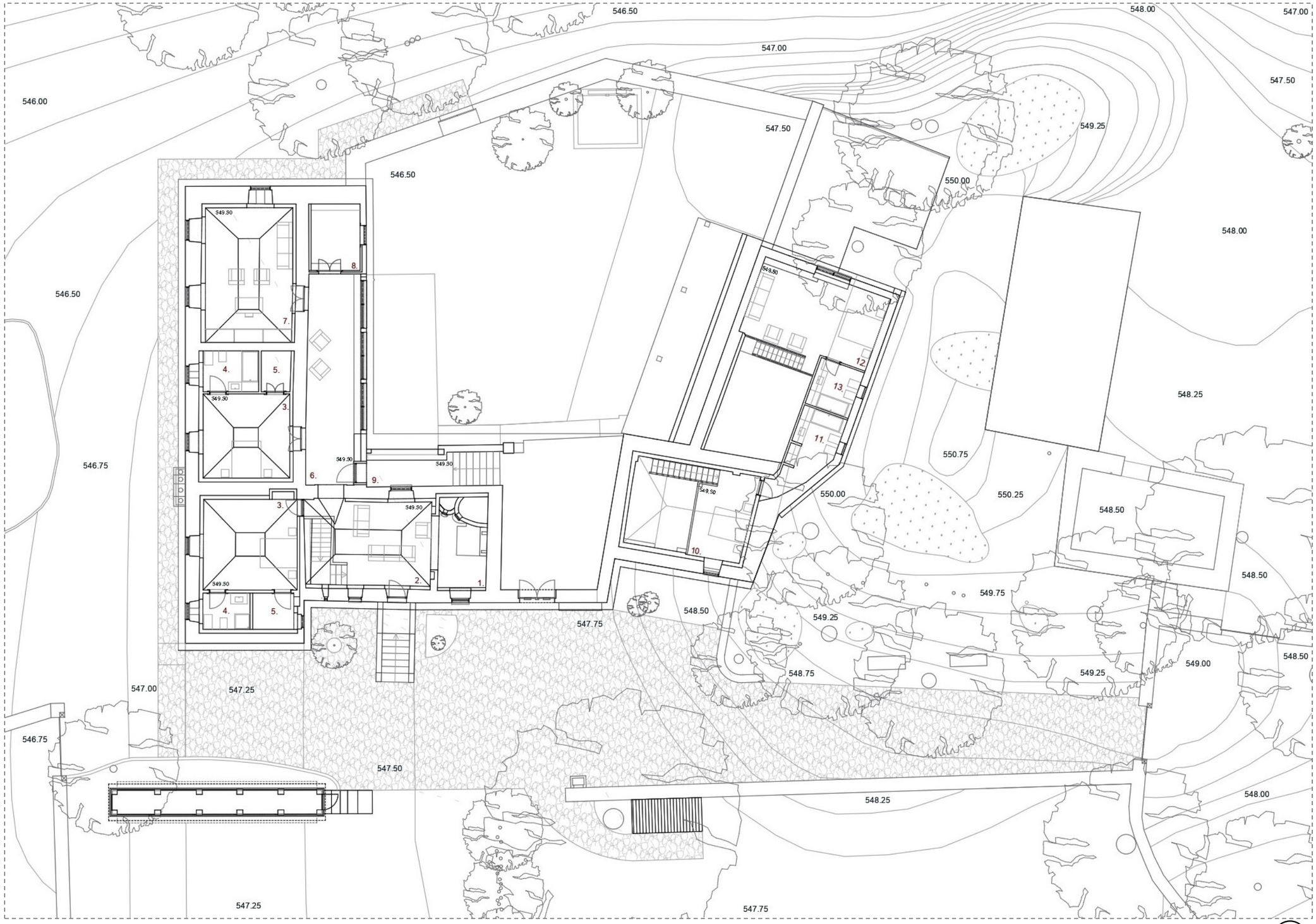
A.02 – Planta do terreno da Casa da Chela | Escala 1:2000



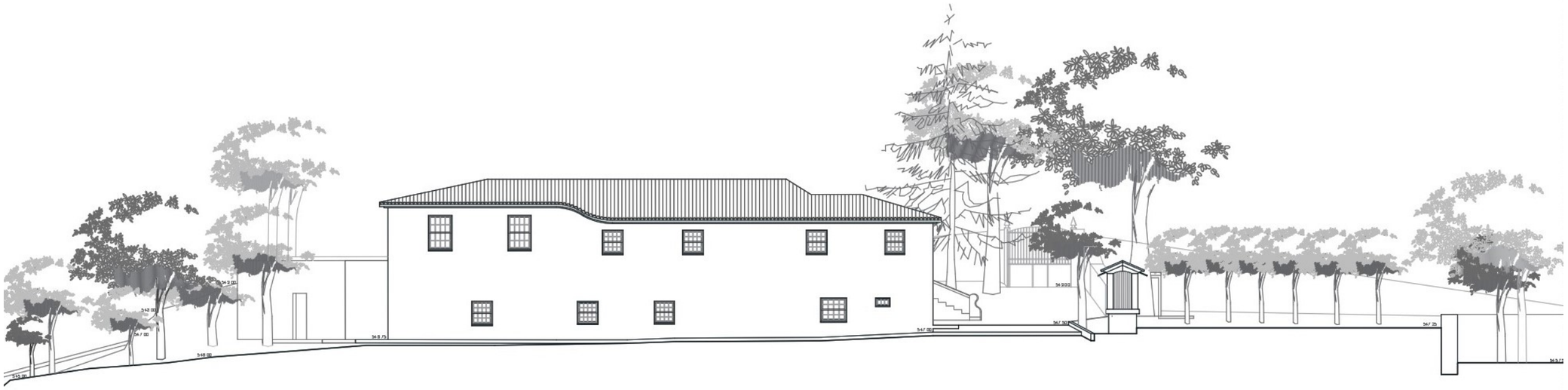
E.01 – Planta de cobertura Casa da Chela | Escala 1:200



E.02 – Planta do piso térreo da Casa da Chela | Escala 1:200



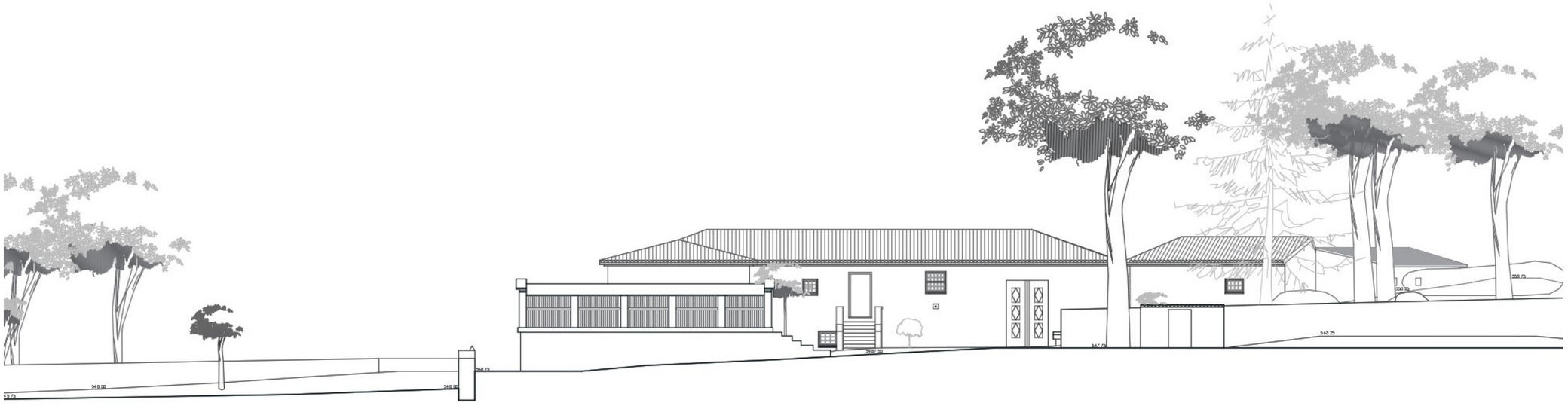
E.03 – Planta do piso superior da Casa da Chela | Escala 1:200



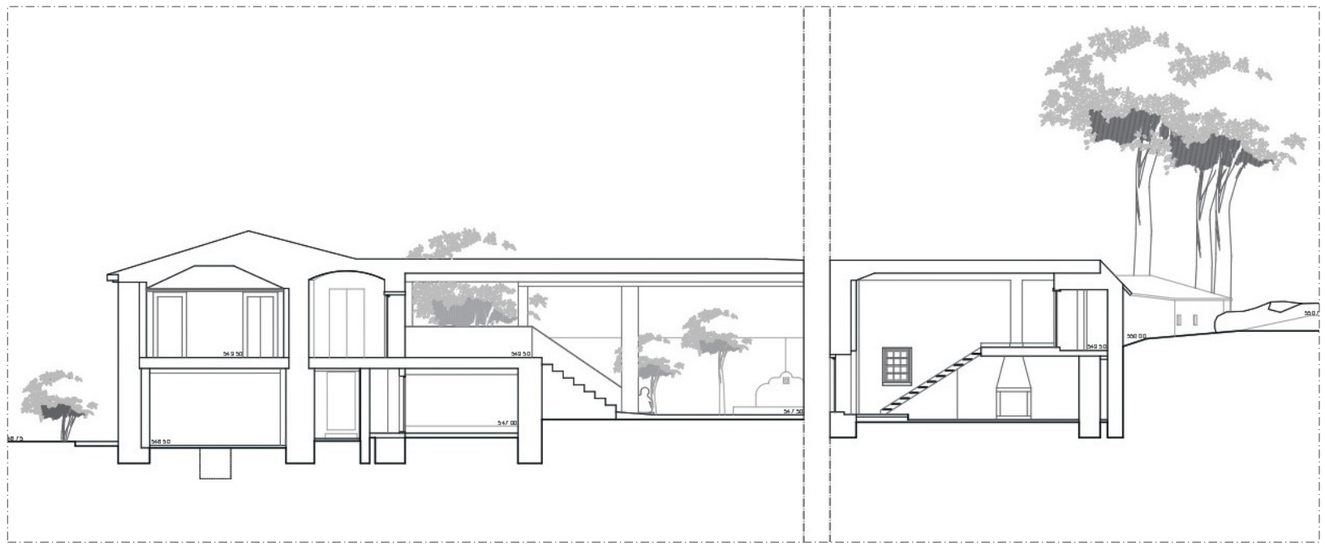
E.04 - Alçado Norte da Casa da Chela | Escala 1:200

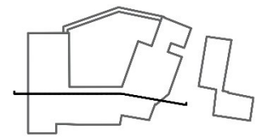
E.05 – Alçado Sul da Casa da Chela | Escala 1:200

E.06 – Alçado Este da Casa da Chela | Escala 1:200



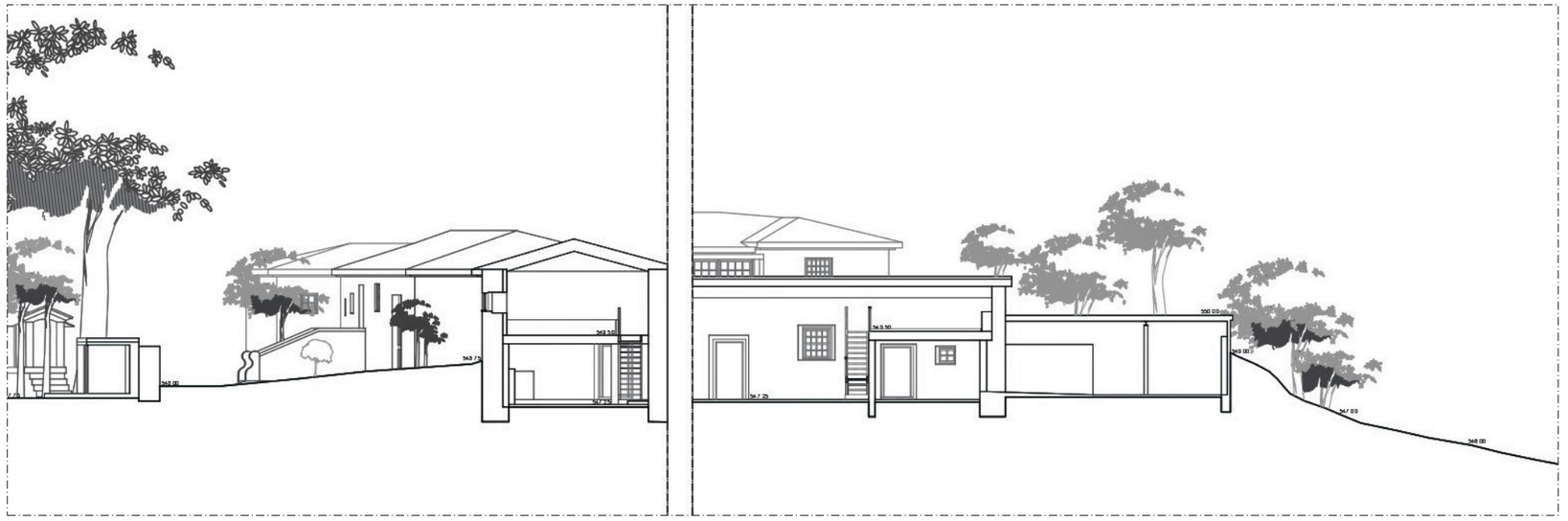
E.07 – Alçado Oeste da Casa da Chela | Escala 1:200

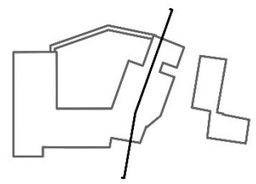




E.08 – Corte AA' Longitudinal Norte – Sul | Escala 1:200

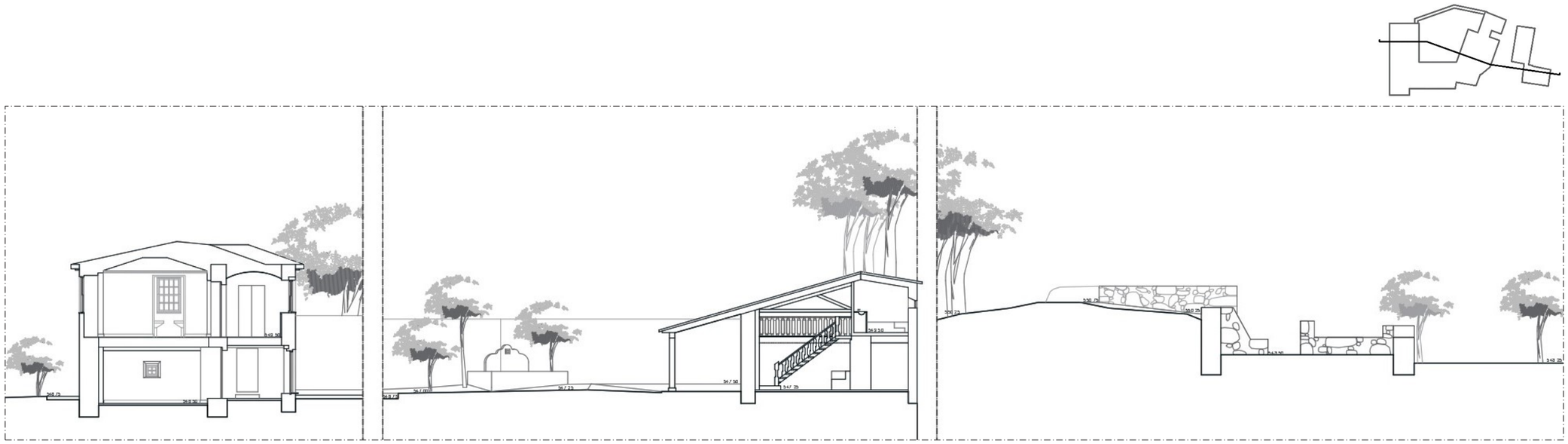
E.09 – Corte BB' Longitudinal Este – Oeste | Escala 1:200



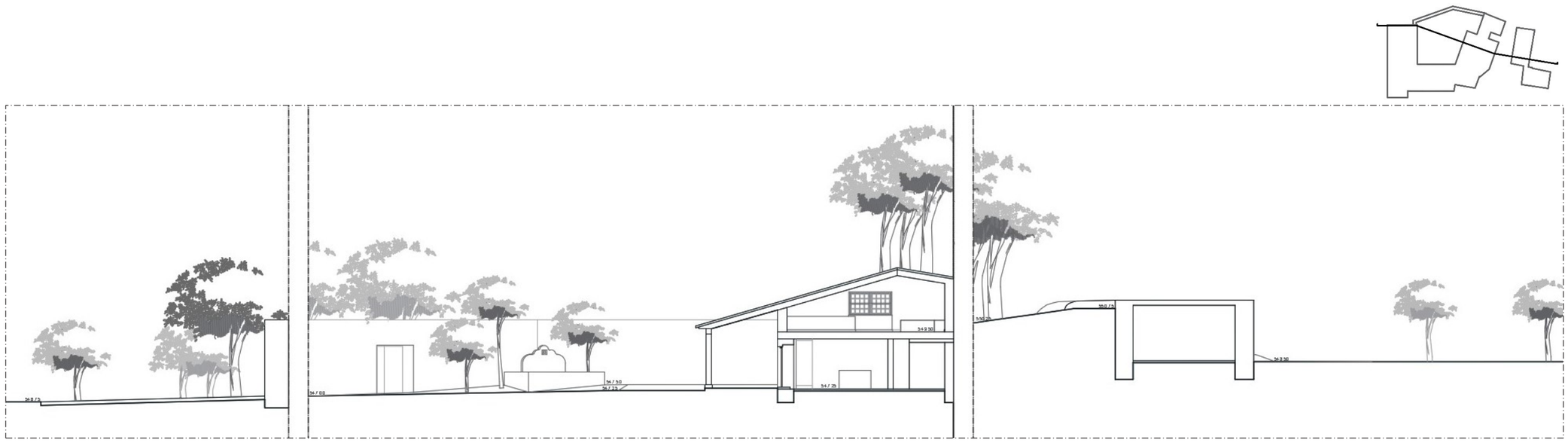


E.10 – Corte CC' Longitudinal Oeste – Este | Escala 1:200

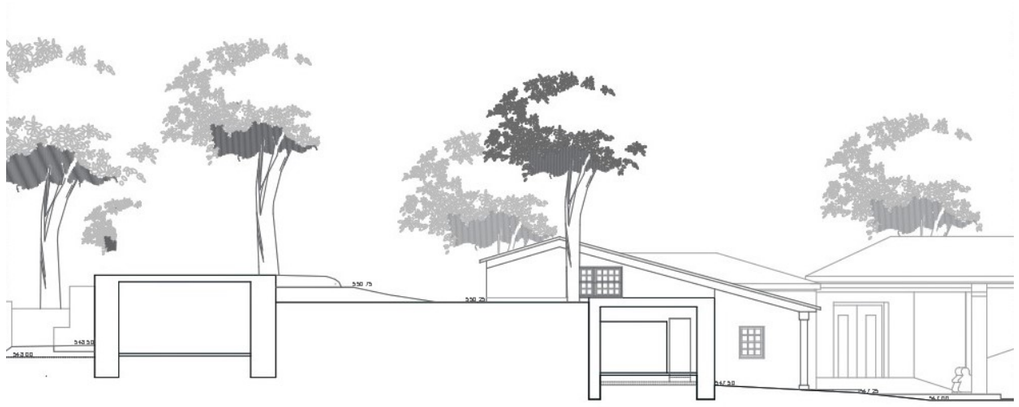
E.11 – Corte DD' Transversal Oeste – Este | Escala 1:200

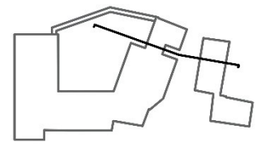


E.12 – Corte EE' Transversal Norte – Sul | Escala 1:200

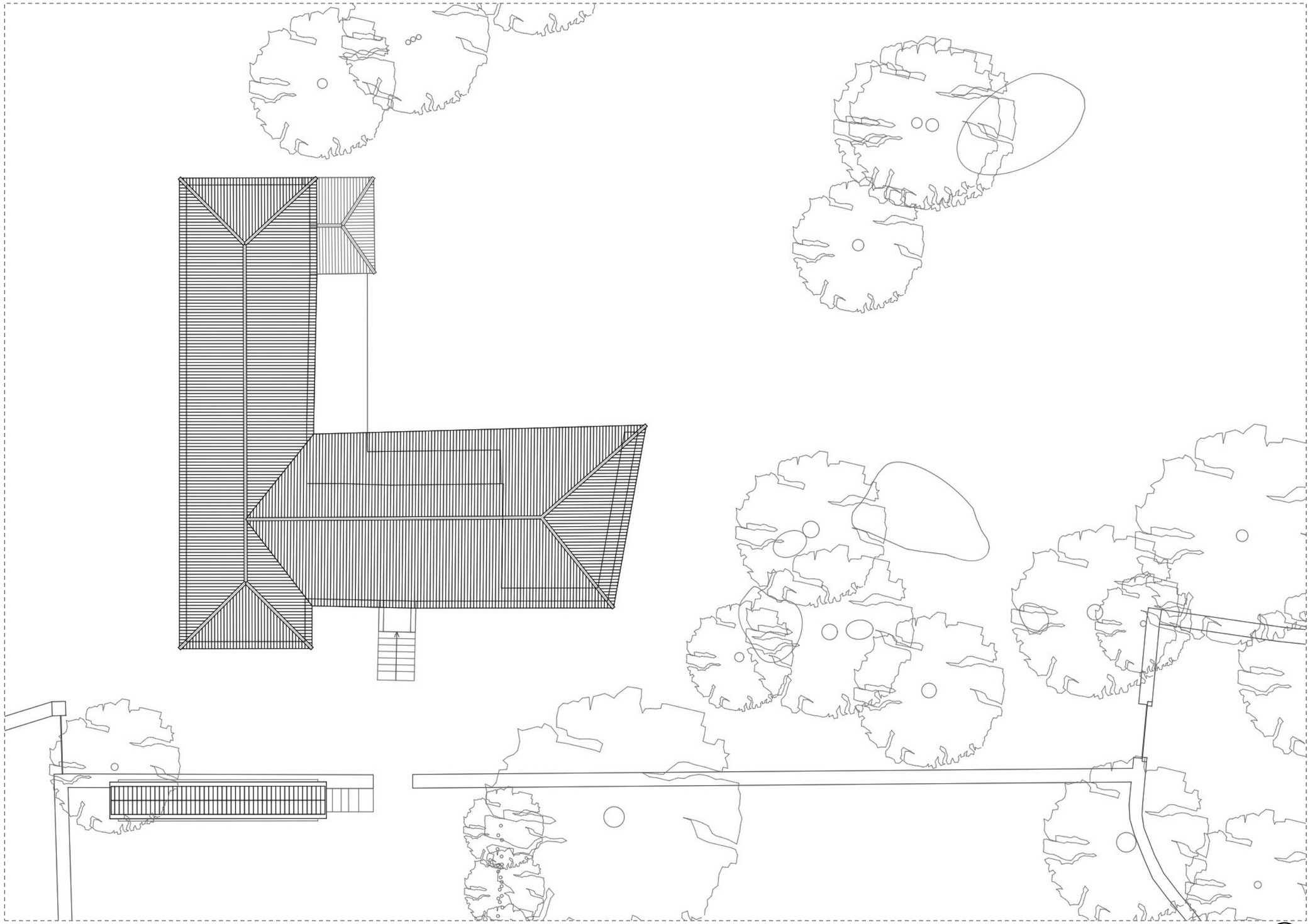


E.13 – Corte FF' transversal Norte – Sul 2 | Escala 1:200

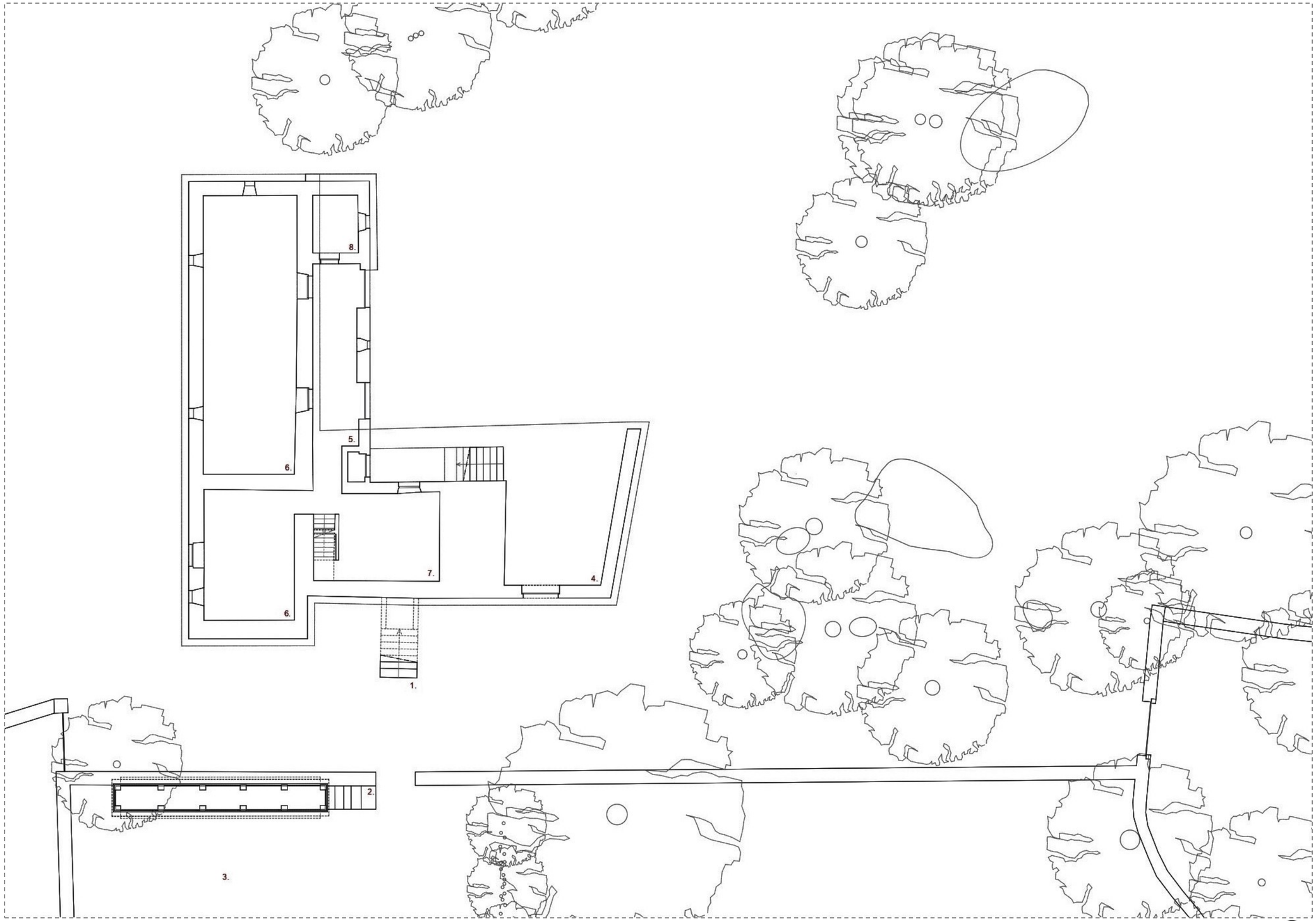




E.14 – Corte GG' Transversal Sul – Norte | Escala 1:200

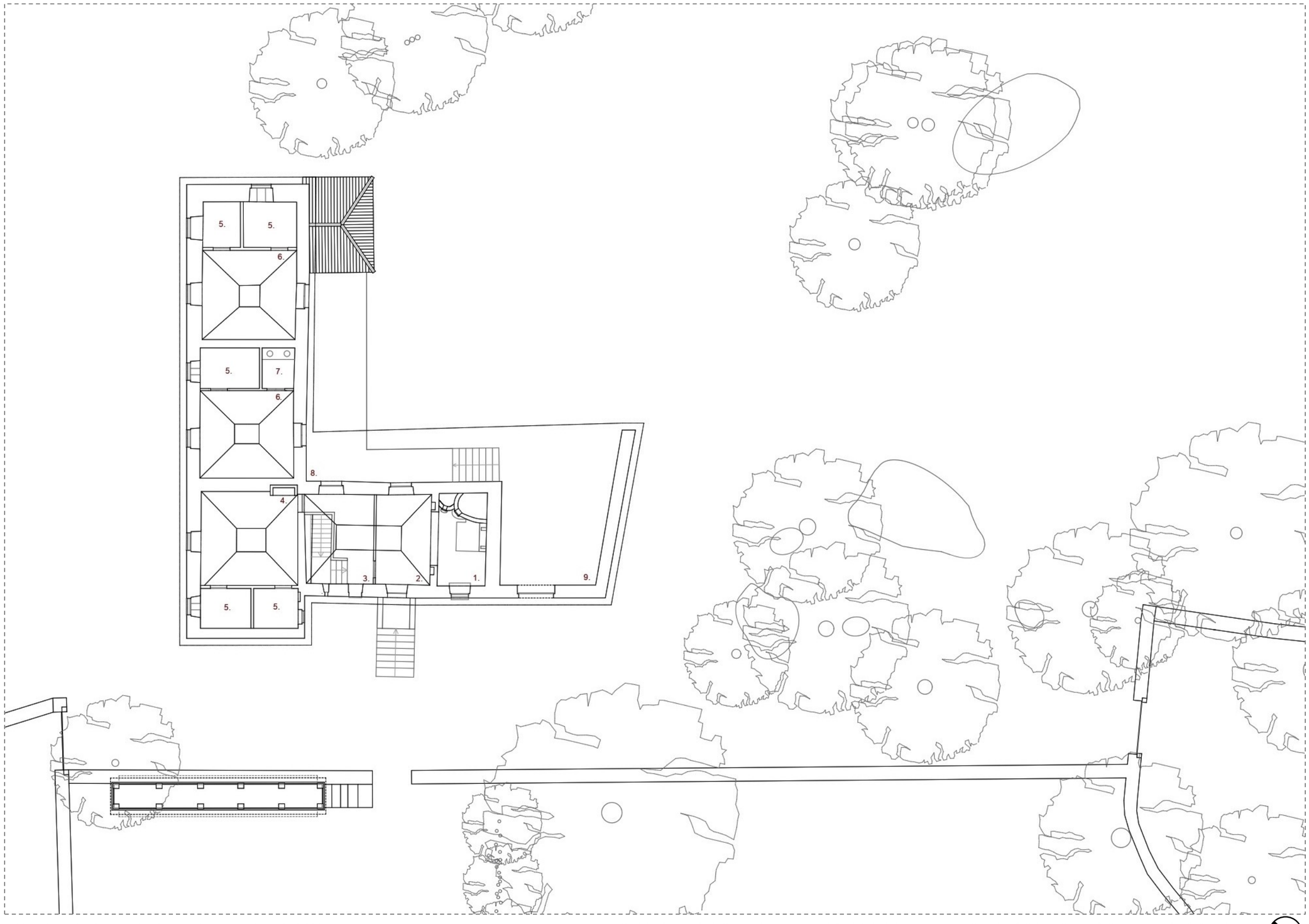


F.01 – Planta de cobertura da Casa de Lavoura | Escala 1:200



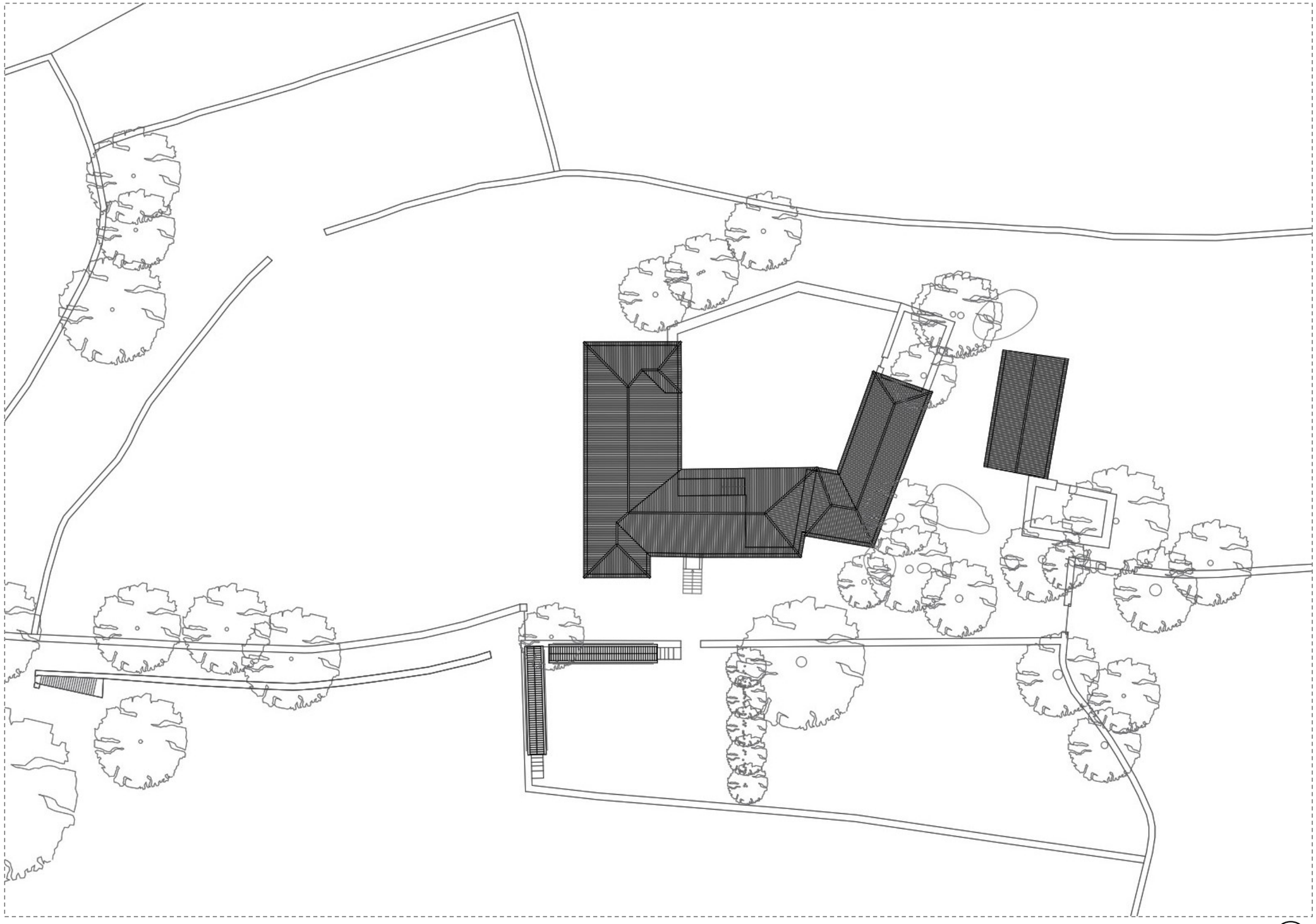
F.02 – Planta do piso térreo da Casa de Lavoura | Escala 1:200

|1. Terreiro |2. Espigueiro |3. Eira |4. Sequeiro |5. Corredor |6. Curral |7. Arrumos |8. Redil

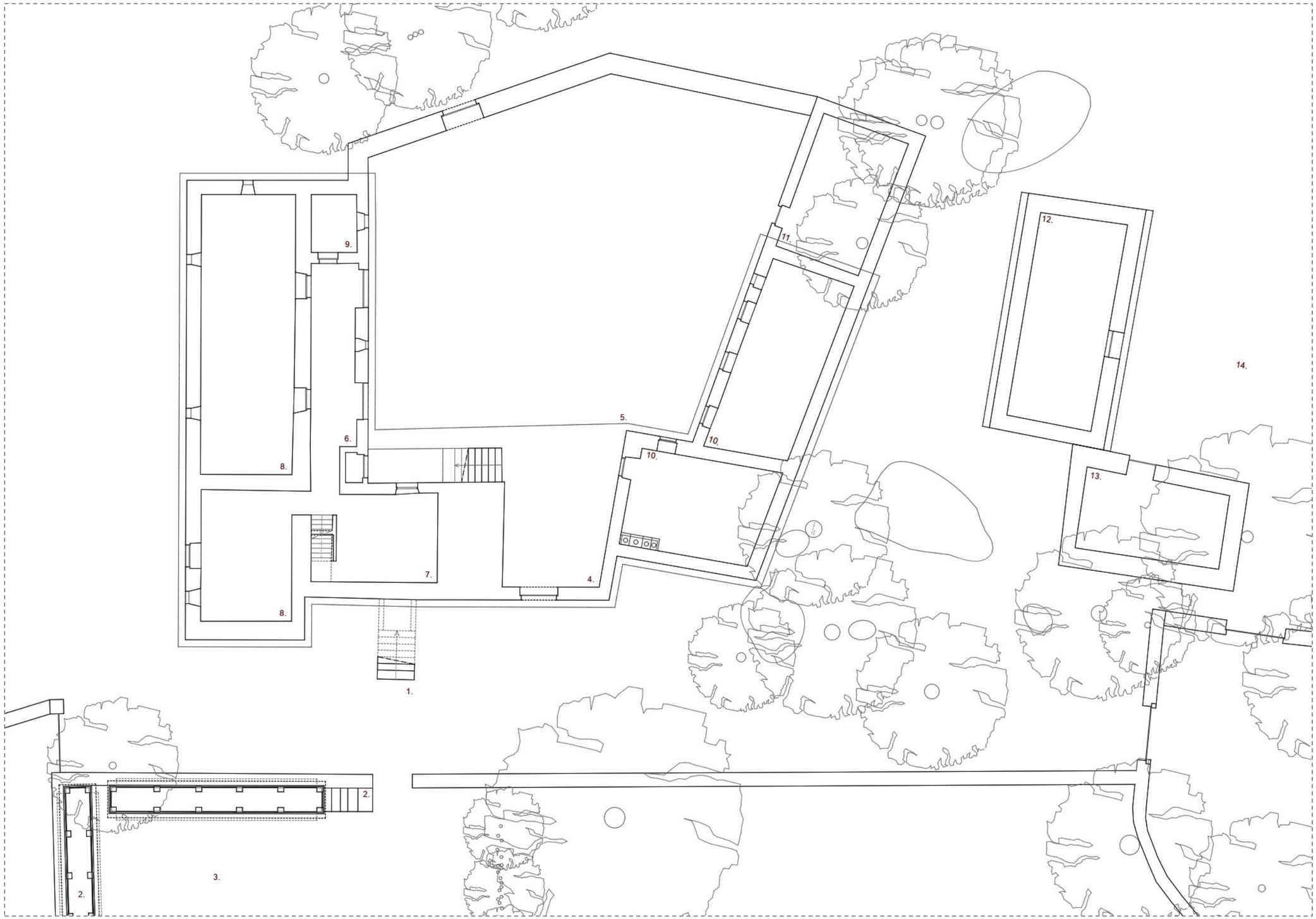


F.03 – Planta do piso superior da Casa de Lavoura | Escala 1:200

|1. Cozinha |2. Entrada |3. Compartimento de transição |4. Sala de jantar |5. Alcova Corredor |6. Sala |7. Comua |8. Corredor exterior |9. Sequeiro

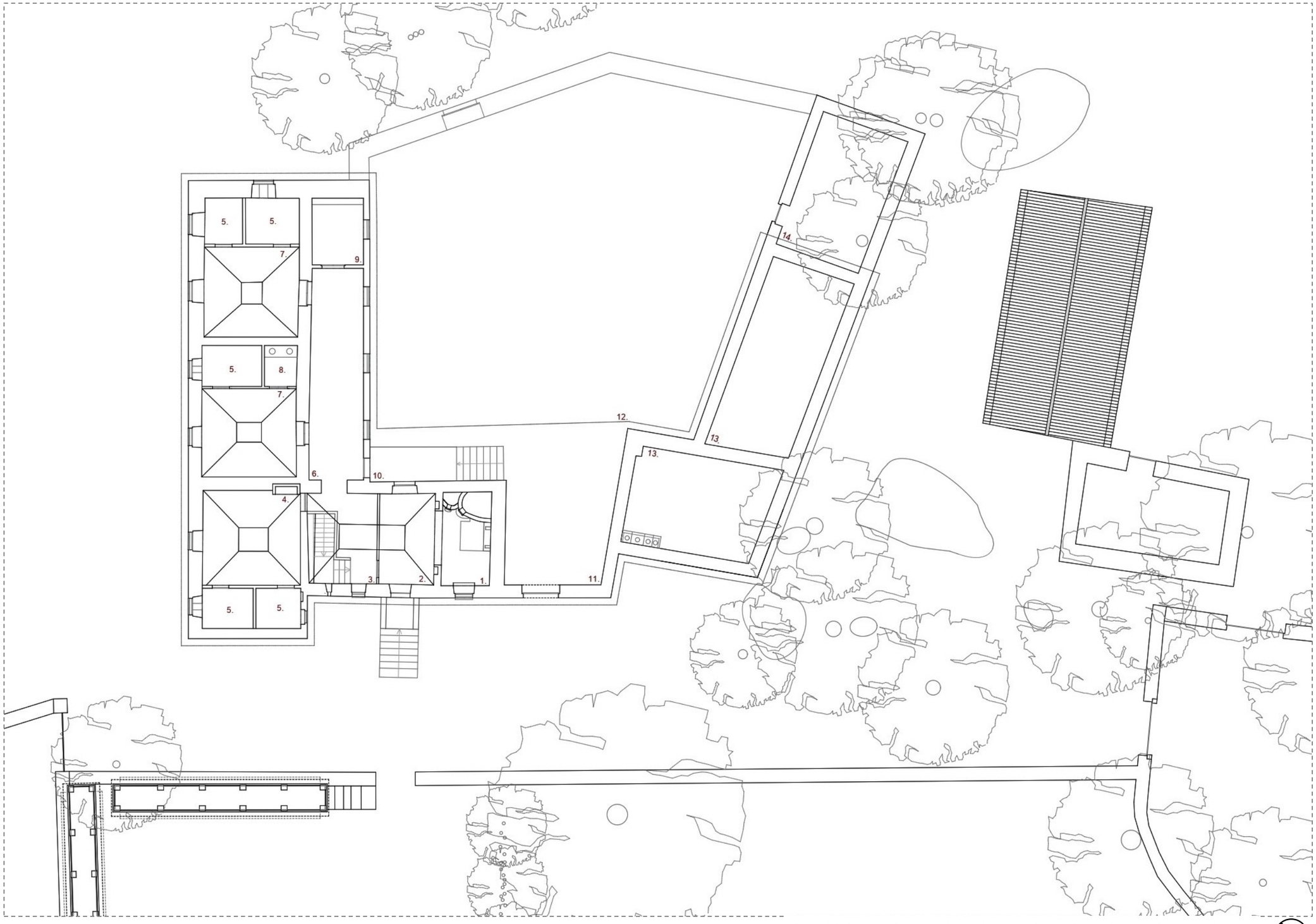


F.04 – Planta de cobertura da Casa Senhorial | Escala 1:500



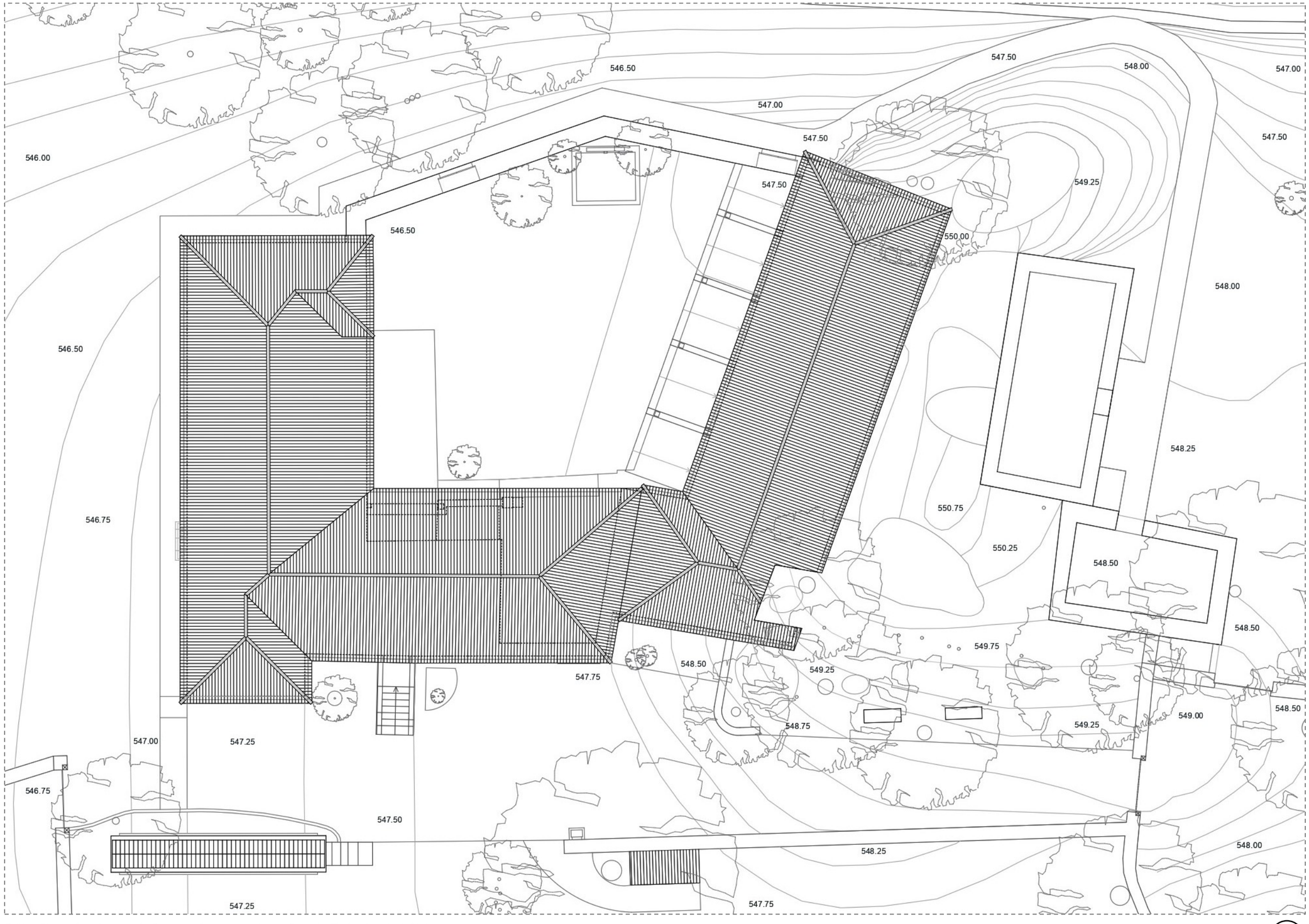
F.05 – Planta do piso térreo da Casa Senhorial | Escala 1:200

|1. Terreiro |2.Espigueiro|3. Eira|4. Sequeiro|5. Quinteiro|6. Corredor|7. Arrumos|8. Curral |9.Redil |10. Cavalariças |11. Cavalariça exterior|12. Casa da Eira|13. Curral|14. Campo da Lavoura da Eira

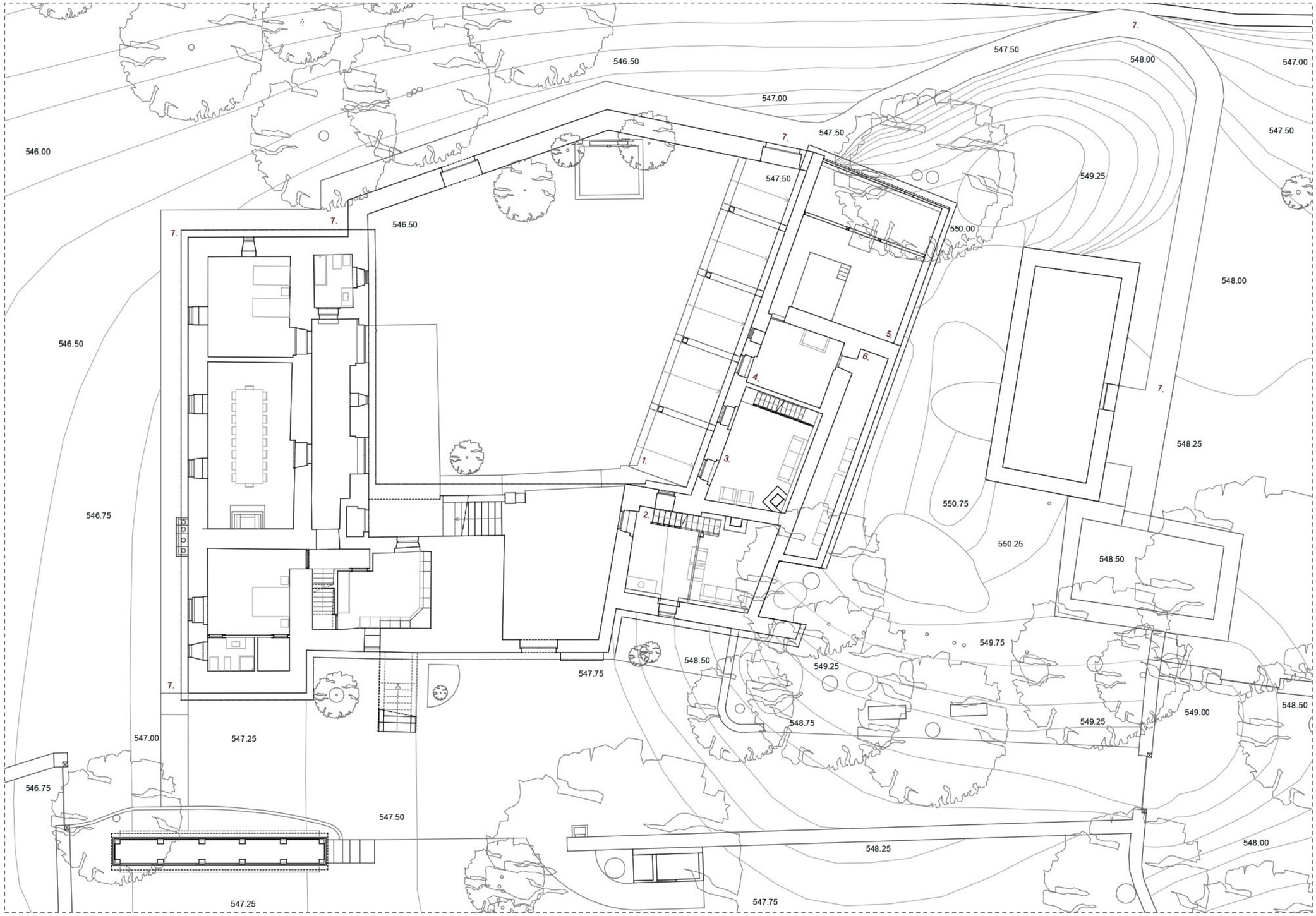


F.06 – Planta do piso superior da Casa Senhorial | Escala 1:200

|1. Cozinha |2.Entrada |3. Compartimento de transição |4. Sala de jantar |5. Alcova |6. Corredor |7. Sala |8. Comua |9.Capela |10. Varanda |11. Sequeiro |12. Quinteiro |13. Cavalariças |14. Cavaliças exteriores

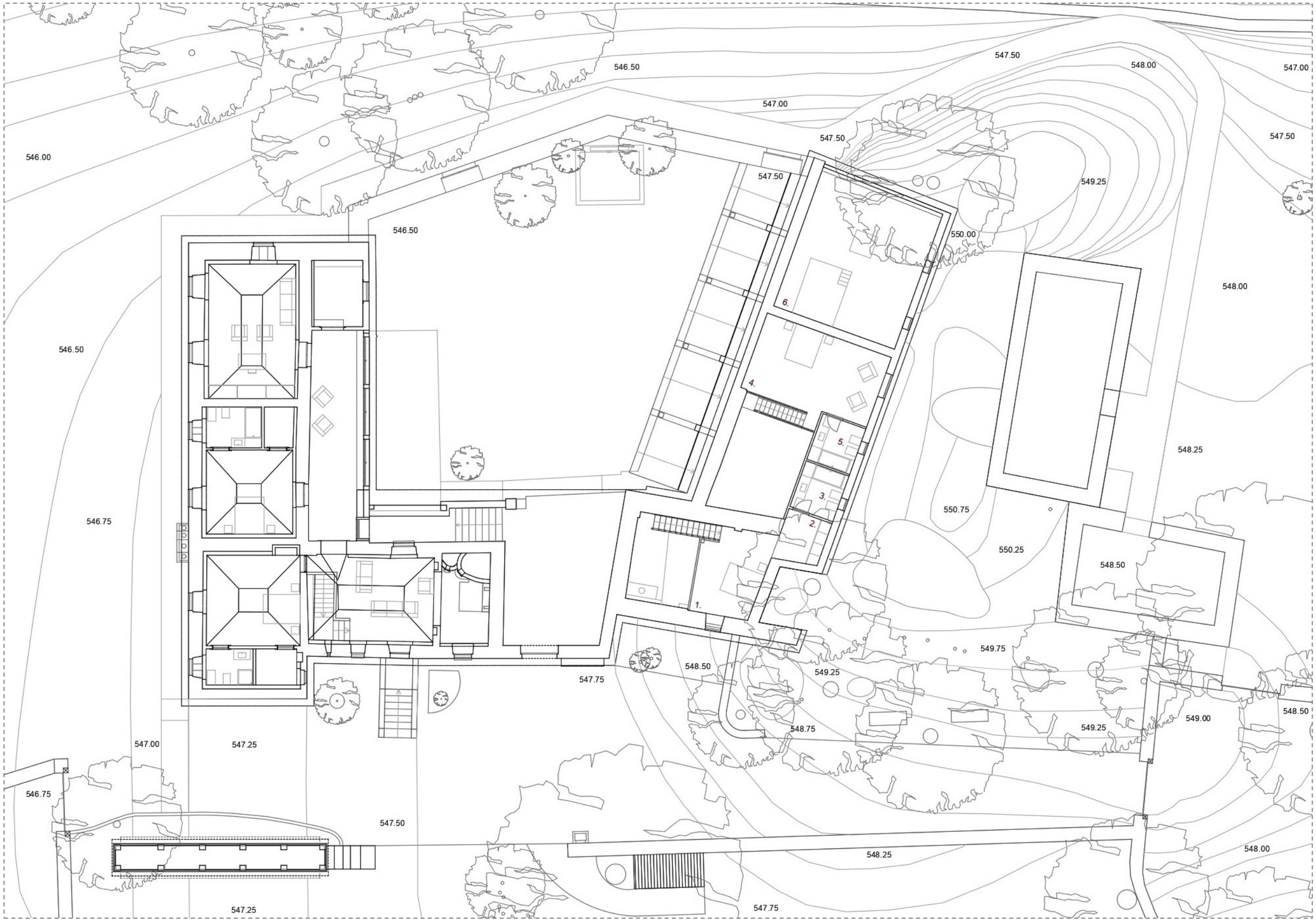


P.01 – Planta de cobertura da Proposta de intervenção na Casa da Chela | Escala 1:200



P.02 – Planta do piso térreo da Proposta de intervenção na Casa da Chela | Escala 1:200

|1. Corredor exterior |2.Anexo habitacional 1 |3. Anexo habitacional 2 |4. Lavandaria |5. Sala de máquinas |6. Sala de ferramentas |7. Caminho empedrado em torno da Casa da Chela



P.03 – Planta do piso superior da Proposta de intervenção na Casa da Chela | Escala 1:200

|1. Quarto |2 Closet |3. WC 2 |4. Quarto |5. WC |6. Sala de ferramentas

Castanheiro (27)

Pinheiro (18)

Camélia (11)

Carvalho (4)

Azevinho (5)

Árvores de fruto (14)

Sobreiro (1)

Magnólia (1)

Acer (1)

Bucho (1)

Nogueira (14)

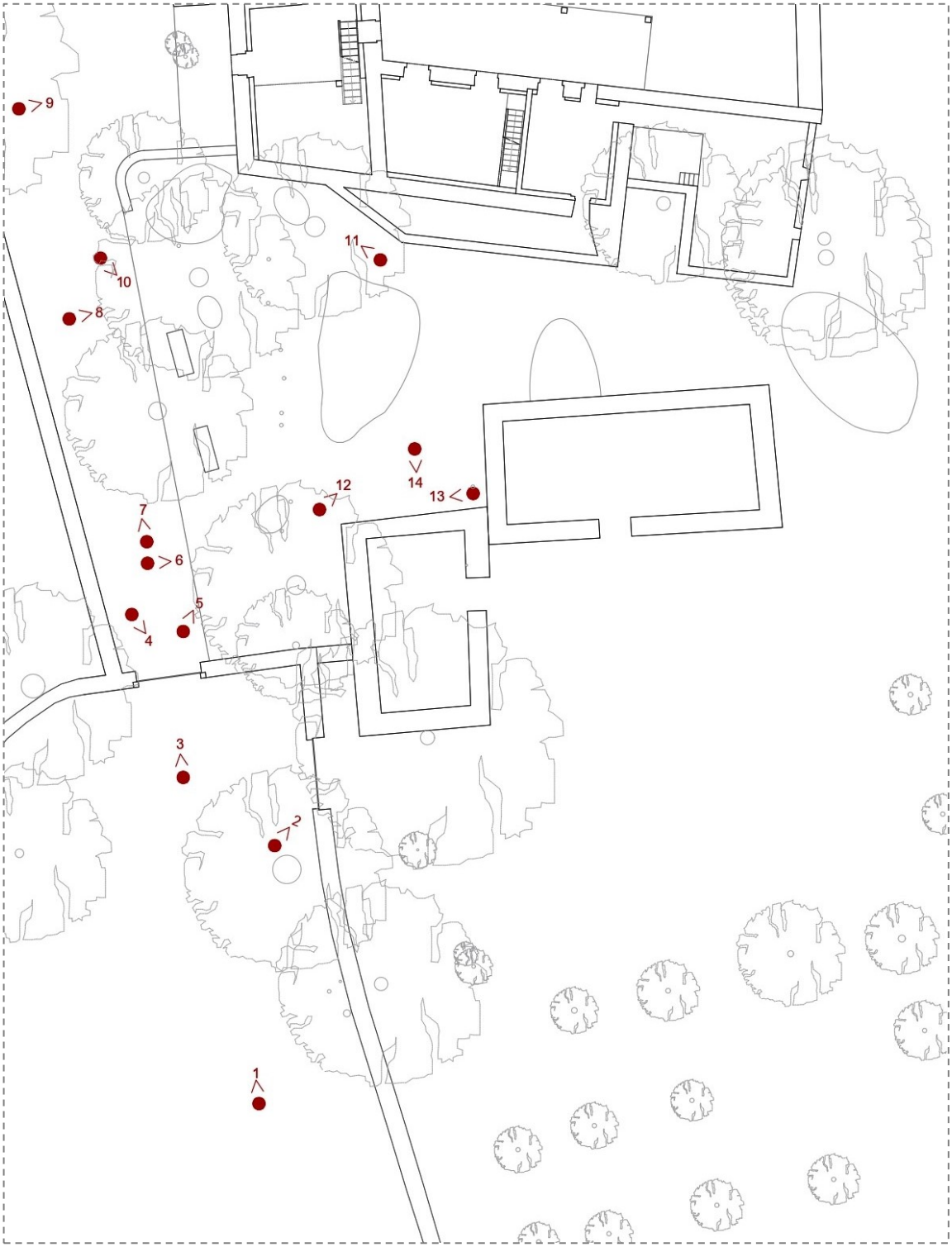
N.01 – Levantamento e reconhecimento de árvores na área selecionada | Escala 1:500

ANEXO II ***PROJECTO****, Casa de Férias*

Registo Fotográfico, Estudos e desenhos de processo e Maquete

I. Registo fotográfico
II. Estudos e desenhos do processo
III. Maquete

I.Registo fotográfico



Mapeamento dos pontos de visão captados nas fotografias;

1

2

3

4

5

6

7

8

9

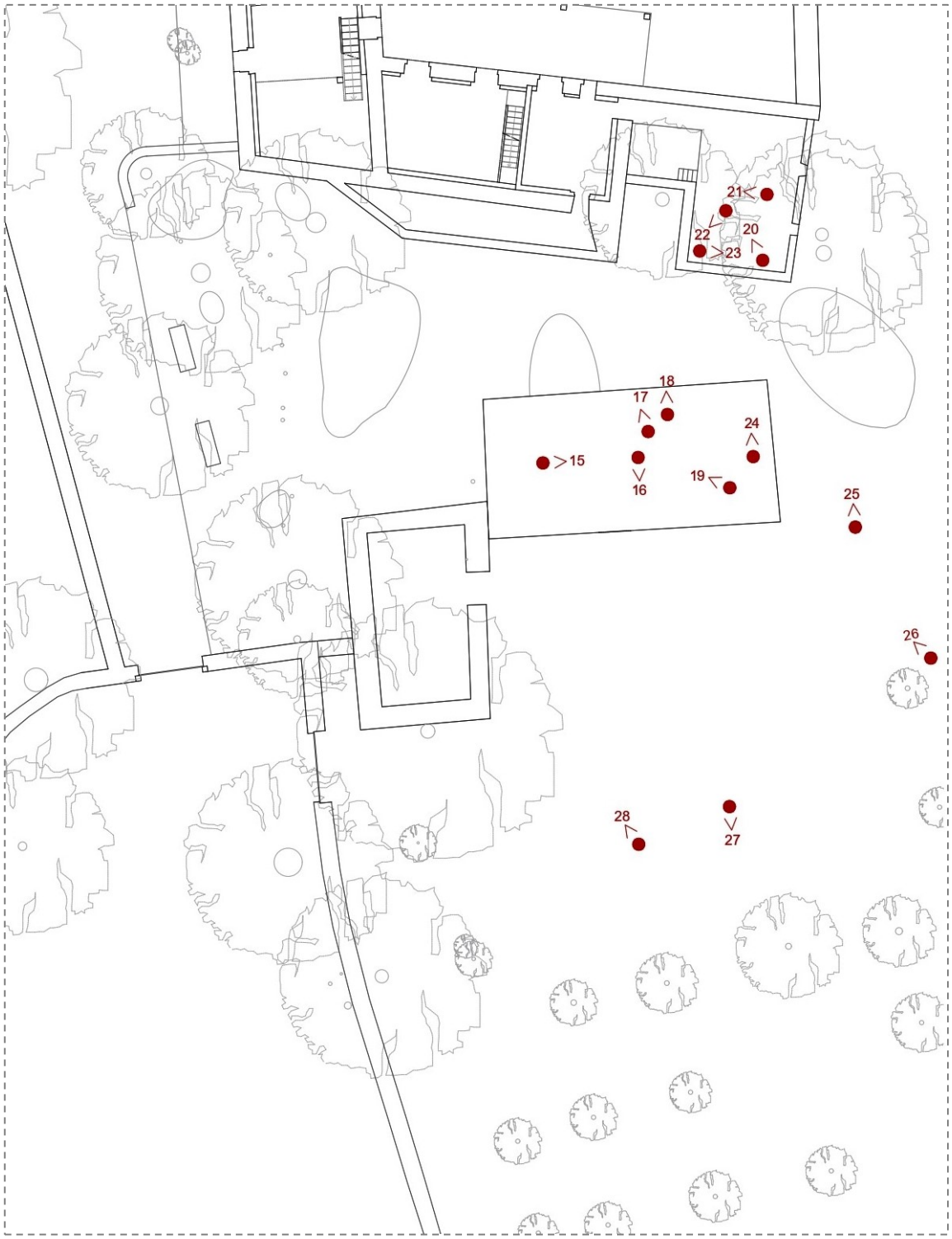
10

11

12

13

14



Mapeamento dos pontos de visão captados nas fotografias;

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

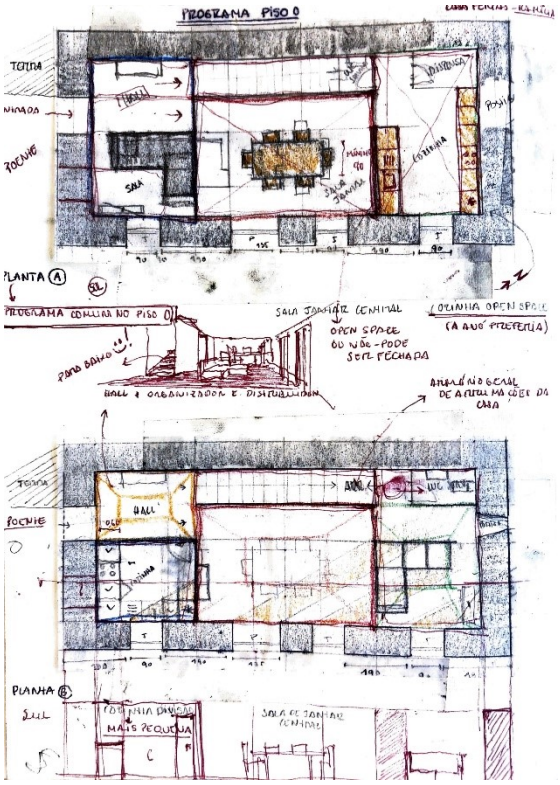
25

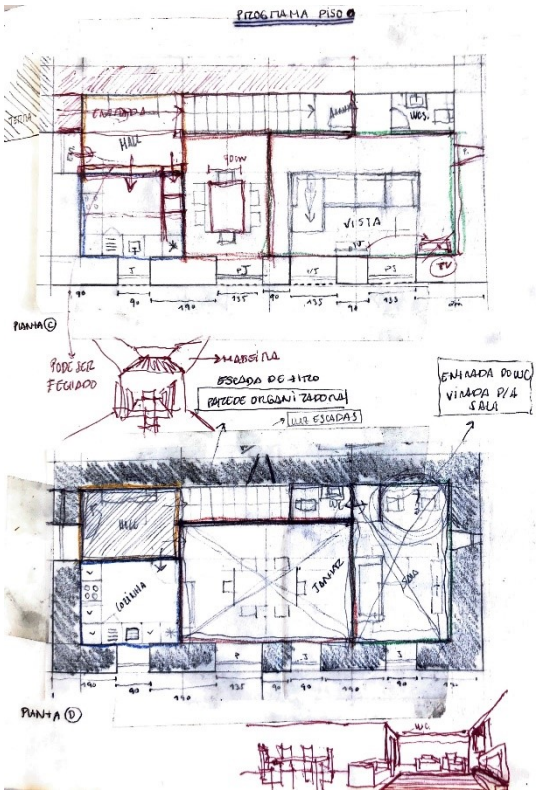
26

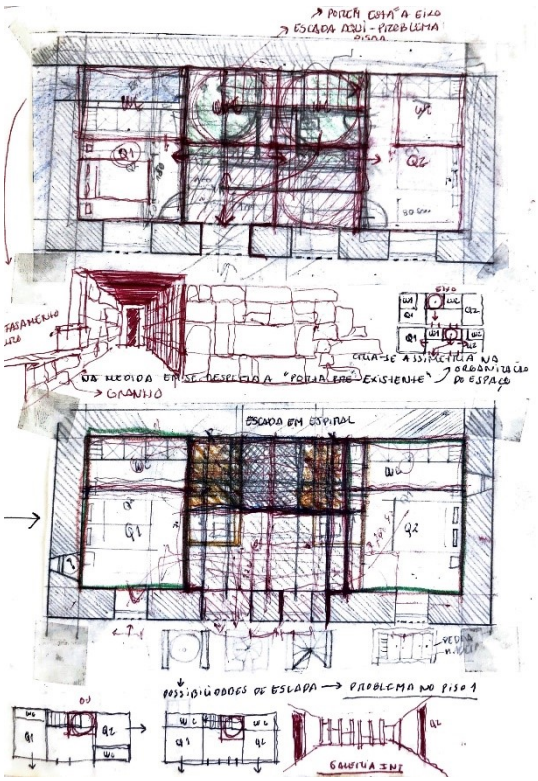
27

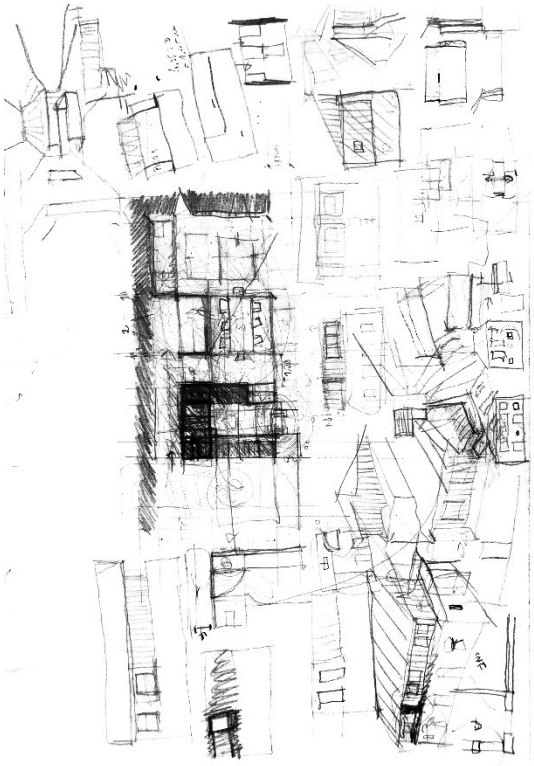
28

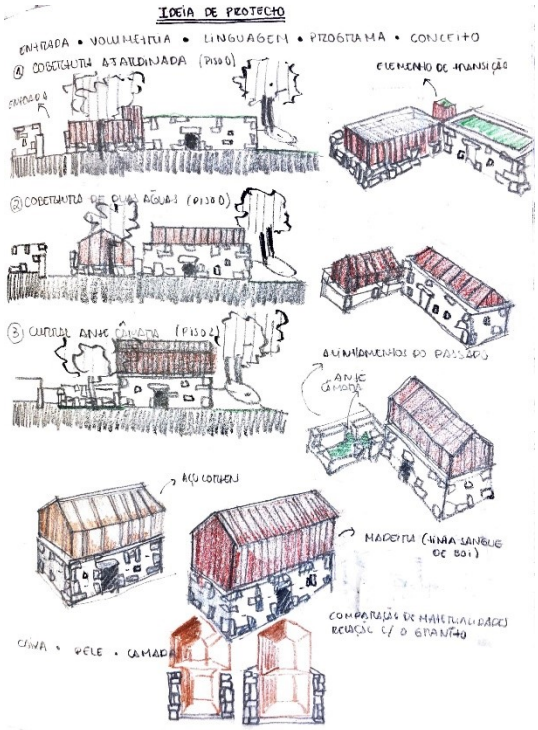
II. Estudos e desenhos do processo

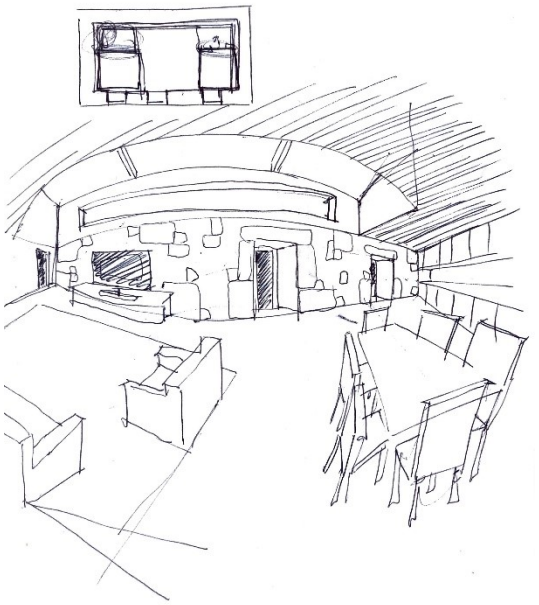


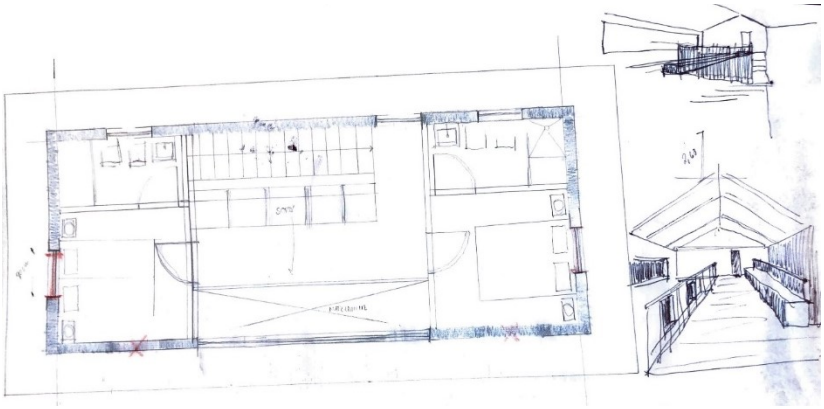


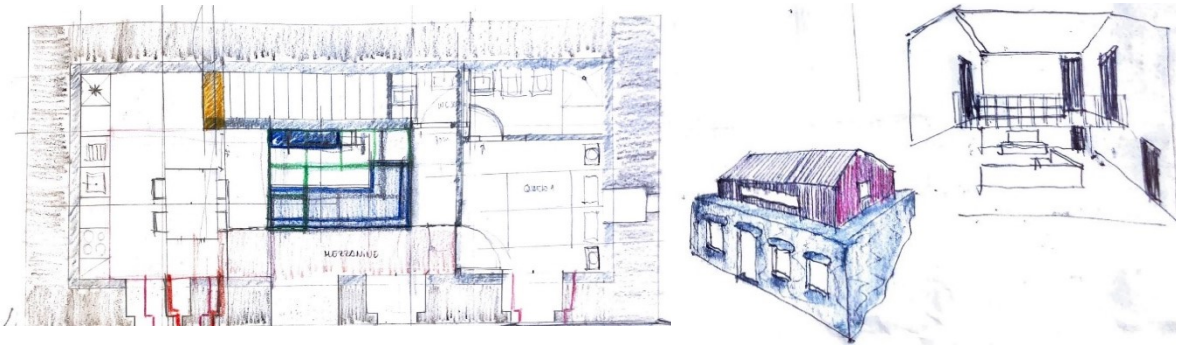


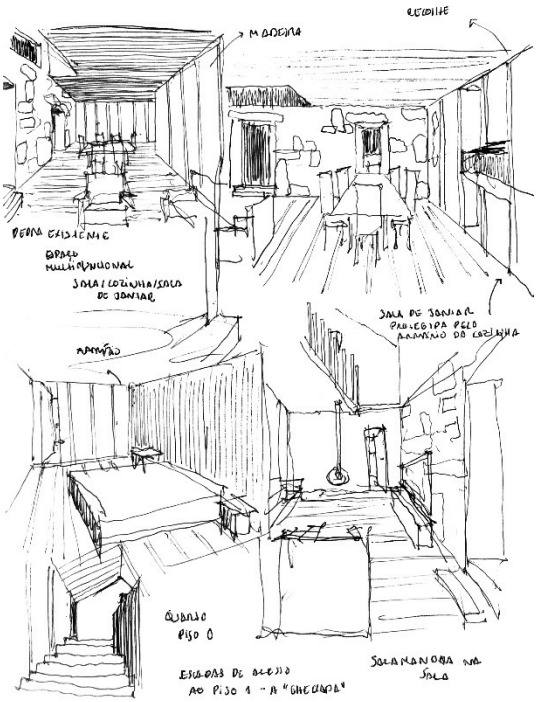


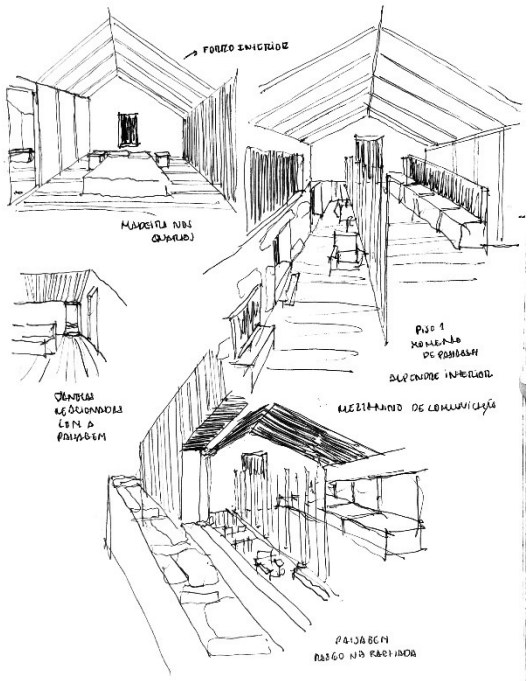

IDEIA DE PROJECTO
ENTRADA • VOLUMETRIA • LINGUAGEM • PROGRAMA • CONCEITO
④ COBERTURA ASTALDINADA (PISO 0)
ELEMENTO DE TRANSIÇÃO
ENTRADA
② COBERTURA DE DUAS ÁGUAS (PISO 0)
③ CUBERTA ANIC
ACRESCIMENTOS DO PASSADO
ANIC
GRANDE
AÇO CORTEN
MADEIRA (VINDA SANGUE DE BOI)
COMPARAÇÃO DE MATERIALIDADES
RELAÇÃO C/ O GRANITO
CAVA • PELE • CAMADA

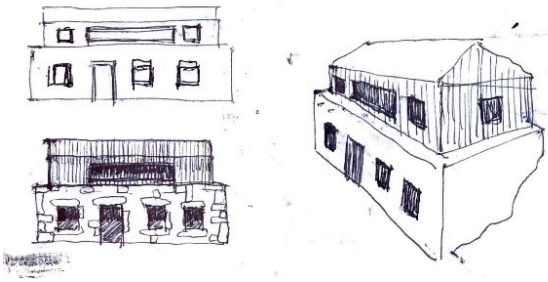


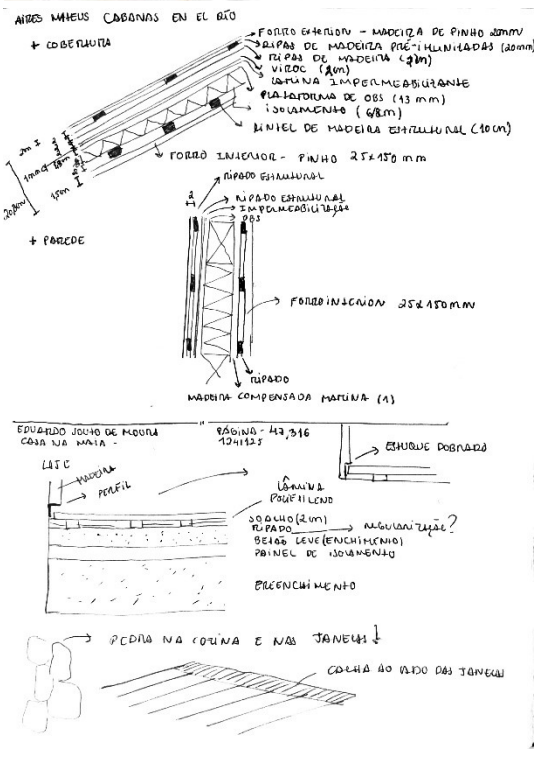


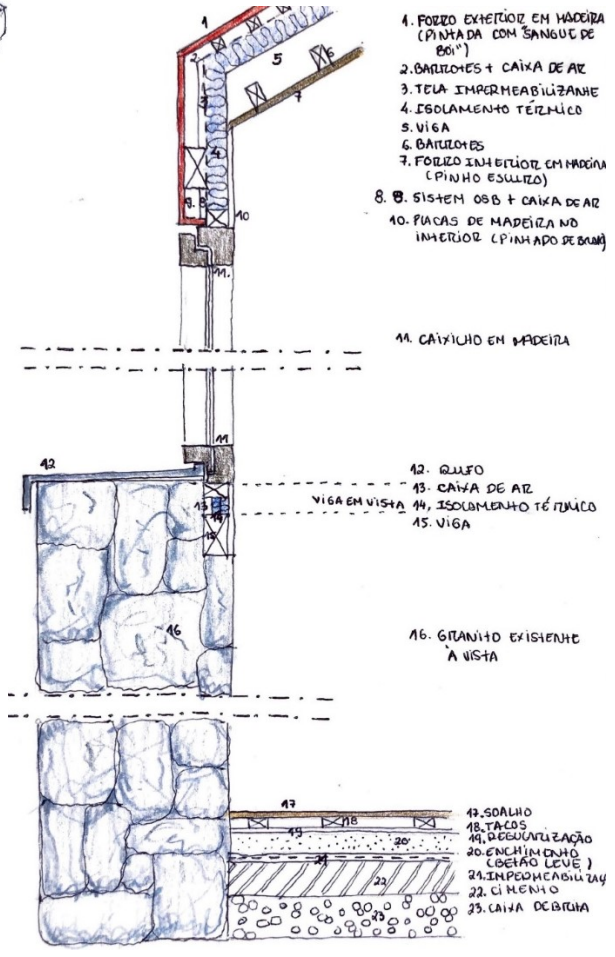



MADEIRA
BEIRAL
PEDRA EXISTENTE
ESPAÇO MULTIFUNCIONAL SALA/COZINHA/SALA DE JANTAR
SALA DE JANTAR PROTEGIDA PELO ALARGAMENTO DA COZINHA
LAREIRA
QUARTO PISO 0
ESCADAS DE ACESSO AO PISO 1 - A "CHEGADA"
SOLARANGORA NA SALA

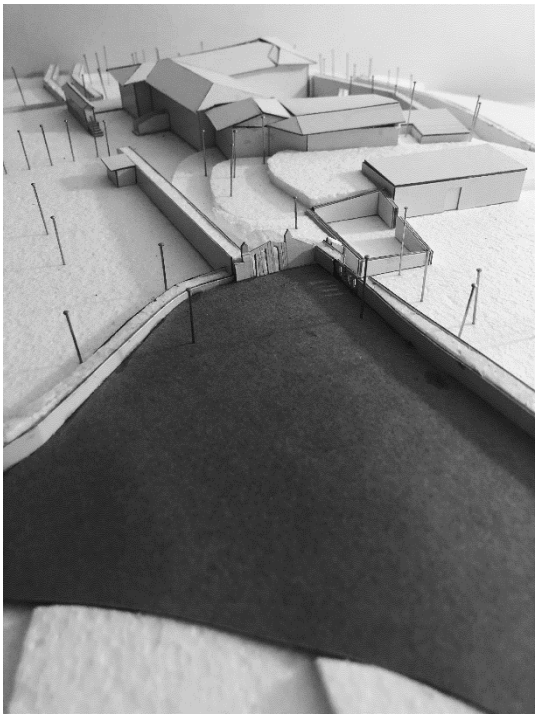

FORRO INTERIOR
MADEIRA NOS QUARTOS
PISO 1 MOMENTO DE PERMANÊNCIA
BALCONIZAR INTERIOR
JANELAS RELACIONADAS COM A PAISAGEM
ESPAÇO DE COMUNICAÇÃO
PAISAGEM PANO DE FUNDO

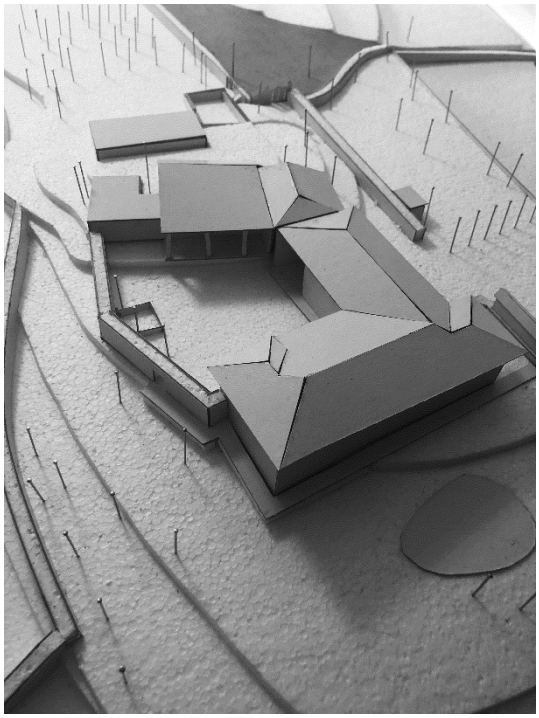


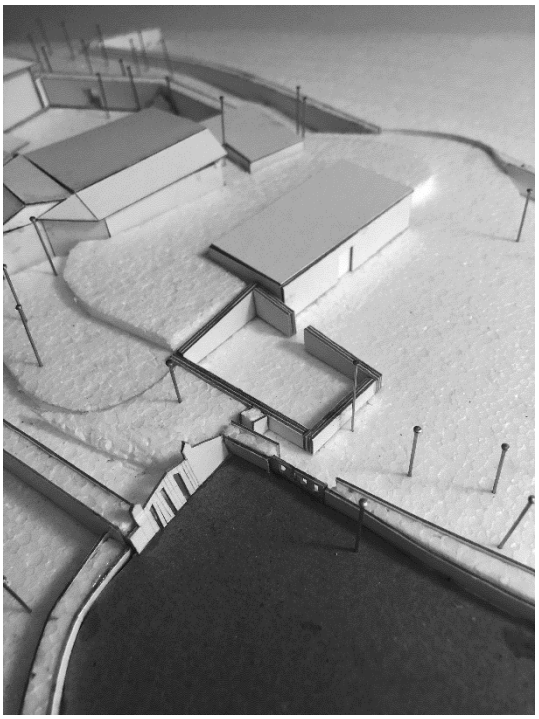

ALBERS MATEUS CABANAS EN EL RÍO
+ COBERTURA
FORRO EXTERIOR - MADEIRA DE PINHO 20mm
RIPAS DE MADEIRA PRÉ-IMPREGNADAS (20mm)
RIPAS DE MADEIRA (20m)
VIDROC (2cm)
LAMINA IMPERMEABILIZANTE
PLATAFORMA DE OSB (13 mm)
ISOLAMENTO (6cm)
PAINEL DE MADEIRA ESTRUTURAL (10cm)
FORRO INTERIOR - PINHO 25x150 mm
RIPADO ESTRUTURAL
RIPADO ESTRUTURAL
IMPERMEABILIZAÇÃO
OSB
+ PAREDE
FORRO INTERIOR 25x150mm
RIPADO
MADEIRA COMPENSADA MARINA (1)
EDUARDO SOUTO DE MOURA CASA DA MAIA - LAJE
PÁGINA - 42,316
1241925
ESTRUTURA PODRADO
MADEIRA
PERFIL
LÂMINA PERFILEND
SOALHO (2m)
RIPADO
BETÃO LEVE (ENCHIMENTO)
PAINEL DE ISOLAMENTO
PREENCHIMENTO
PEDRA NA COZINHA E NAS JANELAS
COLHA AO VIDO DAS JANELAS

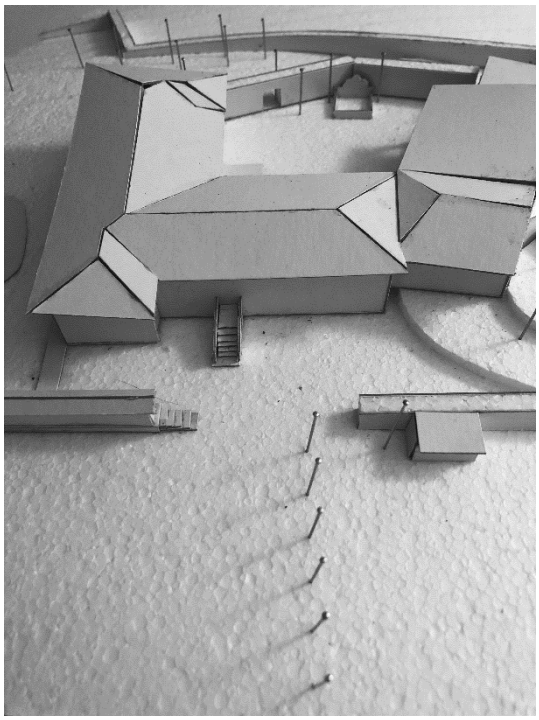

1. FORRO EXTERIOR EM MADEIRA (PINTADA COM SANGUE DE BOI*)
2. BARROTES + CAIXA DE AR
3. TELA IMPERMEABILIZANTE
4. ISOLAMENTO TÉRMICO
5. VIGA
6. BARROTES
7. FORRO INTERIOR EM MADEIRA (PINHO ESCULTO)
8. 9. SISTEM OSB + CAIXA DE AR
10. PLACAS DE MADEIRA NO INTERIOR (PINHO DE BOI*)
11. CAIXICHO EM MADEIRA
12. QUELO
13. CAIXA DE AR
VIGA EM VISTA 14. ISOLAMENTO TÉRMICO
15. VIGA
16. GRANITO EXISTENTE À VISTA
17. SOALHO
18. TACOS
19. REGULARIZAÇÃO
20. ENCHIMENTO (BETÃO LEVE)
21. IMPERMEABILIZAÇÃ
22. CIMENTO
23. CAIXA DE BRITA

III. Maquete

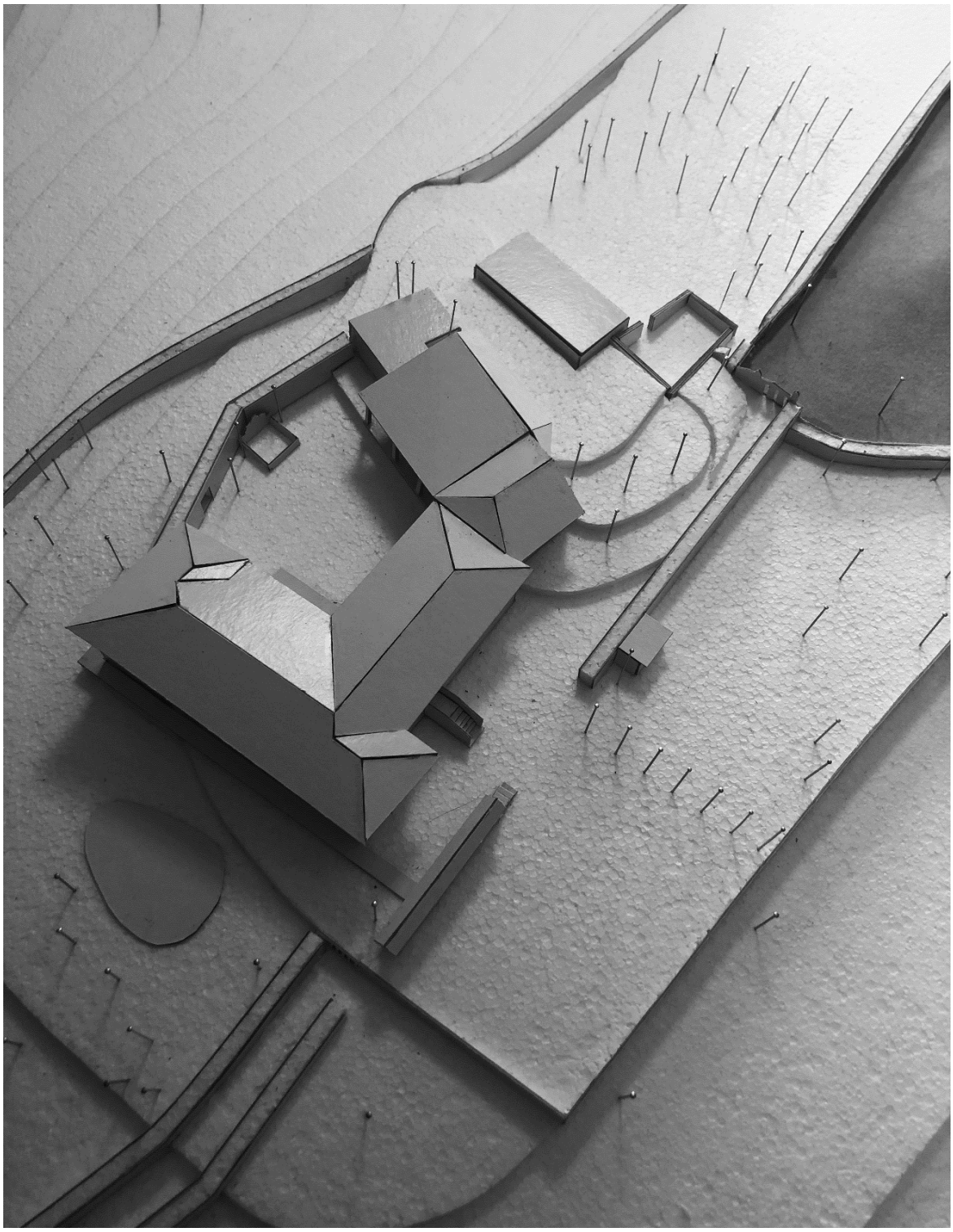




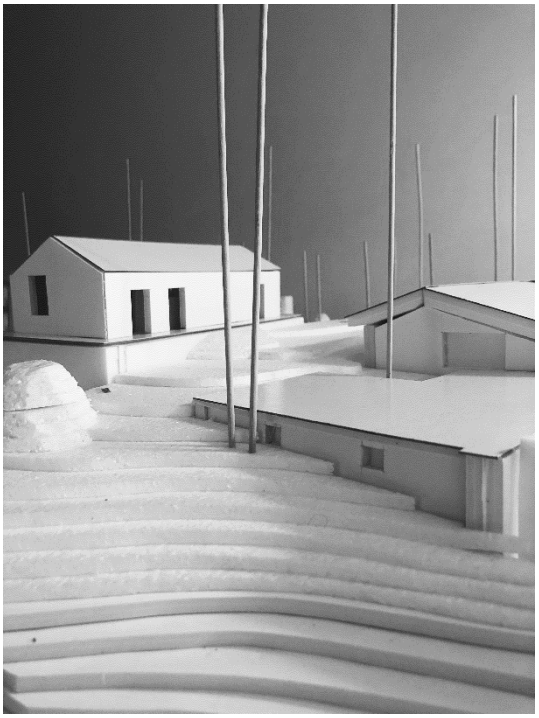


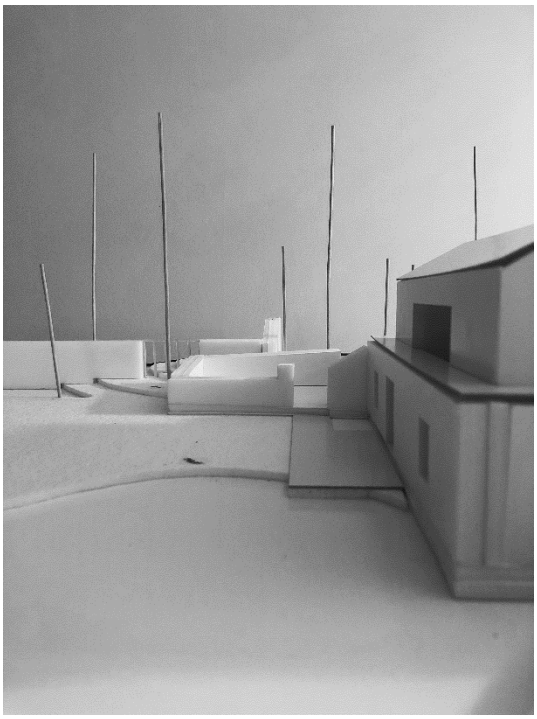


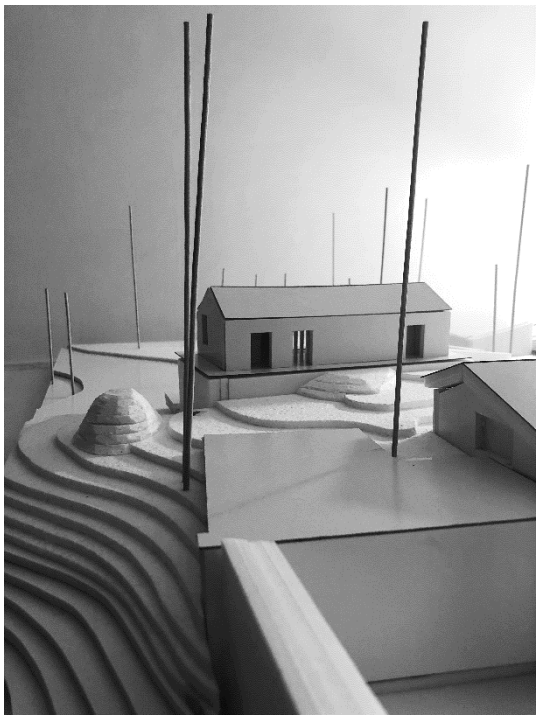
Maquete 1:200.



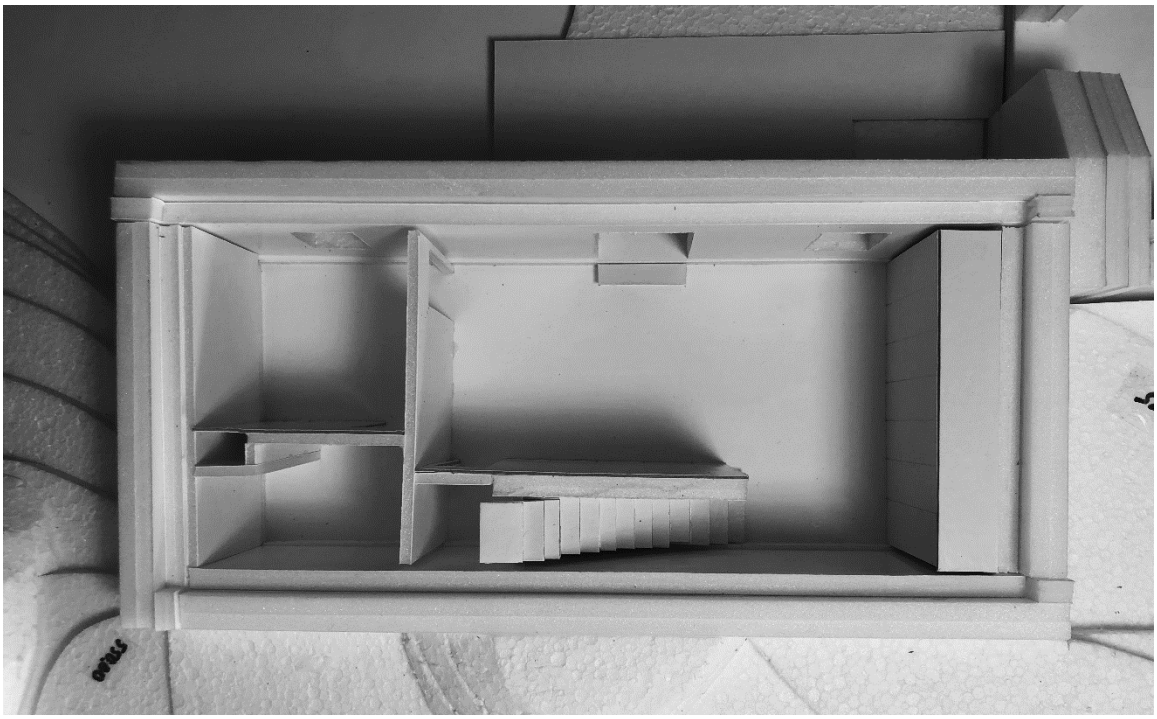
Maquete 1:200.







Maquete 1:50.



Interior do piso térreo da maquete 1:50.

Interior do piso superior da maquete 1:50.

PROVA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO

Porto, 08.11.2022

JÚRI

Presidente: Prof. Doutor José Manuel Teixeira Barbosa

Arguente: Prof. Doutor José Júlio Cabral Faria Frias Dias

Orientador: Prof. Doutor João Rodrigo Parreira Coelho

Classificação final de 18 valores

U.PORTO

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO